
Manner of Death
SAMMON
CRIME SCENE - DO NOT CROSS

# MANNER OF DEATH
# POR
# SAMMON

**Copyright da tradução © Editora BLB**

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora BLB — A Boys Love Brasil Company. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Avenida Vereador João Narciso, 968
Cachoeira, Unaí — Minas Gerais, 38.610-298
República Federativa do Brasil

**Ilustração**
*Anita Vieira Turete Inhan*
*Joy Assis*

**Tradução e Preparação de Texto**
*Aline Hipananiro*
*Daniele de Oliveira Luciano*
*Joy Assis*
*Júlia Volkmer Drago*

**Revisão**
*Giovana Leticia Reolon*
*John Almeida*
*Marina Vaz*

---

Manner Of Death
Outras literaturas, literaturas de outros idiomas
Físico
Publicado em 2021
ISBN 978-65-993510-0-6

---

## VOCÊ ESTÁ PARTICIPANDO DA CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO

O Grupo Boys Love Brasil surgiu em abril de 2016, fundado por Robertyman Leury, John Almeida e Marina Vaz. Veio com o intuito de trazer informação e entretenimento sobre a cultura asiática, com foco em séries Boys Love. De lá para cá, já passaram pela nossa equipe mais de quatrocentas pessoas e todas elas contribuíram de alguma forma para o crescimento e a manutenção da BLB.

Em 2021, prestes a completarmos cinco anos, expandimos nossos horizontes, criamos uma diretoria e fundamos a Editora BLB. Uma editora que será focada em novelas nacionais e internacionais voltadas ao público LGBTQIA+. Essa com certeza não será uma empreitada fácil e terá, assim como toda a nossa jornada, algumas pedras pelo caminho. Contudo, eu estou cercado por pessoas comprometidas e competentes que sonham junto comigo, por isso tenho a convicção que “Manner Of Death” será somente a primeira de muitas obras que iremos trazer para vocês, queridos leitores.

Aos meus diretores e diretoras, eu agradeço profundamente por embarcarem na jornada desse sonho comigo, sem vocês eu sou apenas um grãozinho de areia. Ao staff da Boys Love Brasil, por dedicarem um tempo e muito carinho a este projeto.

Por fim, a você, que adquiriu uma cópia de “Manner Of Death” e que confia em nossa competência e trabalho. Lembre-se, o meu sonho, o nosso sonho, só se tornou realidade porque você confiou em nós. Muito obrigado por fazer parte desse sonho.

**Com amor,**
**Robertyman Leury**
**Diretor Presidente —**
**Grupo Boys Love Brasil**

# GLOSSÁRIO

**Acesso intravenoso** — Injeção intravenosa (IV), ou seja, na parte interior da veia.

**Azeviche** — Também conhecida como âmbar negro, é uma gema fóssil formada pela ação da pressão oceânica sobre uma rocha sedimentar constituída de restos fósseis de plantas. Trata-se de uma variedade fibrosa e dura de lignite, de coloração negra luminosa, que pode ser cortada e polida para a confecção de joias.

**Arroz glutinoso** — Um tipo de arroz de grão curto, oriundo da Ásia, que se torna particularmente pegajoso após a cozedura. É chamado glutinoso no sentido de ser pegajoso e não no sentido de conter glúten.

**Bangkok** — Capital da Tailândia.

**Barítona** — Feminino de “barítono”, tom de voz masculina que apresenta um timbre entre o baixo e o tenor.

**Choque séptico** — Condição grave que ocorre quando uma infecção em todo o corpo leva a uma pressão arterial perigosamente baixa.

**Corrente de ouro de cinco bahts** — Uma medida, unidade de peso para ouro. Ouro "bruto" ou lingote (a pureza padrão do ouro tailandês é 96,5%, um pouco mais de 23 K): 1 baht = 15,244 gramas x 0,965 = 14,71046 gramas, ou 0,47295236 once troy (massa). No caso de joias, um baht deve ser superior a 15,16 gramas.

**COTMES** — Prova para o consórcio de escolas médicas tailandesas, algo como o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) ou ao Programa Universidade Para Todos (PROUNI) do Brasil.

**Diazepam —** Medicamento do grupo de benzodiazepinas que, normalmente, produz um efeito calmante.

**ECG** — Eletrocardiograma, teste que mostra a reprodução gráfica da atividade elétrica do coração durante o seu funcionamento.

**Edema pulmonar** — Quando o excesso de líquido nos pulmões causa

falta de ar e inchaço em algumas partes do corpo.

**Enfermeira(o) de centro cirúrgico** — Responsável por cuidar do paciente e lhe explicar os procedimentos que ocorrerão durante o pré-operatório, o operatório e o pós-operatório. É também quem cuida do paciente durante sua estadia, anotando seus avanços e retrocessos no prontuário do paciente.

**Enxaimel** — Técnica de construção que consiste em paredes montadas com hastes de madeira encaixadas entre si em posições horizontais, verticais ou inclinadas, cujos espaços são preenchidos geralmente por pedras ou tijolos.

**Esterno** — Osso que possui, morfologicamente, a forma de uma "gravata", cuja localização exata é na face anterior do tórax.

**Exame *post mortem*** — Um exame exterior referente à exploração médica dos cadáveres cujo objetivo é achar informações relevantes sobre as causas e circunstâncias da morte de um indivíduo. A autópsia é um tipo de exame *post mortem* que pode ser realizado para além de um exame externo, em que o corpo é aberto e os órgãos e as estruturas são examinados.

**Garuda** — Figura mitológica com origem no hinduísmo e presente também no budismo. Símbolo da finalização da batalha entre Bem e Mal, assim como entre a Vida e a Morte, o Mundo Terreno e o Mundo Celestial.

**GSR** — *Gunshot Residues* são partículas microscópicas de resíduos provenientes da descarga de uma arma de fogo que geralmente ficam depositados pelo corpo do atirador e pelos arredores da cena do crime.

**Hemodiálise** — Tratamento que filtra as substâncias indesejáveis do sangue através de uma máquina, ou seja, um procedimento que funciona como um rim artificial, imprescindível para manter a vida de uma pessoa que perdeu a função renal.

**Insuficiência Renal** — Quando os rins estão começando a falhar, não mais realizando suas funções como filtração de sangue, filtração de substâncias nocivas e manutenção do equilíbrio dos eletrólitos do corpo.

**Isquemia cerebral** — O Acidente Vascular Cerebral Isquêmico (AVCI), também conhecido por derrame ou isquemia cerebral, é causado pela falta de sangue em uma área do cérebro por conta da obstrução de uma artéria. Quando não mata, o AVCI deixa sequelas que podem ser leves e passageiras ou graves e incapacitantes. As mais frequentes são paralisias em partes do corpo e

problemas de visão, memória e fala.

**Jet lag** — Distúrbio temporário do sono. Ocorre quando o relógio biológico do corpo está fora de sincronia com os sinais de um novo fuso horário. Pode haver desorientação relacionada à exposição à luz e aos horários das refeições.

**Khao Tom Mud** — Sobremesa tailandesa tradicional feita com banana doce envolvida com arroz glutinoso de coco. Neste livro, “Menino-Khao-Tom-Mud” também é usado como um apelido, como “sabe-tudo”, “quatro-olhos”, “menina-das-castanhas”, etc.

**Laab Nuer** — Salada apimentada de porco, picada e preparada no estilo do norte da Tailândia.

**LINE** — Aplicativo para comunicação instantânea através de dispositivos eletrônicos, como smartphones, tablets e computadores, que permite que os usuários troquem mensagens de textos, imagens, vídeos, áudios etc.

**Linha de cintura** — Uma estrada ou ferrovia que circunda uma área metropolitana.

**Longan** — Também conhecida como olho de dragão, é uma fruta usada frequentemente em sopas, lanches, sobremesas, comidas agridoces e para fins medicinais na Ásia. Os frutos são redondos com uma casca fina, mas dura, de cor castanho-claro. A sua polpa, que envolve um caroço grande e preto, é branca, macia e suculenta.

**Lúpus** — Ou Lúpus Eritematoso Sistêmico (LES), é uma doença autoimune na qual o sistema imunológico da pessoa passa a atacar seus tecidos saudáveis em várias partes do corpo.

**Manto Negro** — Personagem das historietas de “Comando Invencível” (“Esquadrão All-Star”) e outros títulos da editora DC. Apareceu pela primeira vez no número 25 da revista “All-Star Squadron”, em 1983.

**Medicamentos enterais** — Medicamentos enterais são aqueles aplicados por vias enterais, seja de forma oral ou retal, liberando a droga diretamente no líquido tecidual ou no sangue, sem atravessar a mucosa intestinal.

**Medicamentos Parenterais** — Medicamentos aplicados através de

injetáveis (endovenosa, muscular, subcutânea e intradérmica) com a finalidade de absorção de drogas por via parenteral (diretamente nos tecidos por injeção, com emprego de seringas, agulhas, cateteres).

**Medicamentos tópicos** — Medicamentos passados sobre a pele, como pomadas.

**Midazolam** — O Cloridrato de Midazolam é uma solução indicada para uso em pacientes adultos e pediátricos acima de 6 meses como sedativo, ansiolítico e para produção de amnésia antes de procedimentos diagnósticos, terapêuticos ou endoscópicos, ou antes de indução de anestesia.

**O2Sat 100% E4V5M6CTX 101** — Valor da Saturação do Oxigênio da personagem.

**OSCE** — Ou Exame Clínico Objetivo Estruturado, é um método de avaliação das competências, habilidades clínicas e atitudes adquiridas pelos alunos de medicina durante o processo de aprendizagem.

**Parada cardíaca** — Perda abrupta da função cardíaca, da respiração e da consciência.

**Phasin** — Ou pha sin, é uma vestimenta feita de um pedaço de tecido de três metros de comprimento e mais de um metro de largura, com três seções geralmente feitas de materiais ou designs diferentes. Esse tecido é enrolado em volta da cintura como se fosse uma saia. Quanto mais formal a ocasião, mais luxuosos serão os materiais usados. Para ocasiões formais, uma faixa é usada desde o ombro esquerdo até o lado direito da cintura.

**Pontos na escala** — Referente à Escala de Coma de Glasgow (ECG), que tem como propósito avaliar o nível de consciência dos pacientes. Médicos usam essa escala para avaliar pacientes com contusões e monitorar sangramentos cerebrais.

**RCP** — Ressuscitação cardiopulmonar, ou reanimação cardiorrespiratória (RCR), é o conjunto de medidas emergenciais destinadas a garantir a oxigenação dos órgãos de uma pessoa que esteja enfrentando um quadro de falência cardiovascular e/ou respiratória.

**Residente** — Médico graduado que estagia em residência médica para receber treinamento em sua(s) especialização(ões).

**Rigor mortis** — Ou rigidez cadavérica, é um sinal reconhecível de morte causado por uma mudança bioquímica nos músculos, causando o endurecimento dos músculos do cadáver e a impossibilidade de mexê-los ou manipulá-los.

**Sino-americano** — Algo ou alguém que tem origem ou nacionalidade chinesa e americana.

**Sistema escolar tailandês** — O sistema de ensino básico na Tailândia está dividido em seis anos de educação primária e seis anos de ensino médio. O primeiro nível, Prathom 1–3, é para o grupo etário de 6 a 8 anos; Prathom 4–6 é para o grupo etário de 9 a 11 anos; e o terceiro nível, Matthayom 1–3, é para o grupo etário de 12 a 14 anos. O sistema de ensino superior, Matthayom 4–6, é para o grupo etário de 15 a 17 anos e está dividido em córregos “profissional” e “acadêmico”.

**Taro (bolinho de Taro)** — Também conhecido por inhame ou inhame-coco, taro é um tubérculo muito utilizado na gastronomia asiática.

**TEM** — Técnicos de Emergência.

**Teste Quota** — Uma prova que os alunos fazem quando estão se formando para concorrerem a vagas públicas que as faculdades oferecem. Semelhante ao Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) do Brasil.

**Tomografia** — Exame de imagem à base de radiação na qual um computador controla o movimento da fonte de raios X e dos detectores, processa os dados e produz a imagem.

**Tubo Vacutainer** — Tubo utilizado para armazenagem de sangue coletado de pessoas. Os mais comuns são os tubos de EDTA, normalmente utilizados nos exames de rotina para que o sangue não coagule até o momento do teste de sangue laboratorial, mas existem outros tipos de Tubo Vacutainer para determinados exames de sangue.

**Uppercut** — Soco utilizado em várias artes marciais, como no boxe, kickboxing e muay thai. Este golpe é lançado para cima, com qualquer uma das mãos.

**UTI** — Unidade de Tratamento Intensivo dos hospitais.

**Wai** — Saudação tradicionalmente usada pelo povo tailandês. Significa

"bem-vindo" ou apenas "olá". A saudação oral é seguida de um sinal comum na cultura oriental: mãos postas na frente do rosto e uma reverência.

## GUIA DE PONTUAÇÃO E SINALIZAÇÃO GERAL DA OBRA

Diálogos, pensamentos dos personagens, ligações telefônicas, lembranças e demais meios de comunicação estão sinalizados de diferentes formas ao longo deste livro, então separamos um pequeno guia para ajudar a compreensão durante a leitura.

Diálogos estão indicados com travessões.
Ex: — Quem é você? — perguntei ofegante.

Conversas por telefone estão indicadas com colchetes para as falas da personagem no telefone e travessão para as falas da personagem que está narrando.
Ex: [Olá, Bunn...]
— Olá, Fai. Já está dormindo?

Pensamentos estão indicados com itálico, assim como as palavras estrangeiras.
Ex: *Alguém está na minha casa!*

Manchetes, recados e demais textos escritos estão indicados com aspas.
Ex: Na tela, o título da matéria no site dizia: “Professora com depressão é encontrada enforcada em seu condomínio. Possível causa é depressão após término”.

Lembranças de diálogos estão indicadas com aspas e itálico.
Ex: *“Se eu souber, irei machucar você e quem você ama.”* A voz do homem surgiu em minha mente. *“E nem pense que você pode confiar nos policiais.”*

E algumas frases ou palavras estão em negrito por opção estilística da autora e para dar ênfase no conteúdo.
Ex: **Professor Tann, ou Sr. Weerapong Yodsungnern**, vinte e seis anos, havia se graduado em Bioquímica (Primeiro da Sala, com honra), na Faculdade de Ciências, a mais famosa do Norte.

# CAPÍTULO 1

**Preconceito...**

Foi a primeira palavra que veio à minha mente quando percebi o olhar de desdém da jovem vendedora. Ela estava direcionando esse olhar para um senhor que entrou em uma loja de marca. Pela sua aparência, eu chutaria que ele estava na casa dos sessenta anos. Seus cabelos grisalhos estavam um tanto quanto bagunçados. Ele estava vestindo uma camisa grande e larga e uma calça que parecia estar gasta demais para ser usada. O homem mancou para dentro da loja e começou a escolher algumas roupas, como se quisesse comprá-las.

Pendurei a camiseta, que havia pego antes, em seu lugar na arara antes de voltar minha atenção a esse fenômeno com grande interesse. Será que ela notaria que pendurado no pescoço daquele senhor, debaixo da camisa larga, havia uma corrente de ouro de cinco bahts?

Como eu havia dito, o preconceito iria obscurecer a percepção da realidade. Ela poderia não perceber o colar de ouro por conta da neblina de preconceito que ela mesma criou, e mesmo que notasse, sua mente distorceria sua visão. *Deve ser um colar falso... é impossível uma pessoa como ele possuir um colar de ouro tão grande e andar por aí comprando roupas de marca...*

É isso que ela pensaria.

Paguei pelas minhas coisas no balcão e saí da loja com duas sacolas de papel em mãos. Havia roupas em uma sacola e donuts para o meu café da manhã, antes do trabalho, na outra. No dia seguinte eu teria um jantar com o meu melhor amigo do ensino médio. Seu nome é Songsak, também conhecido como Pert, um jovem e fervoroso promotor público que tem uma arma muito importante: sua beleza. Eu o invejava um pouco, pois ele não apenas era lindo e tinha um bom emprego como também saía com várias mulheres. Portanto, eu precisaria usar meu melhor traje para que não parecesse um perdedor ao seu lado.

Mas não é exatamente essa a razão para a camisa nova. Parecer bonito não era motivo suficiente para gastar tanto dinheiro. O que aconteceu foi que a camisa que eu estava usando ficou encharcada de fluidos abdominais de um corpo em que eu estava fazendo uma autópsia. Um acidente causado pela negligência de um policial que esbarrou em mim enquanto ele carregava um jarro com fluido, espirrando o conteúdo no meu braço. Como o plástico que estava embaixo do meu jaleco não cobria inteiramente o meu braço, o líquido fedorento vazou para dentro da manga, molhando a camisa que estava embaixo.

Eu não iria perder meu tempo lavando aquela camisa.



— Ei, Bunn! Por que você decidiu se graduar em Ciência Forense?! — Tim, um dos meus amigos, havia me perguntado uma vez. — Você tem estudado medicina por seis anos e agora vai dissecar cadáveres? Eu tive essa disciplina por apenas duas semanas no meu quinto ano e quase vomitei.

— As pessoas têm paixões diferentes. — respondi enquanto tirava as migalhas do meu uniforme de residente. — Eu gosto de cadáveres, você gosta de crianças. Então eu escolhi Forense, enquanto você escolheu Pediatria. Não tem como fazer mais sentido que isso. — Sorri para Tim, que estava fazendo uma careta.

— Como você consegue falar em voz alta que gosta de cadáveres? Seu esquisito!

— Ei! Minha esquisitice está ajudando nosso país! Existe uma escassez de pessoal nessa área da medicina. Além disso, fui o único a me candidatar para esse programa. O professor quase chorou quando minha solicitação chegou no departamento. — Levantei-me da cadeira da cafeteria do prédio de medicina, pegando meu estetoscópio e pendurando-o no pescoço. — Vamos logo, Sr. Pediatra, a conferência já vai começar.

Na verdade, eu gostaria de ter dado uma resposta um pouco mais desenvolvida para o Tim sobre o motivo pelo qual escolhi estudar Jurisprudência Médica, mas seria entediante. Não gosto de explicar meus pensamentos para as pessoas. É bem mais interessante deixá-las tentando adivinhá-los. Minhas emoções e pensamentos são deixados atrás da cortina enquanto eu aparento ser um cara expressivo, falador e divertido. Eu pago a quem quer que seja que tenha provas de já ter me visto estressado.

Eu havia passado três anos como residente. Depois da graduação, fui persuadido a virar professor, mas estava cansado da vida universitária. Queria viver livre e do jeito que eu quisesse. Então decidi ir trabalhar no hospital provincial no Norte, quase mil quilômetros longe da minha cidade natal. Estabelizei-me como o único patologista forense na província.

Imediatamente consegui conexões com profissionais do meio jurídico e policial. Eu tinha contato com a maioria dos policiais, advogados, promotores e juízes. Meu nome é Bunnakit Songsakdina, graduado em medicina, trinta anos, e

médico legista forense no hospital provincial. Solteiro. Eu costumava ter uma namorada, uma banqueira linda, mas ela não parecia muito feliz em ter um homem que dissecava cadáveres como rotina. Então, três semanas atrás ela me deixou.



Pert, que segurava um copo de cerveja, gargalhou depois de saber sobre o meu estado de solteiro. — Desde quando sua querida Prae peituda te largou? Você deveria ter me dito antes. — O homem alto que vestia uma camisa cara e calças sociais colocou o copo de cerveja na mesa. Ele me olhou sério. — Bem... já que vocês terminaram...

— O quê é que tem? — Franzi minha testa, encarando seu olhar sério.

— Então agora é a minha chance. — Ele aproximou seu belo rosto para perto de mim. Sua boca simétrica se esticou em um sorriso comovente. Senti arrepios por todo o corpo por causa do seu sorriso. — Me passa o número dela.

Levantei o meu dedo, o mesmo que havia usado para segurar o bisturi e abrir cadáveres, e bati na testa dele com toda a minha força. Pert reclamou e voltou ao seu assento massageando sua testa. — Tá louco?! Não, eu não vou te dar o número dela! Que tal antes disso você terminar com a Cherry, Mai, Som, ou seja lá com quem esteja namorando?

— Dr. Bunn, não fique no caminho. É melhor você deixar que suas ex venham para um homem decente como eu.

Essa era uma conversa casual entre Pert e eu sempre que estávamos fora do horário de trabalho, no pátio de um restaurante ao ar livre, onde as pessoas estavam passeando. Nós não falávamos sobre nosso trabalho, que envolvia crimes de agressão ou assassinatos, em lugares públicos como esse. Portanto, nosso tópico mais comum era inevitavelmente a vida amorosa de dois homens solitários à margem de seus trinta anos.

— Aliás, por que vocês terminaram? — Pert me perguntou com um tom mais sério.

— Eu não sei. Nós não estávamos nos dando bem, eu acho. — Dei de ombros, mostrando o quão não afetado eu estava. Eu tinha terminado com Prae por uma certa razão, a qual eu não planejava contar a ninguém. Não tinha a menor chance de Pert saber sobre meus reais sentimentos por baixo da minha enganosa calma. Ninguém nunca saberia.

— Ah, não se davam bem? Eu pensava que você tinha deitado com ela depois de dissecar um cadáver podre e esquecido de tomar banho.

— Se esse fosse o caso, nós teríamos terminado nos primeiros três dias, porque os cadáveres podres vieram alguns dias depois que eu comecei a namorar com ela. — Só percebi que falei alto quando uma senhora que estava perto da nossa mesa virou para mim com um olhar desaprovador. Lancei a ela um olhar de desculpas e abaixei a minha voz. Nossa conversa continuou calmamente. Felizmente, depois que mudei para outra província, eu esbarrei com Pert. Nós trabalhamos em áreas relacionadas, permitindo que ele e eu nos encontrássemos várias vezes no trabalho, assim como fora dele. No trabalho era o promotor Songsak quem me interrogava como testemunha médica especialista, mas fora do trabalho ele era só “Pert”, o cara bonito que geralmente se sentava no fundo da sala de aula, o menino alegre que não conseguia parar de falar besteira.

Já era meia-noite quando cheguei em casa. Abri os portões da minha casa alugada de um andar, a mesma que aluguei desde o dia em que me mudei para trabalhar para o governo. Na verdade, o hospital forneceu acomodação para mim, mas depois de ver a casa de madeira desolada implorando por uma reforma, decidi alugar um local fora do hospital. Felizmente havia casas para alugar em conjuntos habitacionais não muito distantes do hospital, então decidi alugar uma casa térrea de duzentos e oitenta metros quadrados.

Eu estava prestes a pegar a chave do meu bolso e abrir a porta quando, de repente, meu celular vibrou. Peguei-o para ver quem teve a audácia de me ligar àquela hora.

Era o número de uma linha fixa.

Receber uma ligação que não vinha de um celular não era incomum, visto que o número do hospital era de uma linha fixa. Mas eu já tinha o número do hospital salvo no meu celular. Então de quem seria esse número?

Decidi atender à ligação enquanto destrancava a porta. — Alô.

[Hum...] A voz do outro lado parecia ser de um homem. [Esse é o número da Nath?]

*Quem é Nath?* Eu imediatamente deduzi que era um engano. — Não, você ligou para o número errado.

[Como?] O outro lado da linha ficou em silêncio por alguns segundos. [Acho que disquei o número certo. Posso saber quem está falando?]

Abri a porta e caminhei para dentro da casa me perguntando porque essa pessoa queria saber quem eu era. — Então você está com um número errado, este não é o número da Nath. — E desliguei a chamada imediatamente. Se o dono do número ligasse novamente, eu não iria atender. *Essa garota, Nath, provavelmente te deu um número falso. Não foi dessa vez...*

A noite de descanso depois de sair com meu o amigo passou tranquilamente. Dormi bem durante a noite toda sem que nenhum número estranho me ligasse de novo.



Virei-me para a jovem residente que estava em pé com o rosto pálido e lancei-lhe um olhar com uma mistura de simpatia e divertimento. Em uma mesa de aço em nossa frente estava o cadáver de um jovem. Ele nos foi encaminhado para fazermos a autópsia e determinarmos a causa da sua morte. Pelos registros, essa pessoa morreu em um acidente de carro após o veículo ter colidido com um poste por volta das quatro da manhã. Quando os paramédicos chegaram na cena, o homem já não tinha pulso. Passei meia hora com a residente, revisando como determinar a hora da morte e como examinar a condição externa do corpo. Depois, mandei os oficiais começarem o processo de dissecação. — Você já tomou café, Fai? — perguntei para a pequena residente, cuja presença foi requerida por alguém da equipe na Emergência comigo. Pobrezinha.

— Eu... já tomei sim, professor. — É bem comum os residentes chamarem alguém da equipe de autópsia de “professor”. O rosto da garota ficou cada vez mais pálido quando o couro cabeludo sobre o rosto do falecido foi aberto, revelando seu crânio. Olhei para Fai que usava seu avental, uma touca cirúrgica verde, uma máscara sobre seu nariz e botas de borracha. Seu corpo parecia encolher nesse uniforme. Sorri gentilmente com essa visão.

— Vamos lá, vamos nos apressar e terminar a autópsia. Vou levar você para almoçar. — Eu a guiei para longe da mesa, esperando que a equipe abrisse o crânio. — Qual você acha que foi a causa da morte? — perguntei a Fai sem muitas expectativas. Quando eu era estudante tive apenas duas semanas de aula forense. Se eu não tivesse ido atrás de uma especialização nessa área, com certeza não conseguiria lembrar de nada também.

— Hum... — Fai se virou com uma expressão incerta — Choque hipovolêmico pela excessiva perda de sangue?

— Ah, é possível. Perda de sangue é comum em pacientes que sofreram acidente. Contudo, pela aparência externa, não vimos nenhum sangramento externo a não ser no nariz e nas orelhas. Deve ter algum sangramento interno. Essa pessoa tem um hematoma enorme na barriga e no peito. Uma vez que abrirmos o pulmão e o abdômen, seremos capazes de ver. Não acho que ele

tenha morrido de perda de sangue... — Fai se virou para mim com um olhar cético. Mexi minhas sobrancelhas para ela. — Espere e verá...

O crânio foi aberto lindamente e o cérebro transportado para outro recipiente. Guiei Fai para olharmos a cabeça que estava exposta.

— Bingo! Há fratura na base do crânio. Consegue ver? — Apontei para um sinal de rachaduras que percorriam a base do crânio para que ela visse. — A princípio, vimos escarro rosa e espumoso pingando de seu nariz, bem como outras evidências revelando o mecanismo de morte por asfixia. A base do crânio estava fraturada, então o sangue entrou em suas vias respiratórias. Essa pessoa deve ter morrido por se engasgar com o próprio sangue.

Vi os olhos redondos de Fai se iluminarem de animação. Ela me pareceu um tanto quanto fofa.

Depois de completar a autópsia, levei Fai à casa de carnes que ficava não muito longe do hospital. Era costume que sempre que um residente fosse mandado para mim eu o levasse para almoçar e depois o trouxesse de volta à Sala de Emergência, também chamada de SE, para que continuasse com seus afazeres.

— Por que você escolheu estudar medicina forense, professor? — perguntou Fai enquanto esperávamos pela comida. Essa era uma pergunta popular que todo residente me fazia quando os trazia para almoçar.

— Eu acho legal. Nós nos comunicamos com pessoas através das palavras, mas os mortos se comunicam conosco através de seus corpos. Tudo depende se vamos ou não ouvi-los. O morto que caiu de um prédio pode ter sua causa de morte determinada como suicídio, mas então é encontrado um nível alto de substâncias tóxicas em seu sangue. O morto está tentando falar com a gente, dizendo: Eu não me matei, doutor! Eu fui assassinado!

Fai franziu o rosto. — Professor, você me dá arrepios.

Eu ri. — Ei, foi apenas uma analogia. Se os mortos realmente falassem, eu sairia correndo.

— Você ainda tem medo de fantasmas, professor?! — disse Fai em um tom estridente.

— É claro que sim! Eu rezo todas as noites antes de dormir. — Fai e eu rimos ao mesmo tempo. Parecia uma boa oportunidade. — Ah... Na verdade, você não precisa me chamar de professor. Essa não é uma escola médica. Vamos simplificar. Você pode me chamar de Bunn.

Fai sorriu largamente. — Certo. Você é muito gentil e ensina muito bem, Bunn.

Eu ia agradecê-la pelo elogio quando, de repente, o barulho do meu celular nos interrompeu. Peguei o aparelho e olhei o número. Era o nome que eu

havia salvo como “Capitão Aem”.

Duas palavras irromperam na minha mente quando vi esse nome durante o horário de trabalho: Algo aconteceu...



Saí da van do hospital e Fai saltou logo atrás de mim. Decidi trazer a residente junto comigo para lhe oferecer a experiência de estar em uma cena de crime, pois fora do meu horário de trabalho quem faria a autópsia na cena do crime eventualmente seria o residente que estivesse de plantão na Emergência. Eu estava usando uma jaqueta preta com “FORENSE” escrito atrás em letras grandes e tênis, para dar agilidade. Nós três (Fai, eu e Anun, o outro legista) entramos no prédio. Anun estava carregando uma bolsa em uma mão e com a outra segurava uma câmera compacta para obedientemente tirar fotos do local. O prédio ficava em um condomínio no meio da cidade. Havia um pequeno grupo de pessoas se juntando no térreo, provavelmente formado por moradores do local.

Meus olhos passearam em volta do térreo, observando o ambiente em busca de algum indivíduo suspeito. Isso é algo que faço automaticamente, mesmo não sendo minha função, que diz respeito apenas aos cadáveres. Na cena, eu deveria ser capaz de dizer quem era a vítima, quando ela ou ele morreu e qual foi a causa da sua morte. Se fosse necessário, eu mandaria o corpo para o Departamento Forense do hospital para que uma autópsia fosse feita. O investigador iria pegar as informações do meu relatório, determinar a causa da morte e identificar o suspeito do crime, junto com outras evidências. No entanto, eu gostava de fazer esse joguinho comigo mesmo. Se fosse um assassinato, eu tentaria adivinhar quem o havia cometido sem nenhuma evidência sólida, manteria a resposta para mim e esperaria que o assassino fosse revelado pela polícia, se não, eu esperaria pelos testes de identificação, como um teste de DNA.

Você pode chamar de dom ou presente divino, mas minhas deduções até então se provavam cem por cento corretas.

Um policial se aproximou de mim. — Dr. Bunn.

— Ah, Capitão Aem. — Abri um largo sorriso para o homem alto e musculoso que era um investigador local da área. Apontei para Fai — Hoje eu trouxe uma residente do primeiro ano para observar a cena. O nome dela é Fai.

Vi o capitão virar-se para a pequena médica com um brilho nos olhos. Eu realmente queria tirar uma foto disso e enviar para a esposa dele. — Muito bem. Por favor, usem o elevador, a cena é no quinto andar.

Andamos para o elevador que já estava aberto. Enquanto estávamos dentro dele, o capitão se virou para falar comigo. — Há uma nota de suicídio, Dr. Bunn. A irmã mais velha da vítima confirmou a letra. A vítima foi diagnosticada com transtorno depressivo. Nós achamos uma quantidade enorme de antidepressivos e comprimidos para dormir, como se ela se recusasse a tomá-los. Nós interrogamos a irmã e ela disse que a mulher morta estava estressada por conta de sua vida amorosa. Seu namorado estava ameaçando terminar o relacionamento, ou algo do tipo.

Assenti em sinal de compreensão. — Pelo que ouvi é um possível suicídio, não é? Ah... e foi o namorado que encontrou o corpo, certo?

— Isso, às onze e meia da manhã o namorado da vítima veio visitá-la em seu quarto.

Ele disse que bateu e não teve respostas e que ela também não atendia o telefone. Então, ele desceu e pediu a chave para um dos funcionários explicando que a moça que estava no quarto sofria de depressão e era possivelmente suicida. Quando entrou no quarto e a achou pendurada no chuveiro, ele correu para abraçar o corpo e quase a tirou de lá para fazer um RCP. Ainda bem que o funcionário o impediu a tempo e ligou para nós.

Fiz um baixo som de desagrado. Eu preferiria que o corpo estivesse intocado. — Abraçou?! O cabelo dele deve estar por todo o cadáver.

O Capitão Aem riu. O elevador chegou no quinto andar e a porta abriu. Eu saí e olhei para o final do corredor. Havia um quarto com a porta aberta e um grupo de policiais e cientistas forenses na frente desse quarto. Perto da porta, duas pessoas estavam falando com a polícia. A primeira era uma mulher que estava chorando e a outra um homem alto que usava uma camisa branca e calças cinzas, com cabelos negros impecavelmente penteados para trás. Ele era um cara bonito e se destacava, especialmente parado entre as pessoas daquele jeito.

— Aqueles são a irmã e o namorado. — Capitão Aem rapidamente confirmou minhas suspeitas.

A reação à perda de uma pessoa querida era diferente para cada pessoa. Algumas ficariam bravas, outras tristes, ou seriam atingidas pela culpa. Eu olhei para o homem, o namorado da vítima. Sua expressão era calma em contraste com a da irmã, que estava aos prantos. O rosto e os olhos dele não demonstravam nenhum sentimento.

Guardei essa observação em mente.

Passei pelos investigadores que estavam inspecionando o lugar. O

capitão me guiou até o banheiro do lado esquerdo. A próxima coisa que vi foi o corpo de uma mulher de vinte e oito anos de idade e cabelos longos. Ela usava uma camisola rosa e estava pendurada pelo chuveiro preso na parede do banheiro. Seus pés pendiam acima do chão, e uma cadeira de plástico redonda de quatro pernas estava jogada no piso. As pontas de suas mãos e pés estavam num tom de roxo escuro. O rosto estava inchado e verde, a língua para fora.

Eu ouvi uma série de sons de clique da câmera compacta na mão de Anun enquanto Fai apenas ficou parada, com o rosto pálido. Peguei as luvas de borracha que estavam dentro da minha bolsa e entreguei um par para cada um deles. Aproximei-me do corpo para inspecionar sua condição externa em busca de qualquer evidência física, como sangue ou cabelo.

— O nome da vítima é Janejira Sukyod, vinte e oito anos. Costumava trabalhar como professora do primário, mas se demitiu da posição duas semanas atrás. — O capitão falava enquanto observava meu trabalho. — A irmã disse que sua depressão tinha piorado e que foi a última pessoa a ver a vítima. Elas jantaram às sete horas da noite e a irmã voltou para seu quarto às nove da noite.

Eu usei meu dedo para pressionar as áreas mais escuras nas pontas de seus pés e mãos e tentei mover seu braço. — Ela pode ter morrido há mais ou menos oito ou doze horas. Condiz com o espaço de tempo em que ela estava sozinha. — Fiquei na ponta dos pés para olhar para o laço mais de perto. Era um pano branco amarrado ao chuveiro.

*Hein?!*

Meus olhos enxergaram algo inusitado.

Embaixo da corda, junto à marca que ficou em seu pescoço, havia alguns pequenos arranhões e hematomas. Chamei Anun para que ele fotografasse a área mais de perto. Fai se aproximou hesitantemente.

— O que é isso?

Eu apontei para a marca. — Consegue ver isso? Parecem arranhões de unha, não acha? E essa área parece um pouco machucada. — Virei-me para o Capitão Aem. — Há algum sinal de luta no quarto? Ainda não olhei.

O capitão balançou a cabeça. — Tudo parece estar no seu devido lugar. Pelo que perguntei à irmã, nada foi movido.

Estiquei-me para sentir a área do hematoma. Consegui detectar uma fratura laríngea que definitivamente não era encontrada em pessoas que se enforcavam. Soltei o ar gradualmente e me virei para o capitão, que estava parado esperando algo de mim. Eu mal podia esperar para levar esse corpo ao hospital e fazer uma autópsia completa.

— Desculpe por jogar mais trabalho em cima de você, Aem. — Fiquei em silêncio por um momento. — Mas isso não parece ter sido um suicídio. Eu

gostaria de mandá-la para o Departamento Forense para uma autópsia.

Essa mulher foi estrangulada até a morte, e então seu falecimento foi encenado como se ela tivesse se enforcado.

Depois de completar a autópsia preliminar na cena, removi minhas luvas e saí do cômodo onde o incidente aconteceu. Inspirei profundamente o ar fresco do lado de fora para meus pulmões. O corpo seria levado ao departamento para uma avaliação mais completa. Eu estava pronto para dissecar esse caso. Havia muito mais trabalho a ser feito. Meu coração pulsava animado toda vez que eu me deparava com um caso de assassinato. Já tinha me viciado nesse sentimento. Essa era a razão pela qual eu era completamente apaixonado por esta profissão.

Quando parecia ser um caso de assassinato, eu começava a jogar o meu jogo preferido.

Quem era o assassino?

De repente meus olhos passaram pelo homem que foi identificado como namorado da vítima, a pessoa que descobriu o corpo. Seu rosto continuava frio. Ele não estava de luto pela morte de sua namorada, apesar do fato de eles já terem terminado?

Seus olhos longos e finos olharam de volta para mim, como se ele soubesse que estava sendo observado.

Desviei meu olhar para outro lugar. Meu coração ainda estava batendo com entusiasmo. Meu instinto me dizia que aquele cara não era uma pessoa qualquer. Ele estava escondendo algo, e considerando seu corpo forte e simétrico com um metro e oitenta de altura, acho que ele poderia facilmente levantar sua namorada e pendurá-la.

Eu esperava que a polícia tivesse o mesmo pensamento que eu e conduzisse uma investigação profunda sobre ele.

Esse homem era o assassino. Eu havia decidido e estava confiante de que minhas estatísticas de cem por cento não seriam destruídas.

# CAPÍTULO 2

Levei um copo de leite morno até meus lábios, bebi e encarei meu trabalho na tela do computador. Eu via pessoas de outros departamentos muitas vezes levarem seus computadores com elas para trabalharem em uma linda e encantadora cafeteria. Eu gostaria de fazer isso também, se não fosse pelo fato de meu trabalho envolver várias imagens de cadáveres ainda intactos, intocados pelo meu bisturi, ou derramando suas entranhas para o mundo. Se levasse o meu trabalho para o lado de fora, eu provavelmente espantaria os clientes. Então, no final, só me restava levar meu trabalho para casa e fazê-lo sozinho em uma silenciosa e gelada residência. Minha tarefa atual era escrever um relatório da autópsia de Janejira, a pobre mulher que foi assassinada e depois teve sua morte encoberta como se tivesse sido suicídio.

Abri os arquivos de imagens de Janejira, cujo pescoço fora aberto por uma incisão, expondo o músculo machucado. Meu palpite anterior indicava que sua laringe estava fraturada e, quando a abri, descobri que realmente estava. Era um sólido pedaço de evidência de que essa mulher havia sido estrangulada até a morte. Quando você se enforca não causa um estrago significativo como aquele no tecido, a não ser que use uma corda longa em volta de seu pescoço e pule de um prédio. Nesse caso, causaria um grande estrago. Entretanto, Janejira ou qualquer pessoa normal não pensaria em se matar dessa forma.

Eu tinha sete dias para terminar o relatório da autópsia, mas o prazo poderia ser prolongado caso algum exame de laboratório que demorasse um pouco mais fosse necessário.

Portanto, eu não estava com pressa. Depois que terminei de escrever a descrição geral do corpo, abaixei a caneta e bebi o leite morno mais uma vez para acalmar minha mente. Quando olhei o relógio, já eram nove da noite. Não parecia tão tarde para fazer uma ligação.

[Olá, Bunn...] Uma voz doce atendeu a ligação. Mais cedo fiquei sabendo que Fai não estava trabalhando naquela hora.

— Olá, Fai. Já está dormindo?

[Ainda são nove da noite, Bunn. Eu só vou dormir lá pelas onze. A propósito... você está precisando de alguma coisa, já que ligou a essa hora?]

Limpei minha garganta para tirar os traços de leite. — Eu liguei para te dizer o resultado da autópsia. É uma pena você não ter feito ela comigo.

Fai riu. [Eu sei. Também queria ter participado. Janejira foi mesmo

estrangulada até a morte?]

— Certamente os músculos do pescoço estavam lesionados e a laringe completamente estilhaçada. Eu raramente vejo um assassinato sendo encobeto, é muito fascinante.

[Mesmo sendo um falso suicídio, não conseguiu te enganar, né, Bunn? O assassino deve estar chorando como um bebê agora, depois de ter tido todo esse trabalho com suas maquinações] disse Fai, brincando comigo. Eu ri, de bom humor.

— É claro, você sabe, eu não cometo erros.

Assim que terminei essa frase, uma memória ressurgiu de repente. Doía sempre que eu pensava nisso. Era uma coisa que eu estava tentando enterrar o mais fundo possível em minha mente. Infelizmente, de vez em quando voltava a me assombrar. Eu nunca havia cometido um erro? Para ser sincero, essa era uma mentira... eu cometi um erro antes. Um pequeno erro, mas que causou um grande estrago.

[Eu acredito em você. Você é um expert...] Estava tão perdido em meus pensamentos que esqueci por um momento que estava falando com Fai. [Oi... Bunn?]

Tentei me recompor. — Hum... oi.

Continuei falando com Fai sobre outras coisas por mais dez minutos antes de dar boa noite e desligar. Mesmo tendo terminado com Prae há menos de um mês, sentia que estava pronto para seguir em frente, como um ciclo sem fim. Eu nunca estive em um relacionamento com uma mulher por mais de um ano. Mulheres sempre me diziam que não conseguiam saber quem eu realmente era. Elas não entendiam o que se passava pela minha cabeça e alegavam que eu era como um ator que as deixava desconfortáveis. E então elas me abandonavam.

Acontece que eu, Dr. Bunnakit, era tido como um mulherengo mesmo que não fosse realmente culpa minha. Sem contar que ter Pert, um notório mulherengo, como amigo só piorava as coisas, devido a uma noção preconcebida de que eu também era esse tipo de cara.

Eu voltei minha atenção para meu computador e prossegui com o trabalho.

Apertei a camiseta de manga comprida que eu usava por cima do pijama devido ao ar frio do lado de fora. O inverno era a minha coisa favorita no Norte, porque essa região tinha o verdadeiro clima de inverno, diferente de onde eu vim, Bangkok, onde só

havia duas estações, um perpétuo verão e muita chuva. Suponho que o clima é uma coisa boa aqui, pois o ritmo de decomposição de um corpo em um clima frio é mais lento que em lugares quentes.

Dei um pulo quando a campainha da porta da frente tocou de repente.

*Quem era?*

Levantei-me e andei do meu quarto até a sala para olhar o portão na frente da casa. Estava completamente escuro. Apenas duas lâmpadas iluminavam a área.

Eu tentei espiar no escuro. Pensei que poderia ser um grupo de crianças que tocaram a campainha para me enganar.

Notei que tinha um pedaço de papel branco enrolado entre as grades do portão. Marchei lentamente até lá e o peguei, esperando que fosse algum tipo de propaganda.

O texto escrito à caneta no papel fez com que o ar frio chegasse a uma temperatura ainda mais baixa.

“Reporte essa morte como um suicídio. Não diga à polícia sobre isso ou então você estará com problemas. Eu estou te observando.”

Rapidamente abri o portão e corri, parando no meio da rua em frente à casa. Meus olhos iam da esquerda para a direita freneticamente. O bairro era pacífico e quieto. Todos tinham ido para a cama cedo. Eu não encontrei nenhuma pista da pessoa que tinha colocado esse pedaço de papel entre as grades do meu portão. Meu coração batia em pânico. Minhas mãos estavam congelando. Respirei fundo, tentando me acalmar. Que merda era essa? Alguém estava me ameaçando para que eu declarasse uma causa de morte como suicídio.

*Eu estava sendo ameaçado a escrever no relatório que Janejira havia cometido suicídio!*

Virei-me e voltei para dentro de casa depois de olhar o portão e ter certeza de que ele estava bem fechado. Perambulei pela casa e peguei meu celular na mesa. Por que diabos eu iria esconder isso da polícia? A pessoa que mandou o bilhete deve ser o assassino de Janejira, com certeza. Depois de ligar para o Capitão Aem eu iria dirigir até a entrada do distrito e perguntar aos guardas se algum estranho havia entrado naquela hora. Após isso, eu levaria o pedaço de papel para a delegacia.

Liguei para o Capitão Aem, o telefone tocou apenas uma vez antes que o celular fosse tirado da minha mão. Fiquei assustado de um jeito que meu coração quase parou de bater.

*Alguém está na minha casa!*

Não perdi tempo me virando para olhar. Corri em disparada na direção da janela, mas um par de mãos fortes com luvas de couro pretas pousou em volta do meu torso por trás, impedindo-me de correr. Lutei para me soltar, empurrando meu cotovelo para trás com toda a minha força.

— Socorro! — gritei alto o suficiente para que os vizinhos ouvissem. —

Tem alguém... — Não pude terminar a frase, o intruso deu um chute na parte de trás do meu joelho.

Quando percebi, estava em uma posição na qual não tinha mais como lutar. Eu estava deitado, com o rosto no chão. Meu braço esquerdo estava preso atrás das minhas costas e minha cabeça pressionada contra o chão. Eu ofegava em busca de ar, fazendo uma careta de dor.

— Tão teimoso, doutor. — Uma voz abafada pôde ser ouvida por detrás de mim. — Eu não queria ter que fazer isso esta noite, sabe? Mas você ia ligar para a polícia, então não tive escolha.

Eu estava em uma posição extremamente desvantajosa. Tentei juntar toda a minha força para me libertar daquela pressão apenas para ter meus braços apertados ainda mais por aquela pessoa. Suspirei, tentando me concentrar. Tentei me virar para ver o rosto do intruso. O cara era musculoso. Ele usava um moletom preto com capuz e óculos escuros grandes no rosto. Pude ouvir uma voz não familiar através da máscara branca que cobria seu nariz e boca. Eu não conseguia identificar quem era.

— Quem é você? — perguntei ofegante. Meu coração batia forte, em pânico. — Como você entrou?

— Não importa quem sou ou como entrei. Você deveria perguntar por que eu entrei...

Apertei meus punhos, pensando em um plano. Eu precisava encontrar um jeito de sair daquela situação: preso no chão com meu rosto para baixo. — Me solta! Vamos conversar. Você já pegou o meu telefone.

O homem atrás de mim deixou um riso escapar, um riso sem nenhuma consciência moral. O som congelou meu sangue. A esperança da minha sobrevivência naquela noite tinha começado a se esvair. — Você é um cara esperto, não me surpreende que seja um patologista.

— Você é o assassino de Janejira, suponho? E irá me matar essa noite também, certo? — Sem perceber, minha voz começou a tremer. Eu podia sentir a morte chegando mais perto, tanto que conseguia sentir a respiração do próprio ceifador.

O homem parou como se estivesse pensando sobre alguma coisa, então aproveitei a oportunidade e usei minha mão livre para me empurrar para cima, mas ele apertou ainda mais o meu braço, pressionando-o para trás com mais força. Eu gritei. Ele se abaixou e sentou nas minhas costas. Senti seu peso me sufocando. Sucumbi de dor facilmente.

— Não posso te matar. Não agora. Você precisa escrever o relatório da autópsia para mim primeiro. Precisa achar um jeito de dizer que as evidências encontradas indicaram suicídio e explicar que o que você havia presumido antes

foi um engano. — O invasor abaixou sua cabeça e falou no meu ouvido. Eu tremia incontrolavelmente. — Depois que o trabalho estiver feito, vou te deixar ir como recompensa. Mas se você resistir e ligar para a polícia ou escrever no relatório que foi um assassinato, não poderei garantir a sua segurança ou a das pessoas que são próximas a você, doutor.

— Tá bom! Eu... vou fazer... o que você quer. Agora me solta. — Eu disse que aceitava suas condições para poder sair daquela situação grave. De qualquer jeito, ele não tinha intenção de me matar, então tudo o que eu tinha que fazer era me livrar dele e ir à polícia o mais rápido possível.

— Muito bem, está feito então. Agora você sabe o quão fácil é te encontrar, doutor. Sem contar o quão fácil é acessar a base de dados da polícia. Assim que você pisar na delegacia, eu saberei. Não faça isso. Se eu souber, irei machucar você e quem você ama. Vamos deixar isso quieto e encerrar esse caso. — Uma mão coberta com uma luva preta de couro se moveu da minha cabeça para acariciar minha bochecha gentilmente. — E nem pense que pode confiar na polícia.

O que ele disse quase fez meu coração parar de bater. Quantas pessoas me ouviram dizer que era improvável que a causa da morte de Janejira fosse suicídio, além da equipe de investigação que fez a autópsia comigo, do Capitão Aem e das pessoas que estavam na cena do crime hoje?

Naquele momento o rosto do namorado de Janejira surgiu na minha mente.

Meu cérebro não conseguiu processar mais nada depois disso. Senti meu cabelo sendo puxado para trás e minha consciência apagou como se um interruptor tivesse sido desligado.

Acordei com uma terrível dor de cabeça. Parecia que eu iria vomitar. Soltei um gemido devido à dor e levei uma mão até minha testa. Abri meus olhos lentamente, ainda deitado de bruços no chão frio no escritório de casa. Levantei-me gradualmente e, sentado, olhei ao redor. Eu estava sozinho no cômodo. Não havia sinal do invasor em lugar algum.

Tentei me levantar, mas uma terrível vertigem me atingiu, fazendo com que eu perdesse o equilíbrio e sentisse sangue escorrer do ferimento da minha testa. Segurei-me na ponta da mesa para não cair e tentei procurar pelo meu celular, mas ele havia sumido. O invasor provavelmente o levou com ele.

*A polícia...*

*Fui agredido. Eu precisava ligar para a polícia.*

Meus olhos dispararam ao redor, tentando encontrar o telefone fixo que normalmente ficava do lado direito da mesa. Meu coração apertou com a visão do espaço vazio onde o telefone deveria estar. Os cabos estavam lá, o aparelho,

entretanto, havia sumido.

— Que droga! — gritei indignado, tentando sair do cômodo. Uma segunda onda de tontura me fez cair no sofá da sala. Eu estava determinado a pegar o telefone de um dos vizinhos emprestado e ligar para a polícia. Eu precisava encontrar um jeito de ligar para eles e sair de lá.

*"Se eu souber, irei machucar você e quem você ama."* A voz do homem surgiu em minha mente. *"E nem pense que você pode confiar nos policiais."*

Fechei bem meus olhos, tentando expulsar a ameaça da minha cabeça. Reuni toda a minha força para lutar contra o feitiço da tontura e me levantar, ouvindo sirenes, um som familiar, e gritos ao longe. Abri a porta da frente, tentando arrastar meu corpo até o estacionamento, para o portão da frente que estava aberto, mesmo eu tendo trancado-o com segurança mais cedo.

As sirenes ficavam cada vez mais altas. Vi luzes brilhantes, azuis e vermelhas, no escuro se direcionarem diretamente para a minha casa. Estreitei os olhos, percebendo que era a ambulância que enviavam quando alguém ligava para a Central de Emergência. O veículo continuou seguindo com toda a velocidade e parou em frente à minha casa. A porta se abriu. Enfermeiros e técnicos de emergência médica, que seguravam uma maca espinhal, rapidamente saíram da ambulância.

— Dr. Bunn! — Suthep, um enfermeiro da SE, me chamou. Ele tinha um olhar de choque em seu rosto ao me ver em um estado no qual eu mal conseguia ficar em pé. — Doutor, você não precisa andar! Sente-se, nós te carregaremos até a ambulância.

A única coisa que me ocorria era que quem me nocauteou temporariamente e a pessoa que chamou a ambulância poderiam ser a mesma.

# CAPÍTULO 3

— Suthep... — chamei o enfermeiro que estava sentado perto da minha cabeça. A ambulância estava sendo dirigida na velocidade máxima, as cabeças dos passageiros ficavam balançando. O barulho da sirene só aumentava as dores na minha cabeça. Fui carregado para a sólida maca espinhal antes de ser levantado dentro da ambulância.

— Sim, doutor? — Ele se virou para mim com um olhar preocupado. — Nós estaremos no hospital em um momento.

— Reportando paciente, homem, trinta anos. — Eu estava prestes a dizer o que queria quando a voz do técnico de emergência médica me interrompeu. Sua boca pairava em cima de um rádio comunicador preto em sua mão, passando a informação para a SE. — Um vizinho nos infromou que ele desmaiou, bateu a cabeça no chão e ficou inconsciente. Avaliação na chegada: acordado. O2Sat 100% E4V5M6CTX 101. Uma ferida aberta no lado esquerdo da testa...

*O vizinho disse que eu desmaiei? E que minha cabeça bateu no chão?* Franzi a testa.

— Suthep... — chamei pela segunda vez. — Quem chamou a ambulância?

Suthep balançou a cabeça. — Eu não sei, é preciso perguntar ao atendente. Só ouvi que foi um vizinho que estava com você na hora. Consegue se lembrar?

É claro que eu lembrava. Como não iria? Essa pessoa não era meu vizinho, era o assassino. — Quando chegou, você viu a pessoa que ligou?

— Não. Cheguei e vi você sozinho, embora isso seja um pouco estranho — Suthep, que era alguns anos mais velho que eu, disse com uma expressão cética no rosto. — Alguma coisa aconteceu?

Eu estava mais que agradecido por alguém ter notado algo estranho naquela situação. — Eu não desmaiei, fui agredido.

Suthep arregalou os olhos. — Isso é sério?!

Já que a distância entre o hospital e a minha casa não era muito longa, chegamos em minutos. O diálogo entre Suthep e eu foi interrompido quando a ambulância parou. Ele e a equipe de técnicos de emergência foram rápidos em abrir a porta e me descer da ambulância, ainda na maca.

O que aconteceu depois disso foi um caos completo. Fui rapidamente

empurrado para a Emergência. Um residente que estava de plantão correu até mim, com vários enfermeiros vindo atrás dele. Fechei meus olhos com uma tontura intensa.

— Professor Bunn! — O residente chamou meu nome. Tentei abrir meus olhos e olhar para ele. Uma das enfermeiras subiu minha manga, checando minha pressão arterial. — Professor, consegue me ouvir?

— Aham... — respondi suavemente.

Ele começou a me examinar dos pés à cabeça. Quando estava confiante de que não havia nenhuma ameaça fatal, ele se virou para me perguntar: — O que aconteceu?

Descansei minha mão em cima da cabeça, debatendo comigo mesmo se deveria ou não contar a verdade sobre o incidente. Entretanto, já que minha vida estava em perigo, decidi que o melhor seria se alguém soubesse que não foi apenas um acidente. A não ser o detalhe de que o invasor possivelmente era o assassino de Janejira. Eu guardaria essa informação para os policiais. — Alguém entrou na minha casa e bateu minha cabeça no chão até eu apagar...

Havia uma expressão de choque em seu rosto. — O enfermeiro disse que você tinha desmaiado e bateu a cabeça na queda. Não foi isso que aconteceu, certo? Professor, você se lembra do rosto da pessoa?

Neguei com a cabeça, fechando os olhos e lutando contra uma série de dores e náuseas. O residente apontou uma lanterna em minha íris mais uma vez, apenas para checar.

— Como se sente agora? Alguma dor de cabeça? Náusea? Visão embaçada?

— Dor de cabeça intensa... e náuseas também. Vomitei na ambulância várias vezes.

O residente assentiu. — Nesse caso precisamos de uma tomografia computadorizada. Eu vou marcar. Se o pessoal souber que é para você, com certeza o colocarão em primeiro na fila. Espere só um momento. — Depois disso, ele saiu apressadamente de perto de mim, indo para a estação de enfermagem. Meus olhos o seguiram. Por dentro, eu estava me sentindo mais ansioso por causa do invasor do que pelo corte na minha testa. Era provável que me diagnosticassem com traumatismo craniano, com risco de hemorragia intracerebral, por isso eu precisava de uma tomografia. Depois eu provavelmente teria que ficar no hospital para observação.

Eu deveria esperar o tratamento terminar. Depois que conseguisse descansar na enfermaria, eu iria atrás de suspender a linha do meu celular roubado e achar um jeito de entrar em contato com o Capitão Aem. Seria melhor falar diretamente com ele, porque o capitão provavelmente era a melhor pessoa

para entender essa situação.

*"E nem pense que você pode confiar na polícia."*

Essa declaração iria aparecer em minha mente sempre que eu pensasse na polícia, dando combustível à minha apreensão.



Eu estava em um quarto frio e silencioso. O único som era o de um ar-condicionado antigo instalado no teto. A ferida na minha testa já havia sido costurada e escondida embaixo da gaze. Havia também uma agulha, presa nas costas da minha mão, que se conectava ao acesso intravenoso e a um soro. Fui levado para uma sala especial no departamento cirúrgico do hospital depois que os exames da tomografia saíram. Felizmente, não havia sinal de hemorragia cerebral. Eu ficaria no hospital por menos tempo, se não houvesse nenhuma complicação. Eu fiquei grato por estar ali. O hospital era seguro. Com certeza ninguém me faria mal.

Eu ia apertar o botão para chamar algum enfermeiro para pedir um celular emprestado, como o planejado. Eu também tinha que usar a internet para achar informações de como suspender uma linha telefônica. Então me estiquei para pegar o cabo de ligação na cabeceira.

Meu dedo pairava em cima do botão quando uma batida na porta me interrompeu. Eu dei um pulo por causa do barulho alto e do forte som da batida. A porta se abriu para revelar um homem alto com um rosto familiarmente bonito.

— Pert? — Meus olhos se arregalaram. Assustado, olhei para o relógio na parede, era quase meia-noite. — Como você soube?

— Ei, como eu não saberia que meu melhor amigo estava hospitalizado? — Pert arrastou a cadeira da mesa de jantar para se sentar perto da minha cama. — Falei para a enfermeira lá fora que eu era seu parente.

— De verdade, como você soube que eu estava no hospital? — Olhei para Pert com um olhar penetrante.

— Bem, tentei te ligar. Queria te convidar para apreciar uma taça de vinho no restaurante recém inaugurado de um amigo meu. Caramba, foi um convite improvisado às onze da noite, ok? Por isso não te disse antes. Tentei te ligar seis vezes, mas você não atendia, então fiquei preocupado e dirigi até sua casa. Encontrei um guarda de bike passando e ele disse que a ambulância já

tinha te levado. Fiquei chocado! Por isso estou aqui. — Pert estendeu o braço para tirar uma mecha de cabelo da minha testa, perto da ferida. Parei por um momento. — O que aconteceu? Por favor, conte para mim.

Era minha chance. Se eu contasse ao Pert o que aconteceu, ele com certeza seria capaz de me ajudar. Se o suspeito realmente fosse alguém de dentro do departamento da polícia, ele não saberia que pedi ajuda em outro lugar. Pert era a pessoa em quem eu mais confiava no momento.

— Presumo que você deve ter ouvido a notícia sobre a mulher que se enforcou em um condomínio hoje? — Comecei com uma pergunta.

— Aham, fui informado. Vi as notícias na internet. Foi você que fez a autópsia, né? — Pert pegou seu celular, checando algo na tela. — O capitão disse que ela se suicidou depois de uma briga com o namorado. Depressão severa, além da nota de suicídio. O que mais, Bunn?

— O que diz a notícia? — Rapidamente peguei o telefone de Pert. Na tela, o título da matéria no site dizia: “Professora com depressão é encontrada enforcada em seu condomínio. Possível causa é depressão após término”. Na matéria, havia fotos do corpo de Janejira enrolado em um pano branco, sendo levado para a ambulância.

Deslizei pelo conteúdo da notícia até chegar na última frase: “[...] os socorristas levaram o corpo para o hospital provincial para determinar a causa da morte”.

A notícia não mencionou minha suspeita de que Janejira fora assassinada. O Capitão Aem tinha me ligado à tarde para saber sobre o resultado da autópsia e eu disse para ele o que eu havia encontrado. O capitão disse que não falou para nenhum repórter sobre minhas suspeitas, o que poderia fazer com que o assassino tivesse confiança de que sua encenação foi um sucesso e, consequentemente, talvez nos ajudasse a prender o assassino mais facilmente.

— O que aconteceu foi... — Respirei fundo e contei para Pert o que aconteceu. Seu olhar atento gradualmente se transformou em um de choque. Quando cheguei na parte em que o invasor me nocauteou, fazendo-me perder a consciência, o promotor xingou com raiva.

— Puta merda! Você tá ferrado, Bunn. — Pert rapidamente colocou a mão no bolso tirando algo e entregando para mim. Era um telefone branco, de uma versão mais antiga que a do que ele havia me dado para ler as notícias anteriormente. Confuso, eu o peguei. — Aqui, fique com isso. Caso algo urgente aconteça, ligue para mim ou para a polícia. O número do Capitão Ithipol também está aí.

Isso era o que eu queria. — Você anda por aí com dois celulares?

— Aham, é só um reserva para ligar para mulheres. Não preciso dele

realmente. — Pert deixou um riso escapar como se estivesse tentando aliviar a tensão do quarto. Suspirei suavemente.

— Você acha que eu devo ligar para o capitão? Será que o assassino não vai saber? Ele pode mesmo ser alguém lá de dentro. — Admito que no momento eu estava aterrorizado.

Pert tinha um olhar pensativo. — Tudo bem, que tal assim, você não tem que fazer nada agora, apenas fique quieto. Escreva o relatório apropriadamente. Vou achar um jeito de falar com a polícia. Tenho muitos conhecidos dentro e fora de lá que devem ser capazes de achar alguma coisa. Enquanto isso, vou enviar meu subordinado para ser seu guarda-costas. — Nunca vi Pert soar tão sério, a não ser quando estava trabalhando. Ele esticou a mão e a colocou no meu ombro. — Relaxa, não vou deixar ninguém machucar você.

— Desculpa te incomodar. — Senti que o peso do mundo foi tirado de cima de mim. Não tem nada mais mágico do que ter um senso de segurança na vida.

Pert assentiu antes de se levantar. — Ei, isso é um caso de vida ou morte. Não posso ficar apenas olhando e não fazer nada. Se algo acontecer, ligue para mim, Bunn. Entendeu? Agora, vou encontrar alguém para ficar de olho em você.

— Uhum, muito obrigado. — Realmente apreciei aquilo. Depois que toda a situação terminasse, eu teria que pagar uma refeição para ele, uma bem grande, sem dúvida.

Logo depois que Pert saiu, uma jovem enfermeira entrou para checar minha temperatura e pressão arterial. Pedi que ela desligasse as luzes quando saísse. Naquele momento, apenas um flash de luz entrava no quarto pelo painel de vidro da porta, permitindo que eu visse os objetos ali dentro. Consegui suspender a linha do meu celular roubado. Depois, deitei-me, segurando firmemente o celular de Pert, fechei os olhos e tentei dormir. Minha dor de cabeça havia melhorado, mas eu ainda não me sentia bem. Mesmo assim, eu estava certo de que a noite seria calma.

Algum tempo indeterminado havia passado quando acordei com um sobressalto no meio do escuro. A luz fraca de fora me permitia ver o relógio na parede. Eram duas e quarenta e cinco da manhã. A dor de cabeça diminuiu significativamente, quase sumindo por completo. Levantei-me lentamente para sentar, sentindo-me sonolento, e quase não consegui manter o equilíbrio.

Um pedaço de papel caiu do meu peito no colo...

Meu coração disparou erraticamente...

*O que é isso?*

Minhas mãos estavam frias e tremendo quando peguei o papel dobrado ao meio. Eu o desdobrei devagar. Havia lindas letras grafadas dentro, as mesmas que ainda estavam frescas na minha memória, as que eu tinha visto recentemente.

“Eu falei para não dizer a ninguém. Você não gosta quando sou legal? Parece que tenho que te ensinar uma lição. Diga adeus ao Sr. Promotor.”

*Ah Não...* Meu coração quase parou, tomado por uma onda de terror. Olhei meticulosamente ao redor até que meus olhos pararam na silhueta de um homem ainda sentado no sofá. A única coisa na qual eu podia pensar era em como eu poderia sair correndo e gritar por ajuda. Tentei me levantar, mas senti algo muito estranho em mim. Toda a minha força tinha evaporado, e apenas um estado de sonolência permanecia. Eu não conseguia sair da cama apesar dos meus esforços.

A sombra se levantou e se aproximou de mim. Tentei me virar para alcançar o botão de emergência e chamar os enfermeiros, mas a sombra foi mais rápida e facilmente me segurou pelos ombros, fazendo com que eu me deitasse como antes. Apesar de ter tentado gritar com toda a força, uma mão grande vestida com uma luva de couro cobriu minha boca rapidamente.

— Se você não quer morrer, fique parado — ordenou a pessoa na minha frente com uma voz resoluta. Não pude impedir meu corpo de congelar com o terror. Provavelmente era a mesma pessoa que invadiu minha casa. Eu conseguia lembrar da voz e do jeito como ela escondia seu rosto.

*Como eu poderia me sentir tão sonolento em uma situação como essa?*

Meus olhos se voltaram para o soro na cabeceira da cama e minha respiração acelerou.

*Não me diga que...*

— Só para você saber, eu não queria fazer isso, mas você causou isso a si mesmo. — Ele alcançou o acesso, ajustando-o e girando-o habilmente. Tentei me livrar da mão que cobria a minha boca, mas não tive sucesso. Depois de ajustar o acesso, o invasor tirou algo do bolso do peito de sua roupa. Era uma seringa de 5ml com um líquido claro dentro. Ele moveu sua mão e prendeu meu braço esquerdo, o mesmo que tinha o cateter do acesso conectado ao meu antebraço. Apesar do meu esforço, não consegui impedir que ele administrasse a injeção bem na minha veia.

Quando percebi, minhas pálpebras estavam ficando tão pesadas quanto chumbo. Seria isso um sedativo? Diazepam? Midazolam? Minha consciência estava perdendo para o efeito da droga que invadia meu sistema, sem permissão.

— Você tem um segredo que ninguém sabe, — A voz do homem parecia um eco distante. — Mas eu sei, e vou usá-lo contra você.

# CAPÍTULO 4

**Eu entrei na sala de aula com um sorriso vitorioso.** Os alunos que estavam lá se viraram para me olhar em choque. Andei em ziguezague, parando em uma mesa perto da janela, e sentei-me, cruzando as pernas e olhando para o lado de fora. Inalei o ar fresco para dentro dos meus pulmões.

— Bunn! — Whinn, meu colega, deslizou em minha mesa, com sua voz alta ressoando para fora. — Caralho, Bunn! Você é demais!

Virei-me e mexi minhas sobrancelhas para o meu colega de quarto. — Do que você tá falando, Whinn?

Naquele ponto, Whinn não era a única pessoa em torno da minha mesa. Sonn, Poon, Thid e a gangue dos garotos, todos se reuniram com seus gritos altos e assobios.

— Como você fez isso?!

— Se não me engano, você não foi jogar futebol comigo antes da prova?

— Quando você teve tempo de se enterrar nos livros?

Levantei minha mão, sinalizando para que todos parassem de falar. — Ei, todos vocês, acalmem-se. Obrigado pelas palavras gentis. Estou emocionado, sério.

E então eles voltaram a gritar animadamente até que a Senhorita Phannee, nossa professora regente, entrou. Meus amigos rapidamente se dispersaram voltando para seus respectivos lugares antes que ela ficasse brava.

— Levantem-se todos! — Narmfon, nossa linda representante de sala, anunciou. Todos juntaram as palmas das mãos, fazendo o wai para a professora. Com isso, a Srta. Phannee assentiu em reconhecimento.

— Olá alunos. Antes de tudo, eu gostaria de parabenizar os alunos que passaram no vestibular. Vocês foram brilhantes. — Seu olhar severo cintilou para mim. — Especialmente você, Sr. Bunnakit. Parabéns, você foi o único aluno desse ano aceito no curso de medicina.

Apesar do elogio relutante da Sra. Phannee, sorri desafiadoramente. Veja, eu e a Sra. Phannee éramos próximos, porque ela estava sempre me repreendendo na Sala de Disciplina. Eu era um estudante bastante indisciplinado, matando aula constantemente e usando uniforme de maneira inadequada, sem falar que eu costumava me envolver em brigas com alunos das outras escolas da região.

Entretanto, apesar de todos esses defeitos, ninguém podia negar minha excelente competência acadêmica. Eu gostava de estudar. Eu ficava animado toda vez que encontrava equações físicas difíceis e complexas. Meu coração desabrochava de alegria sempre que eu era o primeiro a resolver um cálculo. Minhas notas finais poderiam não parecer as melhores devido a inúmeros descontos das minhas pontuações de aptidão, mas sempre fui um dos melhores alunos da minha classe, por isso eu ainda conseguia manter minha cabeça erguida naquela pequena escola particular sem ser expulso.

Eu tinha que agir assim para que ninguém desconfiasse. Minha indisciplina me fazia parecer um tanto quanto formidável. Eu precisava agir como se fosse o líder de uma gangue de bandidos para que ninguém ousasse invadir minha vida pessoal.

Depois da escola, corri escada abaixo com minha bolsa nas costas. Eu tinha que voltar para casa e celebrar esse sucesso com os meus pais. O fato de eu ter sido aceito no curso de medicina os deixaria tão chocados quanto orgulhosos. *Pensem nisso como uma desculpa por toda a minha indisciplina no passado, mãe, pai*.



— Bunn! — O som de alguém me chamando me fez parar, mas não me virei para olhar. Passos podiam ser ouvidos correndo até mim. Uma mão agarrou meu punho.

Olhei para a pessoa pelo canto do olho. — O quê?

— Bunn, me desculpa. — Ele apertou mais meu pulso. Empurrei sua mão para longe de mim e dei um suspiro cansado. Felizmente, no momento não havia ninguém passando na rua.

Seu nome era Tarr, meu colega de escola do sexto ano, que estava em outra turma. Olhei friamente para seu rosto bonito.

— Acabou, Tarr — eu disse com a mesma expressão. — Não tem nada do que se desculpar.

— Mas não quero que acabe. Eu fui um idiota e, agora que sei disso, vou ajeitar as coisas. Vou dizer para todos que foi apenas uma brincadeira.

— Não vai fazer com que eu me sinta melhor. — Virei-me completamente para Tarr, com minhas mãos no bolso. Inclinei a cabeça para olhar o meu ex-namorado com a expressão calma. — Faça o que quiser fazer. Vá

e grite para a escola inteira que eu sou gay! Não ligo. Assim que eu for para a faculdade, vou estar em outro ambiente. Eu não ligo!

Tarr abaixou a cabeça, apertando suas mãos. — Você não acha que terminar comigo só porque contei a alguém sobre nós é um pouco demais? Eu só não quero esconder isso de ninguém.

— Embora você tenha dito que quer fazer a coisa certa, corrigindo o seu erro, antes você queria contar a todos sobre nós... Qual é o problema? Não sente mais vontade de contar? — Aproximei meu rosto do dele. — Acabou, Tarr.

Sempre estive tentando esconder minha orientação sexual. Tarr e eu namorávamos desde o quinto ano. Antes disso, eu apenas o via como um colega de classe, mas Tarr estava interessado em mim. Ele tentava se aproximar de mim desde a primeira vez em que nos vimos. Ele foi o único garoto que teve coragem de me chamar para sair. Fiquei admirado com sua coragem, então estávamos em um relacionamento secreto já fazia alguns meses até três dias atrás. Não sei o que deu nele para fazer isso, mas Tarr contou sobre nós para seus colegas de classe, e eles vieram me perguntar se era verdade.

O estranho é que eu não fiquei com raiva. Pelo contrário, fiquei feliz por ter um motivo para terminar com ele, pois eu não o amava. E, para ser sincero, eu nunca amei ninguém.

Eu podia sentir a raiva irradiando da pessoa em minha frente. — Não pense que você vai poder esconder isso de todos na Faculdade de Medicina. Você pode esconder qualquer outra coisa, mas não isso — Tarr disse em um tom forte.

Suspirei alto. — Não importa. Não tem nada a ver com a gente. — Sem prestar mais atenção nele, virei-me e saí andando. Eu sabia que havia magoado ele, porém um garoto com um rosto tão bonito quanto o dele não teria dificuldades em encontrar outra pessoa. Logo teríamos uma festa de formatura onde todos abririam suas asas e voariam alto, longe do ensino médio, para outro nível de desafio. Decidi que eu criaria uma nova identidade para mim depois que eu fosse para a faculdade. Bunnakit, o garoto rebelde, desapareceria e o Bunnakit que gosta de homens iria gostar de mulheres.

*Por quê?* Você pode se perguntar.

Bem, a sociedade tende a aceitar melhor esse tipo de relacionamento. É por isso.

Cheguei a um ponto de ônibus próximo à grade da minha escola e sentei em um banco ao lado de um garoto de uniforme escolar. Pelo que pude notar, ele devia ser do fundamental. Olhei para ele por um momento antes de meus olhos vagarem sem rumo pelos veículos nas ruas da metrópole, relembrando minha vida passada. Antes de me mudar para essa escola, eu estudava em uma escola

de prestígio. Tive um relacionamento público, que se revelou catastrófico, com um veterano. Apesar do meu desempenho acadêmico, eu não suportava ser condenado, discriminado e intimidado por outros colegas de classe. Então, quando terminei o fundamental, saí dessa escola de prestígio para uma pequena escola particular.

E por quê? Porque sou gay. Mesmo namorando homens, escolhi namorar um de cada vez. Mas ainda assim a sociedade me julgava com um nojo desenfreado enquanto, por outro lado, estava sempre enaltecendo homens como Pert, um mulherengo, ou outros valentões.

A sociedade me tornou esse tipo de pessoa que esconde sua verdadeira identidade encolhida dentro de uma concha sólida. Tudo que está na superfície não é real. E tem sido assim desde que me formei como médico forense.

Minha identidade se tornou um segredo que enterrei lá no fundo, tão fundo que às vezes nem eu mesmo conseguia encontrar. Com toda essa perda de identidade, esqueci quem realmente sou.

— Dr. Bunn! Dr. Bunn! — Alguém chamou meu nome de maneira assustada. Acordei com um pulo e arregalei os meus olhos, mas uma luz forte que brilhava no meu rosto me fez fechá-los imediatamente. Gemi, levantando a mão para cobri-los.

— Dr. Bunn, você está acordado? — Pude ouvir um tom de alívio.

Forcei-me a abrir os olhos e deixar a luz entrar. Era a luz do teto do quarto. Uma enfermeira deve ter ligado quando veio checar meu pulso. Confuso, pisquei várias vezes, olhando para a enfermeira que segurava um aparelho de pressão. — Q-que horas são? — perguntei.

— São quatro da manhã, doutor — ela respondeu. — Vim medir sua pressão e vi que estava dormindo como uma pedra. Tive que te chamar bem alto. Achei que seus pontos na escala tivessem caído. Desculpe se te assustei.

— Tudo bem. — Pousei minha mão na cabeça, sentido que havia esquecido alguma coisa.

De repente a silhueta de um homem de moletom surgiu na minha mente. É isso. O invasor havia entrado no meu quarto. Detalhes posteriores estavam ficando nebulosos, como se estivessem encobertos por uma forte névoa. Virei-me para olhar a garrafa de soro e o cateter no meu braço esquerdo.

*Ou foi apenas um sonho?*

— Alguém entrou no meu quarto ontem à noite? — perguntei para a enfermeira.

— Hum... não vi ninguém. Só seu parente, um cara alto e bonito que veio perguntar qual era o seu quarto.

Ela deve estar falando do Pert. Ele comentou que era meu parente para

que fosse permitido me visitar.

— E depois disso?

— **Eu não vi ninguém entrar na ala. Tem algo errado?** — Ela colocou um termômetro embaixo do meu braço.

Soltei um longo suspiro de alívio. Ter pesadelos após experienciar algum tipo de situação traumática não era algo estranho. De qualquer jeito, o assassino não seria capaz de vir até aqui. O movimento de dedos ágeis ajustando o acesso e o hábil manuseio da injeção provavelmente se originaram do meu conhecimento misturado com o sonho. O termômetro apitou e a enfermeira o pegou para ver minha temperatura.

— Sem febre. Por favor descanse mais. O Dr. Surasak deve vir aqui às oito horas para o primeiro plantão.

— Certo. — Fechei minhas pálpebras pesadas. O Dr. Surasak, um cirurgião, era meu colega. Nós até que éramos próximos.

Pedi que a enfermeira deixasse a luz acesa até de manhã. Depois que ela saiu, tateei a cama procurando o celular de Pert que estava ao meu lado. Destravei-o, olhando a tela em silêncio, e senti uma sensação de aconchego no meu peito, acalmando minha mente. Embora eu não gostasse muito do Pert na época de escola, agora era bom tê-lo por perto. Nos tornamos bons amigos, ajudando um ao outro. Se não fosse pelo fato de que ele gosta de mulheres, eu teria me apaixonado por ele.

Balancei a cabeça para banir esse pensamento. *Não, Bunnakit, você não pode*. Com a minha carreira, a minha reputação, as expectativas da minha família e a sociedade cruel, eu não poderia me deixar ter sentimentos por um homem. Minha felicidade não era essencial. Esse segredo deveria permanecer como um segredo para sempre.



Surasak e um residente vieram até minha cama exatamente às oito horas. Ele me deu alta do hospital, já que não havia traços de hemorragia cerebral e, no geral, minha condição havia melhorado bastante. Ele me aconselhou a tirar alguns dias de folga para descansar. Depois que ele saiu do quarto, a primeira coisa que fiz foi ligar para Pert, pois eu precisava de uma indicação de um lugar temporário para ficar. Esse celular tinha seu outro número salvo como “Pert aparelho Nº1”.

O celular tocou por vários minutos antes de cair da caixa postal. Liguei mais uma vez. Sem resposta novamente.

Uma sensação de apreensão gradualmente se intensificou dentro de mim. Talvez Pert estivesse indo ao trabalho, dirigindo.

Eu estava prestes a ligar para ele pela terceira vez quando a porta foi aberta abruptamente. Era Fai. A pequena médica ziguezagueou até minha cama com um olhar de choque em seu rosto.

— Bunn! — Parecia que ela estava prestes a chorar. — O que aconteceu? Como você está se sentindo?

Desliguei o celular e virei-me para ela, dando-lhe um pequeno sorriso. — Estou me sentindo bem melhor.

— Eu fiquei tão chocada! Ouvi a notícia esta manhã. O registro diz que você foi agredido, é verdade? Já falou com a polícia? — Fai me bombardeou com perguntas. Estiquei-me para segurar suas mãos finas tentando acalmá-la. Ela olhou para minhas mãos e um leve rubor apareceu em suas bochechas suaves e claras, típicas de uma mulher do Norte.

— Vou resolver isso depois que tiver alta do hospital. Não se preocupe, Fai, você sabe que tenho vários amigos policiais, né?

Fai assentiu. — Por favor, diga se houver algo em que posso ajudar.

Pensei... e eu precisava de uma ajuda, sim. — Fai, você pode chamar alguém para me levar para casa?



Já era meio-dia e eu ainda não tinha conseguido entrar em contato com Pert. Tentei ligar para ele mais uma vez antes de colocar uma mala grande no porta-malas do meu carro e fechá-lo com um baque. Decidi ficar temporariamente em um hotel, por motivos de segurança. Àquela altura eu não poderia voltar para casa, pelo menos até que o assassino fosse preso.

Fai pediu que Suthep, o enfermeiro da SE, me levasse até minha casa. Felizmente, Suthep estava saindo do seu plantão noturno e esperou para me levar. A primeira coisa que fiz quando cheguei em casa foi tomar um banho e me arrumar. Depois juntei todas as coisas necessárias e coloquei na mala. Liguei para o hotel da cidade para reservar um quarto, peguei meu carro e dirigi para longe de casa.

Assim que abri a porta do único hotel luxuoso da cidade, senti o cheiro

suave de um aroma doce. Coloquei a mala em uma mesa em frente ao banheiro, fui em direção à cama e, cansado, joguei-me nela pesadamente. A ferida na minha testa ainda estava dolorida, mas a náusea havia passado. Peguei o celular branco e mais uma vez tentei ligar para Pert. Se ele, por acaso, já tivesse falado com a polícia, eu não precisaria me preocupar tanto. Eu me manteria discreto e continuaria trabalhando normalmente até o caso ser fechado e o assassino preso.

[O número que você ligou está temporariamente incapacitado de receber ligações...]

Franzi a testa. Talvez ele estivesse no tribunal. Eu deveria tentar contato depois do seu horário de trabalho.

Peguei o elevador para ir até o térreo do hotel, com a intenção de ir até a loja de conveniência do outro lado da rua. Andei pelo espaçoso e bonito *lobby* do hotel, onde havia algumas pessoas, que pareciam ser turistas, sentadas.

— Sequestrar alguém pode ser tão fácil nos dias de hoje. — Passei por dois funcionários que conversavam. A intenção era não ligar para aquilo até que ouvi a resposta do outro funcionário.

— Sim! E é de um promotor que estamos falando. Nossa província não parece ser tão segura para se viver.

*Como é?*

Aquilo me fez parar na hora. Virei-me para olhar os dois homens que estavam conversando atrás do balcão e fui rapidamente na direção deles. Em um movimento rápido, eles se afastaram e se viraram para mim com sorrisos amigáveis.

— O que podemos fazer pelo senhor?

— Do que estavam falando antes? — perguntei, apreensivo. Eles me olharam com choque.

— Hum... bem, nós estávamos falando sobre a notícia que vimos na internet, senhor.

— Que notícia? — Acidentalmente levantei a voz.

— A de que um promotor foi sequestrado, senhor. Aconteceu na nossa província. Apareceu no meu feed de notícia menos de uma hora atrás. Aparentemente encontraram o carro dele com a porta aberta no acostamento perto da estrada de desvio, só que não havia sinal do motorista.



A brisa fresca soprava na sacada do quarto andar do hotel. O céu estava azul sem nenhum sinal de nuvens brancas. Com a cabeça abaixada, parado,

descansando meus braços sobre o parapeito, senti um dilúvio de emoções me inundando de uma vez só, mais do que eu poderia suportar. Agarrei o telefone de Pert, que exibia uma página de notícias.

“Promotor sequestrado misteriosamente. Possibilidade de problemas de negócios.”

A notícia dizia especificamente que o “Promotor Songsak”, o nome de Pert, havia desaparecido. Seu carro foi encontrado no acostamento pela manhã. Ninguém notou nada fora do usual em um carro parado, até verem que era do Promotor Songsak. Ele não apareceu no tribunal e ninguém tinha visto ele o dia todo. Não consegui acreditar nos meus próprios olhos quando vi a notícia. Com certeza não tinha nada a ver com negócios. Se eu estivesse certo, eu era a razão de seu desaparecimento. É bem possível que o invasor soubesse que contei o que aconteceu ao Pert. Talvez Pert tenha feito algo que chamou sua atenção, então ele fez exatamente o que havia ameaçado fazer.

*Então ontem não foi só um sonho?!*

Dei um grunhido de indignação.

Eu me sentia sufocado. Eu queria explodir e morrer ali mesmo. Eu deveria mesmo desistir? Deveria fazer o que o assassino mandou antes que mais alguém se machucasse?

Ou deveria eu mesmo chamar a polícia?

Mas neste momento, lá no fundo, eu não conseguia confiar em ninguém. O assassino parecia ser alguém que tinha olhos e ouvidos em todo lugar, talvez fosse alguém de dentro ou que tem conhecidos na polícia. Poderia ser um dos subordinados do Capitão Aem? Quem sabe um dos investigadores? Ou até mesmo o próprio capitão?

Um véu de escuridão tomou conta de mim, envolvendo-me de todas as direções. Eu não conseguia decidir o que fazer. Eu estava sendo forçado a andar como uma peça de xadrez em um tabuleiro que ele havia projetado. Eu precisava forjar um relatório de autópsia que reconhecesse a causa da morte de Janejira como suicídio e o meu relatório anterior como uma interpretação equivocada. Externamente, a evidência que sugere que Janejira foi assassinada não estava clara, mas, depois de abri-la... esse nível de dano no músculo de seu pescoço não tinha como ter sido resultado de um suicídio. Eu poderia até alterar o relatório *post mortem*, mas as fotos tiradas durante a dissecação são indiscutíveis. É evidente que, se forjasse o relatório, eu teria problemas mais tarde.

Eu precisava ganhar mais tempo. Àquela altura o processo da autópsia não tinha acabado ainda. Os resultados de laboratórios precisavam ser analisados, como os testes químicos, de drogas no sangue, de urina e do sangue que foi encontrado embaixo das unhas de Janejira. Era uma pena o assassino não

ter deixado nenhum traço de evidência no corpo, nem mesmo um fio de cabelo.

Então decidi que eu deveria fazer algo. Sempre confiei nos meus instintos, e naquele momento não seria diferente. Eu começaria com o principal suspeito e encontraria evidências concretas para incriminar essa pessoa antes que ela machucasse a mim ou a quem eu amo.



Eu estava parado em frente a um prédio comercial localizado em uma área movimentada no centro da cidade. Havia uma placa grande de vinil estampada na varanda de dois edifícios comerciais, com os dizeres: "Cursinho do professor Tann: tutoria intensiva de matemática, física, química e biologia para admissões em escolas de segundo grau e universidades".

Eram quase seis horas da noite. Eu via adolescentes em uniformes escolares e roupas casuais saindo do prédio, jogando conversa fora. Peguei o celular para ter certeza de que estava no lugar correto antes de entrar.

**Professor Tann, ou Sr. Weerapong Yodsungnern**, vinte e seis anos, havia se graduado em Bioquímica (Primeiro da Sala, com honra), na Faculdade de Ciências, a mais famosa do Norte. Ele abriu um cursinho um ano atrás. A informação não foi difícil de achar, eu apenas abri o feed de notícias sobre a morte de Janejira, copiando "Weerapong", o nome do ex-namorado da vítima que achou o corpo, e coloquei no Google, encontrando facilmente informações sobre ele. Aparentemente ele tinha uma vida bem agitada na página do Facebook: "Cursinho do Professor Tann", na qual havia um mapa indicando seu endereço. E então... ali estava eu.

O térreo do prédio era usado como uma sala de espera, onde os alunos podiam aguardar o início das aulas ou a chegada de seus pais. Ocorreu-me que o lugar era muito grande para que Tann o administrasse sozinho. Fui direto para uma sala pequena separada por uma porta de vidro, com uma placa verde dizendo: "Informações".

— Posso ajudar? — Assim que abri a porta, uma voz doce me cumprimentou com o dialeto local. Olhei para a dona da voz que estava sentada atrás de uma mesa com uma pilha de papéis.

— Hum... — Eu precisava que isso fosse convincente. — Eu gostaria de mais informações sobre os cursos para a minha sobrinha.

— Ah, claro! Em quais cursos sua sobrinha está interessada?

— Quais são as matérias que o professor Tann ensina?

— Biologia e química. — Ela sorriu gentilmente para mim.

— Se eu quiser vê-lo, onde posso encontrá-lo?

Seu sorriso deu uma leve diminuída. — O professor Tann está dando aula neste momento. Provavelmente vai terminar lá pelas sete da noite.

Sua namorada tinha acabado de morrer e ele ainda conseguia dar aulas. Isso me fez suspeitar ainda mais. — Obrigado. Por favor, diga que alguém quer falar com ele. Vou esperar lá na frente. — Saí da sala e fui sentar em um banco ocupado por alguns estudantes.

Olhei para o celular de Pert em minha mão, com meu coração na boca, só de pensar que meu melhor amigo poderia estar morto. Eu sabia que fazer aquilo era arriscado. Não tinha nenhuma arma comigo, mas usaria o lugar que estava cheio e barulhento em minha vantagem, como um escudo para me proteger. Queria ver o rosto, o porte físico e ouvir a voz dessa pessoa que se chamava Tann. Se ele fosse realmente o assassino, minha aparição seria uma declaração de que eu não iria ficar apenas olhando sem fazer nada enquanto ele jogava comigo. Eu o colocaria na cadeia e resgataria Pert.

O tempo passou devagar. Olhei para os estudantes que um por um se levantavam e iam embora do prédio até que sobrasse apenas eu e uma garota, que estava jogando no celular em um canto da sala. O relógio de parede marcava sete da noite. Eu conseguia ouvir uma comoção no andar de cima, um fluxo de conversa trivial que ficou gradualmente mais alto. A aula do professor Tann devia ter terminado. Levantei-me e encarei a escada.

E então eu o vi. Descendo atrás dos estudantes vinha um homem alto, vestido com uma camiseta preta e calças jeans. Ele estava falando e fazendo gestos para explicar algo para uma garota que andava ao seu lado. Quando chegaram ao último degrau, a garota fez o wai, despedindo-se. Ele aceitou com um sorriso antes de ir diretamente para a mesma sala da porta de vidro que entrei antes.

Eu estava pronto. Coloquei minhas mãos no bolsoe olhei para a sala com antecipação.

O professor Tann saiu da sala e olhou ao redor, como se procurasse por alguém. Então, seus olhos pararam sobre mim. Não pude deixar de notar seu olhar de choque naquele momento.

*Não há nenhuma razão para você se assustar.* O canto da minha boca deu uma leve subida. *Acho que vim ao lugar certo.*

Ele andou em minha direção. Despreocupado, dei um passo para trás, analisando-o. Com sua altura e forma, Tann poderia ser um assassino, junto com sua personalidade e seu rosto bonito, que lhe davam a imagem de uma pessoa

formidável e atrativa até certo ponto. Ele tinha aquele perfil de um bom professor.

— Quer falar comigo, senhor? — E então ouvi sua voz.

Tann tinha uma voz grave, mas poderosa. Era cativante e atraia a atenção de quem a escutava, fazendo com que as pessoas focassem em suas palavras. Deixei-a entrar na minha mente, comparando-a com a do invasor.

*Difícil de dizer...*

A voz do agressor na minha memória era de um tom grave, semelhante ao de Tann, mas por causa da máscara de tecido cada sílaba ficava abafada de forma anormal. No momento, tudo que eu podia concluir era que a voz dele era similar à do invasor. A incerteza se dava ao fato de que era difícil lembrar da voz de um estranho, especialmente durante uma situação terrível que resultou em um ferimento na cabeça. Era quase um milagre que eu ainda conseguisse lembrar o que aconteceu.

— Senhor? — Tann me chamou, depois que fiquei em silêncio.

Depois que me recompus e olhei para o homem um pouco mais jovem, porém um tanto mais alto. — Professor Tann, certo?

— Sim, sou eu — respondeu Tann. Vi ele dando uma olhada para a gaze na minha testa e rapidamente desviando o olhar para baixo.

— Eu tenho uma pergunta sobre o curso... — Mantive o disfarce por motivos sutis, mas o tempo todo estava examinando o comportamento do homem à minha frente. Qualquer coisa que parecesse suspeito não escaparia dos olhos afiados de um patologista forense como eu. — Minha sobrinha gostaria de ir para a Faculdade de Medicina. Eu queria saber mais detalhes sobre o curso de biologia, quando são suas aulas e que conteúdo é passado.

Notei uma coisa no lado esquerdo da cabeça de Tann. Apesar de estar escondido por alguns fios escuros de cabelo, pude ver um pequeno band-aid translúcido e à prova d’água cobrindo sua têmpora esquerda. Embaixo, uma pequena partícula de sangue estava visível. A área ao redor da ferida tinha um hematoma vermelho-escuro, com um contorno circular, de três centímetros de diâmetro, que, entretanto, não era nítido. Era o tipo de hematoma causado por um objeto pontudo. Devia ter acontecido nas últimas vinte e quatro horas, visto que o hematoma parecia relativamente novo.

Depois da análise, meus olhos passaram pelo corpo de Tann da cabeça aos pés, procurando a possível causa do hematoma em sua testa. Eu estava procurando por mais machucados em seu corpo. Se ele tivesse pequenos cortes em seus braços, era provável que a causa fosse um acidente de carro. Por outro lado, se algum machucado aparecesse em alguma parte essencial do seu corpo, como cabeça, era mais provável que fosse uma agressão que uma colisão. Pelo

que pude ver da pele que estava visível fora da sua roupa, não havia nenhuma outra ferida em seu corpo.

A suspeita rapidamente cresceu em minha mente. Eu não conseguia lembrar se o invasor tinha algum hematoma na testa.

— Eu ensino biologia nas segundas, quartas, sextas e finais de semana, durante a tarde. O conteúdo consiste em biologia do ensino médio. Eu foco nos conteúdos obrigatórios que mais caem nas provas, mas se sua sobrinha quer entrar na Faculdade de Medicina, posso organizar uma aula especial para ela, focando em exames de cotas e no COTMES. — Tann levantou o braço e olhou para o relógio em seu pulso, como se estivesse com pressa para ir a algum lugar. — Se estiver interessado pode falar com Pim, a moça naquela sala. — Ele apontou para a mesma sala com a porta de vidro de antes.

— Obrigado — falei, ainda com meus olhos persistentemente fixos em seu rosto. Se ele fosse mesmo o assassino, suas habilidades de atuação eram muito boas.

— Agora, se me der licença, preciso ir. — Tann fez uma curta reverência e saiu. Virei-me com meus olhos ainda seguindo sua silhueta alta, que parou de repente. Ele se voltou para mim novamente e um medo surgiu em meu peito.

— Você é... — Tann começou a falar — um policial, certo? — Nunca fiquei tão confuso na minha vida como nesse momento. — Te vi na cena com uma jaqueta que dizia “FORENSE”. Você é um detetive? — Tann veio para mais perto de mim e entregou-me um papel. — Aqui, esse é o meu cartão. Por favor, ligue para mim. Quero saber se Jane realmente se matou.

Essa podia ser a razão de ele ter ficado tão chocado ao me ver. Foi a primeira vez que vi tristeza em seu rosto. Fiquei boquiaberto, sem saber o que responder. Parecia que tudo tinha virado uma bagunça emaranhada impossível de ser resolvida. Aceitei seu cartão.

— Mais cedo a polícia me ligou pedindo que eu fosse à delegacia. Os policiais perguntaram onde eu estava na noite anterior à que Jane foi encontrada. Felizmente, naquela noite eu estava no casamento de um amigo, cuja comemoração durou bastante tempo. Tenho testemunhas que podem confirmar que estive com meus amigos a noite toda. Se não fosse por isso, eu com certeza seria o suspeito número um. — Tann suspirou. — Vocês acham que Jane foi assassinada?

Eu não disse nada. As engrenagens estavam rodando loucamente no meu cérebro para processar tudo. O que exatamente estava acontecendo?

— É um segredo, não é? — disse Tann, com uma expressão incerta. — Se puder me dizer alguma coisa... você pode, por favor, me ligar? Ou, se precisar

de algo, eu ficarei feliz em ajudar com qualquer coisa. Agora, se me der licença, tenho algumas coisas para fazer.

Fiquei segurando o cartão com o nome de Tann escrito mesmo depois que o dono dele já havia saído do prédio. Eu sentia que tinha chegado no final de um labirinto só para descobrir que ele era sem saída. Eu tinha ido ao lugar errado? Fechei os olhos, tentando focar. Agora tudo parecia pedaços de um quebra-cabeça que haviam sido colocados no lugar errado, espalhando-se em todas as direções. A peça que eu estava tentando encontrar era a do canto do quebra-cabeça, a mais adequada, um ponto de partida para montar as próximas. Mas eu ainda não tinha a encontrado. Eu não estava nem perto.

Porém eu ainda desconfiava de Tann. Se ele era o assassino, com certeza sabia quem eu sou e, se esse fosse o caso, ele estaria fingindo não me conhecer. Eu deveria segui-lo, ver aonde ele planejava ir com tanta pressa. Talvez eu encontrasse algo que pudesse ser usado como prova para condená-lo ou descobrisse que ele estava tentando fugir, o que também seria outra prova promissora para apoiar a minha suposição.

Com isso em mente, não perdi tempo e saí do prédio. Como a luz do sol do fim de tarde tinha quase desaparecido, o ar do lado de fora estava mais frio. Olhei da esquerda para a direita, procurando o meu alvo. Tann caminhava em direção a um carro preto estacionado a uma curta distância do portão da escola. Memorizei os detalhes e o número da placa do carro.

*Vou colocá-lo atrás das grades, Tann, porque você é o assassino!*

# CAPÍTULO 5

**Eu não sou um especialista em perseguição.** Embora trabalhe no ramo investigativo, sou apenas um médico. Eu simplesmente não sabia como perseguir o carro dele sem ser notado, principalmente em uma rua tão vazia quanto aquela. Não havia muitos carros que circulavam pela província, principalmente depois de escurecer. As pessoas daquela cidadezinha estavam voltando para suas casas, então as ruas, que ficavam cheias de veículos durante o dia, estavam começando a esvaziar. Naquele momento havia uma caminhonete e uma moto atrás de mim, o que me transmitia um pouco de calma.

Eu já estava seguindo Tann há um bom tempo, sempre mantendo uma distância de cinquenta a cem metros. O carro preto na minha frente não estava indo muito rápido. Eu estava totalmente concentrado no meu alvo.

Então, o carro sinalizou para a esquerda.

Olhei para onde Tann virou. Ele estava saindo da estrada principal e entrando em um pequeno beco, que tinha uma velha casa de madeira à sua frente. Diminuí a velocidade, virei no mesmo beco e desliguei os faróis rapidamente. Era um beco pequeno e escuro, com apenas algumas luzes fluorescentes iluminando o local. Tann estacionou em frente a cerca da casa de madeira, com os faróis desligados. As luzes da casa estavam desligadas, deixando-a completamente escura, e as sombras das árvores que ficavam em sua frente escureciam ainda mais algumas de suas partes.

*Ele mora aqui?* É muito surreal que o dono do maior cursinho da província morasse em uma casa como essa.

Decidi desligar o carro e sair, fechando a porta da forma mais silenciosa possível. Caminhei lenta e cuidadosamente pelo beco. Eu sabia que fazer isso era perigoso, mas, de qualquer forma, em uma situação em que eu era forçado a desmascarar o assassino, não havia escolha a não ser encontrar evidências que dessem suporte às minhas suspeitas. Parei e fiquei olhando a casa de madeira completamente escura. Não encontrei qualquer sinal de outras pessoas vivendo ali. Procurei uma forma de entrar. O portão estava enferrujado e deteriorado, com um muro de concreto sem qualquer estilo e nenhum equipamento de segurança. Imaginei que não devia ser difícil entrar, mas eu não tinha nenhuma intenção de invadir a casa do Tann no momento. Eu poderia voltar de novo enquanto ele estivesse dando aula no cursinho.

Depois de reunir algumas informações satisfatórias sobre a vizinhança,

voltei para carro, mas eu nem tinha dado dois passos direito quando uma voz ecoou através da escuridão, chegando aos meus ouvidos.

— Por que você está me seguindo?

Virei-me em direção à voz e um homem saiu do meio das sombras em que se escondia. Não perdi tempo tentando encontrar desculpas, apenas corri na direção do carro que bloqueava a entrada do beco. Ouvi os passos do homem que estava correndo atrás de mim. Meu coração quase pulou para fora do peito. Eu já estava chegando no meu carro... só mais alguns metros.

Os braços longos e fortes dele envolveram o meu torso, mas por causa da sua velocidade nós dois acabamos rolando pelo chão. No fim, Tann acabou por cima de mim. Tentei empurrá-lo para longe, mas ele agarrou meus pulsos para que eu parasse.

— Me solta! — gritei, tentando escapar de sua contenção. Foi então que percebi seu olhar de choque quando viu o meu rosto.

— Oficial?! — Ele rapidamente soltou meus pulsos e se levantou. — Desculpe, eu não vi que era você! Você está bem?

Rolei sobre meu estômago e comecei a me levantar. A queda tinha deixado meu corpo todo dolorido e meus braços provavelmente estavam cheios de escoriações. Tann se apressou até mim e tentou segurar meu braço para me ajudar a ficar em pé, mas empurrei suas mãos para longe, recusando sua ajuda.

— Me desculpe. Vi que alguém estava me seguindo com um carro e fiquei assustado, então parei nesse beco para conferir se alguém estava realmente me seguindo. Eu não pensei que fosse você. — Tann ergueu as mãos para expressar sua sinceridade, ainda respirando com dificuldade.

Dei um passo para trás, com o coração ainda disparado. Encarei o homem alto com cautela. Eu poderia acreditar no que ele disse?

— Então a polícia ainda suspeita que eu tenha matado Jane, certo? É por isso que tem um oficial designado para me seguir? Eu já disse que não fiz isso. Eu estava em outro lugar naquela noite e já entreguei à polícia o número das pessoas que podem confirmar isso, tenho amigos que...

— Você é o assassino! — eu disse antes que ele pudesse terminar. Tann parou, perplexo.

— Eu não sou, você está enganado.

— Onde está o promotor? — Tentei recuperar meu senso. Eu estava tentando dizer várias coisas apenas para ver a reação dele. Eu ainda conseguia diferenciar suas expressões apesar da luz fraca.

— Do que você está falando? — Tann piscou. — O que, exatamente, está acontecendo aqui, oficial?

— Eu não sou um policial, sou um médico.

Tann arregalou os olhos. — O quê...?

— Sou o patologista forense que fez a autópsia da Srta. Janejira. Fui o primeiro a saber que ela foi morta. — A reação do homem à minha frente não foi nada como eu imaginei que seria. Tann parecia chocado com o que tinha acabado de ouvir. — Você já sabia disso. Perguntou sobre o relatório de autópsia ao seu amigo policial e desde que descobriu que eu determinei a causa da morte dela como assassinato você tem me ameaçado para que eu falsifique o relatório da autópsia, alegando que a causa da morte foi suicídio. Com isso, você estaria fora de suspeita. — Eu continuava me afastando dele enquanto falava.

Tann ficou lá, parado em silêncio. Eu estava confiante de que tinha dito coisas que haviam desencadeado algo dentro dele e que em breve o veria reagindo de forma que confirmasse as minhas suspeitas.

— Tem alguma prova de que fui eu? — Tann franziu as sobrancelhas.

Francamente, eu não tinha nenhuma. Eu não tinha qualquer evidência para acusar Tann de assassinato, além dos meus instintos e especulações baseadas nos casos de feminicídio pelo mundo. Na maior parte deles as vítimas de homicídio são mortas pelos seus parceiros. Eu tinha feito autópsias o suficiente em casos de homicídio para chegar a sugerir isso.

Decidi não dizer mais nada, então me virei e corri de volta para o meu carro. Ouvi uma objeção de Tann, mas eu não ligava para o que ele estava dizendo. Já que a porta estava entreaberta, apenas sentei-me no banco do motorista, tranquei a porta e liguei o carro. Tann correu para a frente do meu carro, bloqueando o caminho, então dei marcha ré e voltei para a estrada. Eu não tinha conseguido nenhuma evidência, mas, se ele realmente era o assassino, eu certamente deixei bem claro que eu não era um idiota ao ir ali. Se ele podia me encontrar, eu podia encontrá-lo também.

Foi a primeira vez que desejei a volta do meu agressor, porque eu tinha certeza de que, se ele fosse o Tann, eu seria capaz de reconhecê-lo. Mas, de qualquer forma, Tann seria inteligente o suficiente para não aparecer de novo, porque eu o reconheceria e, logo, o denunciaria.

*Cubra seu rosto e volte para mim de novo. Eu te desafio, Tann.*



— Dr. Bunn! — Tik, a enfermeira da Emergência, correu até mim no momento em que entrei na SE e me dirigia para a Sala de Exames Forenses, um lugar reservado para a minha investigação forense. Era uma pequena sala de

exames a uns poucos metros da Sala de Emergência. Mesmo que fosse pequena, era melhor do que nada, e ao menos era isolada, porque algumas vezes seria necessário retirar as roupas do corpo. Fazer um exame forense no meio da Sala de Emergência com certeza não seria apropriado, devido à localidade. — Dr. Bunn!

— Quantos casos eu tenho hoje? — perguntei à enfermeira, que estava com uma expressão de pânico, sem me virar para ela.

— Você vai ficar bem, doutor? Quer um intervalo? — Tik parou na minha frente, bloqueando meu caminho antes que eu pudesse entrar na Sala de Exames Forenses. — Você pode pedir que os internos façam os exames por você, doutor.

— Não precisamos incomodá-los, eu mesmo faço isso. — Olhei para a enfermeira de meia idade que estava parada em frente à porta, com as mãos na cintura, bloqueando a entrada da sala.

— Mas você recebeu alta do hospital ontem.

Suspirei suavemente antes de dar um sorriso falso a ela. — E estou completamente bem, querida.

Noite passada, depois que voltei ao hotel, não consegui dormir de forma alguma, então, eventualmente, eu acabei ficando no *lobby* até uma da manhã. Naquele momento, eu tinha tomado a decisão de ir trabalhar normalmente, porque era melhor do que deixar o medo me consumir e tirar o meu melhor de mim. Era melhor eu estar em um lugar cheio de gente, porque assim eu me sentia mais seguro. Por mais covarde que isso possa soar, eu não queria ficar sozinho. Era uma grande pena que eu estivesse morando sozinho em um lugar remoto, longe da minha família ou qualquer parente. Essa foi, provavelmente, a primeira vez que desejei não poder sair do trabalho. Eu queria continuar no hospital.

Pelo menos eu poderia fazer meu trabalho como eu queria. A maior parte dele era lidar com documentos legais, sendo que a maioria era composta de certificados médicos para pedidos de seguro de saúde ou leis sobre acidentes. Eu raramente tratava de pacientes que tinham sido agredidos física ou sexualmente. Geralmente eu examinava pacientes da cabeça aos pés em busca de lesões, avaliando a gravidade de seus ferimentos e há quando tempo eles estavam nos corpos, e determinava qual o tratamento e quanto tempo ele levaria.

O meu primeiro paciente do dia foi um menino alto e esguio vestido com uma camiseta e shorts. Seus membros estavam cobertos por escoriações e apenas com uma olhada já pude dizer que ele provavelmente teria sofrido um acidente de carro. A enfermeira o conduziu até uma cadeira no meio da sala. Aceitei o prontuário do paciente que ela entregou para mim. Enquanto ela

descobria os ferimentos dele para que eu os examinasse, coloquei minhas luvas.

— Sr. Sorrawit Kamma, certo? — perguntei ao garoto. — Quantos anos você tem?

— Dezoito, senhor.

— O que aconteceu? Em que dia? Horário? Me conte sobre isso.

— Bem, eu estava dirigindo minha moto, lá pelas oito ou nove da noite. Tinha uma cratera no meio da rua, mas eu não a vi, aí dei de cara com ela e acabei capotando para o lado da estrada. Eu não estava tão rápido.

Levei um tempo para interpretar seu dialeto. Dois anos morando no Norte me garantiram a habilidade de interpretar algumas frases do dialeto dos nortenhos, apesar da minha inabilidade de usá-lo. Tudo que eu pude interpretar da sua história foi: por volta das nove da noite de ontem, o menino estava dirigindo sua moto antes de dar de cara com um buraco na estrada e acabar capotando para fora dela. — Você estava usando capacete? — perguntei em Khammeuang, o dialeto nortenho, com meu sotaque de Bangkok.

— Não, senhor.

Anotei os detalhes no prontuário antes de retirar a roupa do menino para procurar mais machucados em seu corpo. Havia escoriações em sua testa, bochechas, antebraço e tornozelo, mas não encontrei nenhum machucado incomum. Desenhei e anotei seus ferimentos, com uma descrição, dentro de um diagrama limpo de um corpo humano, feito exatamente para a conveniência do registro de ferimentos.

— Qual é o seu nome? — O menino me encarou com olhos brilhantes. — Você é muito bonito, doutor, sabia disso?

A enfermeira riu um pouco enquanto eu fingia ignorar a declaração. Em circunstâncias normais eu devolveria o flerte com uma brincadeira, mas eu não estava no clima para isso. — Erga os seus braços assim. — Levantei os braços de modo que meus cotovelos apontassem para frente enquanto eu segurava a parte de trás da cabeça com as mãos para demonstrar o que ele devia fazer. O paciente imitou minha postura lentamente. Eu não esperava encontrar outro ferimento além dos arranhões.

*Eh...?*

No antebraço do menino havia dois hematomas paralelos com um intervalo de coloração comum entre eles, que provavelmente foram causados por um objeto longo e pontudo, como uma barra de ferro, o que resultaria em uma postura defensiva que causaria tais hematomas na parte interna do antebraço.

O menino tinha sofrido mais problemas do que um acidente de moto, ele também havia sido agredido.

— Alguém te bateu? — perguntei. Ele pulou em choque, com um olhar

de pânico no rosto.

— N-não, senhor. Foi só um acidente de moto. — O menino rapidamente abaixou os braços e os cruzou em frente ao peito.

— Se você me disser, vou te contar meu nome. — Usei esse truque para enganá-lo.

Sorrawit gaguejou um pouco antes de finalmente admitir. —Fui agredido por um gângster antes de sofrer o acidente.

— Ok. — Tirei minhas luvas antes de voltar a escrever mais detalhes no prontuário. — Você não contou isso para a polícia, não é?

— Não, senhor, eu não contei. Não quero mexer com eles. Só quero um atestado médico para tirar minha licença. — O menino se virou para me olhar. — Você é incrível, doutor.

— Certo, vou te dar o atestado. Por favor, espere do lado de fora. — Virei-me para o jovem, que estava me olhando em antecipação. — Oh... aliás, meu nome é Dr. Bunnakit. Se você precisar de mais alguma coisa, pode voltar para me ver.



Levei duas horas para terminar de examinar todos os pacientes. Quando terminei meu trabalho, caminhei para fora da Sala de Exames Forenses. Uma enfermeira veio até mim e me disse que o corpo de uma paciente que morreu no hospital já estava esperando por mim no Departamento Forense para o exame *post mortem*. Eu planejava comer em algum lugar fora do hospital antes de voltar ao trabalho. Peguei o celular de Pert e procurei por alguma ligação, mas, como o esperado, não havia nada. Não que isso fosse uma surpresa, dado ao fato de que o celular que eu estava usando não era o meu.

— Doutor! — Uma voz familiar chamou por mim enquanto eu saia para fora da Sala de Emergência. Alarmado, virei-me na direção do som e, quando vi, havia um homem alto caminhando até mim a passos largos, com uma expressão apreensiva.

Era Tann! Recuei automaticamente enquanto encarava o homem que tinha se materializado em minha frente, vindo de lugar nenhum. Meu coração estava disparado pelo medo. Ele era o assassino, então é claro que ele devia saber exatamente onde eu trabalhava. De qualquer forma, eu não esperava que ele fosse vir até mim em pessoa... pelo menos não com sua identidade

verdadeira.

— Estou aqui para mostrar minha sinceridade e dizer que eu não fiz aquilo. Se você estiver livre, nós podemos conversar, doutor?

— Estou ocupado. — Caminhei para longe bem rápido. Tann me seguiu sem recuar, implacável.

— Depois do que aconteceu noite passada, você realmente não tem nada a me dizer? — Tann levantou a voz, olhando para todo mundo (pacientes e enfermeiros) na frente da SE, que de repente estava olhando para nós. — O que exatamente está acontecendo aqui?! O que aconteceu com Jane? Eu tentei perguntar à polícia, mas eles não me disseram nada.

Não o respondi. Quase saí correndo para fora daquela área.

*Eu não vou cair nos seus truques...*

Tirei vantagem da minha familiaridade com o hospital e entrei no meio da multidão de pessoas, escondendo-me entre elas até que eu pudesse escapar dele. Fui direto para o Departamento Forense, pensando por um tempo se eu deveria ou não chamar a equipe de segurança para a sala.

Vi um homem esperando no banco em frente ao Departamento Forense. Ele se levantou no momento em que me viu e eu quase gritei quando o vi... Capitão Aem. Ele estava com suas roupas comuns e sua figura alta se aproximava de mim. — Por que não consigo encontrá-lo de forma alguma, Dr. Bunn? Perguntei sobre você aos seus colegas, mas eles só me passaram o seu número antigo.

— Aem! — Quase corri em sua direção. — Eu perdi meu celular.

O Capitão Aem soltou um suspiro e olhou para o machucado em minha testa. — O que aconteceu aí?

Fiquei em silêncio por um momento. Talvez fosse a minha grande chance de contar ao Capitão Aem. Eu deveria falar tudo para ele? Se eu fizesse isso, o assassino ficaria sabendo? O que iria acontecer se ele soubesse? Eu podia confiar nesse oficial de polícia? Ele estava do lado do assassino? Era tudo muito incerto.

— Aem, o que te trouxe aqui? — Eu rapidamente mudei de assunto.

— Dois motivos: o primeiro é porque não consigo entrar em contato com você, o segundo é sobre o promotor. — Meu coração quase foi parar na boca quando ouvi aquilo. — Estou trabalhando nesse caso. Presumo que você já tenha ouvido as notícias?

Concordei com a cabeça, então o Capitão Aem continuou. — Doutor, você tem alguma pista? Sei que vocês eram amigos. Você sabe se ele tinha conflitos com alguém?

Fiquei em silêncio por alguns segundos antes de balançar a cabeça

devagar. — Eu não sei.

— Quando você estiver livre, doutor, por favor, venha me ver na delegacia para discutirmos isso mais a fundo. E eu gostaria de ter o seu novo número também.

Eu mesmo não sabia o número do celular, então, ao invés de dar o meu número, pedi o número do capitão e o salvei no celular. Depois dessa troca de números, o capitão se despediu de mim e caminhou para longe. Afundei no banco em frente ao Departamento Forense, cansado. De repente, todo aquele fardo parecia pesado demais para eu carregar sozinho.

Mesmo que eu sentisse que não podia confiar em ninguém, queria alguém que pudesse saber o que estava acontecendo comigo. Eu queria alguém para me ajudar a descobrir tudo sobre o caso mais do que qualquer coisa. Essa pessoa deveria ser Pert, mas ele não estava ali. Eu nem mesmo sabia se ele estava vivo ou morto. Olhei para o teto, perdido. A polícia não tinha encontrado nenhuma evidência ainda? Não havia nenhum vídeo de câmera de vigilância ou algo assim que mostrasse quem matou Janejira? Eu realmente queria perguntar ao Capitão Aem sobre isso, mas e se houvesse consequências maiores depois? Alguém próximo a mim desapareceria de novo?

Massageei minhas têmporas, fechei os olhos e soltei um suspiro, para ajudar a aliviar minha melancolia.

Naquele momento, ouvi sons de passos se aproximando de mim.

— Doutor... — Tann havia me encontrado.

# CAPÍTULO 6

**Parei à beira da estrada quando ouvi o choro de Prae.**

— O que aconteceu? — perguntei à jovem mulher sentada ao lado do banco do motorista, sem olhá-la. Desde o primeiro momento eu já tinha notado a mudança na expressão de Prae. Ela, que ainda estava usando seu uniforme de atendente de banco quando fui buscá-la, cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar. Soltei um longo suspiro. — Prae?

— Eu já sei de tudo, Bunn. — Seus belos olhos, cobertos por lágrimas, me encararam abruptamente, cheios de raiva.

Franzi a testa. — Sabe o quê?

— Por que você tinha que fazer isso? Quantas mulheres foram enganadas por você? Não sente pena de mim?! — Prae disse bem alto. Abri a boca, prestes a perguntar sobre o que infernos era tudo aquilo, mas ela me cortou. — O que eu fiz para merecer isso? Por que você tinha que me enganar?!

— Espere aí... O quê... Do que você está falando? Eu não estou entendendo nada.

— Estou falando sobre você ser gay, Bunn! E sobre você sair com mulheres para disfarçar!

Meu coração quase parou na hora. Eu não sabia de onde ela tinha tirado aquela informação. — Do que você está falando?

— Bem, eu ouvi isso do seu ex, Bunn. Ele é amigo de um amigo meu, e acontece que ele descobriu que nós dois estávamos saindo e pediu ao meu amigo para me avisar sobre você. — Ela esticou as mangas e enxugou os olhos. Fiquei estático no meu lugar, tentando processar o que ela tinha acabado de me falar. Meu ex? Hum... Desde que me mudei, a fim de servir ao governo, envolvi-me com muitas pessoas, mas, de qualquer forma, só namorei duas mulheres por aqui: Kai, uma enfermeira da Emergência, e Prae, que estava chorando ao meu lado. Eu não acho que Kai soubesse sobre eu ser gay, já que terminamos porque éramos muito diferentes e porque, segundo ela, eu era inacessível.

— E você acreditou nisso? — Meus olhos se fixaram na rua à frente banhada pelo sol da tarde. Eu estava quase quebrando a cabeça para tentar descobrir quem tinha falado aquilo sobre mim.

O nome de uma pessoa surgiu em minha mente, mas nossa história tinha terminado há mais de dez anos.

*Tarr.*

— Eu não quero acreditar nisso, mas as coisas que meu amigo me disse me fizeram perder a confiança em você.

Eu não disse nada. Naturalmente, eu sabia que deveria parecer mais chocado do que qualquer coisa, mas, surpreendentemente, eu estava calmo e pouco perturbado pelas palavras de Prae. Não pensei mais sobre a pessoa chorando ao meu lado. Minha mente estava focada em tentar descobrir quem tinha afirmado ser meu ex e falado de mim para Prae. Mudar para uma província no interior tinha me feito pensar que eu poderia deixar tudo para trás. Nunca pensei que o passado me seguiria até aqui, de todos os lugares.

— Eu não sou gay. Mas se você estiver chateada comigo, de qualquer forma... você pode terminar comigo — falei num tom impassível. Prae se virou para mim com uma expressão atordoada se espalhando por todo o seu rosto antes de começar a chorar.

— Depois de todo esse tempo... eu nunca entendi... o que você está pensando, Bunn — disse Prae, enquanto soluçava. — É como se você estivesse escondendo algum segredo o tempo todo. Isso também. Pare de mentir para mim. Pare de usar as mulheres, por favor. Você pode me prometer que não vai mais fazer isso? Deixe que eu seja a última mulher que você vai trair.

Abri o porta-luvas próximo a mim, peguei a caixa de lenços que estava lá e a entreguei para Prae. — Me desculpe. — Para mim, dizer aquilo era o mesmo que confessar tudo aquilo que ela estava me acusando.

Prae pegou a caixa e riu de forma chorosa. — Não posso continuar nosso relacionamento, Bunn.

— Eu sei. — Apoiei minha cabeça no encosto do banco, exausto. Naquele momento senti-me culpado. Eu havia machucado muito ela. Prae virou-se para mim e riu de forma seca.

— Você certamente parece imperturbável, Bunn. — Ela fungou e se virou para olhar pela janela. — Não precisa ir me buscar amanhã.

— Você realmente vai terminar comigo por causa de um rumor que seu amigo te disse? — perguntei, em resposta, bem rápido.

— Em parte sim, mas também tem esse meu lado que não acredita que vá funcionar isso entre nós dois. Você tem seu próprio mundo, um em que eu não consigo entrar. E ainda tem mais *isso*[GLR3]. Eu realmente não sei quem você é e não quero mais continuar assim. — Prae tirou o colar que dei a ela de presente quando fizemos seis meses de namoro. Ela pegou minha mão e gentilmente o colocou ali.

Fechei-a ao redor do colar bem forte e olhei para a minha própria mão enquanto me sentia vazio. Mais uma vez eu tinha sido dispensado por uma mulher. Era como se eu tivesse sido amaldiçoado no dia em que terminei com o

Tarr.

Assim que cheguei em casa, tentei encontrar uma forma de contactar a pessoa que eu sentia ser o motivo do meu término. Eu não via Tarr desde que entrei na faculdade. Não deveria ser tão difícil encontrar alguém nesses tempos, mas eu não tinha ideia de como entrar em contato com ele.

Tudo que eu podia fazer era digitar o nome dele na barra de pesquisa do navegador. Eu lembrava que seu nome de nascimento era “Nutdanai’, então tentei pesquisar por perfis que tivessem esse nome no Facebook, tanto em tailandês quanto em inglês. Gastei quase uma hora, mas não consegui encontrar quem eu estava procurando. Então, eventualmente, desisti. Mesmo que, de alguma forma, eu fosse capaz de encontrar Tarr, falar com ele e descobrir como ele ficou sabendo sobre o meu relacionamento com Prae e se ele ainda estava com raiva de mim por causa do nosso passado, isso não mudaria o fato de que Prae e eu terminamos.

Então deixei aquilo passar. Pelo menos uma mulher bacana como Prae estava livre de um hipócrita como eu. Ela poderia conhecer alguém novo, um homem de verdade que pudesse amá-la de verdade.



— É uma oclusão da artéria coronária. — Olhei para o coração humano que estava dividido em segmentos no quadro. As principais artérias coronarianas estavam completamente obstruídas, o que tinha sido a principal causa do ataque cardíaco que levou esse homem à morte na cama do hospital. Meu trabalho era determinar a causa das mortes de todas as pessoas que morriam de forma não natural. Esse senhor não tinha acordado numa manhã em seu quarto especial do hospital. Fizeram RCP nele por trinta minutos antes de sua família decidir parar com as medidas de ressuscitação. Depois disso, o corpo dele foi levado até mim para que eu determinasse a causa da morte. Arranquei minhas luvas, joguei-as no lixo, tirei meu jaleco e fui preencher o certificado de óbito.

— Você não parece muito revigorado hoje, Dr. Bunn. — Anun, o legista de meia-idade que era minha mão direita, caminhou até mim.

— Não pareço? — respondi. — Acho que depois do almoço eu vou descansar um pouco.

Anun riu. — Você consegue fazer piada mesmo quando está de mal humor? Não vou mais te incomodar. Vamos dar uma olhada nesse corpo e ir para

casa. Estou com saudade da minha mulher. — Anun caminhou direto para o corpo pálido e sem vida do homem velho que estava deitado na mesa de aço.

Caminhei para fora do Departamento Forense assim que terminei meu trabalho. Meus olhos pousaram no banco em que eu estava sentado mais cedo e me lembrei das palavras do homem que se aproximou de mim quando eu estava sentado naquele lugar.

— O que eu tenho que fazer para você acreditar em mim? — perguntou Tann, sentando-se em um banco perto de mim. Ele ainda estava usando uma camisa preta parecida com a do dia anterior. — Que horas você sai do trabalho? Eu venho te buscar, então podemos sair para jantar.

O seu convite me paralisou. Não o respondi, mas Tann presumiu as coisas por conta própria e disse que vinha me buscar às quatro da tarde, o horário em que as pessoas geralmente saiam do trabalho, e que me esperaria sair. Ele ia ajudar no funeral da Janejira, que seria realizado em um templo não muito longe do hospital.

— Por favor, quero conversar com você.

Eu não iria sair com esse assassino de forma alguma. Se entrasse no carro com ele, eu acabaria morto.

Parei de andar no meio do caminho quando comecei a pensar naquilo. Não... eu não deveria estar com medo de ser morto pelo assassino a essa altura, porque ele não podia me matar, ainda não, já que eu tinha que entregar o relatório da autópsia para a polícia. Ele não podia me matar e nem me machucar, porque se fizesse isso ele estaria, finalmente, se entregando. Eu devia usar essa oportunidade para me aproximar dele e conseguir uma prova que o incriminasse.

Decidido, voltei para frente do Departamento Forense, pensando que eu deveria ter algo para me defender no caso de eventuais casualidades. Então, caminhei de volta para a sala de autópsia, furtei um bisturi e o escondi no meu bolso sem que Anun visse. Ele teria um surto quando notasse que o bisturi sumiu, mas eu realmente precisava dele no momento.

Quando saí da sala de novo, vi a figura alta de um homem me esperando. Encarei Tann, resistindo à vontade monstruosa de agarrá-lo pelo colarinho e arrancar a verdade sangrenta dele.

Tann pareceu aliviado quando me viu. — Obrigado por aceitar vir comigo.

— Para onde vamos? — perguntei em um tom nada cordial.

— Para um lugar onde possamos nos sentar e conversar. Você escolhe, porque provavelmente não confia em mim para te levar a qualquer lugar que eu escolher.

Parei, pensando por um tempo. — Tá bom, então vamos no meu carro.

Se você se recusar, não vai ter conversa nenhuma.

Tann ficou um pouco atordoado antes de sorrir suavemente. — O que você quiser, doutor.



Levei Tann para um restaurante perto do hospital. Era um dos mais famosos das províncias do Norte da Tailândia. Eu tinha escolhido esse lugar porque ele estava sempre cheio, tanto de pessoas da região como de estrangeiros, o que fazia eu me sentir mais seguro. Entrei no estacionamento do estabelecimento.

Percebi que Tann ficou me olhando vez ou outra durante todo o caminho até chegarmos. Não conversamos muito, talvez porque ele estivesse reservando a conversa para quando chegássemos ao nosso destino.

Um garçom nos conduziu a uma mesa de dois lugares. Assim que me sentei, fui direto ao assunto. — Muito bem, quer conversar comigo sobre o quê?

Tann, que estava olhando o menu, deu uma pausa. — Você come Laab Nuer, certo, doutor?

Aquilo não era sobre o que eu queria conversar. Fiz uma expressão rabugenta. — Não fique enrolando.

— Nós vamos conversar, mas provavelmente não é bom deixar a mesa vazia. Deixe-me pedir algo para você. — Tann acenou para uma garçonete e pediu três pratos da culinária local. — Arroz glutinoso ou arroz no vapor?

Suspirei para tentar acalmar a tensão dentro de mim. — Arroz no vapor.

— Mais um prato de arroz no vapor, por favor, e... oh, não deixem o porco picado muito picante, apenas um pouco, por favor — Tann pediu à garçonete no dialeto nortenho, fluentemente, antes de lhe devolver o menu.

A primeira coisa que aprendi sobre Tann quando o vi cara a cara foi que ele era um cidadão local.

— O que vocês gostariam de pedir para beber?

— Vou querer um copo de água. — Tann voltou a me olhar. — Você gostaria de uma bebida?

— Água. — Observei Tann com meu olhar minucioso. Depois que pedimos a comida, Tann se virou para mim com as mãos cruzadas em cima da mesa. Suas feições marcantes e atraentes pareciam plácidas e calmas.

— Estou pronto. — Tann falou comigo em um tom mais sério. — Então, o que você disse noite passada... é verdade?

— O que você acha? — respondi com uma pergunta para evitar respondê-lo.

Tann ficou surpreso com minha resposta. — O que você quer que eu pense? Acho que pessoas como você não fariam esse tipo de brincadeira comigo. Acho que você realmente foi ameaçado e que agora está tentando achar o assassino por conta própria. — Tann ficou em silêncio por um tempo antes de continuar. — O motivo de eu querer falar com você é porque você suspeita que eu seja o assassino. Quero provar minha inocência antes que seja tarde demais.

Franzi a testa. — O que você quer dizer com "tarde demais"?

— Antes que você corra para a polícia e diga que cometi homicídio, o que eu não fiz. Minha vida se tornaria mais difícil do que já é, ainda mais quando parece que você é bem próximo da polícia. Eles com certeza vão acreditar em você e eu vou estar com um problema enorme. — Tann fez uma pausa para que a garçonete nos servisse água. Quando ela foi embora, ele continuou. — Eu vim aqui hoje com dois objetivos: primeiro, provar minha inocência, segundo, se Jane realmente foi assassinada e a polícia estiver de alguma forma envolvida no atraso do progresso do caso, quero te ajudar a achar o culpado.

Provavelmente essa era uma das vantagens de ser professor. Tann conseguia ser eloquente e credível, mas, mesmo assim, eu não confiava nele de forma alguma. — Como você pode provar que não fez isso?

— Testemunhas. — Tann pegou o celular e começou a procurar por algo. — Naquela noite, dez de dezembro, dei aula no cursinho até às sete horas da noite e depois, das sete às onze horas da noite, estive em um casamento no Hotel Erawan. Muitas pessoas me viram por lá. — Ele virou a tela do celular para mim e deliberadamente me mostrou fotos dele com um casal de noivos. — Depois eu saí para beber com três amigos. — Tann escreveu o número de três pessoas num guardanapo. — Eu bebi até às duas horas da manhã, então nós quatro decidimos voltar para dormir na casa dessa pessoa. — Ele apontou para o primeiro número que ele tinha anotado. — Você pode ligar para eles. Todo mundo vai confirmar que eu estava lá. Depois disso, acordei por volta das dez horas da manhã e liguei para Jane. Ela não me atendeu. Eu estava preocupado, então fui procurar por ela em seu apartamento. Bati na porta dela por um longo tempo, mas não tive respostas. Eu estava com medo de ela ter cometido suicídio, pois ela tinha depressão, então corri para pedir ao pessoal da portaria que abrissem a porta para mim. O resto você já sabe.

O que Tann me disse bateu direitinho com o que o Capitão Aem relatou. Eu deliberadamente olhei para os três números anotados.

— O que você acha, doutor? A hora da morte de Jane bate com algum

horário que alguém possa confirmar que eu estava sozinho?

Eu tinha estimado que a morte de Janejira havia ocorrido entre uma e cinco horas da manhã de onze de dezembro, que era o horário entre Tann ter saído para beber com seus amigos e voltado para dormir na casa do amigo. — Eu gostaria de ligar para os seus amigos primeiro.

Levantei-me, peguei o papel com os números e liguei para as pessoas com as quais Tann tinha dito que passou a noite. Todas as três atenderam a minha ligação e confirmaram estar com Tann naquela noite. Voltei para a mesa totalmente confuso. Os pratos que Tann havia pedido já tinham chegado.

— Como foi? — perguntou Tann.

— Você não combinou isso com seus amigos antes, não é?

Tann soltou uma pequena risada, o que me desagradou. — Você está cheio de desconfianças, mas eu entendo. Se eu estivesse passando por algo assim, também estaria desconfiado, eu acho.

Suspirei, irritado. Há quanto tempo eu não deixava minhas emoções transparecerem na frente dos outros? Eu realmente não sabia. — Tudo bem. Acredito em você.

Tann sorriu aliviado. — Mesmo que o seu rosto diga outra coisa, já é um pequeno alívio ouvir você dizer isso. — Ele pegou um pouco de comida do prato próximo a ele e me serviu.

— Posso fazer isso sozinho. — Por que estava fazendo isso? Ele achava que eu ia ficar impressionado se ele me servisse um pouco de comida? Achava que eu era uma mulher ou algo assim?

— E o que aconteceu com sua testa? Alguém te bateu ou foi só um acidente? — Tann perguntou enquanto levava um pouco de arroz à boca.

— E quanto ao machucado na *sua* testa? — perguntei de volta. O hematoma na testa de Tann já estava começando a esverdear, o que era normal.

Tann ficou em silêncio por um tempo e tocou sua testa. — Acidente de moto. Eu estava sem capacete. Não achei que fosse algo sério, então não fui ao médico.

— Nunca te vi andando de moto. — E rapidamente percebi que Tann não tinha outros machucados que indicassem que ele esteve em um acidente de moto.

— Eu estava dirigindo ontem. — Tann ainda parecia calmo, sem sinais de agitação no rosto. — Aliás, eu ainda não sei seu nome. Como eu deveria te chamar, doutor? — Tann rapidamente mudou de assunto.

Eu ainda não estava totalmente convencido sobre o que ele disse, mas, de qualquer forma, ele provavelmente não seria honesto comigo. Esperaria até que ele deixasse escapar alguma coisa, qualquer pista. — Bunnakit.

— Sim. Dr. Bunnakit. Meu nome é Tann, mas você provavelmente já sabe disso. — Ele colocou os talheres no prato e pegou minha mão sobre a mesa, o que me pegou totalmente desprevenido. — Me deixe te ajudar a achar o assassino, doutor.

E foi isso que aconteceu: meu coração começou a bater loucamente por motivo nenhum. Afastei minha mão rapidamente. Meu coração tendia a agir dessa forma quando eu estava com o Tann. A primeira vez que isso aconteceu foi na cena do crime, mas achei que tivesse algo a ver com minha excitação em estar envolvido na investigação. A segunda vez foi no cursinho, e naquele tempo pensei que fosse pelo medo que senti.

Então, dessa vez, percebi que estava certo e que tinha sido, também, pelo medo.

# CAPÍTULO 7

**— Chegamos. Você pode ir agora.** — Virei-me para o homem no meu carro. Tann olhou para o próprio carro, que estava no estacionamento do hospital, e então voltou a olhar para mim.

— Você tem certeza de que não quer que eu fique com você?

— Eu não quero que ninguém fique comigo. Você pode ir agora. — Meus olhos se voltaram para a Sala de Emergência, que agora estava iluminada com uma luz brilhante.

— Mas o assassino pode voltar a qualquer momento. Se estivesse com você, eu seria capaz de te ajudar.

Tann estava insistindo em me ajudar a achar o assassino desde que estávamos no restaurante. Ele sugeriu que eu fosse para casa e fizesse algo para atrair o assassino. Tann estaria lá para me ajudar a pegar o criminoso. Eu rapidamente disse não para esse plano. Por que infernos eu o deixaria entrar na minha casa? Eu ainda não confiava nesse cara, então fazer isso seria o equivalente a levar uma cobra para casa.

Destranquei a porta do carro para que ele pudesse sair. — Obrigado pela sua ajuda, mas posso lidar com isso sozinho.

— Dr. Bunn. — Tann ainda se recusava a sair do meu carro. — O fato de eu querer te ajudar não está relacionado a eu estar escondendo alguma coisa, e sim a Jane ser minha namorada. Quero que a pessoa que matou minha namorada vá para a cadeia. Você entende isso, não é?

— Não tem por que você tentar me persuadir — eu disse devagar. — Se você quer viver a salvo, deixe isso quieto. Não fale sobre isso com a polícia ou qualquer pessoa. Não sei se o assassino pode descobrir que você sabe de algo por minha causa. E mais uma coisa, não volte a me ver. Você já sabe o que queria saber.

Tann não parecia em nada com alguém que estava de saída. — O que você planeja fazer a partir de agora? Fazer tudo o que o assassino te mandar? Mas que inferno, como se eu fosse te deixar fazer isso.

— Bem, isto não cabe a você. Sou eu quem tem que fazê-lo. Não quero que pessoas próximas a mim se machuquem de novo. — Comecei a tentar um novo método para ver como ele reagia. — O bastardo prometeu que me deixaria ir se eu fizesse o que ele pediu.

Tann me encarou. — Não posso deixar isso acontecer. Se você forjar o

relatório, o assassino vai sair impune.

— Não, eu acredito que a polícia vá encontrar outra evidência de que Janejira foi assassinada. Isso não bateria com meu relatório e, quando acontecesse, eu contaria à polícia que eu vinha sendo ameaçado.

— E se eles não encontrarem outra evidência? Você mesmo disse que a polícia pode estar envolvida neste caso. — Tann discutiu persistentemente. Virei-me para encará-lo. Se ele realmente fosse o assassino, teria concordado com o forjamento do relatório de morte da Janejira e não teria discutido comigo dessa forma.

— Tann, apenas espere. Estou te pedindo. — Tentei falar em um tom tranquilizador. Esse era meu único talento depois de tudo, fingir. — Faça-me um favor e não faça nada. Não quero ser pego e não quero que alguém próximo a mim se machuque de novo.

Agi de uma forma que fez com que Tann calasse a boca, e então ele se moveu para abrir a porta do carro. — Vou continuar vindo te ver até que você aceite minha ajuda.

Tann fechou a porta antes mesmo que eu pudesse responder. Meus olhos seguiram o homem alto que caminhava até um carro preto no meio de outros no estacionamento em frente ao hospital. Inferno... Tann tinha deixado uma boa impressão. Ele tinha um álibi muito sólido, todas as suas reações tinham sido relativamente racionais, apesar do sentimento de que eu estava deixando algo sobre ele passar. A primeira coisa foi o machucado em sua testa, que permanecia desconhecido e vago. E a segunda foi sua reação sobre a perda da namorada. Eu tinha notado os sinais desde o primeiro dia, e não havia nenhum sinal de tristeza nele.

Eu não sabia se isso aconteceu porque Tann era o assassino ou porque minha visão estava totalmente prejudicada pela primeira impressão que tive dele, que me fazia distorcer a realidade.



Olhei perplexo para um saco plástico com uma quantidade colossal de Khao Tom Mud que estava em cima da mesa da Sala de Exames Forense. — De quem é essa sacola, Tik?

A enfermeira de meia-idade riu. — O seu *fanboy* deixou isso na sua mesa hoje de manhã bem cedo.

— Meu *fanboy*? — Virei-me para Tik com as sobrancelhas ligeiramente

levantadas.

— Aquele menino, Sorrawit. O cara alto que veio te ver ontem. Ele veio aqui de moto para te trazer um monte de Khao Tom Mud antes de ir para escola. Ele disse que a família dele faz para vender e que queria que você experimentasse.

— Ah... — Eu podia sentir minha cabeça começando a doer. As intenções de Sorrawit eram claras como o dia. — Se eu comer tudo isso, com certeza vou morrer de diabetes. Por favor, dê para os enfermeiros, vou ficar só com dois.

Tik levantou a mão, fazendo um sinal de "*ok*". — Claro, doutor.

Fui até a mesa, com a intenção de pegar alguns Khao Tom Mud, mas quando abri o saco vi um post-it rosa com uma mensagem escrita.

"Para o Dr. Bunnakit, se você achar gostoso, por favor, peça mais."

E no final da mensagem tinha o número de celular do remetente. Acabei deixando um sorriso escapar enquanto balançava a cabeça, achando o garoto muito cativante. Peguei a nota e a entreguei para Tik junto com a sacola de sobremesa tailandesa. — Se você gostar, pode pedir mais.

Tik pegou a sacola e olhou o post-it antes de soltar uma risada muito ruidosa. — Oh, doutor! O garoto está investindo em você.

— Bem, não posso retribuir os sentimentos dele. Existe um Código entre Médico e Paciente, sabia? — Sentei-me na cadeira. — Teve um caso de assalto hoje, não é? Por favor, chame o paciente.

Quando caminhei para fora da Sala de Emergência já era quase meio-dia, como de costume. Trabalhar me ajuda a clarear a mente, a esquecer todos os meus problemas e a ansiedade. Parei, olhando a ambulância do Serviço de Emergência que estava parada em frente à Sala de Emergência. O que eu estava esperando? Eu deveria ir almoçar logo, já que tinham dois corpos de distritos diferentes esperando pela minha autópsia. E eu também tinha que ensinar um interno à tarde.

Mas ali estava eu, pensando que ele iria continuar aparecendo até que eu o deixasse me ajudar.

Caminhei para fora da Emergência. A ausência de Tann me dizia muitas coisas sobre ele. Uma dessas coisas era que ele podia ser o assassino e que provavelmente estava satisfeito apenas por me ouvir falar que vou fazer como ele me pediu. A segunda coisa era que Tann, na verdade, não era o assassino, mas ele não voltaria a me ver por que estava com medo ou não queria se meter em problemas. A terceira era que ele estava muito ocupado, ou com suas aulas ou com o funeral de Janejira, então não pôde vir. Eu provavelmente teria que esperar até a noite para descobrir.



—Vocês têm que entender que no período de *post mortem* o endurecimento de pequenas articulações começará a ocorrer antes das articulações maiores. A última articulação a endurecer será a maior do corpo humano, a articulação do quadril, que demora cerca de seis a doze horas para ficar completamente rígida, assim como você podem ver nessa pessoa. — Levantei as pernas frias e mortas do cadáver, mas em vez de elas dobrarem, a pélvis subiu junto, pois estava tudo enrijecido como o tronco de uma árvore. — Nesse caso, a articulação do quadril já enrijeceu. O corpo se manterá rígido até começar a se decompor, o que ocorre, aproximadamente, vinte e quatro horas após a morte.

Virei-me para o meu estudante, que parecia meio fora de si naquele momento. O interno que estava estudando comigo era o jovem encarregado dos exames forenses na noite em que fui atacado. Seu nome era Boem.

— Se você tiver alguma pergunta, pode fazer. — Coloquei as pernas de volta na mesa. — Tem algo de errado?

— Oh... nada, senhor. — Boem tentou se recompor.

— Você parece um pouco estressado. Podemos continuar nossa aula outra hora. — Não era a primeira vez que um dos meus internos não conseguia levar minhas aulas até o fim. O pior caso que já presenciei foi a de quando um interno desmaiou diante dos meus olhos depois de cinco minutos de aula.

O jovem interno olhou para mim. — Posso te perguntar uma coisa, professor?

Senti-me mais aliviado. — Sim, claro. Se eu estiver indo rápido demais...

— Você está vendo a Fai ultimamente, professor? — Boem perguntou do nada. Era uma pergunta que não tinha nada a ver com nossa aula, e que me deixou um pouco chocado.

— O que você quer dizer com “vendo a Fai”? — Então me lembrei de algo. Alguns dias atrás uma das enfermeiras sussurrou em meus ouvidos alguma fofoca que estava correndo entre a equipe da Emergência, sobre como Boem tinha uma paixonite por Fai e como o Professor Bunnakit estava prestes a “fazê-la flutuar”. Eu só pude balançar minha cabeça para aquele absurdo.

— Quero dizer... saindo um com o outro. O negócio é que Fai me disse que estava saindo com você. — Ele parecia nervoso. Eu estava perplexo com o

que Boem disse. Fai disse que estava saindo comigo? Admito que eu tinha a intenção de flertar, mas não pensei que ela fosse se interessar por mim tão rápido assim. — Não é nada demais, eu só não consegui falar com ela hoje, então queria saber se você ligou para ela, professor.

— Se você não conseguiu contatá-la, então não acho que eu conseguiria. — Achei aquilo estranho. A última vez que falei com Fai foi quando ela veio me ver quando eu estava hospitalizado. — Ela não veio trabalhar?

— Fai está no turno da tarde hoje. Ontem ela me pediu para ligar e acordá-la ao meio-dia, mas quando liguei a operadora disse que não tinha ninguém para me atender. Geralmente não é assim. Pensei que você poderia ter falado com ela. Estou preocupado, então queria saber se você pode tentar falar com a Fai.

Esse era um homem que realmente amava uma mulher, mesmo que o coração dela não pertencesse a ele. Senti muita vergonha de mim mesmo.

— Perdi meu celular e o número dela, então não temos nos falado há dias. — Acenei com a cabeça para Anun, sinalizando que ele podia se aproximar e abrir o crânio do corpo. — Você pode ir, Boem. Vou cuidar disso a partir de agora. E, por favor, passe o número de contato da Fai para mim, assim posso te ajudar a procurar por ela. Sabe, você devia esperá-la na SE. Ela eventualmente chegará para o turno da tarde.

Boem ainda tinha aquele olhar de preocupação no rosto quando juntou as mãos para me mostrar respeito com um wai, tirou suas luvas e o jaleco e caminhou para fora da sala. Um sentimento de apreensão lentamente se apossou do meu coração. Depois da autópsia, eu iria até a Sala de Emergência e esperaria Fai chegar para o seu turno das quatro horas da tarde.

Eu torcia para que nada tivesse acontecido com ela...



[O número que você discou não está recebendo ligações.]

Apertei o celular com força e soquei o volante com muita raiva. Soltei um rosnado para descarregar meu ressentimento.

Boem e eu esperamos na SE até às sete horas da noite, mas ainda assim Fai não apareceu e não estava em qualquer lugar em que pudéssemos encontrá-la, o que deixou todos da ala de emergência em pânico. Eu e ele continuamos

ligando para ela sem parar, mas a única resposta que recebíamos era essa mesma mensagem. Boem estava tentando entrar em contato com a Organização de Equipe Médica para falar com a família dela, e eu tinha pedido licença para ficar sozinho em meu carro.

O assassino sabia que eu tinha passado informações para outras pessoas.

Oh, merda. Eu não devia ter contado nada para Tann. Minha tentativa de usar essa informação para pegá-lo em uma armadilha tinha feito mais uma vítima... uma pessoa próxima a mim. Eu não fazia ideia de como o assassino tinha descoberto que contei a Tann sobre o que aconteceu. Ele deve ter feito algo que alertou o assassino, assim como Pert.

Ou será que o assassino descobriu sobre isso porque eu mesmo disse *para ele*?

*Tann.*

Descansei a cabeça no encosto do assento e deixei meus braços penderem ao meu lado. Já chega. É isso. Peguei o celular e liguei para Tann, então pressionei o aparelho na orelha e olhei sem rumo para a escuridão lá fora.

[Sim, Dr. Bunn.] Tann atendeu bem rápido. Eu conseguia ouvir crianças conversando no fundo.

— Você me pegou — falei, com a voz perdida. — Eu vou fazer o que você quiser. Por favor, não machuque as pessoas à minha volta...

[... Me desculpe?]

— Por favor, deixe a Dra. Fai e o promotor irem... — Minha voz tremeu de forma incontrolável enquanto eu cobria os olhos com a mão. — Leve-me no lugar deles. Você pode fazer o que quiser comigo. Eu vou fazer o que você disser, mas não machuque as pessoas que são próximas a mim...

[Calma aí, do que você está falando?] Tann parecia em pânico, mas não acreditei que ele estivesse perdendo a cabeça. [Onde você está?!]

— Você sabe onde eu estou. Eu vou voltar para casa. Por que não resolvemos isso... cara a cara...

[Dr. Bunn, recomponha-se! E me diga o que está acontecendo!]

— Te vejo na minha casa. — Desliguei a ligação e coloquei o celular de Pert no assento ao meu lado. Peguei minha bolsa e retirei um objeto.

*Click...*

O som de uma lâmina afiada como uma navalha sendo conectada a um cabo soou. Escondi a lâmina de volta no envelope e o coloquei no bolso do meu casaco. Esse bisturi estava pronto para ser usado.



Virei a chave, abrindo a porta, e entrei na casa que havia ficado na completa escuridão por várias noites. A familiar sala de estar estava escura e quieta. Respirei bem fundo. O coração acelerado. A casa estava fria, o que deixou meus dedos gelados. Olhei ao redor com cautela antes de entrar na sala e ligar a luz.

Não havia sinais de um intruso.

Passei pela sala na ponta dos pés e fui direto para a cozinha, onde acendi todas as luzes para manter a casa o mais iluminada possível. Peguei o bisturi do bolso do casaco e o segurei com firmeza. Quando cheguei em frente ao quarto, levei minha mão até a maçaneta da porta e a abri lentamente.

De repente, uma mão enorme envolta por uma luva de couro preta agarrou meu pulso direito enquanto outra cobriu a minha boca. Meus olhos se arregalaram em pânico. Tentei soltar meu braço direito, mas o aperto da pessoa atrás de mim era muito forte. Joguei meu cotovelo esquerdo para trás com toda a minha força, o que deve ter sido bem forte mesmo, porque ele acidentalmente soltou meu pulso. Eu rapidamente corri olhei para o intruso com minha cabeça erguida. Engasguei-me convulsivamente, enquanto levantava o bisturi de forma ameaçadora.

Era a primeira vez que eu tinha a oportunidade de ver meu agressor. Era um homem alto vestido com um moletom preto com um capuz puxado sobre sua cabeça, óculos de sol preto e uma máscara branca, obviamente para esconder seu rosto. Ele ficou completamente imóvel quando me viu com uma arma na mão.

— Não há necessidade de se esconder a essa altura do campeonato, Tann! Mostre o seu rosto, então nós poderemos conversar — falei, ofegante.

O homem à minha frente não disse nada enquanto caminhava até mim. Ainda apontando o bisturi para frente, dei alguns passos para trás. Meu agressor não parecia nada assustado com a pequena arma em minha mão. Ele me coagiu até que minhas costas tocassem a parede, colocou uma mão para trás de seu corpo e pegou alguma coisa... um objeto preto elegante, que tinha seu brilho refletido pela luz. Meus joelhos ficaram fracos quando vi aquilo.

O cano da arma estava apontando para minha cabeça. — Abaixe a faca! — Ordenou o homem à minha frente com uma voz abafada. Deixei o bisturi cair humildemente enquanto eu tremia como uma folha. — Mãos para cima e vire para a parede.

Levantei as mãos e me virei para encarar a parede. O intruso agarrou meus braços e os abaixou, colocando-os atrás das minhas costas. Eu conseguia sentir um objeto frio e duro pressionando minha têmpora. Meus olhos estavam bem fechados.

— Isso foi desnecessário, doutor. Quantas pessoas você quer perder

antes de aprender a se comportar? Ah... entendi, você não se importa com ninguém além de você mesmo. Parece que tenho que mudar meus métodos. Bem, então... que tal eu punir você diretamente agora?

Abri os meus olhos lentamente, sentindo que algo estava estranho... *A voz dele está estranha.*

Não parece a voz do Tann.

Quem diabos é ele?

Minhas mãos estavam bem presas por uma corda. Uma vez que o invasor conseguiu me imobilizar, ele me virou para que eu o encarasse. Tudo o que eu tinha planejado lhe dizer tinha sumido no momento em que percebi que aquela voz não pertencia a Tann.

De repente, vi algo pelo canto dos meus olhos. Alguém se aproximava de mim, tão silenciosamente que meu agressor nem percebeu. Essa pessoa estava segurando um vaso de porcelana, uma das quais eu usava como enfeite na sala de estar, então ele levou os dedos à boca e sinalizou para que eu não demonstrasse qualquer sinal que alertasse o meu agressor.

De qualquer forma, meus olhos não podiam enganar aquela pessoa, então ele seguiu meu olhar e se virou para checar o que eu estava encarando fixamente.

Quando o invasor se virou, Tann correu com o vaso em suas mãos e o levantou bem acima de sua cabeça. Tann pretendia acertar a cabeça do invasor, mas ele desviou, fazendo o vaso acertar seu ombro. Ouvi o som do vaso quebrando e logo em seguida o grito do invasor. No momento em que ele desviou do vaso, seus óculos caíram.

— Cuidado! Ele tem uma arma! — gritei para avisar Tann enquanto eu tentava soltar minhas mãos da corda. Eu me sentia tão inútil. Aquilo deve ter infligido muita dor ao desgraçado. Tann foi até o braço direito do invasor, que segurava a arma, e o levantou enquanto ele tentava resistir à sua força. Com os seus físicos iguais, a luta ficou muito intensa. Tann acertou o joelho na barriga do agressor e aproveitou quando ele se dobrou e gritou de dor para chutar a arma para longe de sua mão, fazendo ela deslizar para o outro lado do quarto e bater na parede.

Quando vi aquilo, corri bem rápido até a arma e pisei nela para que o invasor não a recuperasse tão fácil.

— Você vai se ferrar, seu assassino! — Tann soltou um rosnado enquanto caminhava até o agressor, que estava se curvando pacientemente.

Do nada, o homem encapuzado deu um *uppercut* em Tann. Gritei bem alto, pois o golpe o atingiu em cheio bem abaixo do queixo, o que o fez perder o equilíbrio e cambalear até a estante próxima a ele, apoiando-se nela. O homem

encapuzado aproveitou aquela chance para correr até a porta da frente. Tann não perdeu tempo e logo correu atrás dele para fora da casa, deixando-me sozinho no lado de dentro, perplexo. Eu sentia como se não tivesse forças para ficar em pé. Encostei-me na parede e deslizei por ela até atingir o chão.

Alguns minutos depois, Tann voltou com uma expressão totalmente desgostosa no rosto. Com as costas de sua mão, ele limpou o sangue que saía de sua boca. — Merda, ele fugiu. O bastardo é rápido como um macaco, já tinha conseguido fugir pulando o muro da casa.

Olhei para Tann, que correu até mim. — Você está machucado, doutor? — Ele me soltou bem rápido das amarras. De qualquer forma, eu ainda estava em estado de choque. Ele apalpou meu corpo todo à procura de machucados.

Quando percebi, ele tinha me puxado para um abraço. Meus olhos se arregalaram em choque.

— Não importa se você vai ou não me deixar te ajudar, eu nunca mais vou te deixar passar por isso sozinho.

Ao ouvir isso, senti como se meu coração pudesse parar naquele momento.



Abri a geladeira, peguei um pacote gelado e o entreguei para a pessoa que estava sentada em uma cadeira da minha cozinha. — Ponha isso aí, ou vai ficar mais inchado.

— Obrigado. — Tann pegou o saco de gelatina e o colocou cuidadosamente contra o lado esquerdo de sua mandíbula. — Foi uma coisa boa você ter me ligado, senão eu não sei o que teria acontecido com você.

— E como você encontrou a minha casa? — perguntei. — Quer saber, vamos deixar isso de lado por um segundo. — Abaixei meu olhar para o seu queixo para analisar a gravidade do machucado. Estendi a mão para tocar a mandíbula de Tann e descobrir se ele tinha sofrido ou não uma fratura. O homem pulou de dor quando o toquei.

— Depois que você me ligou, eu já soube que tinha algo de errado. Então corri para a Emergência e perguntei onde você morava. Dei todo o tipo de desculpa imaginável no universo até que me dessem seu endereço.

Assenti, esticando a mão para pegar um lenço de papel na caixa acima da mesa. — Abra sua boca.

Tann obedeceu humildemente, então coloquei meus dedos médio e indicador de ambas as mãos em sua boca, com lenços de papel por baixo para evitar sua saliva. Toquei seus dentes e mandíbula, movendo-os para cima e para baixo, verticalmente. A mandíbula de Tann permanecia intacta, inteira. — Ahm... ai, isso dói.

Ignorei sua voz abafada e agarrei seu lábio inferior, puxando-o para cima e para baixo. Ele tinha uma laceração de meio centímetro em sua mucosa oral esquerda, que deve ter sido causada quando seus dentes afundaram nos lábios por causa do soco.

Tirei minhas mãos da boca de Tann, descartei os lenços de papel e lavei minhas mãos. Tann cobriu sua boca com as mãos e colocou uma expressão estranha em seu rosto. — Agora acho que sei como as pessoas que foram abusadas se sentem.

— Não, aquilo é muito pior. — Chacoalhei minhas mãos molhadas sobre a pia.

— Você já foi estuprado? — Tann parecia chocado.

Suspirei. — Não, mas já fiz exames físicos em vítimas de crimes sexuais. Tanto o estado físico quanto o mental delas estão além do reparo. — Tann parecia aliviado. — Sobre o ferimento em sua boca, precisa de alguns pontos, então você deveria ir à Emergência.

— Eu posso não fazer isso? O que os enfermeiros vão dizer se me virem assim depois de eu ter vindo para a sua casa?

— Então vá a um hospital particular. Dinheiro não deve ser um problema para você. — Depois de secar minhas mãos, fui até a área em que a briga aconteceu. Os pedaços quebrados do vaso estavam espalhados por todo o chão. Agachei-me e olhei para eles de forma determinada, tentando encontrar um pedaço que fosse bom o suficiente para um exame laboratorial.

— Nós devemos avisar a polícia? — perguntou Tann.

Fiquei em silêncio. — Se fizermos isso, sabe o que vai acontecer? Mais alguém vai sumir.

— Não importa quem vai sumir! Eu acho que sua segurança deve vir em primeiro lugar.

Olhei para Tann, que me encarou de volta com um olhar preocupado. Depois do que aconteceu hoje, percebi que minha confiança nele tinha crescido significativamente. Mesmo que Tann tivesse algumas atitudes suspeitas às vezes, pelo menos eu tinha descoberto que ele e o invasor não eram a mesma pessoa.

— Não posso fazer isso. As pessoas não estão desaparecendo por sua causa, então você simplesmente não entende — falei. Meu tom estava impassível. Tann ficou em silêncio como se estivesse pensando em algo.

Vi uma poça de sangue no chão, mas não tive certeza se era do invasor ou do Tann. A imagem de Tann sendo atingido no queixo por aquele homem voltou à minha mente. Admito que naquele momento fiquei extremamente horrorizado.

A próxima imagem que veio à minha mente foi a de Tann me abraçando.

Esse não era o tipo de gesto que homens compartilhavam um com o outro. Essa era a segunda vez que ele agia como se quisesse se aproximar de mim com outras intenções. Havia alguma intenção oculta por trás de seus atos, tanto quando ele segurou minha mão no restaurante quanto quando me abraçou. Era mais do que uma mera preocupação. Eu não sei como eu deveria me sentir sobre isso. Ele é muito bonito, eu admito, mas em uma situação como a que estávamos, eu não podia me dar ao luxo de embarcar na dele.

— E que tal isso. — Depois de um curto período de silêncio, Tann sugeriu uma ideia. — Você entrega o relatório da autópsia para polícia dizendo que foi suicídio, para o assassino se sentir a salvo, mas, enquanto isso, nós vamos tentar descobrir quem ele é. Isso deve evitar que mais alguém suma. Se nós conseguirmos pegá-lo, você pode dizer à polícia que foi ameaçado para fazer aquele relatório.

— Eu já tinha dito isso ontem no carro, mas você foi contra a ideia de fazer o relatório falso.

— Bem, você disse que ia esperar até a polícia encontrar evidências de que Jane foi assassinada. De qualquer forma, o que quero dizer é que nós vamos ser a polícia. Vamos fazer isso por conta própria. Você e eu vamos procurar pistas. Posso não ser tão inteligente quanto você, mas acho que somos capazes de encontrar alguma coisa. Tenho informações sobre os conhecidos da Jane e você é um perito forense. Acho que essa é a melhor solução.

Sentei-me e fiquei quieto enquanto ouvia o que Tann estava falando. Se ele tivesse sugerido esse plano antes de eu descobrir que ele e o invasor são pessoas diferentes, eu teria presumido que ele estava tentando me convencer a entregar o relatório falso para a polícia. Acharia isso ainda mais suspeito, mas agora eu meio que confiava nele. Mesmo que não completamente, eu confiava bastante nele. Levantei-me. — Vou pensar nisso por mais uma noite e te darei uma resposta. Agora você deve ir a um hospital.

— Eu não vou a lugar algum sem você — disse Tann de forma resoluta. Agitei a cabeça enquanto o olhava.

— Não me diga que você vai ficar aqui.

— Um agressor invadiu a sua casa e você ainda pensa em viver aqui sozinho?

Contraí as sobrancelhas. — Como eu poderia deixar um estranho viver sob o mesmo teto que eu?!

Tann riu. — Podemos deixar de ser estranhos... — Tanto falatório voltou a abrir o machucado em sua boca, que voltou a sangrar. Revirei os olhos até o teto com tamanho aborrecimento.

— Entre no carro.



Levei Tann a um hospital particular na capital do distrito. Deixei-o na frente da Emergência antes de ir procurar um lugar para estacionar e então voltei e sentei-me em um dos bancos da frente da sala. As Emergências dos hospitais privados não pareciam tão movimentadas quanto as dos hospitais públicos com as quais eu estava acostumado. Olhei para a luxuosa porta de vidro automática e senti como se o nó em meu peito tivesse afrouxado. Era como se eu finalmente tivesse encontrado alguém com quem dividir vários dias de estresse reprimido.

Nunca pensei que Tann fosse ser essa pessoa, aquela que sabe sobre tudo o que acontece comigo e me ajuda a descobrir o que fazer depois. Meu suspeito número um tinha se tornado meu parceiro? Meu radar para assassinos devia estar com problemas.

Quase meia hora depois, Tann saiu com uma sacola de remédios em sua mão. Olhei para ele e percebi que seu rosto estava estranho.

— É como ser violado de novo. — Tann cobriu a boca. — Levei dois pontos. O médico me disse que o corte foi bem profundo, e o sangue não parava de sair.

— Eu disse que você precisaria de alguns pontos. — Liderei o caminho para o estacionamento. Tann me seguiu às pressas e caminhou ao meu lado.

— Aonde você vai agora? — Tann perguntou.

— A algum lugar seguro. — Eu pretendia voltar ao hotel.

— Então vamos para a minha casa.

Aquilo me fez estancar no lugar. — Não, obrigado.

— Isso fica a seu critério, mas eu vou passar a noite com você. O que vai fazer se o cara voltar?

Eu não sabia se devia estar com mais medo do invasor ou do fato de que iríamos dormir no mesmo lugar. Naturalmente, devia ser o primeiro caso, porque ter Tann por perto era mais seguro do que ficar esperando o invasor voltar para me ferir. — Fique à vontade..., mas não vou voltar para aquela casa de novo.

— Então vamos para a minha casa. Fica bem no Klang Vieng. É seguro.

Klang Vieng significa “centro da cidade”. Algumas vezes os locais usavam o dialeto deles sem querer, esquecendo que os forasteiros podiam não entender o conceito do que eles estavam falando. Para falar a verdade, eu não queria voltar para a minha casa, mas também não queria levar Tann ao hotel, porque eu preferia manter o hotel em segredo, fazendo dele um lugar para me refugiar sem que ninguém soubesse. Apertei um botão na chave para destrancar as portas do carro. — Deixe-me voltar para pegar minhas roupas primeiro.

Tann assentiu. — Claro, eu também vou buscar meu carro.

Abri a porta e sentei-me no banco do motorista. Liguei o carro enquanto esperava Tann fechar a porta dele e dirigi para fora do estacionamento do hospital.

— Doutor, e quanto à arma? O que vamos fazer com ela? — Tann perguntou.

— No meu trabalho, quem fica com as armas do crime, geralmente, são os investigadores. É possível identificar o proprietário da arma pelo seu número de série. De qualquer forma, se não for uma arma registrada vai ser bem difícil descobrir a quem ela pertence. Eu preciso dar uma olhada nisso ainda.

— E ainda precisamos da polícia para isso, de qualquer forma. — Tann acariciou o queixo, cheio de pensamentos profundos. — Então o assassino, que tem conexões com a polícia, saberia o que estamos fazendo. Você vai estar em perigo... isso é complicado. — Ele deixou um longo suspiro sair de sua boca e descansou a cabeça no encosto. — Já que não podemos usar a arma para achar o assassino, você deveria mantê-la para se defender.

Olhei para a rua de forma contemplativa. — Acho que sim...

— Já que você vai para casa pegar suas coisas, pegue a arma também e depois me siga com seu carro até a minha casa.

— Aham — respondi, o olhar ainda fixo na estrada. Ocasionalmente lancei alguns olhares para ele, que agora estava sério e solene. Eu queria confiar totalmente nele, mas havia algo que ainda me incomodava. Quando me sentisse desconfiado, eu precisaria lembrar que eles não eram a mesma pessoa. Eu até mesmo vi os dois brigando com os meus próprios olhos. Inspirei e expirei devagar para manter a calma. Ficar na casa de Tann era, provavelmente, a coisa mais segura a se fazer no momento.



Meu carro parou em frente à cerca de uma casa de dois andares construída em um terreno de quatrocentos metros quadrados dentro da área da comunidade. A casa tinha um design bonito e moderno, diferente das outras da região. É, parecia com a casa de uma pessoa que dirige um cursinho. Tann, que estava liderando o caminho, parou, desceu do carro e caminhou direto até o meu, então baixei a janela e olhei para ele.

— Você pode trazer o seu carro para dentro. Vou abrir para você. — Tann correu para abrir o portão de ferro gradeado.

Depois de estacionar o carro, entrei na casa de Tann com ele me seguindo. Ele trancou a porta e depois estendeu a mão para ligar as luzes que iluminavam a área da sala de estar. A decoração era simples, mas ainda assim bonita. Havia alguns pertences pela casa, o que a fazia parecer espaçosa e confortável.

— Tem um quarto de hóspedes lá em cima e um banheiro privado. É todo seu. — Tann me guiou até as escadas. — Mas se ainda estiver abalado, você é bem-vindo no meu quarto para o compartilharmos.

— Não, obrigado — repeti a frase pela segunda vez. Tann sorriu um pouco antes de subir pela escada. Levei minha mala para cima e, enquanto subia as escadas, pude sentir no meu bolso o objeto sólido e perigoso que eu tinha pegado na minha casa, uma arma muito mais poderosa que meu bisturi.

— Você mora sozinho? — perguntei enquanto eu olhava em volta.

— Sim. Algumas vezes minha mãe vem me ver. — Tann ligou as luzes do segundo andar, foi até uma porta à sua direita e a abriu. — Aqui. Se você precisar de qualquer coisa, é só me chamar.

Entrei no quarto que ele tinha aberto para mim. Não era grande. Tinha uma cama de solteiro, um guarda-roupas, um ar-condicionado e um banheiro. Virei-me para Tann, que estava encostado no batente da porta com os braços cruzados sobre o peito.

— Descanse um pouco. Vamos conversar sobre encontrar o assassino depois. Boa noite. — Ele saiu e fechou a porta para mim. Fiquei parado por alguns segundos antes de colocar minha mala no chão. Sentei-me na cama lentamente. O relógio na cômoda ao lado da cama dizia que já era uma e meia da manhã, então deitei-me, exausto.

Foi o sono mais pacífico que tive nas últimas noites.

# CAPÍTULO 8

**— Meu diagnóstico preliminar seria Síndrome Coronariana Aguda!**

Depois que eu disse isso, o sino que sinalizava o final do tempo soou. Agradeci aos professores e à pessoa que se passou por paciente e lhes fiz um wai antes de correr para fora da sala. A próxima e última etapa do meu teste naquele dia era sobre “juntas e articulações”. Fui sentar-me em uma das cadeiras providenciadas pelos examinadores enquanto esperava a próxima estação.

Isso é o OSCE, o único exame com o qual a maioria dos estudantes de medicina no Nível Clínico está familiarizado, mesmo que o teste os fizesse tremer de medo toda vez que ouvissem seu nome. As provas eram divididas em várias seções, cada uma recheada de perguntas sobre o histórico médico simulado dos pacientes, a realização de exames físicos, a prescrição de procedimentos e a avaliação de raios-x e de vários exames laboratoriais, sendo que cada questão tinha um tempo para ser respondida. Quando esse tempo acabava, o sino tocava, sinalizando que o aluno devia parar o teste que estava fazendo e passar para a próxima tarefa.

Muitos estudantes de medicina detestavam os testes de OSCE, mas para mim esse era o momento em que eu mais me divertia (certamente era mais divertido do que fazer testes de múltipla escolha). Nem preciso falar, mas o teste possibilita uma avaliação confiável para saber qual a capacidade dos candidatos ao aplicarem suas habilidades clínicas.

Depois que o exame finalmente terminou, peguei minha bolsa, que eu tinha deixado com o examinador, dobrei meu jaleco e o coloquei sem a menor cerimônia dentro dela antes de sair correndo escada abaixo. Eu tinha um encontro marcado com Chompoo, uma estudante de farmácia que eu vinha tentando me aproximar. Ela aceitou jantar comigo. Nosso ponto de encontro era a porta do prédio, às quatro horas da tarde, mas, como o teste demorou, eu já estava quase meia hora atrasado.

Desci até o primeiro andar, que estava lotado de pessoas. Minhas pernas longas se apressaram para me levar ao meu destino. Vi Chompoo, que estava usando um jaleco de manga curta, parada em frente à porta olhando para o relógio em seu pulso de forma muito intensa.

Então vi um homem, vestido com um uniforme universitário, aproximando-se dela. Eu subitamente parei de andar.

O jovem universitário era bonito, alto e forte. Ele parecia mais alto que

a última vez que o vi, mas seu olhar de falcão permanecia o mesmo de quatro anos atrás.

Tarr! O que ele estava fazendo ali?!

Chompoo apontou uma direção para ele, então Tarr balançou a cabeça em gratidão e seguiu pelo caminho apontado. Vi os olhos dela o seguindo por um longo tempo até que eu tocasse seu ombro por trás.

Chompoo se virou para mim, um pouco assustada. — Olá, Bunn!

— Desculpe pelo atraso, acabei de terminar meu teste.

— Oh, sim, tudo bem. Eu entendo. — Chompoo me ofereceu um sorriso leve.

— Então... vamos encontrar alguma coisa para comer? — Caminhei com ela. Percebi que Chompoo estava olhando de vez em quando para trás enquanto caminhávamos para a frente do edifício.

Chompoo e eu continuamos a conversar por mais uma semana, e eventualmente fizemos isso com menos frequência até nos afastarmos por completo. Eu também não tinha voltado a ver Tarr desde aquele dia.



O corredor à minha frente era escuro e sombrio. As luzes no teto piscavam e eventualmente deixavam o corredor escuro por causa disso. O ar ao meu redor começou a ficar mais e mais frio a cada minuto e pude sentir meu corpo ficando mais pesado, imóvel.

Naquele momento a silhueta de um homem caminhando em minha direção surgiu. Ele estava segurando uma arma na mão direita e o som de seus passos ecoava por todo o lugar. Meu coração eventualmente se encheu de medo.

A luz no teto acendeu e iluminou o rosto do visitante.

*Era o rosto de Tarr.*

De repente senti como se uma corda estivesse envolvendo meu pescoço. Antes que eu pudesse emitir qualquer som, o chão abaixo dos meus pés sumiu e eu caí na escuridão pendurado por essa corda.

Acordei com o alarme do meu celular. Rapidamente joguei o lençol de lado e sentei-me na cama. A luz da manhã passava pela janela e iluminava o quarto. Meu coração batia com muita força e eu estava suando muito, apesar do frio no cômodo. Quando percebi que tinha sido apenas um sonho, tentei acalmar minha respiração enquanto esfregava meu rosto lentamente para voltar à realidade.

Mesmo que eu sentisse que tinha dormido melhor do que nas outras

noites, ainda tive um pesadelo antes de acordar. O sonho foi tão real, assim como aquele que tive quando sonhei que o agressor tinha injetado algo em mim enquanto eu estava no hospital.

*Por que eu sonhei com Tarr?*

Desliguei o despertador do meu celular e levantei-me da cama. Depois de cuidar da minha rotina matinal no banheiro, saí do banho com uma toalha enrolada em minha cintura, apenas pelo hábito. Corri através do frio da manhã e abri o armário.

A próxima coisa que percebi foi a porta do quarto sendo aberta, pois ouvi seu som.

— Aah! — gritei e usei a porta do armário para me esconder. Por sorte, o armário estava posicionado verticalmente em relação à porta, então eu podia usar sua porta para esconder as minhas partes que estavam inapropriadamente expostas.

— Desculpe! — falou Tann. Peguei uma camisa do cabide e a coloquei.

— Sei que você é o dono dessa casa, mas, por favor, bata na porta na próxima vez! —repreendi-o.

— Sinto muito. — Tann se desculpou. Bem, pelo menos ele não entrou no quarto. — Eu só queria te avisar que estou preparando nosso café da manhã lá embaixo. Não se esqueça de comê-lo.

— Obrigado. Mas... você se importa? Quero me trocar.

— Certo, certo... — E ouvi a porta se fechando, mas, mesmo assim, coloquei a cabeça por detrás da porta do armário e olhei para a porta do quarto com desconfiança. Uma vez que não o vi no quarto, eu me vesti bem rápido, peguei a arma, que estava na cabeceira da cama e a coloquei na minha bolsa de ombro antes de descer as escadas. O cheiro familiar de comida invadiu as minhas narinas, guiando-me para a mesa no meio da cozinha de estilo ocidental. Quando meus olhos se depararam com a comida, dei-me conta do porquê de o cheiro ser tão familiar.

— Mingau do 7-Eleven? — Olhei enquanto Tann servia o mingau quente, recém retirado do micro-ondas, em uma tigela.

— Eu tenho um talento culinário: sei como apertar o botão de ligar no micro-ondas. — Tann colocou duas tigelas de mingau na mesa. Não era à toa que a cozinha dele parecia tão impecável.

Para a sorte de Tann, eu não tinha frescura com comida. Nos sentamos à mesa e comemos nosso café da manhã juntos. — Não me diga que tudo o que você come é comida congelada? — questionei.

— Não como isso com frequência. Normalmente saio para comer ou estoco alguns alimentos das barracas de comida que ficam no começo do beco.

Mas agora não tenho nenhuma comida na dispensa. — As barracas não deviam ficar muito longe da casa dele, já que ela ficava perto do beco. Parecia que Tann estava tendo problemas para comer o seu mingau quente.

— Você tem uma ferida na boca, por que está comendo algo quente? — Olhei para o homem à minha frente. Ele parecia cativante com seus movimentos desajeitados, assim como um irmão mais novo.

— Não tem mais nada para comer... só isso. — Tann largou sua colher na tigela, como se tivesse desistido. — Você não tem que me olhar com tanta pena.

Balancei a cabeça lentamente e voltei a prestar atenção na minha tigela. Tann encarou o mingau quente como se estivesse esperando-o esfriar antes de comer. — Você vai sair para trabalhar, certo?

— Sim.

— Quer que eu te dê uma carona?

— Não, eu estou bem. — Recusei abruptamente. — E você? Não tem algo melhor para fazer ao invés de me dar uma carona?

— Eu tenho, mas minha aula só começa no fim do horário escolar. Além disso, vou parar no templo próximo ao hospital de qualquer maneira. E é para sua segurança, não é?

Fiquei em silêncio por um tempo antes de fechar os olhos e suspirar levemente. — Faça como quiser.

— Quer saber de uma coisa? — Tann descansou a bochecha sobre uma mão enquanto olhava para mim. — Você raramente sorri, doutor.

Olhei para ele. — Duas pessoas que conheço desapareceram e fui atacado por alguém duas vezes na minha própria casa. Duvido que alguém conseguisse sorrir depois disso.



Finalmente Tann conseguiu o que queria: ser meu motorista particular. Pedi que ele me deixasse na frente da Emergência, então desci do carro e entrei no hospital. A primeira pessoa que vi assim que entrei foi Fai, que estava perguntando sobre o histórico médico de um paciente em uma cama hospitalar.

— Fai! — gritei o nome dela tão alto que os olhos de todos os presentes na sala se voltaram para mim. Fai se virou, irritada. Era como se todo o mundo

tivesse se iluminado instantaneamente. Caminhei direto para ela e toquei seus ombros, olhando-a com descrença. — O-onde você estava ontem? Por que nós não conseguimos entrar em contato com você?!

Fai parecia desconfortável com minha pergunta. — Uh... — Era como se ela não quisesse me falar sobre isso.

Um longo suspiro saiu da minha boca. Eu nunca havia me sentido tão aliviado na minha vida. Eu realmente queria saber o que tinha acontecido com Fai no dia anterior... O que quer que fosse, poderia ser útil na minha busca pelo assassino. — Tem algo que você queira me dizer?

Então percebi que estava sendo extremamente rude com Fai, que estava no meio de seu trabalho. E, ainda mais... eu estava forçando ela a me dizer o que tinha acontecido mesmo com sua relutância. Virei-me para o paciente na cama, desculpando-me. — Nós podemos conversar depois. Estou feliz que você está bem.

Eu estava prestes a me virar, mas Fai segurou a bainha do meu suéter. Parei e olhei para ela. — N-nós podemos conversar de tarde.

Assenti. — Tudo bem, eu venho te ver.

Caminhei em direção à minha pequena Sala de Exames Forenses. Todos os enfermeiros e enfermeiras estavam olhando para mim e começaram a fofocar. Tentei ignorá-los, caminhando direto para a minha sala de exames e se sentando em um banco junto a Tik, a enfermeira encarregada dos casos forense.

— Eu presumo que a noite passada tenha sido caótica, não é, Dr. Bunn? — Tik perguntou.

— Sim, mas quando Fai apareceu? Você tem alguma ideia, Tik?

— Uma enfermeira que estava no turno da tarde de ontem me disse que a Dra. Fai ligou para a SE ontem à noite por volta das onze. Ela se desculpou pela ausência e disse que alguma coisa tinha acontecido, mas não sei nada sobre isso. Ela disse que queria compensar sua falta de ontem e que assumiria o turno da manhã. A enfermeira que atendeu a ligação queria ter ligado e te avisado sobre a Dra. Fai, mas ela não conseguiu entrar em contato.

A ficha que está na SE ainda deve estar com o meu número original, que foi roubado. — Obrigado, Tik...

Tik cruzou os braços e me encarou. — Dr. Bunn, posso ser sincera?

— Sim? — Olhei para a enfermeira de meia-idade que me encarava de forma assustadora.

— Dr. Bunn, você sabe o que todas as mulheres estão falando sobre você?

*Acho que sim...*

— Eu não quero que uma mulher boa como a Dra. Fai se apaixone por

um mulherengo como você. — Tik e eu éramos próximos o suficiente para conversarmos sobre nossas vidas pessoais um com o outro. Mas de qualquer forma, essa foi a primeira vez que ela falou de forma tão direta comigo sobre isso. — Ano passado você saiu com a Kai por pouco tempo, mas logo em seguida já estava tentando sair com outra mulher. Se você não está procurando nada sério, então deixe a Dra. Fai em paz. Eu te imploro.

— Ah... — Levantei minhas mãos e massageei minhas têmporas. Então Kai não havia contado para ninguém que foi ela quem terminou comigo, não é? — Não estou procurando nada sério com a Fai. Vou deixá-la em paz, satisfeita?!

Tik deixou um sorriso escapar, satisfeita. — Ótimo. Aceite o seu destino já que você mesmo decidiu ser um mulherengo. Se eu te vir perto da Dra. Fai de novo, vou te espancar. — Ela entregou o prontuário de um paciente para mim. — Posso pedir para o primeiro paciente entrar?



Para evitar as ameaças de Tik, ao meio-dia incomodei um porteiro do hospital para que ele pedisse que Fai fosse me encontrar em um restaurante de macarrão em frente ao hospital. Eu queria falar sobre o que tinha acontecido no dia anterior. A pequena médica sentada à minha frente parecia mais pálida que o normal. Depois que fizemos nossos pedidos, decidi ir direto ao assunto.

— O que aconteceu ontem à noite, Fai?

Seus ombros curvaram-se para frente e um olhar de terror surgiu em seu rosto. — Ontem, ao meio-dia, quatro adolescentes apareceram na minha casa. Foi um erro abrir a porta, porque eles entraram correndo. — Ela respirou bem fundo. — Eles pegaram meu celular e minha carteira e chamaram pelo meu irmão mais velho. A questão é que ele deve dinheiro para algum agiota. Centenas, milhares... milhões com os juros. Eles disseram que meu irmão tinha que pagar a dívida, então me pegaram como refém.

Franzi a testa conforme pensava na história de Fai.

— Eu já sei há um bom tempo que o meu irmão pega dinheiro com algum agiota, mas os cobradores nunca me incomodaram antes. Não faço ideia do porquê de eles irem me incomodar ontem. Esses adolescentes desligaram meu celular e ficaram comigo até as nove da noite, então o chefe deles disse que tinham conseguido o dinheiro do meu irmão. Depois disso eles foram embora com o meu celular e a minha bolsa. Tentei ligar para o meu irmão, mas não consegui entrar em contato com ele. Talvez ele não queira que ninguém saiba onde está agora.

— Você já fez um B.O.? — perguntei.

— A polícia já anotou o meu caso no registro, e eu também descrevi os adolescentes. Os policiais deduziram que eles fazem parte do mesmo grupo de gângsteres que emboscam motociclistas à noite. A polícia vai localizá-los.

Adolescentes que emboscam motociclistas à noite?

Esses adolescentes trabalhavam para um credor que do nada havia mandado eles prenderem Fai dentro da própria casa, mesmo ela nunca o tendo incomodado antes?

Era como se eles tivessem feito isso para parecer que Fai tinha desaparecido um dia depois de eu ter contado para Tann sobre a Janejira. Seja como for, eles só a prenderam em casa por pouco tempo, não a sequestraram como tinham feito com Pert. Mas por quê?

Eu não sabia se os dois incidentes que aconteceram com a gente estavam relacionados, mas comecei a notar algumas peças que formavam as bordas de todo o quebra-cabeça... as mais adequadas para montar um.

— Você sabe quem é o credor do seu irmão?

Fai sacudiu a cabeça. — Não sei. Provavelmente é um dos chefões mais poderosos.

Permaneci sentado em meu lugar, tentando organizar em meu cérebro todas as peças de informação que eu tinha. Presumi que eu fosse precisar de um tempo comigo mesmo para decidir quais seriam os próximos passos. No momento, minha certeza era que eu estava envolvido com algo muito grande e cheio de conexões, da polícia à adolescentes que emboscavam motociclistas à noite.

Sorrawit, o Menino-Khao-Tom-Mud que tinha sido meu paciente, já tinha dado de cara com esses jovens antes. Achei que estava na hora de pedir mais um monte de doces.



Sorrawit abriu a porta da Sala de Exames Forenses com um olhar alegre no rosto. Ele ainda estava com o uniforme da escola, uma camisa branca e um short cáqui. Uma bolsa com Khao Tom Mud estava em sua mão (uma quantidade insana deles, muito mais do que da última vez). Com os braços e pernas cruzados, eu estava esperando por ele na cadeira.

— Olá, doutor. — Sorrawit juntou as mãos, cumprimentando-me carinhosamente. Levantei minhas mãos gentilmente.

— Sua aula já acabou? Você chegou muito cedo — falei enquanto sorria

para o menino. Sorrawit coçou a nuca timidamente.

— Sim, fui buscar o Khao Tom Mud que você pediu na minha casa, logo depois que saí da escola.

Olhei para a bolsa em sua mão. — Eu não pedi tanto assim.

— N-nós estamos dando isso. M-Minha mãe disse que era uma promoção de dois por um. — Ele gaguejou.

— É mesmo? Pensei que você tinha uma paixonite por mim e estivesse querendo me encher com eles. — Continuei sorrindo para o menino.

O rosto branco de Sorrawit, que era uma característica das pessoas do Norte, ficou vermelho brilhante. — D-doutor...

— Que tal você colocar a bolsa no chão e se sentar para termos uma conversa? — Apontei para a cadeira à minha frente. Sorrawit entrou na sala e sentou-se, colocando a bolsa na mesa. — Como você está? O machucado ainda dói? — Peguei o braço dele para inspecionar o ferimento que estava sumindo.

— N-não dói mais. — O rubor tímido ainda queimava o rosto de Sorrawit.

— Hum, isso é bom. — Olhei para os hematomas no braço do menino, que tinham sido causados por um objeto longo e pontudo. — Posso te perguntar uma coisa? Você sabe quem é a pessoa que te bateu com um taco naquele dia?

O menino ponderou. — Na verdade eu tenho uma boa ideia de quem seja, mas não vou contar para ninguém, porque tenho medo de que ele me bata de novo.

Ajeitei minha postura no meu lugar quando ele disse que sabia quem eram aqueles adolescentes, mas não contaria a ninguém porque tinha medo de seu infortúnio. — Você pode me dizer quem é essa pessoa?

— Eu conheço um deles. É um dos calouros do meu colégio, um encrenqueiro. O cara está há um passo de ser expulso. Ele raramente vai para aula... quase isso. Mas não conheço os outros três.

Assenti. — Você sabe para quem eles trabalham? Tipo, quem é o “chefão” da gangue?

Sorrawit sacudiu a cabeça. — Não sei sobre isso, mas ele deve ser bem assustador. Um dos meus amigos disse que a polícia nunca faz nada, não importa o que eles façam. Ela sempre os deixa livres.

— Ah, entendo. Isso é muito ruim para as pessoas daqui. Eu também venho tendo muitos pacientes que foram emboscados por eles durante a noite. Você precisa tomar cuidado, Sorrawit. — Estendi a mão para tocar a coxa do menino. Sorrawit se assustou. — Se você souber de mais alguma coisa sobre a gangue, por favor, diga para mim. Como eu disse, tenho tido muitos casos parecidos. Quero que meus pacientes tomem cuidado.

Sorrawit sorriu abertamente, parecendo feliz. — Claro, vou perguntar se meus amigos sabem mais alguma coisa sobre isso.



Caminhei para fora da SE. O relógio na parede marcava quatro e quarenta e cinco da tarde. Assim que saí, vi meu “motorista particular” esperando por mim próximo à entrada da Emergência. Sua figura alta, vestida com uma camisa preta, aproximou-se de mim.

— Por que você está trabalhando até tarde hoje? — Tann estava prestes a colocar o braço ao redor do meu ombro. — Vamos para o carro.

Acelerei os passos, o que fez o longo braço de Tann encontrar apenas o vazio. — Geralmente saio à essa hora, mas se for um inconveniente posso ir sozinho da próxima vez.

Tann apressou-se para caminhar ao meu lado. — Eu pensei que você saía às quatro. Bem, tenho uma aula às cinco. Vamos nos apressar. — Tann olhou para o seu relógio... um *smartwatch*, percebi. Parece que ele tinha dinheiro o suficiente para gastar com essas coisas desnecessárias. — Você quer que eu te leve para casa ou você quer vir para a escola comigo?

— Se eu for para a escola com você, onde vou te esperar? — perguntei.

— Tenho uma sala privada no último andar. Você pode trabalhar lá enquanto me espera. — Nós chegamos ao carro de Tann, que estava bloqueando outros carros. —Sei que você provavelmente não quer ficar sozinho em casa.

Ele não estava totalmente errado. Estive tentando evitar ficar sozinho tanto quanto possível durante dias. Tann destrancou a porta e a abriu para mim.

Quando percebi o gesto de Tann, franzi a testa. — Tann, nós precisamos conversar sobre isso...

Tann gesticulou para o carro. — Depois de você, doutor. Nós podemos conversar sobre o que você quiser dentro do carro.

Relutei ao entrar no carro em que havia alguém abrindo e fechando portas para mim. Tann deu a volta e entrou no lado do motorista. Ele ligou o carro e dirigiu para fora do estacionamento. — Doutor, sobre o que você quer falar?

Virei-me para olhar Tann nos olhos. — Você é hétero, não é?

Tann virou a cabeça para mim com um olhar perplexo, e então voltou a olhar para a estrada. — Mas é claro que sou hétero. Que tipo de pergunta é essa?

— Um cara hétero não fica de mãos dadas, abraça, toca ou abre a porta

do carro para outro cara.

Tann sorriu abertamente. — Oh? Não posso fazer isso?

— Ou você trata todos os caras desse jeito? Ninguém nunca te perguntou se você é gay? — Comecei a bombardeá-lo com perguntas.

— Eu não faço isso com todo mundo, só sinto que quero fazer isso com você. — Ele brincou. — E não sou gay, porque gosto de garotas.

Por que seus atos sempre contradiziam suas palavras? — Então pare de me tratar da mesma forma que você trata as garotas. Eu não gosto disso.

— Lembre-me de não voltar a fazer isso caso eu continue. Algumas vezes é o meu instinto em ação.

Nunca em toda a minha vida eu senti tanta vontade de socar a cara de uma pessoa.

— Esquece. O que está feito está feito. Da próxima vez que você fizer isso, eu definitivamente vou dar um soco na sua cara.

Tann riu. — Não vai adiantar de nada. Você está preso a mim, de qualquer forma. — Tann parou no sinal vermelho. Suspirei, irritado. — Não saí para fazer qualquer investigação hoje, não sei nem por onde começar. Pensei que nossas cabeças poderiam pensar melhor juntas. Você conseguiu mais informações?

— Sim, consegui... — Olhei pela janela. — Consegui uma pista. Vamos conversar sobre isso depois da sua aula.

— Sim.

Tann estacionou ao lado da calçada, próximo ao portão do cursinho. Vi vários adolescentes entrarem e saírem dali em uma enxurrada, o que indicava o sucesso desse lugar. Virei a cabeça para olhar o dono do negócio. — Como você conseguiu enganar todas essas crianças?

— Não as enganei. Todas elas vieram até mim por causa das falhas do sistema educacional da Tailândia. Fiz parte de uma das primeiras gerações que fez o Teste de Admissão da Tailândia, entendo pelo que essas crianças estão passando hoje em dia. — Tann desligou o motor. — Suponho que você tenha feito o Exame de Admissão? Que sorte a sua.

Abri a porta. — Sim, eu fiz o Exame de Admissão. Sendo assim você deve ter em mente que eu sou mais velho que você. Mostre algum respeito. — Eu devia aprender um pouco mais sobre o passado de Tann. Quem sabe, talvez, eu encontre algo suspeito. — Você se formou com honras de primeira classe como bioquímico, por que decidiu dirigir um cursinho? Por que não fez uma pós, publicou uma pesquisa ou foi dar aula em alguma universidade?

— Eu queria voltar para a minha cidade natal. Tenho que cuidar da minha mãe. — Mãe? Tann tinha me dito que a mãe dele vinha visitá-lo de vez

em quando. Ele saiu do carro. — Vamos deixar essa *entrevista* para mais tarde. Vamos ter bastante tempo depois, mas agora eu tenho que correr para minha aula. Vá para o terceiro andar e entre em uma sala com porta branca à direita. Você pode usar aquela sala. E se quiser mexer nas minhas coisas, por favor, as coloque no lugar quando terminar.

Ele acertou. Eu definitivamente iria mexer nas suas coisas. Acho que eu não deveria subestimar a inteligência do Tann. Esse cara é esperto. E isso o torna ainda mais intimidante. Escolhi confiar nele por enquanto, mas preciso me lembrar que ele pode ser alguém envolvido na morte de Janejira.



Sentei-me diante da mesa limpa e arrumada de Tann. Assim como sua casa, seu escritório era bem espaçoso. Havia vários papéis empilhados de forma ordenada na prateleira, com nenhum pedaço de papel fora do lugar. Do outro lado da sala havia um sofá de veludo vermelho escuro e uma mesa de café. Olhando para o lugar, eu podia presumir que a personalidade dele era limpa e organizada. Virei-me para a vitrine atrás da mesa e meus olhos caíram sobre o diploma do Sr. Weerapong Yodsungnern, que continha as palavras “honras de primeira classe” escritas. Também havia fotos de sua formatura e fotos dele com um grupo de estudantes que tinha se matriculado no cursinho. Tirando isso, não vi mais nada que pudesse me dizer mais sobre o seu passado.

Como Tann já sabia que eu ia mexer em suas coisas, tomei a liberdade de olhar as gavetas de sua mesa. Encontrei só alguns artigos de papelaria, livros do ensino médio, apostilas e um livro de Biologia & Química escrito pelo próprio Tann.

Meu celular tocou, então o peguei do meu bolso e olhei para o nome na tela.

Capitão Aem.

— Sim, Aem? — Atendi à ligação rapidamente.

[Hei, Dr. Bunn, você está bem?] Era a voz forte e profunda do Capitão Aem.

Eu sabia que o capitão não tinha me ligado apenas para jogar conversa fora. — Estou bem.

[Só estou te ligando para perguntar sobre o progresso do relatório de autópsia da Janejira. Você vai conseguir finalizá-lo no prazo ou precisa de mais tempo?]

— Vou terminar a tempo. — Tomei uma decisão. Eu entregaria o

relatório em sete dias.

[Muito bem, hum... e quanto àquela vez em que você me disse que Janejira foi assassinada... você ainda vai insistir nisso que presumiu? Olha, você não conseguiu encontrar nada. Nenhum sinal de arrombamento naquela noite, nenhum sinal de luta, nenhum sinal de invasão, ninguém viu nenhuma pessoa suspeita no prédio e as câmeras de segurança daquele andar sumiram há muito tempo.]

"As câmeras sumiram"? Ri secamente. Eu não tinha certeza se ele podia me ouvir. — Claro, por que não estou surpreso?

[O que você quer dizer, Dr. Bunn? E quanto aos produtos químicos, drogas ou substâncias tóxicas no sangue dela? Ou alguma outra evidência que indique a causa da morte?]

— Todos os testes foram negativos, ela não teve overdose. — Parei por um momento. — Aem...

[Sim?]

— Eu estive pensando sobre isso. Sobre minha suspeita de Janejira ter sido estrangulada antes de morrer... acho que foi um mal entendido.

[O quê?] O Capitão Aem parecia chocado com isso. [Então o que está acontecendo aqui?]

— A forma que ela morreu... pode ter sido suicídio. — Fiquei chocado depois que essas palavras saíram da minha boca. Era a primeira vez que eu mentia para o Capitão Aem. — Quando Jane estava prestes a morrer... ela deve ter se agitado até a corda machucar severamente o tecido do seu pescoço.

[Mas que merda! Dr. Bunn, eu acreditei no seu julgamento. Foi por isso que montei essa equipe enorme de investigação.] Ouvi um suspiro bem alto. [Não se esqueça de colocar isso no relatório. Espero que não tenha nenhum problema.]

— Entendido... — respondi silenciosamente, e então o Capitão Aem desligou a chamada.

Foi realmente tão fácil assim? Foi muito fácil. Ele não percebeu nada de estranho? Nada? Ou será que ele também fazia parte desse complô?

Eu estava indo por essa estrada predeterminada, um caminho onde eu iria mentir no relatório, dizendo que Janejira tinha se matado. Recostei-me no descanso da cadeira. Fechei minhas pálpebras pesadas antes de me abaixar e pegar minha bolsa de ombro, que coloquei no meu colo. Peguei um papel e o coloquei na mesa de Tann.

No cabeçalho do papel timbrado havia um selo do emblema de Garuda e, abaixo dele, palavras claramente endereçadas ao Quartel General da Polícia Real da Tailândia... "RELATÓRIO DE EXAME *POST MORTEM*".

# CAPÍTULO 9

**O mingau de Tann hoje de manhã me obrigou a ensiná-lo como cozinhar uma refeição caseira decente.** No caminho de volta para casa, fiz ele parar em um supermercado para comprar algumas coisas. Cozinhei um prato simples, algo que eu podia fazer sem sua ajuda. O homem, que estava esperando pelo jantar sentado à mesa, viu uma tigela de sopa clara com tofu, algas marinhas e carne de porco picada junto a um prato de salada de atum que eu fiz. Seus olhos brilharam em expectativa.

Tann estendeu a mão e provou a sopa. — Oh, doutor... por favor, case comigo.

Esse cara sempre ultrapassava os limites! — Não. Faça-me um favor e encontre uma esposa que possa cozinhar para você.

— Quem precisa de uma esposa quando tem você? — Faminto, Tann enfiou uma colher de arroz na boca.

Agora ele pisou no meu calo. — Cale a boca e coma. Termine isso para termos uma conversa importante. Já te disse para não dizer essas coisas de novo ou, Deus me ajude, vou acabar com você. Enfie isso na sua cabeça. Você não é um idiota, pensei que já tínhamos discutido sobre isso.

Depois da minha última repreensão, eu tinha certeza de que ele parecia um pouco abatido. — Certo... sinto muito.

Depois de lavarmos a louça e a guardarmos no lugar, fomos nos sentar no sofá da sala de estar. Tann sentou-se com as pernas cruzadas e acariciou o queixo de forma pensativa depois que contei a ele o que aconteceu com Fai.

— Já que você é um morador local, sabe alguma coisa sobre um "chefão"? — perguntei a Tann.

— Tenho uma ideia. Só um punhado de pessoas ricas por aqui seria capaz de fazer empréstimos com a máfia. Até onde eu sei, Hong, o dono do prédio que estou alugando para o meu cursinho, é um deles. Mas ele é um cara decente, então não acho que esteja envolvido com gângsteres. Também tem esse cara que é dono de um negócio de carros usados em Klang Vieng, digo, no centro. Não tenho muitos detalhes sobre ele. E o outro é seu amigo, o Promotor Songsak...

Meu coração quase parou quando ouvi o nome de Pert sendo mencionado.

— A família dele é bem tradicional, com uma reputação bem

assustadora. Ouvi dizer que o tio dele matou uma pessoa, mas, até agora, o promotor mesmo está limpo. — Tann franziu as sobrancelhas. — Suas conexões com a polícia o tornaram extremamente poderoso.

— Mas o promotor já foi sequestrado — protestei rapidamente.

— Isso mesmo. De qualquer forma, ainda acho que há algo errado. Não podemos dizer nada enquanto não houver evidências de ele estar vivo ou morto. O promotor pode estar se escondendo nas sombras e comandando tudo de lá.

Apertei o celular de Pert, que estava no meu bolso, sem perceber. — Isso é impossível.

— Não sei. É só meu ponto de vista olhando de vários ângulos. Você tem um pedaço de papel? Preciso escrever isso. — Peguei um pedaço de papel da minha bolsa e lhe entreguei. Tann fez uma lista com os nomes que tinha acabado de falar. — Vou cuidar disso. Você não é daqui, então não saberia por onde começar. Vou falar com Hong, o vendedor de carros usados, e com os parentes distantes do seu amigo. Talvez eu consiga encontrar uma pista sobre o chefe dos bandidos. Seu trabalho é tentar encontrar o irmão da Dra. Fai e perguntar quem é seu cobrador. — Tann olhou para mim. — Mas você tem certeza de que estamos indo na direção certa?

Cruzei os braços e fechei os olhos. — Não sei se estamos indo na direção certa, mas, pelo menos... temos uma ideia de por onde começar.

— Já pensou que isso pode ser alguma espécie de vingança?

Abri os olhos e franzi a testa. — O que você quer dizer?

— Quero dizer que tudo isso pode ter sido feito apenas para te intimidar, te obrigar a seguir um destino... — Tann bateu a caneta no papel. — É só um palpite, pode ser que sim ou pode ser que não. Você tem algum inimigo?

— Não, não tenho. — Coloquei as mãos no colo, ponderando. — Não um inimigo em si, mas talvez alguém que guarde ressentimentos de mim...

Tann assentiu. — Quem?

— Eu não acho que seja ele. Ele pode me odiar, sim, mas Janejira não tinha nada a ver com isso.

— Apenas me fale.

Fiquei em silêncio por um tempo. Foi um erro meu, um erro causado pela minha arrogância. — Aconteceu logo que me mudei para cá, quando vim trabalhar para o governo...



**Dois anos atrás.**

Fui convocado à cena de um crime em uma casa de enxaimel com dois andares localizada no meio de um jardim de longan. Desci da van com Anun vindo logo atrás de mim. Ele era o legista profissional que trabalhava no hospital desde a época do Dr. Apirak, que tinha acabado de se aposentar. Desde que eu tinha me mudado, essa já era a terceira vez que eu, Dr. Bunnakit, um médico forense que tinha acabado de se formar em medicina, participava de uma investigação e fazia um exame *post mortem* na cena do crime.

O Capitão Tu veio até mim com um sorriso largo. — Bom dia, Dr. Bunnakit.

— Que manhã fresca, não é, capitão? — Olhei em volta do longo jardim.

— *"Sobre nós o nascer do sol..."* — Capitão Tu mexeu as sobrancelhas enquanto cantava. — Pense nisso como o seu ritual de iniciação.

Ri. — É melhor que a sala da delegacia, se me perguntar. Pelo menos aqui ninguém me força a cantar e sorrir o tempo todo.

Ele riu. — Eu realmente gosto de você, cara. — Capitão Tu guiou-me em direção à casa. — A falecida se chama Wandee Auykham, cinquenta e quatro anos de idade. O corpo foi encontrado às oito e quinze da manhã. Os vizinhos ouviram um tiro. Quando chegaram ela estava deitada numa poça de sangue, com uma arma na mão direita. O filho disse que ela era destra.

— A arma ainda está no local? — Virei-me para ele.

— Sim. Você quer que o investigador da cena do crime a guarde? Nós já terminamos de tirar as fotos. Posso cuidar disso — propôs o Capitão Tu, como se pudesse ler minha mente. Eu só estava com medo de que a arma fosse perdida. Nada mais.

— Vou dar só uma olhada rápida, então os investigadores poderão guardá-la.

Caminhei para dentro da casa. A primeira coisa que vi foi o corpo de uma mulher de meia-idade deitada de costas no chão, em uma poça de sangue que saía de sua cabeça. Uma parede logo atrás dela estava coberta com sangue, que tinha escorrido graças ao efeito da gravidade. Na mão direita do corpo havia um revólver.

— Vou pedir para o investigador retirar a arma para você examinar o corpo. — Capitão Tu foi conversar com um agente cuja cabeça balançava para cima e para baixo nas proximidades.

Ela morreu com um ferimento único de bala. Mas qual foi a provável causa de sua morte?

A princípio, parecia suicídio. Depois que tiraram a arma, Anun e eu

colocamos nossas luvas e começamos a examinar o corpo. Depois do exame externo no corpo, estimei a hora da morte.

Tentei mover a articulação interfalangiana do corpo. — Muito fresco. Ela não morreu há mais de duas horas. — Olhei para o buraco da bala em sua cabeça. O ferimento foi causado por uma munição de arma de fogo. A bala entrou pela têmpora direita, pois a forma da ferida era simétrica e oval. Na têmpora esquerda havia um ferimento irregular com um pouco de líquido cerebral preso à saída. Vi um anel cinza ao redor do ferimento, o que indicava que o alcance do tiro não devia ser maior que seis polegadas.

Tudo ali se encaixava. Só faltava fazer o GSR em sua mão para determinar se foi ela mesma quem apertou o gatilho. — A falecida teve algum problema recentemente? — Virei-me para perguntar ao Capitão Tu.

— O filho dela disse que ela estava tendo problemas com uma dívida, e que recentemente o preço do longan também caiu.

Levantei-me. — Preciso que você envie o corpo ao hospital para um exame mais minucioso... — Virei-me para o Capitão Tu e sorri com confiança. — Mas tenho quase certeza de que foi suicídio. É basicamente isso. Tudo faz sentido, e o motivo é bem claro.

Então ouvimos um barulho vindo do lado de fora e todos olhamos na direção do som ao mesmo tempo.

— Ei!!! Kham!! — Um homem gritou. — Kham vai pular no poço! Alguém me ajude!!!

— Que porra é essa?! — Capitão Tu correu para fora. Anun e eu tiramos as luvas e o seguimos.

Kham, ou Kham Auykham, marido de Wandee, estava tentando se afogar no poço artesiano que ficava atrás da casa enquanto fazíamos a autópsia em Wandee. O homem que chamou por Kham era um morador da vila que o viu pendurado em sua janela, do lado de fora da própria casa, pelos dedos, como se estivesse espiando lá dentro. Quando viu Kham correr em direção ao poço, correu até ele. Todo mundo conseguiu salvá-lo a tempo.

— É minha culpa! É minha culpa que ela tenha se matado. Minha culpa... — Mantiveram Kham sentado no chão enquanto ele chorava de forma lamentável. De acordo com as informações, Kham e Wandee tinham brigado feio na noite anterior. Kham saiu e dormiu em outro lugar. Quando ele voltou, descobriu que sua casa estava cercada por curiosos e pela polícia, e quando olhou pela janela viu o corpo de sua esposa. O homem também tinha ouvido que ela havia cometido suicídio.

Naquela noite, encontraram Kham morto, enforcado no pé de um longan que havia no quintal. Mais tarde naquele dia um homem se entregou,

confessando que havia atirado em Wandee e colocado a arma em sua mão. A mão dele deu positivo para o teste de resíduos de pó. Foi ele quem puxou o gatilho.

O filho de Kham ficou de luto e guardou rancor pela morte do pai, que não deveria ter acontecido. Ele tinha me enviado uma carta, ameaçando me matar por causa da determinação incorreta da morte de sua mãe. De qualquer forma, não aconteceu nada depois disso. Eu nunca mais ouvi falar do filho de Kham e o homem que matou Wandee foi levado à justiça.



— Você se lembra do nome do filho dele? — Tann anotou no papel os detalhes que eu lhe contei.

— Ele se chama Kopku Auykham. — Suspirei. — Oh, lembro bem do nome dele, naquela época ele me assustou pra caramba.

Tann assentiu. — Tudo bem então, vou perguntar por aí, por onde Kopku anda e o que ele tem feito... tem mais alguém? Alguém que possa ter um rancor parecido?

Parei. Alguém que tenha ressentimento de mim? Alguém que me despreza e queira controlar meu destino, que até mesmo consideraria cometer assassinato para me envolver nessa bagunça e me aterrorizar de forma inimaginável?

E então, sem motivo nenhum, um nome veio à minha mente.

*Tarr.*

Olhei para Tann, que me observava com expectativa.

— Você acha que o amor faria alguém odiar a pessoa que ama a ponto de voltar para se vingar depois, mesmo que o caso tenha sido há muito tempo?

As sobrancelhas de Tann se ergueram tanto que quase foram parar no cabelo. — Por que você odiaria alguém que ama? A não ser, é claro, que tenha sido traído por ela. Ou abandonado da forma mais cruel possível. Aliás, essa mulher deve ser psicopata para levar o rancor dela até esse nível.

— Pode ser bem improvável, mas se você quer ter uma visão geral de quem possa ser o suspeito em potencial... — Parei por um tempo para me recompor. — Eu saí com um cara uma vez...

# CAPÍTULO 10

**Eu estive vivendo uma mentira por décadas.** Estive escondendo quem eu realmente era dentro de mim. Por um tempo realmente longo, não permiti que meu verdadeiro eu desse um passo sequer para o lado de fora. Minha verdadeira orientação sexual, minha voz, minha vulnerabilidade, todas essas coisas, eu nunca contei para ninguém, exceto esse homem.

Eu podia expressar meus verdadeiros sentimentos quando estava com ele. Podia ficar com raiva, com medo, e podia mostrar minha vulnerabilidade na frente dele. Eu nunca tinha contado isso para ninguém, nem mesmo para Pert. E ali estava eu, prestes a revelar mais um segredo, que eu escondi por um longo tempo, para Tann.

Por que eu queria tanto que ele soubesse sobre mim?

— Eu saí com um cara uma vez...

Tann reagiu da forma como pensei que ele reagiria. Ele ficou pasmo. E inconscientemente colocou a caneta na mesa. O silêncio caiu sobre nós como um cobertor.

— Você... — Tann finalmente disse alguma coisa. — Você é gay?

— Agora sabe por que eu fico bravo quando você me provoca? — Pontuei, tentando acalmar meus nervos. — Entende? Se você for hétero, vou sentir como se estivesse brincando comigo. Mas se for gay, vou achar que está flertando. — Eu rapidamente mudei de assunto. — Mas isso não importa. O que eu estou tentando dizer é que eu costumava sair com um cara no colegial. Fui eu que terminei com ele. Ele ficou muito bravo comigo e disse que eu não podia esconder de todo mundo que era gay. Eu não o vi de novo, mas um mês atrás minha ex-namorada terminou comigo porque alguém disse a ela que eu era gay. Isso fez eu me perguntar o que pode ter acontecido com meu ex-namorado. — Olhei para Tann, que continuava me encarando. Ele não estava escrevendo mais nada no papel. — Ei, você está me ouvindo?

Tann assentiu devagar, então continuei: — Isso é muito absurdo. O rancor dele contra mim não é tanto a ponto de ele fazer isso. Já faz muito tempo, mas já que você quer saber, estou te contando, só por precaução, né?

— Eu não fiz para te provocar... — disse Tann, do nada. Não vi qualquer conexão entre o que eu estava falando e o que ele disse. — Me desculpe por te fazer pensar isso.

— Eu disse que não importa. Você não é gay. Você não tem que se

preocupar comigo. — Eu estava prestes a continuar minha história com Tarr, mas Tann levantou-se, caminhou até mim e sentou-se no sofá em que eu estava. Afastei-me rapidamente, mas, de qualquer forma, ele segurou meu braço para evitar que eu fosse mais longe. — Tann, o que você está fazendo?

— Jane era como uma irmã para mim. Nós nos conhecemos quando a escola da Jane me encarregou de ensinar seis dos seus alunos — disse Tann lentamente. Seu olhar estava fixo em mim, deixando-me congelado. — Com o passar do tempo nos tornamos mais próximos. Um dia Jane se confessou para mim e eu disse que sentia muito, mas que gostava de homens. Ela ficou chocada e riu, dizendo que eu podia ser o irmão mais novo dela. Nós continuamos próximos e saindo juntos. Todo mundo pensou que nós éramos um casal.

*O que ele acabou de dizer...?*

— Eu só continuei com aquilo porque não queria ferir os sentimentos de Jane. Eu a amava. Eu me preocupava com ela e tentei protegê-la como minha colega. Eu sabia que Jane ainda tinha esperanças de que eu fosse gostar dela também, até que um dia eu disse para ela desistir de mim. Eu queria que Jane encontrasse um cara legal, entende? Depois disso, tudo foi ladeira abaixo e a depressão dela piorou. Ela parecia tão devastada... — Tann suspirou. — Jane ameaçou se matar várias vezes. No dia em que encontrei seu corpo, nem pude imaginar que ela tinha sido assassinada. Eu sinto muito por ela, mas uma parte de mim está secretamente feliz por ela ter se livrado do inferno que era a sua mente.

Era por isso que Tann não estava arrasado com a morte de Janejira.

Tentei afastar o aperto dele do meu braço com minha mão trêmula. — P-por que você está me contando isso agora? Por que você mentiu...?

Tann sorriu levemente. — Pelo mesmo motivo que você me contou a história do seu ex.

Quando dei por mim, uma sensação eletrizante estava crescendo em meu peito e se espalhando por todo o meu corpo, fazendo meu coração bater loucamente. Minha respiração estagnou, quente. Era algo que eu nunca tinha sentido em toda a minha vida.

— Eu sabia que havia um motivo para eu querer segurar sua mão, te abraçar e cuidar de você. Meus instintos me disseram que você era como eu. — Tann ergueu a mão e tocou minha bochecha, deslizando-a gradualmente para a minha nuca. Eu não conseguia fazer mais nada, como se meu cérebro e minha mente tivessem ido para o espaço.

Era como se as correntes da minha identidade tivessem sido emancipadas naquele momento. Minhas mãos seguraram o pescoço de Tann por trás e o puxaram para me beijar.



— Hoje vou falar com os caras que você me falou ontem — disse Tann, enquanto parava o carro na frente da Emergência. — Hoje à noite nós conversamos sobre o que descobrirmos.

— Aham — respondi, colocando a mão sobre a fechadura da porta do carro.

Tann estendeu a mão para apertar a minha bem forte, então parei. — Tome cuidado. Eu venho te buscar hoje no final da tarde.

Virei-me para olhar Tann. — Você também. Se achar que é perigoso, não vá. Se as coisas ficarem feias, fuja. Nós não precisamos conseguir todas as informações de uma vez só.

Ele ainda se recusava a soltar minha mão. — Eu não quero que você vá.

Peguei sua mão enorme e a coloquei de lado. —Preciso trabalhar. — Então abri a porta e saí do carro antes que ele me segurasse por mais tempo.

— Bunn! — Tann me chamou antes que eu fechasse a porta do carro. — Se alguma coisa acontecer, ligue para mim na hora, certo?

Suspirei, segurando a borda da porta, e coloquei a cabeça para dentro do carro. — Não preciso de alguém se preocupando demais comigo. E não vá colocando um rótulo no que há entre nós. Dormimos juntos uma vez, mas não estamos juntos. Vamos conversar sobre isso em outro momento. — E então fechei a porta na cara de Tann.

Se você está procurando a definição para “paixão”, não precisa ir muito longe. Eu sou o resumo disso. O incidente de ontem à noite provou isso. Libertei o demônio que havia dentro do meu subconsciente e o deixei me consumir, satisfazendo minhas necessidades e meus desejos. Acabei tendo uma relação íntima com o dono da casa em que eu estava hospedado, bem no sofá da sala de estar. Esfreguei meu rosto ao pensar nisso. O que foi que eu fiz? Só descobrir que Tann era igual a mim já tinha me feito perder o meu autocontrole e esquecer tudo.

Com certeza algumas complicações logo viriam disso. Não só Tann poderia ficar mais apegado a mim, como minha mente ficaria em um estado perigosamente confuso.



Eu estava encarregado de fazer uma autópsia em uma mulher de trinta

anos que tinha consumido uma grande quantidade de inseticida antes de morrer. Como eu ainda devia uma aula a Boem, o jovem interno, pedi autorização à equipe da Emergência para que ele me acompanhasse. Durante nosso caminho ele ficou quieto e não disse nada.

— Você quer fazer alguma pergunta antes de chegarmos? — perguntei ao homem de pele escura sentado à minha frente.

— Não, senhor — respondeu Boem. Eu sentia como se ele estivesse me dando um gelo.

— Se você tiver qualquer dúvida, pode me perguntar quando chegarmos lá. Quero que você conheça os procedimentos *post mortem* corretos a serem feitos no local, assim como suas medidas de segurança. — Boem não parecia interessado em minha explicação naquele momento. Suspirei. — Você ainda está bravo comigo por causa da Fai?

Boem ficou um pouco chocado e se virou para mim. Anun, o legista experiente que também estava ali, voltou sua atenção para nossa conversa.

— Quero que você saiba que eu não gosto dela da forma que você pensa que gosto. Fai e eu somos próximos porque temos que trabalhar juntos, isso é tudo. Eu não quero tomar ela de você. Não preste tanta atenção à fofoca do departamento de enfermagem.

— Entendi. — Boem me deu uma resposta curta e não disse mais nada.



Depois que terminei a autópsia do dia, corri de volta para a SE no final da tarde para conversar com Fai sobre o seu irmão. Ela levantou a cabeça para mim e sorriu.

— Olá, Bunn.

Peguei uma cadeira para sentar-se perto dela. — Fai, eu posso perguntar uma coisa sobre o seu irmão?

A expressão de Fai congelou. — Perguntar o quê? — falou em um tom baixo.

— Quero conversar com o seu irmão. Pode me dar o número dele?

— Você quer conversar com ele sobre o quê?

— Sobre o cobrador. Quero saber de quem ele vinha pegando dinheiro emprestado recentemente. — Evitei dar mais motivos. Fai pareceu um pouco hesitante antes pegar o celular.

— É meio difícil falar com meu irmão pelo celular, a não ser que ele ligue para você. Ele raramente atende o telefone. Mas você pode pegar o número

dele, Bunn. — Fai me passou o número, mas antes que eu pudesse apertar o botão de salvar, senti alguém dar um tapa de leve nas minhas costas, o que doeu um pouco. E então uma enfermeira começou a rir. Virei-me e vi Tik parada atrás de mim, com as mãos na cintura.

— Não consigo acreditar que você me forçou a fazer isso, Dr. Bunn. — Tik fez uma carranca para mim. — Fique longe da Dra. Fai e vá encontrar o seu verdadeiro namorado. Ele está te esperando na sala de exames.

Fiquei chocado. Quem poderia ser? Meu "verdadeiro namorado"? E por que infernos Tann foi a primeira pessoa que veio à minha mente?

Quando abri a porta da sala de exames, notei Sorrawit balançando suas pernas enquanto esperava por mim em um assento. Ele se voltou para mim e sorriu abertamente. — Oi, doutor.

— Por quê...? Olá. — Caminhei até a minha cadeira. — O que te trouxe aqui hoje?

— Eu tenho algo para te contar. Você me perguntou sobre os bandidos naquele dia...

Essa foi rápida! Finalmente surgiram algumas pistas. Meu coração disparou enquanto eu permanecia sentado, prendendo a respiração.

— ... meu calouro da escola está na mesma turma de um dos gângsteres. Meu amigo disse que o líder da gangue estuda em uma escola profissionalizante e que eles têm alguém que os apoia, uma pessoa chamada "Sr. Black". Ele me disse que toda vez que o bandido entra em briga, ele ameaça as pessoas dizendo que o Sr. Black vai matá-los. O Sr. Black é o único que controla e financia a gangue.

*Sr. Black*... memorizei esse nome.

— ... então eu tentei perguntar a ele quem era o Sr. Black, mas meu amigo não faz a menor ideia de quem seja. — Sorrawit estava com uma expressão determinada. — Mas por você, eu vou procurar mais informações de novo.

— Não! Você não precisa — repliquei abruptamente. O menino poderia ficar em perigo se fosse longe demais. — Você não precisa ir atrás de mais nada. Estou feliz com isso.

Sorrawit sorriu. — Doutor, você não quer saber de mais nada?

— Eu não preciso de mais nada. Obrigado. E sobre encontrar o Sr. Black, eu cuido disso a partir de agora — falei, e então o sorriso no rosto de Sorrawit sumiu.

— Então suponho que eu não tenha mais motivos para vir aqui. — O menino estava com uma expressão triste. Estendi a mão para dar um tapinha em sua cabeça.

— Quem disse que você não pode vir? Eu ainda quero comer os Khao Tom Mud.

Parecia que os olhos do menino tinham voltado a brilhar novamente.



Eu estava sentado no local. Não era a cena de um crime, nem a de um suicídio. Era “o local” em que eu tinha me rendido a Tann. Nós voltamos ao mesmo sofá. A única diferença entre a noite anterior e esse momento era que agora Tann estava sentado ao meu lado, segurando um pedaço de papel que continha sua letra desleixada.

— Consegui muitas informações hoje. — Tann apontou o primeiro nome. — Vamos começar pelo Hong. Ele disse que o dinheiro que empresta para seus devedores não chega a um milhão de bath, com juros. E ele é uma boa pessoa... confirmando o que eu disse antes. Ele não faria uma coisa dessas de forma alguma. — Tann moveu o dedo para o outro nome. — O revendedor de carros, Sr. Sanith, preciso voltar para esse depois, porque a loja dele estava fechada hoje. E então nós temos um parente distante do promotor, chamado Pae. Minha fonte disse que aquela família tem vários devedores em todos os lugares. Eles são credores muito agressivos, cobram taxas de juros muito altas e certamente têm um método *físico* para cobrar as dívidas. — Tann desenhou um círculo vermelho bem grosso ao redor do nome de Pae. — Eu acho que o promotor é o mais assustador de todos.

# CAPÍTULO 11

**A figura alta de Tann veio e se pressionou contra mim enquanto eu preparava ovos amanteigados para comer com pão.**

— Eu consigo sentir o cheiro do meu quarto, doutor. — Ele se inclinou para cheirar o meu pescoço ao invés dos ovos, o que me causou arrepios pelos braços.

— Afaste sua cabeça antes que eu bata nela com essa panela. — Usei meu cotovelo para afastá-lo. — Pegue os pratos.

— Sim, senhor. — Ele cedeu, finalmente se afastando de mim. Suspirei de forma cansada. Tann vinha invadindo cada vez mais e mais minha bolha pessoal desde a noite anterior. Gritei com ele até que meu estoque de xingamentos acabasse, mas ele não pareceu dar a mínima para as minhas repreensões.

Afinal, o que éramos um para o outro agora? Apenas amigos? Amigos com benefícios? Namorados? Eu ainda não tive a oportunidade de ter uma conversa séria com ele sobre isso. Tann mesmo nunca tinha dito que gostava de mim ou que estava apaixonado. Ele apenas disse que me achava particularmente interessante, só isso.

— Algum progresso na busca pelo Tarr? — Tann perguntou enquanto me passava os pratos. Contei a ele sobre minha descoberta noite passada e ele apenas assentiu em reconhecimento. —Temos um suspeito a menos, então. Minha hipótese sobre vingança foi descartada. Acho que o suspeito que nos resta é um dos grandões.

— Nós precisamos descobrir quem é o Sr. Black. — Coloquei os ovos no prato.

— E como vai seu relatório?

— Já terminei. Vou mandar para a polícia hoje. — Peguei a panela e a levei para a pia.

— Oh, entendo... nunca vi um relatório de autópsia antes. Com sua permissão, posso dar uma olhada?

Eu ia colocar a panela na pia, mas parei no meio do caminho.

*Ele quer ver o relatório?*

Virei-me para Tann, que descansava as mãos no balcão e sorria para

mim.

Por que ele queria ver isso? É um ato de pura curiosidade ou ele quer uma confirmação de que o relatório atende aos desejos do assassino?

Continuei o que eu estava fazendo. Coloquei dois pães na torradeira e abaixei a alça para ligá-la. Esperei em silêncio. Nesse ponto eu ainda não confiava nele com todo meu coração. Eu confiava muito nele, um pouco mais de 90% se eu realmente me importasse em contar. Mas, mesmo assim, esse pequeno espaço diminuía pouco a pouco a cada dia. De qualquer forma, era irrefutável que uma desconfiança nos permeava a todo momento. Tinha algo em Tann que permanecia sem solução, algo que eu parecia ter esquecido devido à afinidade que existia entre nós dois.

Senti um toque em minhas costas: — Bunn, há algo de errado?

Eu não me virei para olhá-lo: — Tudo bem se eu não deixar você ver?

— Tudo bem se você não quiser me mostrar. Não precisa ficar tão deprimido. — Tann segurou meus ombros e me virou para que eu o olhasse. Ele estendeu a mão e colocou meu cabelo desalinhado de volta no lugar. — Eu só queria saber o que você faz todos os dias. Só estou tentando te conhecer melhor. Isso é tudo.

— Você nunca vai me conhecer. — Olhei os traços bonitos de Tann antes de ver os hematomas de sua testa que estavam começando a amarelar e sumir. — Porque eu não te conheço também.

Tann ficou quieto por alguns segundos antes de começar a falar: — Meu nome é Tann. Weerapong é meu nome de nascimento e tenho vinte e seis anos. Sou tutor em um cursinho. Nasci e cresci aqui, mas estudei em uma universidade em outro lugar por quatro anos. — Tann começou a me conduzir para o balcão da cozinha. — Sou filho único. Fui criado pela minha mãe, mas ela tinha problemas de saúde. Dei muito duro para entrar em uma universidade prestigiada para que ela se orgulhasse de mim. Eu queria ser professor universitário, para ensinar, fazer pesquisa e conquistar meu lugar no mundo acadêmico, mas minha mãe acabou piorando e eu tive que voltar para casa. Abri um pequeno cursinho e comecei a ganhar a vida para pagar as despesas hospitalares dela...

Eu estava boquiaberto. Eu jamais teria esperado que ele fosse expor todas essas informações pessoais sobre si mesmo dessa forma. Tentei sair do pequeno espaço entre a figura alta de Tann e a bancada, mas ele segurou meus ombros e me manteve no lugar: —Cheguei aonde estou bem rápido, talvez seja porque eu gosto de ensinar ou talvez eu seja um cara de sorte. Foi assim que ganhei dinheiro o suficiente para colocar minha mãe em um hospital particular sem precisar pedir ajuda à família do meu pai para pagar as contas.

A família do pai dele? Meus olhos se arregalaram quando fui atingido

pela informação. Agora eu sabia por que ele quase nunca mencionava o pai.

*A mãe do Tann tinha sido a amante do pai dele*, percebi.

— Tem mais alguma coisa que você quer saber sobre mim? — Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. — Você pode me perguntar qualquer coisa. Não tenho nada para esconder. Eu não quero que o homem que eu amo duvide de mim. — Tann se inclinou, descansando a cabeça no meu ombro, e suas mãos se moveram para baixo, segurando as minhas mãos com as suas.

*O homem que você ama, foi o que disse?* Fechei meus olhos.

Senti o coração dele batendo loucamente. Meus pensamentos estavam muito confusos. Eu estava sendo arrastado para um buraco por esse cara, e estava caindo. Fui parar num lugar em que nunca ninguém tinha me levado antes. E eu não conseguia sair. Por que tinha que ser Tann aquele que me fazia sentir dessa forma? Por que tinha que ser o suspeito número um da minha lista? Eu nem mesmo sei se ele realmente me ama ou se fez eu me apaixonar por ele por outros motivos. De qualquer forma, agora não tem mais volta para os meus sentimentos.

— Tann. — Olhei para o chão, odiando-me imensamente por ser dessa forma. — Se você me trair, eu rezo para que um destino terrível te aguarde e que meu ódio te siga pelo resto de sua vida.

Surpreendentemente, ele não disse nada, apenas me puxou para seus braços e me apertou com força como resposta à minha maldição.



Tomei a decisão de não deixar Tann me levar para o trabalho, pois eu queria cuidar disso por conta própria. Depois de entregar o relatório da autópsia para o Capitão Aem, voltei para o hospital para examinar os pacientes da Sala de Exames Forenses. Uma vez que entreguei o relatório, senti como se meu coração tivesse sido arrancado do meu peito. Meu estômago estava embrulhado. No fim das contas eu fiz o que o assassino queria.

No meu caminho de volta, tentei imaginar o que iria acontecer depois disso. Nossa investigação secreta seguiria em frente, mas eu não tinha certeza alguma se o assassino me deixaria em paz como o prometido ou se ele voltaria para fazer algo comigo. No pior dos casos eu achava que ele acabaria voltando para me matar e, assim, me silenciar, ou então encontraria uma outra forma de me ameaçar e manter seu segredo escondido como pudesse.

O medo começou a se enraizar em meu coração e toda a inquietação

que existia percorreu meu peito.

Depois do trabalho, dirigi de volta para a casa de Tann. Ele tinha me dado a chave, então eu podia ir e voltar como bem entendesse. Não vi seu carro, então ele provavelmente tinha saído para dar suas aulas.

Usei minha chave para entrar na casa e subi as escadas. Eu estava indo para o meu quarto quando, de repente, uma ideia veio à minha mente. Talvez eu devesse dar uma olhada no quarto de Tann. Eu não queria suspeitar dele como assassino, então era mais como uma forma de descartar ele das minhas suspeitas. Eu queria me sentir confortável ao redor dele, assim eu poderia amá-lo da forma que eu desejava.

Decidi abrir a porta do quarto dele. Eu já tinha entrado nele antes, quando Tann me levou para continuarmos o que começamos no sofá naquela noite. Meus olhos passaram cuidadosamente por cada objeto no quarto. Eu me perguntava onde ele tinha conseguido todas as suas coisas. O quarto era incomumente arrumado e mal mobiliado, ao contrário do de pessoas comuns. Abri o armário e as gavetas da escrivaninha. Peguei o suéter cinza de Tann, que estava nas costas de uma cadeira, para ver o que tinha dentro dos bolsos e surpreendentemente ainda tinha um leve cheiro de seu dono.

Vi um post-it laranja mais no fundo de sua camisa, o peguei. Eu não esperava que fosse algo importante.

No papel havia um número meio apagado e um nome também meio apagado. O nome que estava ali era “Nath”. E havia um coração ao lado.

Por que esse papel me parecia tão familiar?

Virei o papelzinho e encontrei outro número. Apenas uma olhada e o reconheci. Eu tinha certeza absoluta de que eu lembrava de quem ele era.

E isso se deve ao fato de aquele ser o meu número e de ele ter sido escrito com a minha letra.

Por volta da meia-noite do dia em que Janejira foi assassinada, alguém me ligou perguntando por alguém com o nome de Nath. Eu disse à pessoa que ela provavelmente tinha ligado para o número errado, então encerrei a ligação. Eu não conseguia me lembrar da voz da pessoa que me ligou, mas, de qualquer forma, eu me lembrava do conteúdo da conversa.

[Hum...] A voz do outro lado parecia ser de um homem. [Esse é o número da Nath?]

*Quem é Nath?* Eu imediatamente deduzi que era um engano. — Não, você ligou para o número errado.

[Como?] O outro lado da linha ficou em silêncio por alguns segundos. [Acho que disquei o número certo. Posso saber quem está falando?]

Tann me ligou naquela noite!

Dei um pulo, parecia que não havia mais chão sob meus pés e quase parti meu cérebro em dois tentando descobrir de onde tinha vindo esse papel e por que minha letra estava nele junto ao número de uma mulher chamada Nath.

Espere... eu lembrava agora... dei esse papelzinho com meu número para Pert quando encontrei ele pela primeira vez no tribunal! Eu me lembrava disso porque ele entregou-me o papel apesar de já ter o número de uma garota aleatória escrito nele e eu até mesmo o provoquei um pouco antes de virar o papel e escrever meu número nele também.

Mas que inferno estava acontecendo?! Por que Tann tinha esse post-it com ele?

# CAPÍTULO 12

**Desde que me lembro, sempre fui elogiado por ser um homem inteligente e sensato.** Personifiquei uma excelente performance acadêmica. Fui aceito em uma escola excelente e mais tarde entrei na Faculdade de Medicina, algo com o qual muitas pessoas poderiam apenas sonhar. Eu, o médico forense que inúmeras vezes recebeu propostas para se tornar um professor de medicina.

Mas agora todos aqueles elogios me pareciam coisas do passado enquanto eu me sentia indescritivelmente estúpido.

Olhei para um pente sem munição antes de devolvê-lo ao lugar. Coloquei aquilo na cama e olhei para a janela. A arma do intruso foi descarregada. A arma com a qual eu esperava me proteger não era muito melhor que um brinquedo. Se algo terrível fosse acontecer comigo, então eu seria facilmente assassinado.

Depois de ver aquela pequena nota, uma torrente de pensamentos veio à minha mente. Tann e o promotor Pert devem ter mantido contato um com o outro de alguma forma, presumi. Talvez eles fossem apenas conhecidos, ou talvez Tann tenha sido aquele que sequestrou Pert. A última opção parecia ser a mais plausível, porque se Tann e Pert se conheciam tão bem a ponto de trocarem coisas como essa, ele deveria ter me dito a verdade desde o começo. Não havia motivos para ele esconder isso de mim. Foi por isso que eu me apressei em arrumar minhas coisas antes de pegar a arma para estudá-la. Eu sabia uma coisa ou outra sobre armas por causa das minhas aulas sobre investigação forense, mas não era nada a ponto de eu ser especializado nessa área de investigação. Quando descobri que a arma não estava carregada, senti como se eu tivesse sido apunhalado pelas costas.

Eu não podia mais ficar na casa dele, eu tinha que fugir. Eu tinha sido enganado... enganado por Tann.

Engoli aquela dor agonizante, porque eu não podia perder tempo sentindo pena de mim mesmo. Peguei minha mochila e rapidamente saí do quarto. Mas então ouvi o som da porta da frente sendo destrancada, o que me prendeu em meu lugar e fez minhas mãos gelarem e ficarem frígidas de medo. Meu coração estava batendo tão forte que pensei que ele fosse sair do meu peito.

Tann abriu a porta apressadamente e levantou a cabeça para olhar para

mim, que estava parado no meio das escadas. Uma expressão de puro pavor estava estampada em seu rosto. — Onde você está indo?

Larguei minha mochila ali mesmo e corri escada acima. Ouvi os passos dele vindo atrás de mim e fui em direção a um cômodo. Entrei e fechei a porta com a chave. Afastei-me lentamente da porta e logo ouvi uma batida do outro lado: — Bunn! Abra a porta! Eu preciso falar com você!

Eu não tinha mais nada para falar com esse assassino... corri para a janela e olhei para baixo, avaliando as possibilidades de fugir por ali. Eu estava cinco metros acima do chão. Dessa altura, eu acabaria gravemente ferido se pulasse pela janela.

Ouvi o som da porta sendo destrancada, virei a cabeça e decidi tirar a arma do bolso.

A porta se abriu e revelou a figura alta de Tann. Levantei a arma descarregada e mirei nele.

Quanto mais eu olhava para seu rosto, mais minha dor aumentava. Pressionei meus lábios em uma linha fina e tentei não revelar nenhuma emoção: — Você... chegou cedo. — Minha voz estava claramente tremendo.

Tann levantou as mãos, parecendo incrivelmente calmo: — Bunn...

— Onde está o promotor? — Tann se aproximava de mim lentamente. — Pare aí mesmo! Não se aproxime mais! — gritei.

Tann parou: — Venha comigo, você está em perigo.

— Sim, o perigo está bem aqui. — Dei um passo para trás.

Tann suspirou, abaixou suas mãos e rapidamente se aproximou de mim. Claro, ele era corajoso o suficiente para fazer aquilo porque sabia que minha arma não estava carregada! Virei-me rapidamente. Não tinha qualquer lugar para eu escapar, a não ser que eu pulasse pela janela. Tentei ir para o outro lado para evitá-lo, mas suas mãos longas conseguiram me alcançar e ele me prendeu em seus braços. Soltei a arma inútil e lutei, pisando em seu pé e o empurrando com meu cotovelo. Por um momento Tann soltou seus braços de mim e foi tudo o que eu precisei para fugir dele.

— Bunn! Pare ou vou atirar em você! — A voz dele ecoou pelo quarto. Eu, que estava para passar pela porta, parei e virei-me lentamente para olhá-lo.

Tann não estava brincando. Ele tinha um pequeno revólver em suas mãos, não o mesmo que eu tinha jogado fora um momento atrás, e estava apontando a arma para mim.

Minha vida tinha acabado. Minha vida provavelmente acabaria ali, tendo fim pelas mãos do homem que disse que me amava.

Tann caminhou até mim e me abraçou bem forte enquanto continuava segurando a arma. Meu corpo todo estava tremendo. — Me desculpe por ter que

fazer isso, mas você não teria parado de outro jeito. — Eu devia estar tremendo tanto que ele podia sentir. Ele segurou meus ombros e me afastou dele. Os olhos de Tann estavam fixos no meu rosto: — Eles me mandaram te matar...

Meus joelhos ficaram fracos com essa frase.

—... mas eu simplesmente não posso fazer isso, Bunn. Como eu poderia? Meu trabalho foi por água abaixo desde o primeiro momento em que te vi. — Tann usou sua mão livre para acariciar minha bochecha. Ele parecia confuso e ansioso, mas de qualquer forma, a essa altura eu já não acreditava em nenhuma ação ou palavra vinda dele.

— Alguma coisa foi real? — Respirei fundo. Meu coração doía tanto que foi dominado por uma dormência penetrante. Meu cérebro já não conseguia mais processar tanta coisa.

Tann ficou em silêncio por alguns segundos. — Uma coisa *é* real... **Eu te amo**.

*Não, eu não acredito em nada disso.*

— Quero que você venha comigo. Vou te levar para algum lugar seguro. Por favor, fique lá até eu resolver essa bagunça. — Tann baixou sua cabeça e a encostou em meu peito. — Estou te implorando, Bunn, eu não quero que você morra...

— Quem é você? — Fechei minhas mãos em punhos com muita força.

Tann olhou para cima e eu pude ver que seus olhos ficaram vermelhos. — Eu sou aquele que arrombou sua casa e o ameaçou na primeira noite. Mas eu não matei Jane.

Sua confissão foi como jogar sal na minha ferida. Aquela sensação pesada se transformou num maldito caroço e se alojou na minha garganta. Eu estava com tanta raiva de mim mesmo por ter deixado ele me enganar esse tempo todo... Tann se aproximou de mim apenas para desviar minha atenção dele. E eu confiei nele, acreditei nele e acabei tendo sentimentos por ele.

— Quem matou Janejira?

— Eu sei quem a matou, mas ainda não posso te contar. Na hora certa te contarei. — Sua expressão era suplicante. — Escute, eu não ligo se você me odeia, mas preciso da sua cooperação agora. Você tem que ficar quieto por um tempo para que o meu chefe pense que você está morto. E então poderei resolver esse problema depois.

— Eu não vou a lugar algum com você! — Tentei empurrá-lo enquanto a voz da minha razão começava a ir embora. Tann segurou e puxou o meu pulso, impedindo-me efetivamente de empurrá-lo.

— Bunn! — Tann falou de forma áspera e feroz. — Você não tem escolha! Se alguém te vir fora daqui você vai estar morto! Você não faz a menor

ideia de com quem está lidando.

— Deixa eu adivinhar, você vai enterrar o meu corpo no meio da floresta?! — gritei de volta, com raiva. Ele apertou meu pulso com mais força e a dor me fez cerrar os dentes. — Assassino desgraçado!

— Eu nunca matei ninguém... — Tann franziu as sobrancelhas. Ele parecia magoado com a condenação. — Digamos apenas que se você não cooperar, *vou ter que te forçar*. — Tann apontou o cano da arma para o meu peito. — Vá para o meu quarto.

Ele soltou o meu pulso e guiou-me para fora do cômodo em direção ao seu quarto. Eu não resisti, mas isso não tinha nada a ver com a arma apontada para as minhas costas. Eu apenas sentia que tinha perdido toda a vontade de lutar. Tann me deixou na cabeceira da cama, ainda apontando a arma para mim, e então lentamente se aproximou do armário e tirou algo da prateleira de cima, de um lugar que eu não tinha olhado. Um estojo de couro preto estava escondido debaixo de uma toalha. Ele abriu o estojo com uma mão e tirou de lá um objeto de prata familiar, que fez um leve *click* quando uma ponta prendeu na outra.

Onde ele conseguiu todas essas coisas? Armas... Algemas...

Ah... deve ser com seus contatos da polícia.

Tann se aproximou de mim, prendeu um lado da algema no meu pulso e o outro lado na cabeceira da cama. Olhei para aquilo que me restringia, sentindo que minha liberdade tinha sido tomada. — Hoje à noite vou te levar para um lugar seguro. Você não deve ir a lugar algum. Fique aqui, tudo bem? — Tann olhou para mim com a sombra de um remorso ardente em seu olhar. Ele pegou seu celular e tirou uma foto de mim antes mesmo que eu pudesse responder. — Me desculpe... tenho que fazer parecer que eu te prendi.

Eu não sabia como reagir às ações de Tann. Ele deslizou a mão para baixo e tocou o meu bolso. Usei minha mão livre para o empurrar, mas não teve efeito algum. Ele enfiou a mão no meu bolso e retirou o celular de Pert, colocando-o no bolso de sua camisa. Ouvi algo vibrando, provavelmente seu celular, e então ele o pegou e atendeu. — Chefe... — Ele olhou para mim. — Sim! Deixe comigo! — Tann franziu sua testa antes de sair do quarto batendo a porta.

Tudo ficou em silêncio. Tentei soltar meu pulso com minha mão livre, mas aquilo era inútil, eu sabia que tudo o que eu conseguiria se continuasse tentando era apenas um pulso machucado. Encostei-me na cabeceira da cama, dobrando os joelhos e abraçando-os com minha mão livre.

Se eu conseguisse sair vivo disso, eu gostaria de ir para casa, voltar para o meu pai e minha mãe e jogar vídeo game com meu irmão mais velho. Eu também gostaria de sair com meus colegas médicos. Encostei minha cabeça na

parede e fechei os olhos. Eu nem sabia se poderia vê-los novamente. Mas, de novo, talvez o meu sacrifício mantivesse todo mundo seguro, especialmente minha família em Bangkok. Se eu morresse, pelo menos não haveria mais ameaças de morte para aqueles próximos a mim.



— Bunn! — Ouvi os passos abafados de alguém correndo na minha direção enquanto eu entrava no estacionamento. Virei-me para o som. O rosto bonito do Promotor Pert apareceu na minha linha de visão, fazendo-me abrir um sorriso largo.

— Olá, Sr. Promotor. — Fiz uma leve reverência para Pert, que franziu os lábios.

— Eu sabia que era você! Meio que reconheci seu nome, *Dr. Bunnakit.* Mas olha se não é o Bunn, o tratante inteligente. — Pert deu alguns tapinhas no meu ombro. — Você me assustou pra caralho quando entrou na corte.

Eu ri. Eu também fiquei muito assustado ao ver Pert como promotor. — Sim, eu estou substituindo o Professor Apirak. Estou ansioso para trabalhar com você.

Pert sorriu. Ele parecia feliz. — Eu fiquei tão chocado ao te encontrar aqui, cara. Desde que voltei para a cidade não tive nenhum amigo para sair comigo. Você está indo para o hospital agora?

— Sim, preciso dissecar um corpo. — Descobri que Pert tinha vindo desta província. Ele deve ter sido enviado para Bangkok para receber uma boa educação a fim de ser admitido em uma universidade em Bangkok.

— Muito bem, não posso te acompanhar por mais tempo. Tenho que voltar correndo. — Pert olhou para o seu relógio ao mesmo tempo em que usava a outra mão para procurar algo em sua bolsa. — Vi que você saiu praticamente correndo de lá, então decidi correr antes que eu te perdesse, aí acabei esquecendo meu celular no meio disso. Me passa o seu número, nós temos que manter contato, cara.

— Claro. — Tentei encontrar um pedaço de papel, mas Pert já tinha me estendido um papelzinho. Era um post-it laranja, que já tinha o número de alguém escrito nele. — O que é isso? Já tem o número de uma tal de Nath. — Aceitei de forma perplexa o papel que ele me deu.

— Ah... apenas escreva o seu do outro lado. É o único pedaço de papel que tenho comigo.

Dei uma boa olhada no promotor. Durante toda a minha vida eu já tinha

visto vários caras bonitos, mas nenhum deles poderia chegar aos pés de Pert em termos de beleza. Com sua pele clara, Pert era bonito, alto e gentil. Ele tinha tudo, inclusive uma personalidade muito boa. Não era de se surpreender que ele pegasse várias garotas e acabasse não levando nada a sério. — Você ainda está bonitão, cara! Me dê o número dessa menina, Nath, vou chamar ela para sair. — Virei o papel e escrevi meu número.

— Por que eu faria isso? Ela é bonita. Tem peitos enormes. Justamente o meu tipo.

Devolvi a notinha para o homem à minha frente. — Quem *não é* o seu tipo é a verdadeira questão.

Pert pegou a nota e colocou em sua bolsa enquanto ponderava. — Professora Phannee, pelo menos, não é meu tipo.

Pert e eu começamos a rir ao mesmo tempo. O estresse de ter que me adaptar ao novo ambiente estava começando a diminuir. É muito bom reencontrar um velho amigo. Depois disso senti que Pert e eu íamos começar a nos ver mais. Mesmo eu desaprovando o hábito de Pert sair com várias garotas ao mesmo tempo no passado, isso tinha sido anos atrás. Agora nós dois éramos adultos. Era melhor fazer amizade com pessoas que já conhecíamos caso precisássemos de ajuda um dia.



Acordei assustado quando ouvi o som da porta se abrindo. Tive que apertar os olhos por causa da luz que estava entrando no cômodo. O quarto de Tann estava frio e escuro como o breu. Eu devo ter me encostado contra a parede e caído no sono devido à exaustão até anoitecer. A pessoa que abriu a porta estava contra a luz, mostrando apenas sua silhueta, e a súbita luz que entrou pela porta fez minha visão embaçar por um momento.

— Vamos. — Tann parou perto de mim, usando uma pequena chave para me soltar.

— Aonde? — Assim que minha mão ficou livre, retirei-a de forma abrupta para evitar seu toque.

— Nos esconder. — Tann fez uma cara feia. Ele parecia irritado por algum motivo. — Achei que já tínhamos passado por isso. — Mantive minha boca fechada. Eu nunca tinha visto ele com tanta raiva antes. Parecia que Tann estava tentando conter a própria raiva para falar comigo com uma voz gentil. — É para a sua própria segurança. Você vai vir comigo. Eu vou te dar duas opções: vir comigo por vontade própria ou ser arrastado à força. Não queremos ter que

optar pela segunda opção, certo? Porque você vai acabar se machucando e eu nunca me perdoaria por isso.

Olhei para Tann. Eu estava aterrorizado pelo olhar dele. De qualquer forma, eu queria uma explicação exata sobre o que iria acontecer. Quem mandou Tann aqui? De que forma ele estava envolvido com a morte de Janejira? E aonde ele estava me levando? Ele iria me matar? Quando Tann me viu sentado ali, em silêncio, ele bufou. — Você não vai tornar isso fácil, né?

Eu ainda estava abraçando meus joelhos contra o peito, imóvel.

— Tann... — chamei seu nome.

— Hum? — respondeu.

— Eu não tenho escolha, tenho?

— Não. — Tann pegou meu braço. — Levante. Nós não temos muito tempo.

— Quem é você? — Eu devo parecer uma pessoa louca por ficar repetindo a mesma coisa, mas aquilo era algo que eu simplesmente não conseguia tirar da cabeça. Quem era o homem por quem eu tinha me apaixonado? O homem que, nem preciso falar, acabou me traindo da forma mais dolorosa possível? Eu não fazia ideia.

Tann estendeu suas mãos, segurou meu rosto, ajoelhou-se e beijou minha testa. Fechei os olhos e comecei a tremer incontrolavelmente. Eu não sabia o que ele queria me dizer com aquele ato. Tudo que eu conseguia sentir naquele momento era um puro e inalterável medo.

— Prometo vou te contar tudo quando isso acabar. — A voz dele era de partir o coração. — Se eu sobreviver a isso, vamos fugir juntos e vou te contar tudo sobre mim...

# CAPÍTULO 13

**Às oito e cinquenta e cinco da noite de dez de dezembro, os noivos trocaram beijos nas bochechas em cima do palco na frente de todos e os convidados homens explodiram em gritos.** Eu ri com eles, totalmente envolvido pelo ambiente relaxante. Aquela provavelmente era a maior reunião da nossa turma da escola. Virei-me para Manote, que estava segurando uma taça de vinho na mão e se inclinando contra o palco enquanto gritava.

— Eu serei amaldiçoado! A esposa do Jack é duas vezes mais que a minha. — Manote se virou para mim, que deixei uma risada escapar por causa de seu comentário.

— Desculpe, eu não quis rir da sua esposa. — Peguei uma taça de água para beber.

— Ela pode não ser um doce para os olhos, mas ela tem *outras* qualidades. — Manote mexeu as sobrancelhas de forma sugestiva.

— Que *tipo* de qualidades?

— Ela é muito habilidosa na cavalgada... — Ele elaborou.

Balancei a cabeça enquanto ria. Todos nós sabíamos que Manote estava ficando tonto. — Você está bebendo um pouco demais aí, amigo. Nós não tínhamos planos depois daqui?

— Não estou bêbado, ainda estou apenas começando. — Ele virou a taça com o restante do vinho.

Fingi que não tinha notado meu amigo bêbado e voltei-me para os recém-casados que agora estavam relembrando publicamente a primeira vez que se viram. O noivo, que estava em cima do palco com um sorriso no rosto, era Jack, meu amigo dos tempos da escola. Meu grupo desse tempo também estava ocupando outras três mesas, conversando animadamente.

Eu deliberadamente olhei para a noiva de Jack e ela era inacreditavelmente bonita, assim como Manote tinha acabado de falar. Com seu rosto brilhante e olhos enormes, a mulher iluminava o mundo todo sempre que puxava os lábios e sorria. Tendo uma esposa tão bonita assim, se um dia ele tivesse um caso eu nunca o perdoaria. Eu detestava estes tipos de homens inconstantes. Esse tipo de pessoa é insaciável, egoísta e avarenta. Não importa o que eles façam, sempre fazem sem pensar nas consequências, nada mais importa

além do desejo deles.

Como tive que aturar esse tipo de pessoa a minha vida toda, eu realmente os odiava profundamente.

Eu sou Tann, também conhecido como Weerapong Yodsungnern, tenho vinte e seis anos e oficialmente sou o dono do maior cursinho da província, mas secretamente sou a mão direita de uma família que pode ser considerada como a máfia. Na verdade, não é tão complicado o modo como acabei nessa vida. Eu sou o filho ilegítimo de Noppakhun Sawangkul, o “Sr. Odd”. Ele é dono de várias terras e imóveis no distrito da capital. A família do meu pai é rica desde o início dos tempos. O Sr. Odd era conhecido por sua reputação de mulherengo e eu era produto desse seu ato egoísta. Minha mãe me levou para morar com alguns parentes a fim de que eu não me envolvesse com o Sr. Odd, por isso eu nunca o tinha visto até ele ir visitá-la para oferecer algum dinheiro, mas ela recusou sem nenhuma hesitação.

Pensei que eu poderia crescer na vida sem a ajuda dele, por isso defini meus objetivos: notas boas, colégio e universidade com boas reputações e um trabalho decente. Eu até mesmo mandei algum dinheiro para minha mãe depois de conquistar esse último. Sim, eu poderia ter seguido dessa forma se minha mãe não tivesse uma doença autoimune e insuficiência renal, o que a levou para a UTI.

As contas médicas cumulativas e diálises ficaram exorbitantes demais para o bolso da família da minha mãe. Eu tinha apenas treze anos naquela época e só conseguia ver uma única saída que salvasse a vida de minha mãe: ir para a mansão luxuosa da família Sawangkul. Usando um uniforme velho e suado, ajoelhei-me na frente do meu pai, implorando para ele salvar a vida da minha mãe.

— Levante-se. Você não precisa fazer isso — o Sr. Odd disse gentilmente. Ele me pegou pelo braço e me ajudou a levantar, e eu o obedeci desajeitadamente. Limpei os olhos com as costas da mão e olhei para o chão, incapaz de encarar os olhos daquele homem. — Eu sempre quis ajudar sua mãe, Tann, mas ela nunca aceitou minha ajuda.

Fiquei quieto por um momento. Eu não ligava muito para nada daquilo desde que eu pudesse salvar minha mãe. Eu faria qualquer coisa, qualquer coisa, para conseguir aquele dinheiro. — Eu posso trabalhar. Posso fazer qualquer trabalho, mas, por favor, dê-me algum dinheiro para que eu possa pagar o tratamento dela...

— Você vai trabalhar para mim? — ele falou de modo pensativo. — Na verdade essa é uma boa ideia. As crianças não têm estado em casa ultimamente, todos os meus filhos foram estudar em Bangkok. Bem, que tal isso... eu cuido de

sua mãe, apenas leve-me até ela.

Olhei para o Sr. Odd com meu coração cheio de esperança.

— Sério?

— Claro. Por que eu mentiria para você? Eu me preocupo com ela tanto quanto me preocupo com você, Tann. — Eu não sabia se suas palavras eram verdadeiras, só sabia que meu pai era o único que poderia salvar minha mãe.

— Obrigado... obrigado... — Eu instantaneamente voltei a chorar. Uma mão enorme se aproximou e acariciou minha cabeça.

— De qualquer forma, assim que sua mãe se recuperar você vai ter que ser meu filho. — Parei por um instante quando ouvi o que ele disse. — Vou comprar uma casa decente para ela e contratar uma cuidadora para cuidar dela todos os dias. E você... vem morar comigo. Combinado?

— Mas eu quero ficar com a minha mãe.

— Tann, você vai poder visitar sua mãe sempre que quiser. Você só vai precisar ficar aqui comigo, ajudando com algumas coisinhas.

Eu caí direitinho na armadilha daquele cara. Concordei em dar uma ajuda no trabalho dele, pensando que eu teria que trabalhar como um menino de recados. Eu realmente não me importava em ter que fazer esse tipo de trabalho. Meu único desejo naquele tempo era prolongar a vida da minha mãe. Meu pai pagou todas as nossas despesas médicas, o que me deixou em dívida com ele. Mal sabia eu que aquilo era apenas uma forma de colocar uma coleira em mim, a fim de que eu fizesse todo o seu trabalho sujo, já que eu não poderia lhe negar nada, visto que eu estava em dívida com ele. Com minha mãe como refém, eu estive trabalhando para ele desde então.



Depois da cerimônia de casamento do Jack, saí do hotel. O vento frio do lado de fora me fez apertar meu casaco cinza mais firmemente contra mim mesmo. Fiquei lá, esperando pelos meus amigos, que ainda estavam tirando fotos na frente do arco de flores, para sairmos naquela noite.

De repente o meu celular começou a tocar. Peguei-o e, quando vi o ID da chamada, deixei um suspiro escapar pela minha boca antes de atender a ligação.

— Hum, o quê?

[Tann, preciso de um favor.] Ouvi a voz familiar do outro lado da linha.

— O que seria? — Virei-me para olhar os meus amigos, que estavam saindo do hotel.

[Eu esqueci de trazer o celular com o número da Nath, você pode ligar para ela e avisar que o encontro de hoje à noite está cancelado? Estou ocupado.]

O que foi agora? Quem é Nath? Eu já estava ficando doente de tanto ter que memorizar o nome dessas mulheres. — Eu te disse para usar só um celular. E como eu deveria ligar para ela? Eu nem tenho o número.

[Você não está em casa?]

— Não... — Fui para um espaço mais silencioso. Isso era parte do meu trabalho: seguir as ordens do homem com quem eu falava ao celular.

[Vá para casa se não estiver ocupado. Acho que tenho o número dela anotado num papel que está em algum lugar da minha mesa, um papelzinho laranja. Ou ache meu celular. Diga a ela que precisaram de mim em outro lugar. E peça para não ficar brava comigo.]

Eu já tinha combinado, antes daquilo, que sairia com três amigos para uma longa noite de bebedeira. Eles vieram até mim. Droga, eu estava tão cheio disso... — Claro, vou resolver isso. Aliás, por que você está fora tão tarde assim?

[Estou com alguém.] Meu irmão respondeu vagamente. [Não esqueça de ligar para Nath, seu maldito, ou eu vou chutar seu traseiro.] E com isso ele desligou.

— Vamos, Tann! — Manote dançou até meu lado para rodear meus ombros enquanto eu olhava para a tela do meu celular de forma irritada.

— Vocês podem ir na frente, eu alcanço vocês. Agora tenho que ir para casa cuidar de uns pequenos imprevistos. — Dei a volta e caminhei para o estacionamento. Obedecer às ordens do meu irmão era o mesmo que obedecer a meu pai. O poder da família Sawangkul estava nas mãos do meu irmão. Seis meses atrás o Sr. Odd tinha sido diagnosticado com câncer de colo em estágio avançado. Nesse momento ele estava sob cuidados paliativos. Por causa de Jum, a esposa legítima do meu pai que morreu três anos atrás, o controle da família Sawangkul passou para o meu irmão. Por isso eu me tornei seu subordinado.

Os negócios do meu irmão eram sempre coisas triviais, igual ao que ele tinha acabado de me pedir. Ele provavelmente pensava que podia me obrigar a fazer qualquer coisa, por isso era sempre eu quem acabava limpando sua bagunça. De qualquer forma, coisas relacionadas à corrupção — como coerção, ameaças e suborno — diminuíram significativamente desde a troca de poder.

Então, no momento o antigo escritório do Sr. Odd pertencia ao meu irmão. Parei no meio do escritório da família, que estava adornado com belas decorações. Uma foto do meu pai em uma idade mais jovem estava pendurada na parede ao lado de uma foto do meu irmão. Pai e filho eram incrivelmente parecidos. Aproximei-me da mesa de madeira entalhada e abri todas as suas gavetas. Eu tinha que falar para o meu irmão que ele precisava começar a trancar

suas gavetas ou ele seria facilmente roubado.

Finalmente achei um pequeno post-it laranja com um número de celular anotado. Não procurei pelo celular dele e nem usei o meu para fazer a ligação, porque eu não queria que meu número aparecesse no celular de um estranho, então decidi usar o telefone fixo que estava em cima da mesa para realizar minha missão.

A música de espera tocou por um tempinho antes de me atenderem.

[Alô.]

Era a voz de um homem. Olhei para o papel mais uma vez. — Hum... esse é o número da Nath?

[Não, você ligou para o número errado.] O homem do outro lado da linha parecia um pouco irritado. Verdade seja dita, qualquer pessoa ficaria frustrada se um estranho ligasse a essa hora da noite.

— Como? Acho que disquei o número certo. Posso saber quem está falando? — perguntei novamente, só para ter certeza.

[Então você está com o número errado, este não é o número da Nath.] E com isso o homem encerrou a ligação. Fiquei lá, segurando o telefone enquanto olhava para o papel de forma curiosa antes de decidir virá-lo.

Ops, número errado, assim como ele disse. O número de Nath estava do outro lado, então digitei o número certo dessa vez, mas ela não atendeu. Guardei o papel no meu bolso e saí de casa. Eu não queria mais perder tempo, então tentaria ligar de novo para Nath com meu celular dentro de meia hora.



O meu refém tinha estado muito quieto desde que saímos de casa.

Eu olhava para trás vez ou outra. Tive que fazer isso com Bunn para minimizar os incômodos de trazê-lo para fora. Ele estava com as mãos algemadas para trás e os olhos vendados com um pedaço de tecido preto. Eu tinha colocado ele deitado no banco de trás do carro. Bunn devia estar muito desconfortável deitado nessa posição, mas eu realmente não tive escolha. Ele estava brigando comigo desde que estávamos em casa. Tive que tomar algumas precauções, porque senão ele iria acabar se jogando para fora do carro a qualquer momento. Eu não podia deixar o homem que eu amo e pelo qual me preocupo ficar perambulando pelas ruas nessa situação. Se ele morresse, eu nunca me perdoaria.

Dirigi para fora do distrito da capital. A estrada à nossa frente estava quase que completamente escura, sem veículos passando ao longo dos trechos, o

que era uma coisa comum na minha terra natal. A temperatura fora do veículo tinha caído pelo menos uns dez graus.

Merda! Eu tinha esquecido de pegar um casaco para Bunn.

— Você está com frio? — Diminuí o ar-condicionado enquanto fazia aquela pergunta para o homem na parte de trás do carro.

Não houve resposta.

Eu não esperava que ele fosse falar comigo, de qualquer forma. O doutor devia estar bravo e me odiando por eu ter conseguido enganá-lo até agora.

Desde a primeira vez que vi o rosto do médico forense responsável pela autópsia de Jane eu já tinha sentido algo especial fluindo dele. Aquela figura alta parecia tão ágil e esperta. O modo como ele liderava sua equipe com um senso de humor e uma eloquência única, que era sua marca, fez o Dr. Bunnakit tornar-se um homem tão atraente para mim que eu não consegui tirar meus olhos dele. Oh, como eu queria ir até ele para conhecê-lo e tornar nossa relação mais próxima.

Eu não queria que o Dr. Bunn se tornasse o alvo do meu trabalho de forma alguma. Apaixonei-me por ele na primeira vez que o vi.

Virei em um beco, próximo a um arrozal, escuro feito a noite e dirigi direto para uma casa no fim dele. Comprei-a para minha mãe secretamente para o caso de algum perigo acabar surgindo. Estacionei na frente da casa e desliguei os faróis e a ignição.

— Chegamos. — Virei-me para olhar Bunn, que se mexeu como se estivesse tentando se sentar. Desci rapidamente do carro e fui abrir a porta do banco de trás antes de pegá-lo pelos ombros e ajudá-lo a se sentar. Uma vez que Bunn ficou sentado, ele se arrastou para trás até bater na porta do outro lado. — Não tenha medo. — Coloquei a cabeça para dentro do carro e tirei sua venda.

Bunn olhou para mim com medo, confusão e suspeita. Ele estava tremendo de frio ou de medo? Eu não sabia. Bunn estava usando apenas uma camisa de manga comprida. Tirei meu casaco e coloquei em seus ombros. — Vamos.

Guiei Bunn até a casa de madeira. Ela estava em mau estado de conservação e, além disso, como eu não tinha pensado que teria que usá-la tão cedo, não tinha feito uma faxina antes. Peguei a chave do meu bolso com uma mão enquanto usava a outra para segurar Bunn e evitar que ele fugisse.

— Que... que lugar é esse? — Finalmente Bunn colocou sua dúvida em palavras enquanto olhava para a casa. — Você vai me matar aqui, é isso?

— Eu não vou te matar. — Depois de destrancar o cadeado enferrujado, empurrei a porta e imediatamente senti um cheiro de mofo subindo ao meu nariz.

Estendi a mão para ligar as luzes. — Desculpe, eu não esperava ter que vir aqui tão cedo, então não limpei, mas vou cuidar disso amanhã. — Levei Bunn para dentro da casa, onde tinha apenas uma velha mesa de madeira, e o conduzi direto para o quarto, que tinha apenas uma velha cama de madeira com um colchão e um armário.

— Se eu não te trancar, você vai tentar fugir? — Virei-me para perguntar a Bunn, que parecia meio perdido. — Se você me prometer que vai ficar aqui, não vou trancar a porta. Não vai ter algemas, não vai ter nada...

Bunn ficou em silêncio mais uma vez. *Cara, ele definitivamente vai fugir...* Eu podia sentir que Bunn definitivamente tentaria fugir.

— Eu não vou — ele finalmente respondeu, mas Bunn era uma pessoa inteligente e geralmente concordava com os termos antes de aproveitar as oportunidades que tivesse. Assim como daquela vez em que invadi sua casa e ele concordou com meus termos para que eu o deixasse ir embora.

Quanto mais eu pensava naquele incidente mais culpado eu me sentia. Depois de nocautear Bunn, fiquei com muito medo de que algo acontecesse com ele. Será que ele teria tido uma concussão por causa da pancada? Então agi sem ordens de ninguém e chamei uma ambulância.

— Eu não acredito, desculpe. — Conduzi Bunn para a cama, sentando-o no colchão.

— Então por que perguntou? — Ele virou a cara, recusando-se a olhar para mim. — Não precisa me oferecer nenhuma escolha ou esperança se você não tiver a intenção de cumprir o que diz. Faça o que você quiser. Se quiser me matar, apenas mate. Não prolongue isso.

— Quantas vezes eu tenho que repetir? Eu não vou te matar. — Eu já estava começando a ficar um pouco irritado com sua teimosia. Peguei meu casaco de seus ombros, tirei uma chave, soltei uma de suas mãos e prendi o outro lado da algema na cabeceira da cama. Bunn fechou os olhos, como se estivesse tentando aceitar seu destino.

— O resto não importa, só quero que saiba que tudo o que estou fazendo agora é para te manter a salvo até que eu arrume essa bagunça. — Eu queria abraçar, tocar e beijar o homem que estava na minha frente. De qualquer forma, esse provavelmente não era o momento certo. Coloquei meu casaco mais uma vez nos ombros de Bunn. — Vou voltar para você amanhã. Torça para que eu volte em segurança e vivo.

Um aperto familiar assolou meu peito, como se minhas lágrimas estivessem para cair. Bunn olhou para mim. Respirei fundo, tentando manter a calma. — Descanse um pouco. — Virei-me e deixei o quarto, tomando meu caminho para o portão da frente. Fechei o portão e olhei para a casa. Uma vez

que tive certeza de que o cadeado estava bem trancado, voltei para o carro e liguei para o meu irmão.

[Por que diabos você saiu da cidade?!] Ele estava furioso. Não era surpreendente que ele soubesse minha localização. Segurei o telefone que eu tinha pegado com Bunn e fiquei olhando-o.

Não era nada difícil usar um sistema de GPS para rastrear pessoas.

— Eu estava procurando um lugar para esconder o corpo. — Eu deliberadamente dirigi para mais longe para convencer meu irmão de que estava tentando achar outro lugar para esconder o corpo de Bunn. — Ainda não achei um bom.

[Não esqueça de me mandar fotos.]

— Não, agora não! Estou dirigindo, tenho que ir. Te ligo depois. — Eu rapidamente desliguei a chamada e aumentei a velocidade do carro, dirigindo para fora do lugar.

A guerra estava prestes a começar. *Tann, você está prestes a arriscar sua vida traindo sua família e seu irmão.* Meu objetivo era assegurar que meu irmão nunca mais pudesse se meter na minha vida, na de Bunn ou na da minha mãe.

# CAPÍTULO 14

**Na madrugada de onze de dezembro, às duas e meia da manhã, consegui colocar Manote, que estava inconsciente devido ao álcool, na cama.** Pae, meu outro amigo, estava ajudando Bank, que murmurava algo no meio de sua embriaguez enquanto entrava no quarto.

— Esses caras bebem como se não houvesse amanhã. — Pae colocou Bank deitado do lado de Manote. — E lá se vai minha cama. O que você acha de nós mudarmos as posições deles, criando uma cena, e tirarmos umas fotos?

Soltei uma risada leve. — Deus, não. Vou me sentir culpado pelas esposas deles. — Eu também estava embriagado. Parecia que o quarto estava balançando.

*É, acho que é bom eu me sentar um pouco*. Sentei-me no chão, ao pé da cama, e fechei meus olhos. Há quanto tempo eu não bebia tanto? Pae, o cara mais sóbrio no quarto, sentou-se perto de mim.

— Nós não tivemos muita chance de conversar quando estávamos bebendo. Como vai sua vida atualmente? — Pae perguntou. Abri os olhos e virei-me para ele. Pae era, na verdade, um cara bem bonito, alto, magro e com cabelos que chegavam nos seus ombros.

— Bem... a minha escola está indo muito bem e muitos alunos estão se matriculando na minha turma. — Levantei um joelho. — E a sua, Pae?

— Vai indo. Eu não sei bem o que fazer agora que larguei meu trabalho em Bangkok. Acho que talvez eu tenha que voltar para lá em algum momento, mas por agora vim para casa para colocar a cabeça no lugar. Para minha sorte, voltei bem a tempo de ir ao casamento do Jack. — Pae colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. No meu estado de embriaguez, seu ato foi muito fofo para eu resistir. Aproximei meu rosto do de Pae, mas sua mão subitamente foi parar no meu peito. — Uau! Calma aí, cara.

Afastei-me relutantemente. Pae suspirou, aliviado. — Presumo que você ainda não tenha um namorado...

Balancei a cabeça. — Nenhum.

Pae riu um pouco. — Mas eu tenho. Desculpa, cara. — Pae deu um tapinha no meu ombro. — Não fique triste.

Eu não sabia como reagir àquela notícia, mas uma coisa era certa: eu não estava chateado com aquilo. — Quem é ele?

— O chefe do departamento da minha antiga firma. — Pae pegou o

celular. — Super fofo e me mima muito. No dia que soube que eu ia me demitir, ele chorou muito pelo maldito celular. — Ele entregou-me o celular e pude ver sua foto com um cara alto. Os dois estavam usando blazers e crachás no pescoço. — Nós ainda estamos juntos.

— Ah... —apenas murmurei em reconhecimento.

Pae deve ter achado minha reação divertida, pois sorriu, balançou a cabeça e pegou o celular para voltar a guardá-lo no bolso. — Lembre-me do porquê de nós não termos namorado lá atrás, no passado.

— Pois é... — Olhei para o chão, a visão desfocada. — Eu não sei.

— Provavelmente foi melhor assim. Só não era para ser. Nós somos peças incompatíveis de quebra-cabeça. Não teria funcionado, de qualquer jeito. Achei que seria melhor cortar isso pela raiz, de outra forma nós não seríamos bons amigos até hoje, não é mesmo? — Ele se levantou. — Você pode dormir no sofá, vou ficar com o outro quarto. Vou buscar um travesseiro e um cobertor para você.

Concordei. Na verdade, eu podia apenas me deitar e dormir no chão, mas não acho que meu amigo, o dono da casa, gostaria disso. Levantei-me e fui para a sala de estar, onde me joguei no sofá antes de me dar conta de que tinha esquecido de ligar para Nath. De qualquer forma, aquilo não parecia muito urgente, então podia esperar até eu estar completamente acordado. Com isso decidido, acabei dormindo antes mesmo de Pae voltar com o cobertor.



O toque do meu celular me acordou. A luz do dia já estava começando a invadir a casa. O cobertor tinha me aquecido ao ponto de fervura. Coloquei-o de lado, peguei o celular, que eu tinha deixado no bolso do casaco, e rapidamente o atendi. — Sim?

[Onde você está?] Uma voz profunda surgiu, acordando-me completamente. Eu tinha me esquecido totalmente de que tinha que falar com Nath para o meu irmão... Pert.

— Na casa do meu amigo... — Massageei minha têmpora. — Está tudo bem?

[Tann... o que eu deveria fazer?] Eu podia notar que a voz dele tinha mudado e estava nervosa e confusa.

— Fazer o quê? — Fiz uma careta. — Pert, explique essa merda, o que aconteceu?

[Bem... foi um acidente...]

Quanto mais eu ouvia menos entendia o que ele queria dizer. — O que você fez?

[Eu acidentalmente estrangulei Janejira até a morte...]

Levei um milésimo de segundo para entender cada sílaba que meu irmão tinha murmurado. Uma vez que a realidade me deu um soco, levantei-me, em pânico. — O quê?!

[Sim, eu acidentalmente matei Jane.] Ele soltou o "tsk" silencioso com um tom de desagrado. [Eu exagerei. Não deveria ter feito isso.]

— Merda... Pert! O que deu em você?! — gritei.

[Você não tem o direito de dizer isso! Agora é melhor você me ajudar a pensar no que fazer depois disso.]

— Fazer o quê? Você tem que falar para polícia agora! — falei mais baixo e saí com pressa da casa de Pae para que ninguém ouvisse nossa conversa. — Por quê? Por que você a matou? Ela não era a menina com quem você mais se importava? Recebi ordens suas para sair com ela por aí... Pelo amor de Deus... Como você pôde fazer isso? — Apertei meu nariz. — Mas que merda dos infernos... me diga o porquê.

[Bem, ela era uma puta. E me irritou...] A voz dele aumentou com uma raiva estrondosa. [Não ouse me interrogar. Se você não vai me ajudar, então vou falar com o Paul.]

— Pert, você não vai se entregar? Então vai fazer o quê? Encobrir isso? — Era a primeira vez que eu tinha que lidar com um assassinato causado pelas mãos de um membro da família. Um incidente parecido aconteceu uma vez, logo que fui morar com o meu pai. O tio Eid, irmão mais velho do meu pai, atirou em um de seus devedores e descartou o corpo. Eu não lembrava muito bem dos detalhes, mas o tio Eid tinha se livrado bem fácil daquela encrenca.

[Quem falou alguma coisa sobre me entregar? Não se esqueça de quem eu sou.]

Mas é claro, a notícia de um respeitável promotor matando uma mulher com certeza se tornaria nacional. — Pert, isso é errado. Eu não posso te ajudar a pensar numa forma de sair disso. Vá falar com o Paul e me dê as ordens quando descobrir o que fazer.

[Mas que monte inútil de merda é você. Tudo bem. Vou te ligar assim que eu tiver falado com Hong.] Então Pert desligou.

Olhei para o céu, minha mão apertando o celular com muita força. Jane e eu nos conhecemos quando fui tutor de alguns alunos da mesma escola em que ela trabalhava, mas nós não éramos muito próximos até que ela se tornasse uma das garotas do Pert. Ele me encarregou de cuidar dela, porque eu tinha que dar aulas particulares para alguns dos seus alunos, de qualquer forma. Dei várias

caronas para ela até a escola, até que em certo momento as pessoas começaram a achar que estávamos namorando. Jane amava meu irmão com todas as fibras de seu corpo. Ela costumava me dizer que ele era o primeiro homem que a fizera feliz e eu não podia dizer a ela quem Pert era de verdade. Então, um dia Jane descobriu que não era a única mulher na vida dele. Nem preciso dizer que as coisas não correram bem a partir daí.

Decidi me despedir de Pae, que estava preparando café para todos nós. Dei um rápido e apertado abraço nele e me apressei para fora da casa. Dirigi direto para a minha casa, no centro da cidade. Havia muito o que se discutir e talvez me designassem alguma tarefa para ser feita.

Depois de avaliar a situação, cheguei à conclusão de que assassinato era algo muito grave. Se a situação ficasse muito difícil para eu lidar ou se houvesse alguma chance de acabar atrás das grades, minha mãe e eu talvez teríamos que encontrar um jeito de ir embora.

Assim que cheguei em casa, liguei para Jane, que, claro, não atendeu. Eu não sabia em que estado ela estava. A única pessoa que sabia era aquela que tinha roubado sua vida. Eu nem mesmo conseguia me sentar devido à apreensão. O que eu deveria fazer? Não queria me envolver nessa merda. De qualquer forma, acho que isso seria inevitável.

Depois de meia hora de inquietação e agitação esperando, Pert finalmente ligou de novo. Atendi o telefone com muita pressa. — O que foi agora? Onde você está? — Minha boca pairou sobre o celular.

[Chego na sua casa em cinco minutos.] Eu podia sentir que a voz do meu irmão tinha vacilado. Ele também estava em estado de choque. [Quero que você faça uma coisa para mim. Te falo depois.]

Suspirei, preparando-me para a missão crucial e iminente que estava por vir. — Te vejo daqui a pouco.

Uns cinco minutos depois, ouvi um carro parar na frente da minha casa. Abri o portão e vi um carro branco europeu extremamente caro bloqueando a entrada. Um homem alto e elegante saiu do veículo e andou em direção à casa. A porta já estava aberta, esperando a sua chegada. A angústia estava estampada em seu rosto. Pert foi até o sofá e sentou-se, completamente cansado. Sentei-me ao seu lado, olhando para meu irmão, que estava batendo as pernas no chão para tentar liberar sua ansiedade. Encarei-o. — Explicações, por favor...

— Eu não quero compartilhar muitos detalhes. O que está feito, está feito. Nós temos que seguir em frente. — Pert começou a tamborilar os dedos, e então fechou os olhos como se estivesse tentando se acalmar.

— Por que você matou a Jane? — O pressionei.

— Eu já disse que não quero falar sobre isso! — Ele aumentou a voz,

fazendo-me calar a boca mesmo que eu quisesse saber o que o tinha levado a cometer esse ato tão bárbaro. — Olha, Jane sofria de depressão, então tem uma grande possibilidade de ela ter cometido suicídio, certo? Quando percebi que Jane estava morta, montei uma cena de enforcamento...

Quando visualizei o que tinha acontecido, fechei os olhos, chocado, e então tentei me acalmar. — Você pendurou o corpo da Jane?

— Sim, eu tive que fazer isso.

— Você acha que vai ser capaz de enganar a polícia?

— Não é a polícia que me preocupa. Seria bem fácil enganá-la. O médico forense é a única coisa que está me preocupando...

Franzi a sobrancelha. — O médico forense?

— Sim, aquele do hospital provincial. Ele é meu amigo, na verdade, mas não é do tipo que eu possa pedir por qualquer favor ilegal. Não tem como enganar ele sobre Jane, isso é tudo o que posso dizer. Não importa como eu tenha forjado a cena, ele com certeza saberá que foi um assassinato e não um suicídio. Eu trabalhei bastante com ele, o desgraçado é inteligente demais para ser enganado assim tão facilmente.

— Então o que pretende fazer? Já que não conseguirá enganar o médico. — Esfreguei o rosto com as mãos, deixando um suspiro sair pela minha boca. — Pert, isso é tão errado. O que o Paul disse?

— Era isso que eu estava prestes a te dizer. — Pert apontou o dedo para mim. — Paul vai cuidar disso enquanto eu fujo.

Arregalei os olhos. — Você vai fugir? Isso não vai parecer ainda mais suspeito?

— Sim, vou fazer parecer que alguém me sequestrou e ficar longe enquanto espero a situação melhorar. Esse caso terminaria se a causa da morte fosse determinada como suicídio, o que requer vários fatores. Sem dúvidas, uma peça essencial é o relatório da autópsia, que não deve ter qualquer indicação de assassinato... — Com as mãos sob o queixo, a expressão de Pert parecia com a de alguém que estava resolvendo um problema. — Um amigo meu é policial. Nós podemos falar com ele... já que ele deve muito ao meu pai, pode nos dar informações da polícia. E quanto a você... — Pert olhou para mim. Olhei de volta para seus olhos ameaçadores.

Eu não queria me envolver naquilo de forma alguma, mas eu só podia puxar meus cabelos internamente. — O que você quer que eu faça?

— Primeiro e mais importante, vá para o quarto de Jane e tenha certeza de que você vai ser o primeiro a encontrar o corpo e ligar para a polícia. Faça isso parecer espontâneo. — Pert se levantou. — Depois, fique por perto até a equipe forense chegar. Você vai ver seu alvo, um médico forense chamado

Bunnakit. Faça o que for preciso para que ele escreva no relatório forense que a morte foi por suicídio. Ameace, chantageie, sequestre, torture. Faça o que tiver que fazer.

Eu não queria mais ter que fazer esse tipo de coisa depressiva, mas como a segurança da minha mãe dependia disso, apenas engoli relutantemente esses sentimentos terríveis para o fundo. — Você tem mais informações do alvo?

— Bunn tem um segredo. Descobri que ele gosta de caras. Tipos como você, Tann. — De repente Pert pareceu se lembrar de uma coisa. — Que tal você estuprar ele, tirar fotos e ameaçá-lo?

Aquele era, provavelmente, o plano mais cruel que eu já tinha ouvido. Eu já estava acostumado a este mundo hediondo, então me tornei insensível a ele. Tortura era algo a qual eu tinha sido designado várias vezes, mas estupro era muito desprezível. — Pert... eu não posso fazer isso.

— Você tem que fazer. Bunn é casca grossa. Apenas ameaçá-lo não vai ser suficiente, é preciso atingi-lo fisicamente. — Levantei-me. — E quero que me mostre as fotos do seu trabalho. Sabe o que vai acontecer se você não fizer isso, não sabe?

*Hum, que psicopata pervertido...*

Encarei meu irmão, horrorizado. — Eu... vou encontrar uma forma de fazê-lo escrever o relatório. — Sem estupro, disso eu tinha certeza. Mesmo que eu soubesse que meu alvo era gay como eu, quem seria louco de fazer uma coisa dessas? Eu teria que me aproximar dele e intimidá-lo com minha voz e atitude. Eu já tinha feito isso algumas vezes e geralmente funcionava.

— É melhor você terminar o trabalho. — Pert foi até a porta. — Vá à casa do Dr. Bunn hoje à noite. Vou te mandar o endereço. — Ele abriu a porta e fechou-a com força após sair.



Estacionei meu carro na estrada perto da floresta escura por um tempo. Eu tinha dirigido para bem longe da minha casa, onde eu tinha prendido Bunn, sabendo muito bem que meu irmão estava com um olho em cima da minha localização. Peguei o celular branco do meu irmão do bolso e fiquei encarando-o. Enfiei minha mão no outro bolso e toquei um objeto frio que poderia facilmente acabar com a vida de alguém num piscar de olhos.

Eu estava pensando se deveria ir até meu irmão hoje à noite.

Meu celular vibrou no meu bolso. Meu irmão tinha me mandado uma mensagem pelo LINE.

[Fotos?]

Respirei fundo, fingindo que não tinha visto a notificação, e voltei a guardar meu celular no bolso. Enquanto isso, pensei que deveria resolver o problema de Bunn antes de dar o próximo passo. Antes de tudo, eu tinha que encontrar uma forma de convencer meu irmão de que o Dr. Bunn estava morto. Isso tornaria as coisas mais fáceis.

Talvez eu tivesse que pedir a Bunn que fingisse a própria morte. Como ele era um médico forense e tudo o mais, provavelmente teria facilidade em fazer aquilo parecer mais realista e legítimo. Mas como eu o convenceria se ele nem mesmo queria olhar a minha cara? Seu olhar ferido e seu coração partido surgiram em minha mente. Eu estava ciente de que ele tinha desenvolvido sentimentos por mim. Se não fosse por essa bagunça, acho que nós poderíamos ter desenvolvido nossa relação ao máximo.

A segunda opção era encontrar um corpo e fazer ele parecer com o de Bunn. De qualquer forma, eu não sabia onde encontrar um maldito corpo, a não ser que eu matasse alguém e adulterasse o cadáver, o que era improvável, então descartei essa opção.

Meu celular vibrou mais uma vez e logo em seguida meu toque começou a soar. Eu não precisava olhar para saber quem estava ligando. Eu já sabia. Era o homem que estava desesperado para ver o corpo de Bunn. Atendi.

— O que foi?

[Por que a demora? O Dr. Bunn já está morto? Por que você ainda não me mandou fotos?]

— Estou cavando uma cova... — Fingi baixar minha voz. — Ei, tem alguém aqui... tenho que ir. — E encerrei a ligação. Desliguei meu celular. Eu provavelmente não seria mais capaz de ganhar tanto tempo. Eu precisava descobrir uma forma de fingir a morte de Bunn, e rápido.



Quando abri a porta, vi Bunn sentado na cama com a mão direita segurando os joelhos. Sua outra mão, que estava presa com a algema na cabeceira da cama, permanecia onde deveria estar. Ele olhou para mim de forma alarmada. Vi que meu casaco estava descartado no chão.

— Você não dormiu? — Caminhei até a cama, sentei-me e inclinei-me para pegar o meu casaco. Bunn tentou se afastar de mim o máximo que podia. — E por que você não usou meu casaco como cobertor? Você pode ficar doente.

— Pensei que você tinha dito que voltaria amanhã. — Bunn mencionou.

Fiquei impressionado com o seu estado mental forte. Ele parecia mais são. Engrenagens e rodas deveriam estar a todo vapor em sua cabeça. Percebendo isso, eu soube que não poderia baixar minha guarda. Meu irmão tinha me avisado sobre a inteligência de Bunn e eu acreditei nas palavras dele no momento em que Bunn apareceu no meu cursinho naquele fatídico dia.

Quem em sã consciência teria feito aquilo? Visitar seu agressor num curto intervalo de tempo depois de ter sido agredido? Eu literalmente tive um surto quando Bunn veio até mim naquele dia, o que me deixou incapaz de continuar ameaçando-o. Ele saberia imediatamente quem era o intruso. Nesse tempo em que estivemos juntos tive que manter minha guarda alta o tempo todo. O estresse estava me consumindo com minha tentativa de não agir de maneira estranha.

Mas tinha uma coisa que eu queria saber, então decidi perguntar para Bunn. Talvez uma conversa o ajudasse a entender melhor as coisas e a ser mais cooperativo. — Quando voltei para casa ontem você estava tentando fugir. Você já sabia que eu era o intruso naquele momento? Como descobriu?

Bunn encarou-me. — O bilhete laranja no bolso do seu casaco...

Arqueei uma sobrancelha, confuso. — Não sei do que você está falando...

— O papel com o número de uma mulher chamada Nath pertence a Pert — falou Bunn, impassível.

Fiquei perplexo. O papel com o número da Nath não parecia nada relevante, mas no fim foi o que acabou com o meu disfarce. — Você conhece ela? A Nath?

— Não. Nem me importo com quem ela é. A coisa importante é que o maldito papel pertence a Pert. — Bunn tossiu seco e fungou uma vez antes de continuar. — O número do outro lado do papel é meu. Eu lembro.

Bunn me deixou sem fala mais uma vez. O que ele tinha acabado de dizer? Se o número do outro lado da nota era dele, então a pessoa para quem liguei acidentalmente naquele dia era ele.

Bunn olhou para minha reação de forma pensativa. Eu já estava familiarizado com esse olhar. — Onde você pegou esse papel? O promotor te deu ou você roubou dele? Foi você que o sequestrou, certo?

Apesar da posição desvantajosa do Dr. Bunn, ele me bombardeou com perguntas e me encurralou. Eu precisava mostrar a ele quem estava cativo neste momento, então eu conseguiria lidar com a situação mais facilmente. Virei-me para agarrar os ombros de Bunn e os apertei bem forte. Ele pulou no ar, tentando afastar minhas mãos. Eu realmente queria dar a ele a notícia de que seu *melhor amigo* tinha sido o único que tinha começado com isso tudo, mas eu não queria

ver mais dor em seus olhos. Se eu dissesse para ele que Pert estava por trás de tudo isso, Bunn certamente ficaria impaciente e fugiria para resolver as coisas com as próprias mãos. — Fique quieto e me escute.

Consegui silenciá-lo.

— Estou com problemas agora. Meu chefe te quer morto, tipo, ele quer ver se você está realmente morto. Você tem que me ajudar a fingir sua morte.

Bunn encarou meu rosto, paralisado. — Fingir minha morte?

— Sim, você deveria estar morto porque eu deveria ter atirado em você. Meu chefe quer ver essas fotos. — Olhei-o nos olhos esperando que ele entendesse a situação. — Quando ele te vir morto, vou começar meu jogo.

— Isso é uma ordem ou um pedido? — Bunn virou-se. — Eu não tenho outra escolha, tenho?

Suspirei. — Eu não quero que você pense que é uma ordem. Posso fazer isso sozinho. Fingir sua morte, digo.

— Você espera que eu te ajude quando me mantém no escuro assim?

Bunn estava usando minhas palavras contra mim. Eu estava considerando se deveria lhe dizer tudo para que ele entendesse a situação, se deveria encontrar outra forma de persuadi-lo ou se deveria coagi-lo para que me obedecesse.

Decidi usar o segundo método. — Você pode não entender tudo ainda, mas quero que saiba que tudo o que estou fazendo é por você.

— Não diga que está fazendo isso por mim quando você me sequestrou e me aprisionou. Eu estaria condenado se acreditasse em você.

Foi como pensei. Bunn não desistiria assim tão fácil. — Se meu chefe não receber essas fotos até amanhã de manhã, minha mãe doente vai estar em perigo. Tenho que trabalhar para eles porque pegaram minha mãe como refém. Se eu desobedecer às ordens deles... não sei o que vai acontecer com ela.

Bunn ficou atordoado. Ficamos quietos por um longo tempo. Finalmente Bunn limpou a garganta. Eu tinha acabado de perceber que ele tinha pegado um resfriado, aparentemente. — Ache sangue de porco. Deve ser fácil comprar isso na vila ou em algum mercado rústico quando estiver amanhecendo. Fazer a cena no meio da floresta seria mais realista, já que você me trouxe para longe da cidade. Faça parecer que você me forçou a ficar ajoelhado e depois atirou na minha cabeça por trás, com uma cova bem perto... ou tem outras sugestões?

Olhei surpreso para ele. Sua ideia combinava perfeitamente com o que eu tinha pensado antes. — Nós vamos seguir seu plano.

Bunn puxou seu pulso preso com força, deliberadamente causando um tilintar nas algemas. — Se você quiser minha ajuda, vai ter que me soltar.

Era uma barganha inteligente. — Se eu te soltar, você vai fugir?

— Você disse que se eu colocasse meus pés para fora daqui agora eu morreria, certo? — Bunn provocou outra tosse seca. — Se puder garantir que vou estar seguro com você, eu não irei a lugar algum, mas agora não estou tão seguro, porque não sei quem você é...

Ele estava não apenas pressionando-me a soltá-lo como também a dizer-lhe a verdade. Decidi dar o que ele queria em troca da sua ajuda no fingimento de sua morte. Enfiei a mão no bolso da calça, peguei a chave e abri as algemas. Não deixei Bunn aproveitar sua liberdade por muito tempo, pois assim que suas mãos ficaram livres agarrei seus ombros e pressionei-o contra a cama. Bunn choramingou um pouco em alarde antes que eu me deitasse ao lado dele e colocasse minhas mãos ao seu redor.

— Ainda falta muito tempo para amanhecer. Permissão para ficar nessa posição por um tempo... — Acariciei sua nuca. — Se você fugir, vou saber.

Estranhamente, Bunn não resistiu. Ao invés disso ele permaneceu deitado em meus braços. — Tann... — Ele respirou. — É verdade? Sobre sua mãe?

— Não faria sentido mentir a essa altura. Eu só não falei toda a verdade ainda. — Apertei meus braços ao redor de Bunn, com medo de que ele fosse desaparecer para algum lugar. — Bem... vou acordar por volta das quatro, e então vamos terminar isso o mais rápido possível.

# CAPÍTULO 15

**Eu não estava preparado para o soco que levei na minha têmpora esquerda do homem que se encontrava à minha frente.** Cambaleei para o lado, minha visão ficando escura por um momento. A sensação de dormência logo mudou para dor, que se espalhou gradualmente pela minha cabeça, causando uma dor que me fez chorar. Tentei me endireitar e vi a silhueta de um homem corpulento estalando os dedos se aproximando pacientemente de mim.

— O que você estava pensando, hein? — Ouvi a voz que fazia meu coração gelar perto do meu ouvido. Virei-me, tentando recuperar a compostura.

Apertei minhas mãos em punho. Eu podia sentir o líquido quente escorrendo da ferida pelas minhas bochechas, ferida essa que provavelmente foi causada pelo anel que essa pessoa usava no dedo. A mão dele alcançou o meu colarinho e me puxou em sua direção. Apesar de termos a mesma altura, o poder e o carisma dele ultrapassavam os meus.

— Você chamou uma ambulância? Acha que isso é esperto? — Um longo suspiro escapou de sua boca. — Eu não voei de Bangkok até aqui só para ver meu irmão indo para a cadeia.

Fechei meus olhos. Os zumbidos dos grilos ressoavam por todo o armazém abandonado, que era iluminado apenas por uma fraca luz externa. Escolhi permanecer em silêncio, porque eu não tinha uma desculpa racional para minhas atitudes anteriores.

— E aqui estava eu, pensando que você era mais inteligente que isso, Tann. Você nunca desapontou o papai ou a mim antes, mas que merda é essa? — O homem soltou meu colarinho.

— Me desculpe. — Aquilo provavelmente era tudo que eu poderia dizer.

— Desculpas não consertam nada. A única forma de eu te perdoar é se você for lá terminar seu trabalho. — Ele empurrou um celular na minha mão. — A única coisa que me agradou foi que você roubou o celular do médico. Eu disse ao Pert para dar o celular dele para o Dr. Bunn. Você vai usar esse celular para rastreá-lo. Já instalei tudo que é necessário.

Apertei o celular com força. Ele se virou e foi se juntar a dois homens de preto que estavam esperando atrás dele. — Vá ao hospital. Sala de cirurgia

VIP, quarto número onze. Certifique-se de que o doutor escreva o relatório do jeito que eu quero. Se você for frouxo, então já pode dar um beijo de adeus na sua preciosa mamãe. — Com aquilo, ele liderou seus guarda-costas para fora do armazém.

Fiquei parado no mesmo lugar por um longo tempo. Eu já deveria estar acostumado com essa ameaça de agora, desde que era algo que eles sempre traziam à tona para me forçar a seguir ordens. Por esse motivo sempre fui uma pessoa de segunda classe aos olhos da família Sawangkul, Sr. Odd, Pert e, especialmente, o herdeiro mais velho dessa família, Paul.

Depois que fui morar com meu pai, conheci os filhos dele durante uma das férias de verão. Pert e Paul tinham sido enviados para estudar em Bangkok, e pareceram chocados com a revelação de que eu era irmão deles. Apesar de sempre me tratarem bem, ambos sabiam muito bem qual era a minha posição nessa família.

Pert, o mais novo, era amável. Ele frequentemente me dizia que tínhamos nos tornado mais próximos, mas adorava me atribuir tarefas fúteis. Pert podia parecer um cara decente por fora, mas na verdade era impiedoso e cruel. Eu já tinha visto ele espancar com um taco um filhotinho que tinha ganhado só porque achou que ele tinha deixado de ser bonitinho, deixando-o severamente machucado. Eu tive que intervir antes que ele pudesse terminar seu *serviço*.

Essa anormalidade mental não se limitava a Pert. O filho mais velho da família, Paul, também compartilhava dessa peculiaridade. Eu evitava me envolver com ele ao máximo. Era um homem taciturno inclinado à violência. Se eu considerava Pert cruel, então Paul já tinha transcendido todos os níveis de crueldade, pois ele era muito pior. Por sorte, depois que Paul se formou na Faculdade de Gestão de Negócios da Universidade de Bangkok, meu pai o colocou para administrar os negócios imobiliários da família por lá mesmo. Quanto aos negócios locais aqui da província, meu pai empurrou a Pert.

Eu nunca tinha me preocupado em trabalhar para Pert porque nós podíamos conversar abertamente. Mas trabalhar para Paul se provou diabólico. Especialmente agora que Paul tinha vindo limpar a bagunça de Pert, enquanto o próprio Pert fugia, o que fez eu me sentir inquieto. Pert nunca tinha encostado suas mãos em mim antes, mas Paul já. O soco que me atingiu foi apenas um aviso, um lembrete de que eu deveria obedecer a suas ordens e de que não podia fazer nada além de aceitar tudo isso.

Dr. Bunnakit.

Fui embora do armazém abandonado enquanto cobria a cabeça com o capuz do meu suéter. Os machucados na minha têmpora esquerda latejavam e doíam de forma que incomodavam. Fui até o carro que deixei estacionado na

esquina da saída. O rosto do doutor invadia meus pensamentos a todo momento. Por que eu chamei a ambulância? Porque eu estava preocupado que ele tivesse uma concussão. Se esse fosse o caso, então ele receberia atendimento médico apropriado. Eu nunca tinha dado muita atenção às minhas vítimas antes, mas tinha alguma coisa especial nesse homem, algo que tornava impossível para mim parar de pensar nele.



As fotos pareciam inacreditavelmente reais. Olhei para o Dr. Bunn deitado de bruços numa poça de sangue enquanto estava envolto por folhas no meio da floresta. A pose e o sangue na cara dele e no chão foram montados por um médico forense. O local escolhido foi atrás da casa para onde o levei. No momento, o ar estava gelado, pois a luz do sol da manhã tinha falhado em penetrar a névoa espessa desse lugar escondido.

— Você terminou? — Bunn perguntou.

— Sim.

— Certo... — Bunn se afastou da poça de sangue, o rosto claramente aliviado. Ele tentou se levantar sozinho, mas apressei-me em ajudá-lo. Pelo bem da foto, eu previamente tinha algemado suas mãos nas costas. — Deixe-me ver as fotos.

Mostrei-as a ele no meu celular e ele deliberadamente examinou uma por uma. — Dê zoom na minha cabeça.

Então ampliei a foto. — O que você acha? Para um cara comum como eu, realmente parece uma pessoa morta. — Olhei para o rosto ensanguentado de Bunn. O líquido estava escorrendo e manchando sua roupa de vermelho. Se qualquer pessoa aparecesse agora e visse a cena ficaria horrorizada. — Acho que essa foto vai servir. Vamos terminar logo para que eu possa te limpar.

Bunn olhou para mim. — Eu mesmo farei isso. — Ele voltou a olhar as fotos dele morto. — Parece bom, está aceitável. Na verdade, se aparecesse o ferimento da bala na foto ficaria muito mais realista, mas como fizemos parecer que meu cabelo escondeu o ferimento, e que pelo ângulo do tiro a bala provavelmente teria saído entre minha boca e meu queixo, eles não seriam capazes de ver o ferimento da bala com meu corpo jogado de bruços. — Bunn pressionou os lábios com uma expressão pensativa antes de se decidir. — Mande essa para seu chefe.

— Tudo bem... — virei-me para que Bunn não visse a tela do celular e mandei a foto para Paul. — Agora só nos resta cruzar os dedos e rezar para ele

acreditar nisso.

Bunn ficou parado, olhando para mim em silêncio. Eu sabia que ele estava tentando imaginar quem era o tal chefe de quem eu estava falando. — Se ele não for um médico forense não vai ter problema.

Guardei o celular no bolso. — Não, ele não é. Bem, você é o único médico forense da nossa província. — Fui até Bunn e coloquei minhas mãos ao redor de seus ombros. — Vamos indo, precisamos te limpar. O sangue é sujo e está cobrindo toda a sua testa.

Bunn juntou as sobrancelhas. — Solte-me primeiro.

Hesitei em fazer isso. Eu queria manter ele sob meu controle, mas ao mesmo tempo precisava ganhar sua confiança, então eu tinha que soltá-lo, como ele queria. Uma vez solto, Bunn foi direto para a casa e eu tive que literalmente correr atrás dele e agarrar seu braço.

— Ei, você... eu não posso te dar as costas, né? — gritei, assustado, acidentalmente apertando mais minha mão em seu braço.

Bunn parou de caminhar com o meu aperto. — Suponho que você não possa. — Ele me olhou pelo canto do olho. — Porque, se fizer isso, vou desaparecer.

— Sim, você vai desaparecer... e acabar morto. — Puxei seu braço e arrastei Bunn para que ele me seguisse. Bunn tinha começado a soltar uma série de tosses secas. Ele com certeza estava tossindo mais forte que na noite passada, então eu precisava lavá-lo imediatamente e colocá-lo na cama o *mais rápido possível.*

Levei Bunn para o meu carro, que estava na frente da casa. Peguei uma calça e uma camisa que estavam cuidadosamente dobradas no porta-malas. Eu sempre tinha roupas e uma toalha pequena preparadas no meu carro para o caso de alguma aula acabar depois das nove da noite e eu ter que dormir na escola. Depois de pegar as roupas, levei Bunn para o banheiro atrás da casa. Ele parou na porta quando viu que eu iria acompanhá-lo. — Espere! Por que você tem que entrar comigo?

— Você não vai conseguir se limpar sozinho. E não tem nenhum espelho aqui.

Bunn franziu as sobrancelhas. — Percebi que você está tirando vantagem de tudo nesses últimos dias...

O que Bunn disse não estava exatamente errado. Normalmente eu não tinha muitas chances de estar próximo assim dele. Nós raramente nos tocávamos. Eu não o via com muita frequência e, quando eu tinha a oportunidade de encontrá-lo, preservava aquele momento o máximo possível. — Eu só quero te ajudar. É difícil limpar sangue, sabia?

Bunn me olhou em silêncio. Droga, eu daria qualquer coisa para saber o que ele estava pensando agora. — Então espere do lado de fora. Se precisar de qualquer coisa, eu te chamo.

Bunn não iria me chamar para ajudá-lo, disso eu tinha certeza. — Tudo bem — respondi gentilmente. Ele entrou no banheiro, do qual eu duvidava muito que fosse atender aos seus caprichos sofisticados da cidade grande. O chão do banheiro era de concreto, úmido e frio. Havia uma pia, uma fossa séptica e um jarro enorme de barro com um dragão desenhado nele. Eu não precisava tocar na água para saber quão fria ela estava. Foi então que eu me lembrei de uma coisa. — Eu deveria esquentar a água para você. Pode esperar um pouco?

— Está tudo bem, eu posso tomar banho assim. — Bunn cruzou os braços, nada afetado com o estado do banheiro. Apesar de ser um médico formado na Faculdade de Medicina, famosa em Bangkok, ele era muito pé no chão. Não havia uma grama de arrogância em seus ossos. Bunn podia ser amigo de qualquer pessoa. Peguei-me ainda mais impressionado com ele.

— Mas você ainda está doente...

— Eu disse que posso fazer isso sozinho. — A voz dele saiu dura. — Se você quer esquentar água, vá, mas deixe-me tomar um banho frio aqui.

Suspirei. Parece que eu teria que deixar Bunn fazer as coisas do seu jeito dessa vez, considerando como ele foi coagido todo esse tempo. — Certo, aqui estão as roupas para você trocar. São minhas. Você pode achá-las um pouco largas, mas é melhor do que ficar pelado. — Entreguei para ele uma camisa creme simples e um par de calças. Ele as pegou e fechou a porta do banheiro, obrigando-me a ir para trás antes que ela batesse na minha cara.

Fiquei perto do banheiro. Enquanto isso, peguei meu celular para dar uma olhada e vi que Paul já tinha visto as fotos da morte falsa de Bunn, mas não tinha me respondido nada. Ele acreditou? Ou descobriu que eram falsas? Coloquei meu celular de volta no bolso. O som da água batendo no chão do banheiro deixou minha mente mais tranquila. Eu esperava ver Bunn saindo dali limpo, usando minhas roupas.

Minha linha de pensamentos foi interrompida quando ouvi uma voz me chamando de dentro do banheiro junto com o som do clique da porta sendo destrancada. — Tann! Você pode vir aqui?

Não perdi tempo e entrei no banheiro logo para ver o que estava acontecendo. Quando abri a porta, vi Bunn fazendo aquilo que ele deveria estar fazendo: tomando banho. Ele estava ensopado e o banheiro estava infestado com o cheiro metálico de sangue. Ele provavelmente não tinha mais vergonha de aparecer sem roupa na minha frente, não depois daquele fatídico dia, aquele no qual ele começou o beijo. O beijo dele foi como faíscas numa pilha de folhas

secas no chão de uma floresta causando um incêndio florestal imparável.

Eu só podia esperar que Bunn desse o primeiro passo, ou talvez ele estivesse fazendo isso agora, ao me chamar.

— Você precisa de alguma ajuda? — Meus olhos automaticamente deslizaram pelo seu corpo. Ele se virou para o outro lado e caminhou até o jarro de barro enorme.

— Não importa o quanto eu tente limpar, o sangue continua grudado. — Bunn tocou seu cabelo. Percebi que ainda havia sangue nas suas costas. Não me surpreendi nem um pouco com a sua dificuldade em se limpar apenas com a água ambiente. — Sangue de porco é sujo, cheio de vermes. Eu já devo estar infectado com gripe suína agora.

— Então você quer que eu te ajude a se limpar, é? — Tirei meu casaco, pendurei-o na maçaneta da porta e comecei a desabotoar minha camisa. — Você devia ter me deixado te ajudar desde o começo.

Bunn suspirou. — Tire logo suas roupas e venha aqui.

Tirei minhas roupas com pressa. O ar frio da manhã tinha afastado todo o meu calor, mas o fogo dentro de mim queimou ardentemente. Tentei conter o meu desejo. Peguei a vasilha que Bunn segurava e molhei as partes ensanguentadas de seu corpo. Esfreguei minhas mãos em sua pele macia. — Se nós ficarmos assim por muito tempo... não acho que serei capaz de me controlar.

Bunn ficou em silêncio por alguns segundos enquanto seu corpo estremecia um pouco. — Apenas espere... eu... vamos terminar de nos limpar primeiro.

Eu não tinha certeza se tinha entendido errado... Bunn deliberadamente me chamou para fazer aquilo? Concentrei-me nos deveres da minha mão, rapidamente limpando o sangue que restava em seu corpo para que pudéssemos ir para o próximo e delicioso passo. Uma vez que ele estava limpo, joguei água no meu próprio corpo para limpar qualquer sangue que tivesse respingado em mim. Bunn foi até a toalha, pegou-a e secou seu rosto e corpo antes de entregá-la para mim.

— Frio do caralho... — Bunn reclamou e tossiu um pouco antes de pegar minha roupa do toalheiro e ir até a porta. Eu não conseguia tirar meus olhos dele. Ele se virou para me olhar um pouco enquanto eu me secava com a toalha. — Te vejo no quarto...

Bunn pegou a pilha de roupas e caminhou para fora do banheiro. Como se eu estivesse em transe, rapidamente o segui. Ele ia me esperar na cama? Deve ser um sonho.

Uma vez dentro do quarto, vi Bunn vasculhando os bolsos da minha calça. Naquele milésimo de segundo, voltei a mim. Percebi que ele sabia o que

estava fazendo, sabia o que estava no meu bolso, e ele me intoxicou, enganando-me com o seu corpo.

Eu queria correr lá para dentro e pegar minhas calças de volta, mas já era tarde demais. Bunn derrubou minhas roupas no chão e um revólver estava em sua mão direita, apontando para o meu peito. Congelei no lugar. Arregalei os olhos, atordoado. Eu tinha me esquecido do quão inteligente Bunn realmente era. Cometi o erro de baixar minha guarda.

Bem feito, era isso que eu merecia por enganá-lo. Bom trabalho, Dr. Bunn. Oh, que vingança satisfatória contra mim, não é?

# CAPÍTULO 16

**Meu único medo era que Bunn descobrisse no meu escritório o ano em que recebi meu diploma.**

Fiquei parado, observando-o caminhar escada acima em direção ao meu escritório do cursinho. O cômodo deve ter chamado a atenção dele. Eu tinha o costume de descartar minhas coisas inúteis, deixando o espaço limpo e arrumado, ideal para se trabalhar, na minha opinião. Eu estava ciente de que Bunn vasculharia meu escritório para procurar pistas de quem eu era, mas tinha certeza de que ele não encontraria nada além de algumas fotos e apostilas que fiz para os meus alunos.

A única coisa estranha que podia ser notada ali era uma foto da minha formatura num mostruário logo atrás da mesa. Não sei, assim que visse aquilo, se Bunn acharia suspeito eu ter recebido meu diploma ano passado, quando completei vinte e cinco anos.

Mas quem iria suspeitar do ano de formatura? Bunn provavelmente nem sabia quantos anos eu tinha. Tentei me livrar dessa preocupação e fui para a sala de aula. Olhei para dentro através do vidro da porta e vi todos os meus amados alunos esperando por mim. Eu já estava quase dez minutos atrasado. Acho que eu devia um enorme pedido de desculpas a eles.

Logo que entrei, a conversa morreu. Os estudantes se viraram para mim e juntaram as mãos para me cumprimentar com um grande sorriso em seus rostos.

— Me desculpem, pessoal. Estou atrasado. — Caminhei até o quadro branco na frente da sala enquanto meus olhos se voltavam para os meus alunos que estavam passando as páginas de suas apostilas. — Hoje nós vamos terminar o assunto das biomoléculas, e depois, no fim da aula, vou trazer o Teste Quota para vocês praticarem. Se tiverem alguma dúvida sobre qualquer coisa, agora é a hora de perguntar, porque o teste está bem aí. — E então notei um menino que estava completamente disperso. Ele estava com o queixo na mão enquanto olhava pela janela de forma sonhadora e sorria sem parar.

— Sorrawit! — Chamei alto o menino bonito. — Ei, por favor, preste atenção na aula. Qual é o seu problema? Está sonhando acordado com sua namorada?

Com aquilo, uma explosão de risadas ecoou pela sala. Sorrawit sempre

era o meu alvo para trazer vida à sala de aula. A reação do menino ao ser provocado por mim foi tão impagável que me ajudou, assim como fez com os outros alunos, a relaxar. Sorrawit virou a cabeça para mim nervosamente. Uma cor vermelha se espalhava por suas bochechas e orelhas.

— N-não tenho nenhuma, senhor. — Ele coçou a cabeça e rapidamente abriu sua apostila. Conheci esse menino quando fui oferecer aulas preparatórias para os exames finais na escola que ele frequentava. Sorrawit tinha vindo até mim dizendo que queria entrar na Faculdade de Medicina. Ele basicamente queria que eu desse aulas especiais para ele, então o convenci a entrar no meu curso intensivo para o Teste Quota. Ele era ingênuo e atencioso. Eu esperava que ele conseguisse entrar na Faculdade de Medicina, assim como ele queria.

— Olhe para o seu rosto vermelho. Claro que você tem. Como ousa conseguir uma namorada antes de mim? — Provoquei ele mais uma vez antes de voltar ao meu modo professor. — Certo. Abram na página trinta e nove. A forma química dos aminoácidos...

A aula correu bem e foi muito envolvente. Eu amava dar aula para crianças. Mesmo que eu nunca tivesse me imaginado sendo professor, parecia que o destino tinha me guiado até esse caminho por necessidade. Eu tinha que agradecer qualquer que fosse a pessoa que me inspirou a seguir esse caminho, porque era um trabalho que eu amava. E a renda era até muito boa, se fossem me perguntar.

Meu objetivo depois da aula era ir até o homem que me esperava no meu escritório. Convenci Bunn, com sucesso, a confiar em mim. O plano de convencê-lo de que eu era uma pessoa diferente do invasor melhorou nossa interação. Tentei convencê-lo a escrever o relatório falso. Quando tudo desse certo e minha participação nisso passasse despercebida, eu definitivamente o chamaria para sair.

Oh, eu mal podia esperar por esse dia. O dia em que estaríamos livres dessa bagunça e poderíamos viver uma vida pacífica juntos.



A luz do dia tinha dispersado a névoa da manhã e entrado pela janela do quarto que Bunn e eu estávamos compartilhando. Minha pele tinha começado a esquentar por causa da temperatura no quarto. O cano da arma apontado para mim fez com que eu sentisse como se o tempo tivesse congelado. Meu coração apertou dolorosamente quando vi o homem que estava segurando a arma com suas mãos de excelente médico forense, mãos que pertenciam ao homem que eu

amava.

Eu não o culpava pela situação ter acabado dessa forma. Eu comecei isso. Eu o enganei e o traí. Mesmo assim, eu não queria acabar nessa situação. Isso significava que tudo tinha saído do controle e que Bunn estaria em perigo.

— Bunn... — Chamei o nome do homem à minha frente com um tom rouco. — Abaixe a arma...

— Você não pode mais me dizer o que fazer, Tann. — Bunn me encarou com uma expressão impassível e inabalável. — Coloque suas mãos onde eu possa ver.

Fiz como o ordenado. Bunn cutucou minha calça com o pé, abaixando-se devagar para procurar algo nos meus bolsos enquanto apontava a arma para mim, sem desviar seus olhos de mim nem por um segundo. Não muito tempo depois, ele encontrou o que estava procurando.

Meu celular.

Ele desviou seus olhos cuidadosamente para a tela do aparelho e franziu sua testa ao ver que meu celular estava criptografado. — Qual é a senha?

— Bunn. — Tentei convencê-lo. Se ele conseguisse olhar meu celular, descobriria toda a verdade. — Nós precisamos conversar.

— A única coisa que vou te deixar falar é a explicação para todo esse negócio. Quem é você? Para quem trabalha? Quem matou Janejira? E então vamos deixar a polícia fazer o trabalho deles e lidar com isso. Apesar dos seus contatos, com provas sólidas você não vai se safar dessa. — Ele soltou uma tosse depois de terminar essa fala. Eu estava prestes a usar essa oportunidade para desarmá-lo, mas Bunn se recuperou rapidamente e gritou: — Fique aí mesmo! Não chegue mais perto!

Parei, esperando por uma próxima oportunidade. Eu sabia que Bunn não era um lutador. Ele era todo cérebro e nenhuma força, o que significava que não tinha chances em uma luta contra mim. Era verdade que a arma estava carregada, mas eu sabia que Bunn não apertaria o gatilho.

— Bunn, você ainda está doente, por que não se veste primeiro? — Mudei de assunto, mostrando a ele minha preocupação.

— A senha...

— Está frio. Se continuarmos dessa forma você vai...

— Você é surdo?! Me dê a maldita senha! — Bunn revidou, com sua expressão feroz e cheia de raiva. Eu nunca tinha visto esse lado dele antes, então aquilo fez com que eu ficasse de boca fechada.

O silêncio estranho gradualmente preencheu o espaço entre nós, e o que o quebrou não foi a voz de alguém, mas sim o toque do meu celular na mão de Bunn. Meus olhos se arregalaram em completo terror.

Só algumas pessoas tinham me ligado recentemente.

Bunn olhou para a identificação de chamada sem dizer nada, como se não reconhecesse quem era. Ele se aproximou de mim, apontando a arma para minha cabeça. Olhei para a tela do celular para ver quem estava me ligando e vi um número desconhecido. De qualquer forma, eu já sabia de quem aquele número era: meu irmão mais velho fugitivo. Era o novo número de celular dele.

— Atenda o celular. Seja casual. — Antes que eu pudesse protestar, Bunn aceitou a chamada e deixou no viva-voz para que pudesse acompanhar a conversa. Fechei os olhos e me abracei para aguentar a calamidade iminente.

A verdade estava para ser exposta. No momento em que Bunn ouvisse a conversa, ele entenderia tudo. Eu só podia imaginar o que viria depois disso.

— Alô... — eu disse, quase sussurrando.

[Paul me mostrou a foto. Tann, você matou o Bunn?!] O homem do outro lado da linha gritou com uma voz ensurdecedora. Vi Bunn virando a cabeça para encarar o celular em sua mão, abismado. [Eu te disse para fazer tudo o que fosse preciso para ele forjar o relatório, mas eu não mandei você matá-lo, porra! Mas que droga! Você matou meu amigo!]

— Paul me disse para fazer isso — expliquei a Pert da forma mais casual possível.

[Mas que droga!] A voz de Pert estava repleta de ressentimento. [Paul, você... eu nunca quis que nada disso acontecesse. Eu não queria que ele morresse também.] Sua voz estava chorosa. De qualquer forma, eu já estava insensível às mudanças de humor do Pert. Mantive um olho na reação de Bunn, reparando que seus olhos tinham se arregalado em choque e que sua mão, a que segurava o revólver, tinha começado a tremer.

— Irmão... eu não posso falar agora. Te ligo depois. — Rapidamente tornei a conversa curta, mandando um olhar para Bunn, que estava completamente confuso.

[Ligue novamente em uma hora, pode ser? Precisamos conversar. É sobre Paul.] E então ele finalizou a chamada. Depois que Pert encerrou a ligação, o quarto caiu em completo silêncio. Bunn voltou a puxar o celular para si. Nesse momento visualizei uma oportunidade de desarmá-lo num piscar de olhos. Bunn tinha cometido um erro ao se aproximar tanto de mim. Eu já estava pensando em uma forma de desarmá-lo considerando as minhas habilidades de combate superiores. Além disso, seu estado mental estava instável no momento, então ele naturalmente abaixaria a guarda.

Eu só estava esperando pelo momento certo. Era preciso encontrar uma forma de desarmá-lo sem nos machucar, para o bem dos dois.

— Essa voz... era do Pert, né? — A expressão confusa de Bunn causou

uma forte pontada de compaixão no meu coração. — Ele ainda está vivo. Era ele quem estava nas sombras, controlando tudo por trás das cortinas — disse Bunn, recitando algo que eu tinha lhe dito antes. O motivo para eu ter mencionado isso daquela vez foi porque eu queria desviar sua atenção de mim. — Você o chamou de “irmão”. Qual é a ligação de vocês dois? Não me diga que isso é sobre sua mãe ser uma amante...

Eu sabia que Bunn eventualmente ligaria os fatos por conta própria. — Parece que não tenho que explicar.

— Você é irmão dele, não é? — Bunn pressionou o cano da arma na minha testa e, com um tom áspero, exigiu: — Me responda!

Fechei meus olhos. — Sim, eu e o Promotor Songsak somos meios-irmãos... de mães diferentes.

— Conte-me tudo. O que, exatamente, está acontecendo? Por que Pert te enviou para me ameaçar? Quem matou Janejira? E quem é Paul? — Bunn parecia muito intimidante agora... seu rosto plácido estava começando a se encher de raiva e ressentimento. Alguma coisa me dizia que ele já sabia as respostas, mas não queria dizê-las em voz alta. Naquele momento o ar frio estava do meu lado, pois Bunn fez uma careta antes de tossir. Nesse intervalo de um milésimo de segundo, agarrei o braço direito dele e torci seu pulso com violência. Eu sabia que o tinha machucado intensamente, mas não tive outra escolha.

— Ah! — Bunn chorou alto de dor. Seu rosto se contorceu, mas ele ainda foi capaz de resistir a mim. Sua outra mão foi em direção ao meu estômago. Eu não achava que ele ainda tinha toda essa força, mas por sorte fui capaz de bloquear seu ataque a tempo. Sabendo que estava em desvantagem, Bunn decidiu soltar a arma no chão ao invés de dá-la a mim, e por sorte ela não atirou. Tentei pegá-la do chão, mas ele a chutou para o outro lado.

Eu não estava exausto apenas pelo esforço, mas também porque tive que quebrar meu cérebro para ler a mente desse homem. Às vezes a sagacidade de Bunn era mais rápida do que meu nível de inteligência podia acompanhar. O que aconteceu no banheiro foi minha lição, um lembrete para eu pensar com cuidado sobre o que fazer.

Bunn tentou acertar um soco na minha cara, mas eu desviei para baixo a tempo, fazendo-o cambalear um pouco. Puxei-o pela cintura contra o meu peito e pressionei-o na parede. Ele não podia me vencer na força, mas, mesmo assim, agarrar seu braço e segurá-lo foi uma tarefa difícil. Muito difícil, na verdade. — Bunn!

Ele parou de se debater, procurando desesperadamente por ar. Diminuí a pressão com a qual o apertava entre meus braços. — Pert matou Janejira, não é?

— Bunn perguntou com a voz seca. Eu não estava surpreso por ele chegar perto da verdade sem que eu lhe contasse.

— Se eu concordar em te contar tudo, você vai me deixar terminar a história, certo?

Bunn me respondeu com uma tosse forte. Eu definitivamente podia sentir que o corpo dele estava muito mais quente que o normal. Apertei meus braços ao seu redor, em choque. Eu não podia continuar assim.

— Você tem que colocar algumas roupas. — Quase parti meu cérebro enquanto tentava achar uma forma de ir pegar as roupas para ele e evitar uma tentativa de fuga. — Eu não vou usar a arma e nem as algemas em você, mas quero que fique aqui. Vou te trazer algumas roupas, e então você vai ficar sabendo de tudo. Agora. Nós temos um acordo?

Bunn virou a cabeça para me olhar. — Eu não acredito em você. Você vai pegar a arma.

— Juro pela minha vida que eu não vou fazer isso — jurei firmemente. — Sem mais segredos. Tudo o que eu te contar a partir desse momento vai ser verdade. O que quero é que você fique comigo. Não vá a lugar algum até que eu tenha terminado... Você pode fazer isso? — Comecei a soltá-lo gradualmente, dando passos para trás bem lentamente, sentindo que Bunn iria correr para fora do quarto. Mas isso não aconteceu. Ele permaneceu no lugar, olhando a parede. Peguei as roupas empilhadas no chão e as entreguei para Bunn. Ele colocou a camisa. O frio deve ter piorado sua doença.

Depois que terminamos de nos vestir, sem dizer uma palavra, segurei-o pelo braço e levei-o de volta para a cama. Bunn sentou-se, olhando pela janela. Seu rosto parecia muito confuso e exausto.

— Logo haverá notícias do misterioso desaparecimento do Dr. Bunn — disse Bunn. Seus olhos se fixaram na arma jogada no canto do quarto. — Se eu for lá fora, vou ser morto, certo?

— Certo. Agora mesmo você deve se fingir de morto. — Agachei-me lentamente para sentar-me ao lado de Bunn.

— Então vá em frente e cuspa tudo. Mas que merda está acontecendo?!

Respirei fundo e soltei o ar lentamente para aliviar a tensão. Se isso manteria Bunn ali comigo, então é o que eu faria.

**— Foi Pert quem matou Janejira...**

# CAPÍTULO 17

**Esse era meu último dia indo à aula.**

— Tann, você realmente vai largar a faculdade? — Tang, uma enfermeira registrada, perguntou com um olhar desapontado no rosto. — Sem você não haverá mais um colírio para os nossos olhos e nem nada que rejuvenesça nossas almas.

Ri baixinho, levantando o Tubo Vacutainer e transferindo o sangue que Tang tinha acabado de coletar da veia da idosa. — Eu realmente sou um colírio para os olhos?

— O quê? Sim! Você é uma joia rara. Um cara bonito e masculino como você é realmente difícil de se encontrar. — Perdi-me na palavra "masculino". Eu não discutiria sobre aquilo, porque realmente sou masculino, mas também gosto de homens. — Por que não termina a faculdade primeiro? Você já está no terceiro ano agora, falta só mais um. Não vai se arrepender, Tann? — Tang pressionou um pedaço de algodão e um curativo na área em que o sangue havia sido coletado.

— Eu realmente preciso fazer isso. A situação da minha mãe pode piorar a qualquer momento. Tenho que ficar ao lado dela. — Desempacotei uma agulha para Tang continuar sua tarefa.

Tang suspirou. — Certo, tudo bem, eu entendo. Para qual faculdade você vai se transferir? Caso não se importe que eu pergunte. Faculdade de Medicina?

— Passei no Exame de Admissão do Programa de Bioquímica. Na verdade, eu estava entre ir para a Faculdade de Farmácia e a de Odontologia, mas minhas notas foram muito baixas. E não acho que eu teria alguma chance na Faculdade de Medicina, para começo de conversa. Eu nem poderia competir com o nível de conhecimento das crianças de hoje, de qualquer forma. — Entreguei a agulha para Tang. — Acho que vou ter que fazer qualquer faculdade disponível agora. Só preciso ir para a faculdade que fica mais perto do hospital em que minha mãe está se tratando.

— Boa sorte! — Tang sorriu gentilmente e me devolveu a agulha. — Você faz isso, Tann. Já que é seu último dia como estudante de enfermagem, você deveria fazer. Só Deus sabe quando você terá outra chance de fazer isso.

Peguei a agulha. — Nunca se sabe, posso acabar voltando para terminar

a faculdade e ser um enfermeiro.

— Ah, eu tenho certeza de que você vai acabar encontrando seu caminho, fazendo outra coisa. Quando você tiver sucesso, não se esqueça de vir nos visitar em Bangkok algumas vezes. — Tang se dirigiu à nossa paciente, sorrindo, enquanto pedia permissão para deixar eu, um estudante de enfermagem, tirar seu sangue, sob supervisão de Tang.

Enquanto eu tentava encontrar a veia da minha paciente na dobra de seu braço, meus olhos subitamente se desviaram para alguém que caminhava até a enfermeira de centro cirúrgico. Ele tinha uma altura média e seu nome estava bordado com linha verde em seu jaleco. Devia ser um estagiário ou um residente que eu nunca tinha visto antes. Ele caminhou direto para a cama oposta à da paciente da qual eu estava retirando sangue, cumprimentou sua paciente que estava ali e se apresentou com uma voz confiante e clara.

Continuei com minha tarefa. Quando olhei a cama oposta, descobri que a cortina ao redor dela tinha sido puxada para manter a privacidade da paciente.

— O que esse médico está fazendo aqui? — Virei-me para perguntar para Tang, lembrando que a mulher daquela cama teve um acidente de moto.

— Oh, eu acho que ele é o residente da patologia. — Tang retirou suas luvas. — Já terminamos aqui, vamos para o outro quarto.

— Sim, senhora. — Empurrei o carrinho que continha material para coleta de sangue enquanto seguia Tang para fora do quarto. Dei uma olhada em direção à cama cujas cortinas foram fechadas pelo residente de patologia. Algo naquele residente me chamou atenção. Acho que foi sua aparência que me atraiu, mas decidi deixar aquilo de lado. Em breve eu voltaria para o lado da minha mãe, que estava em estado grave, então eu não deveria me apegar a mais ninguém dali.



No dia doze de dezembro, uma e quinze da manhã, fiquei parado ali, olhando a silhueta adormecida do Dr. Bunn na escuridão. Eu tinha conseguido colocá-lo para dormir sem o menor esforço, então agora eu estava prestes a fazer o que meu irmão tinha me ordenado.

Peguei meu celular, preparei-o para gravar e procurei um lugar com bom ângulo para deixá-lo filmando. No fim, acabei colocando-o na mesa ao lado da janela, então apertei o botão vermelho para começar a gravar antes que as luzes do quarto fossem desligadas.

Baseado nas horas de observação, a enfermeira basicamente voltava

para checar seus sinais vitais a cada quatro horas. Uma das enfermeiras já tinha feito isso por volta da meia-noite. Os médicos não prescrevem medicamento enteral para pacientes com ferimento na cabeça. Geralmente esses pacientes eram colocados para dormir enquanto lhes eram aplicados fluidos intravenosos. Medicamentos parenterais incluíam apenas analgésicos, que só eram administrados quando certos sintomas apareciam. Eu tinha certeza de que nenhuma enfermeira iria aparecer ali com qualquer uma dessas coisas por agora.

Baixei a grade lateral da cama, sentei-me à beira e estendi minha mão para acariciar o rosto do homem que estava deitado ali. Ele estava em um sono profundo provocado pelo medicamento previamente forçado em seu sistema. Bunnakit não era bonito ou fofo... não era o tipo de pessoa que se destacava na multidão. Mas, mesmo assim, quando eu olhava para ele em sua totalidade, na verdade o achava realmente charmoso. Tirei meu capuz e me aproximei da curva de seu pescoço para que eu pudesse sentir sua essência. Meu coração estava palpitando sem parar. Eu conseguia me ver fazendo amor com esse homem, então minhas mãos começaram a deslizar pelo seu corpo.

*Não. Isso é errado.*

Fechei meus olhos com força, tentando suprimir esse desejo ardente que tinha surgido em meu peito. Afastei-me para longe, indo para o canto do quarto enquanto respirava forte e pesadamente. Eu não podia fazer isso, simplesmente não podia.

Aproximei-me apressadamente do interruptor e apaguei a luz. Coloquei meu celular no bolso e puxei meu capuz enquanto saia da sala com passos acelerados.



— Bunn... — Chamei pelo homem que parecia ter tido sua alma arrancada do corpo. Segurei seus ombros e o sacudi um pouco. — Bunn, você está bem?

— Ah... — Foi sua resposta suave. Ele desviou seus olhos para algum canto afastado. Essa era a última coisa que eu queria ver, porque era como se eu estivesse vendo algo dentro dele quebrar em pedaços e agora ele estivesse com dor. Deve ter machucado muito finalmente saber toda a amarga verdade.

— Não deveria ter acontecido de forma alguma, eu sei. Foi por causa do meu irmão que isso aconteceu, ele perdeu a cabeça. — Eu tinha que tentar dizer algo para que ele se sentisse melhor. Eu sabia que ele era forte, mas era melhor ter alguém para lhe dar apoio em momentos como esse.

— Quer saber? Algo que está em nossa frente, de forma óbvia, é mais inofensivo que as coisas invisíveis abaixo de nós, porque, antes que possamos nos dar conta, um prego estará cravado no meio de nossos pés ensanguentados... — Bunn pressionou seus lábios como se quisesse conter uma torrente de emoções. Com essa declaração, era como se eu pudesse ver seus sentimentos.

— Olha, sei que você está chateado, mas quero que saiba que estou do seu lado. Você não está sozinho nessa, Bunn. Eu vou te proteger. Vou acabar com essa loucura e nós vamos poder ficar juntos. — Peguei a mão dele que estava em cima na cama.

Curiosamente, ele não afastou sua mão da minha. Provavelmente estava abatido pela verdade cruel. — Você ainda espera que eu acredite em você?

— Eu espero que você coopere comigo. Além da minha mãe, você é tudo que tenho. Não posso perder vocês dois.

Eu sentia como se Bunn quisesse deixar um sentimento explodir, mas estivesse tentando se conter. E ele era muito bom nisso. Aquela ação dizia muito sobre o quanto ele estava guardando dentro de si. — Essa é só mais uma das suas mentiras para me fazer acreditar em você...

— Bunn... — Aproximei-me mais um pouco dele para ter uma vista clara de seu rosto. — Pode ter certeza, tudo o que eu disse é verdade.

— Você quer que eu acredite nisso. Mentiu sobre sua mãe para que eu tivesse pena de você. Mentiu sobre ser irmão do Pert, e na verdade você é só mais um dos homens dele. Mentiu para mim sobre ser gay e só dormiu comigo para que eu confiasse em você. Fez eu me apaixonar por você para que pudesse ME USAR FACILMENTE! — A voz de Bunn aumentou para um grito na última parte.

Eu estava chocado. Todos os sentimentos que Bunn vinha segurando estavam começando a transbordar. Não importa o quão forte sejamos, eu acredito que, em algum momento, acabamos deixando todos esses sentimentos que escondemos dentro de nós nos engolir, exatamente como Bunn estava fazendo agora. Isso de forma alguma era uma atuação. Eram os verdadeiros sentimentos de Bunn.

E ele disse que tinha se apaixonado por mim... isso também devia ser verdade.

Bunn me amava... e olha só o que eu tinha feito com ele.

Tinha um sentimento forte e desconfortável oprimindo meu peito... uma torrente de culpa. De repente minha visão ficou turva e pude sentir algo quente escorrendo pelas minhas bochechas. Limpei as lágrimas com as costas da minha mão. — Me desculpe... — Minha voz tremeu. Eu sabia que Bunn provavelmente não ouviria minhas desculpas. Ele provavelmente nem queria mais ouvir minha

voz.

Tirando a minha fachada exterior forte, eu era apenas um garoto frágil, fraco e emocional. Eu chorava todas as vezes que minha mãe ficava severamente doente e todas as vezes que o medo de perder alguém que eu amava me invadia.

Bunn se virou para me olhar. Ele parecia chocado ao me ver assim naquele momento. — Tann...

— Ser gay não é algo sobre o qual você possa enganar os outros, sabia? É a mesma coisa sobre o meu amor por você. — Olhei para o teto, esperando que minhas lágrimas voltassem para os meus olhos. Bunn encarou-me em silêncio. Rezei para que ele visse que o que estava acontecendo comigo naquele momento não era mentira, mesmo que minhas esperanças fossem dolorosamente pequenas.

— Sua mãe. Qual é o diagnóstico dela?

— Ela tem lúpus.

— Quais foram os sintomas iniciais?

— Começou com uma erupção cutânea quando ela se expôs à luz do sol. Nós fomos ao dermatologista e ele nos deu medicamento tópico para a doença dela. — Funguei. — Depois disso vieram os inchaços no corpo, especialmente nos dorsos dos pés. E de repente veio a fadiga e o sufocamento. Eu estava no sétimo ano na época. Ela foi levada ao hospital. Eles a entubaram e encaminharam para a UTI. Se lembro bem, ela também teve edema pulmonar. Depois de uma avaliação mais aprofundada, ela foi diagnosticada com lúpus. Minha mãe estava com insuficiência renal. O tratamento por hemodiálise dela está sendo feito até hoje.

— Você... — Bunn apontou o dedo para mim. Os termos médicos que usei devem ter chamado sua atenção. — Você é médico?

— Ex-estudante de enfermagem — corrigi. Eu não tinha mais nada para esconder.

Bunn ficou com uma expressão de choque no rosto antes de soltar um suspiro. — Jesus...

— Pergunte mais, pergunte qualquer coisa. Vou te contar tudo até que você acredite em mim. — Balancei a mão de Bunn. — Vá em frente, pergunte.

— Como você acabou se formando em ciências, então?

Bunn passou uma hora fazendo perguntas sobre minha história de vida. Eu sabia que ele estava tentando ver se eu estava mentindo. Se a resposta seguinte contrariasse a resposta anterior, ou se eu agisse de forma suspeita, ele perceberia na hora. Mas isso não importava, porque todas as minhas respostas eram verdadeiras, então eu não tinha nada a temer. Senti que a atmosfera entre nós dois foi gradualmente relaxando mais e mais, como se o ar frio ao nosso

redor começasse a esquentar a cada segundo. Bunn tinha voltado ao seu velho eu, um homem com pensamentos estáveis e consciência plena.

— Última pergunta... — Essas palavras finalmente saíram de sua boca depois de uma miríade de perguntas.

— Não precisa ser a última. Estou sempre pronto para as suas perguntas.

**— Você realmente me ama?** — Bunn olhou bem fundo dos meus olhos.

**— Honestamente, essa foi a maior verdade que eu te falei** — respondi sem qualquer hesitação.

Bunn apertou seus lábios enquanto seus olhos desciam para as minhas mãos, que estavam sobre meu colo. Ele estendeu uma mão e apertou a minha com força. Senti como se um balão tivesse inflado dentro do meu peito. Bunn ficou dessa forma por um momento, então se levantou e caminhou até a arma que estava no chão. Ele levantou o olhar para ver minha reação e se agachou para pegar a arma. Não reagi, já que eu queria que ele confiasse em mim. Bunn levantou-se com a arma na mão. Ele ficou assim por um longo tempo.

— Muito bem, eu acredito em você.

Quase pulei no ar com aquela fala. Sorri aliviado. Eu estive usando a abordagem errada todo esse tempo. Para que ele fizesse o que eu queria eu não deveria controlá-lo, mas deixá-lo controlar as coisas. Tive que abrir meu coração, e agora era minha vez de ouvi-lo.

— Pare com sua felicidade um pouco e me ajude a pensar no que vamos fazer daqui para frente. — Bunn checou a munição da arma e fechou o cilindro logo depois. — O que você estava tentando fazer mais cedo? Matar seus irmãos?

Admito que eu realmente estava pensando em fazer só isso. — Tenho outra escolha?

— Bem, você seria acusado de assassinato em primeiro grau. Oh, e só para você saber, sequestro e aprisionamento em cativeiro também vêm nesse pacote. E aí seu pai iria matar sua mãe e eu, provavelmente. — Bunn apontou o dedo para mim. — Verdade, agora nós temos três pessoas para matar. Tem alguma ideia melhor?

Sorri abertamente. — Você tem que me ajudar, então.

— Nós temos que pensar sobre isso, porque não podemos cometer qualquer erro. — Então Bunn pareceu se lembrar de uma coisa. — Ei, você disse que ligaria de volta para o Pert, né? Ligue logo antes que ele ache suspeito.

Eu tinha simplesmente esquecido que deveria ligar para o Pert. Bunn realmente era uma pessoa cautelosa. — Tudo bem. Vou mandar uma mensagem para ele avisando que ligarei hoje à noite. Pert é uma pessoa bem fácil de

conversar. Quero saber do nosso plano primeiro.

— Nós não vamos conseguir montar um plano até o final do dia. Precisamos de mais informações. — Bunn começou a andar de um lado para o outro, nervoso. Peguei meu celular e mandei a mensagem.

"É sério, não posso falar com você agora, mas definitivamente vou te ligar hoje à noite."

Quando levantei meus olhos, vi Bunn parado em minha frente. Eu estava prestes a perguntar o que ele queria quando ele subiu no meu colo, montando em mim, e me deixou sem palavras. Ele passou seus braços em volta do meu pescoço e se inclinou para me beijar. Seu beijo era quente como fogo e mandou meus pensamentos para o espaço. Minhas mãos agarraram sua cintura instintivamente.

Tenho que deixá-lo me controlar. O poder estava nas mãos de Bunn agora... *E esse momento de intimidade não era exceção.*

# CAPÍTULO 18

— “Limpar minha mente”, você disse?! — Exclamei. Quando percebi que o outro cara não tinha sido nem um pouco tocado pela minha reação, senti-me abatido.

— Cof, cof. — Bunn tossiu seco depois de responder minha pergunta. Ele olhou um pedaço de papel que estava em sua mão esquerda, enquanto a direita segurava uma caneta. Nós estávamos dentro do carro, indo direto para o distrito da capital. Eu estava dirigindo e Bunn estava sentado no banco ao meu lado, enquanto se concentrava em escrever no papel os nomes das pessoas que estavam envolvidas nesse caso.

— Não foi porque você queria... quero dizer, você não quis transar comigo porque você... me ama?

— Sexo não é amor — disse Bunn simplesmente, com o rosto impassivo. — Apenas dirija.

Voltei rapidamente a olhar para a estrada, obedecendo seu comando. Seu conceito sobre sexo era cruel e direto, assim como Bunn, na verdade. Eu pensava de novo e de novo no que tinha acontecido entre nós dois dentro do quarto daquela casa. Eu simplesmente não conseguia parar de pensar no que fizemos. Eu odiava a forma como ele tinha me feito perder a cabeça e então, depois que terminamos, simplesmente me cortou e agiu como se nada tivesse acontecido. — Bem, você mesmo disse que eu tinha feito você...

— Se você não parar bem aí, vou atirar na sua cabeça e jogar seu corpo fora. — Alguma coisa me dizia que ele não estava brincando.

— Como você poderia atirar em mim? Eu estou em desvantagem aqui. Você me beijou e praticamente me expôs a uma gripe. Isso é considerado um risco clínico, sabia?

— Então espero que você entre em choque séptico. Eu não vou nem me preocupar em te dar um RCR se você tiver uma parada cardíaca. — Bunn suspirou baixinho antes de circular um nome no papel. Eu não podia ver o que ele estava fazendo, no entanto. — Eu estava pensando se deveríamos expor que Pert continua vivo, assim teríamos mais ajuda para procurar provas de que ele matou Jane e mandá-lo para a cadeia. Mesmo que a polícia esteja meio envolvida, tenho quase certeza de que ela não seria capaz de negar evidências sólidas...

— E quanto ao Paul e ao meu pai? Mesmo que Pert fosse preso, esses dois ainda seriam uma ameaça para nossas vidas.

— Cobranças de dívidas de forma ilegal, suborno, jogos de azar ilegais, intimidação, agressão... apenas liste. Você só precisa expor as atividades ilegais dessa família. Coloque o traseiro deles na cadeia.

— Isso inclui meu traseiro também, não é? Eu sou o Sr. Black, a mão direita do Sr. Odd, lembra? — Ganhei esse apelido de um grupo de gângsteres, porque eu geralmente me vestia totalmente de preto quando ia lidar com os negócios da família, para manter minha identidade em segredo. — Eu não acho que vai ser tão simples assim. Eles pagariam a fiança bem fácil. E levaria uma eternidade para a corte tomar uma decisão. Mesmo que eles terminem na prisão, meu pai e meus irmãos com certeza contratariam alguém para te machucar. Esse método não é seguro. — Dei uma olhada rápida em Bunn antes de voltar a olhar a estrada.

— Já que eles estiveram usando sua mãe para te forçar a seguir ordens, acho que você não se enquadraria... e, de novo, isso não significa que eles vão te deixar vivo. — Bunn descansou a cabeça no encosto do banco, exausto. — Para ser honesto, eu não tenho ideia do que fazer. — Bunn amassou o papel e o jogou na janela, que estava fechada, vendo a bola que se formou cair entre seus pés.

— Está tudo bem. Nós vamos descobrir alguma coisa. Pelo menos você está a salvo por agora, graças ao meu plano de morte falsa. — Coloquei uma mão no ombro de Bunn, dando-lhe apoio moral. — Mas você tem certeza de que quer voltar e ficar na minha casa?

— Sim... — Bunn disse com firmeza. — Até onde eles sabem, Bunnakit se foi... Ele é apenas um fantasma errante. Para matarmos tigres, temos que pegá-los por trás de surpresa. Quando eles se sentem seguros, eles baixam a guarda. Dessa forma nós poderemos trabalhar no nosso plano sem deixar rastros.

— Mas é perigoso...

— Mas sei que o meu Tann vai continuar me mantendo a salvo... — Bunn se virou para me olhar. — Certo?

Senti meu rosto ficar significativamente quente. Meu coração quase derreteu ali mesmo no banco do motorista. Bunn disse “meu Tann”, fazendo soar como se eu pertencesse a ele. E agora estava me pedindo para protegê-lo. Eu o ouvi direito? Não sei por que ele escolheu dizer isso num tom tão sugestivo de sedução, mas uma coisa era certa: eu descobri que estava perdidamente apaixonado por ele. — Cla-claro.

— Bom. — Bunn voltou a olhar para a estrada. — Se você tiver alguma ideia, apenas fale. Pensaremos nos prós e nos contras até chegarmos ao melhor plano.

Fiquei quieto por alguns segundos, contemplando-o. — Você disse algo sobre ser um fantasma agora há pouco. Que tal a gente fingir que você é um fantasma vingativo? Você se fantasia e fica assombrando Pert e Paul até eles se cagarem, e aí você diz “ou vocês se entregam ou eu os arrastarei para o inferno”, ou alguma coisa parecida.

Bunn soltou um longo suspiro. — E por acaso você acha que esse *fantasma* é à prova de balas? E se, por acaso, eu tiver que lidar com os dois ao mesmo tempo?

Durante o caminho Bunn e eu continuamos discutindo sobre nossos planos de sobrevivência. Mas quem vinha com os planos, no geral, era eu, por conhecer mais minha família e ter mais informações sobre eles, enquanto Bunn era quem pesava os prós e os contras de cada plano. Estacionei o carro embaixo de uma árvore que estava ao lado da estrada para que pudéssemos aproveitar o arroz glutinoso e a comida local que eu tinha comprado para nós. Bunn, sem dúvida, não tinha frescura com comida, então comeu tudo o que eu tinha comprado. Depois de um tempo, decidimos ir para a área do distrito a fim de comprar alguns remédios para a febre de Bunn, por isso, depois de quarenta minutos dirigindo, voltamos do distrito da capital. Estacionei na frente da minha casa, que agora estava quieta, sem nenhuma pessoa ou carro passando na frente. Virei-me para olhar Bunn, que tinha caído no sono bem rápido por causa de sua febre.

— Bunn. — Sacudi seu ombro gentilmente. — Vou abrir o portão. Você desce do carro assim que eu entrar na garagem, tudo bem?

Bunn abriu os olhos meio atordoado. Ele parecia exausto. — Hum?

Assim que estacionei na garagem, tirei Bunn bem rápido de dentro do carro e levei-o diretamente para o quarto antes que alguém de fora pudesse vê-lo. A mochila que ele tinha largado no meio da escada quando estava tentando fugir ainda estava lá, então eu a peguei e a deixei no pé da cama, para a qual Bunn tinha ido diretamente e desabado em cima. Ele devia estar tão exausto que só queria deitar-se e dormir.

— Ligue para o Pert. Aja normalmente. Apenas diga para ele que você voltou para o distrito da capital depois de enterrar meu corpo em algum lugar ou qualquer coisa assim. E pergunte onde ele está. Atraia-o, diga que a barra está limpa e que não vai mais ter investigações sobre a morte da Janejira. — Bunn detalhou nosso plano com os olhos fechados. — Grave a conversa que vocês tiverem com outro telefone. E ponha no viva-voz para que eu ouça também.

— Entendi... — Sentei-me na beira da cama, peguei o telefone branco e coloquei-o para gravar, depois peguei meu próprio celular e liguei para Pert, deixando a chamada no viva-voz para que Bunn também pudesse ouvir. A

música de espera tocou por pouco tempo antes que alguém atendesse, como se ele já estivesse esperando a ligação. — Pert...

[Tann.] Pert parecia extremamente cansado. Fiquei imaginando o que poderia ter acontecido com ele. [Onde está o Dr. Bunn?]

Arregalei meu olhos e virei-me para encarar Bunn, que imediatamente pulou da cama. Ele olhou para mim, nervoso, e sussurrou algo, encorajando-me a continuar com a conversa. — O que você quer dizer?

[Onde está o corpo dele? Onde você o enterrou? Na floresta atrás do armazém?] A voz dele parecia profundamente estranha.

— Não, enterrei ele fora da cidade, em outra floresta. Uma vez o papai nos levou lá para ver algumas terras que poderíamos alugar para os agricultores. — Menti sobre a localização.

[É mesmo? Você fez uma despedida decente antes de enterrá-lo?]

De onde veio isso? Fiz uma careta. — Olha, eu não tinha tempo para isso. Alguém poderia ter me visto.

[É mesmo...] Pert soltou uma risada fria e triste. [Como você pôde fazer isso, hein? Eu não sabia que você tinha essa impiedade dentro de você. Te levei ao ponto em que você pode fazer qualquer coisa, né? Até mesmo matar quando te mandam, não é mesmo?

Ouvi Bunn sussurrar: *Só continue na dele*. — S-sim, bem, eu tive que fazer isso. Você sabe que não tive outra escolha a não ser seguir as ordens de Paul. Além disso, agora você não precisa ir para a cadeia. Não está bom assim? Paul mandou que eu me livrasse da testemunha-chave contra você, então agora não vai mais haver investigações sobre a morte de Janejira.

[Sabe por que eu queria que você ameaçasse o Dr. Bunn? Que fizesse qualquer coisa? Ameaças de morte, tortura, estupro... QUALQUER UMA DESSAS COISAS que eu te disse?] A voz dele aumentava a cada minuto. [Era para que ele não tivesse que morrer assim. Quando Paul disse que as coisas estavam tão complicadas ao ponto de você ter que matar Bunn?! Não seria necessário ter matado ele se você só o tivesse ameaçado para que ele esquecesse tudo!]

Eu estava imóvel, atordoado. Quando pensava no passado, eu conseguia lembrar que Pert tinha apenas um amigo próximo... o único com quem ele sempre saia. Eu não conseguia acreditar que alguém como Pert se importava tanto assim com outra pessoa. — Era só uma questão de tempo. Nós não sabemos se Paul acabaria mandando alguém matar o Dr. Bunn, de qualquer forma.

Pert soltou um som frustrado. [Oh, mas eu vou te matar por isso, seu filho da puta!] Ele provavelmente tinha me chamado por esse nome vulgar

porque estava com muita raiva.

— Pert, acalme-se! Eu só estava seguindo ordens. O que isso tem a ver comigo? — Olhei para Bunn, que estava franzindo a testa para o celular.

**[Você tirou o homem que eu amava de mim...]**

Engasguei-me, perplexo. — Uau... o quê? — Virei minha cabeça para encarar Bunn, que estava com os olhos arregalados. Ele cobriu a boca com as mãos, tentando conter qualquer som que pudesse deixar escapar.

[Você o tirou de mim. Paul te deu uma ordem e você a seguiu à risca... eu vou te matar.]

— Não era eu que queria ele morto, era Paul. Por que você não consegue entender isso?! Que droga!

Pelo amor de Deus, é tão difícil entender a lógica confusa do meu meio-irmão. Eu estava preso entre minha confusão com o comportamento de Pert, minha raiva e meu ciúmes. Esse homem, que tinha mandado alguém machucar Bunn, não tinha o direito de dizer que Bunn pertencia a ele. Meu corpo tinha sido dominado pela raiva. Bunn deve ter percebido minha expressão, porque a próxima coisa que ele fez foi segurar meu braço bem forte e sussurrar no meu ouvido: — Acalme-se.

Tive que manter em mente que a vitória já era minha, porque Bunn estava ao meu lado e não ao dele. Pert nem sabia que Bunn ainda estava vivo. — Quer saber? Isso também é culpa sua. Você me mandou dar a merda de uma surra no Dr. Bunn, então como eu deveria adivinhar que vocês eram melhores amigos? Se eu soubesse, teria esperado e conversado com você primeiro. Vá se foder... se você realmente o amava, por que o machucou? Por que não o protegeu?!

Bunn puxou minha manga com força, encarando-me com desaprovação.

[Vá se foder?]

Tarde demais, eu estava cego pela raiva. — Para falar a verdade, sim, você é desprezível, Pert! E quer saber de uma coisa? O motivo do Dr. Bunn ter terminado assim foi você, não eu, nem o Paul, mas você! É culpa sua! Se você não tivesse matado Jane, o Dr. Bunn não teria morrido!

Não acho que essa última frase tenha chegado aos ouvidos de Pert, porque Bunn pegou o celular de mim e encerrou a chamada. Sem nenhum aviso, ele deu um tapa na minha cara, fazendo com que meu estado de raiva fosse embora por um momento.

— Tann! — Bunn agarrou meu colarinho e me puxou contra si. Com a cabeça baixa, mantive-me imóvel, sem lutar contra ele. — Eu disse para você se acalmar! Agora não fazemos ideia de onde ele está ou quando vai voltar! — Bunn soltou meu colarinho de forma grosseira e respirou bem fundo, como se

estivesse tentando se acalmar.

Ainda havia uma coisa que estava me incomodando: a reação de Bunn quando Pert o mencionou.

— Bunn... você gosta do Pert, não é? — Respirei fundo. *Por favor, não diga que sim*. Eu estava esperando que ele negasse.

Mas ele não disse nada. A única coisa que veio foi o silêncio. Era como se meu coração estivesse se quebrando em mil pedaços no chão. Bunn olhou para mim por um longo tempo antes de continuar.

— Se eu gosto ou não dele não importa agora. O ponto é que Pert não me queria morto. Nós podemos usar isso contra seu irmão mais velho. — Bunn estava muito calmo e composto, e sua linha de pensamentos continuou, ao contrário de mim, que estava com a mente cheia de emoções negativas. — Parece que Pert e Paul têm muitos conflitos um com o outro, não é? Sem falar que Pert matou alguém porque perdeu o controle. Acho que seu envolvimento não é necessário. Agora nós temos a confissão de Pert sobre mim e Jane gravada no celular. Estamos em vantagem aqui.

Eu conseguia sentir uma ardência se espalhando pelas minhas bochechas. Segurei minhas têmporas. Eu nunca tinha me sentido tão para baixo em toda a minha vida. Saber que o homem que eu amava tinha tido sentimentos por outro homem antes de mim realmente fez com que eu me sentisse como se eu não pudesse seguir em frente. Especialmente quando eu sabia que o dito cujo era Pert, o que fazia eu me sentir mais do que desanimado.

— Tann. — Bunn aproximou-se de mim, tocando minhas bochechas. O calor que sua palma transferia para o meu corpo, de alguma forma, ajudava a me acalmar. — Eu sei o que nós precisamos fazer agora. Recomponha-se e escute-me, pode ser? Por favor?

Pousei uma mão em cima da sua. — Depois, se nós conseguirmos sair dessa, você ainda vai ficar comigo?

Bunn sorriu levemente. — Para onde mais eu iria?

Um sentimento indescritível tomou conta do meu peito e tive que puxar Bunn para os meus braços. Eu não sabia se ele realmente queria dizer aquilo, poderiam ser palavras ditas apenas para me animar, ou me usar. Mas mesmo que fosse mentira, eu estava disposto a ser um idiota. — Eu estou ao seu serviço. O que você quer que eu faça?



*— Durante as investigações do misterioso desaparecimento do*

*Promotor Songsak Sawangkul, tivemos outro desaparecimento, o do médico forense do hospital provincial, no dia dezessete de dezembro de dois mil e quinze. A polícia recebeu uma queixa de desaparecimento do Dr. Bunnakit Songsakdina. As autoridades fizeram uma inspeção na casa do médico e encontraram sinais de luta. A polícia presume que tenha sido um sequestro. De qualquer forma, foram coletadas evidências e sangue para análises adicionais de DNA...*

Peguei o controle e desliguei a TV onde passava o noticiário no primeiro andar da escola. O desaparecimento de Bunn virou notícia por ter acontecido alguns dias depois do desaparecimento de Pert. Eu estava sentado no banco em que os alunos geralmente aguardavam pela chegada dos pais. Olhei para o teto, deixando minha mente vagar para outro lugar. Estava esperando o último aluno ir embora para eu poder fechar a escola.

Um par de faróis brilhou através da vidraça daquela área, então a adolescente se levantou. — Boa noite, Professor Tann. — Ela se virou para mim, mostrando respeito com o cumprimento wai, e correu para fora. Meus olhos a seguiram. Finalmente os pais dela vieram buscá-la.

Levantei-me e comecei a desligar as luzes. Depois de sair, eu planejava ir ao mercado comprar comida e remédios para Bunn. Eu estava realmente preocupado, mas Bunn tinha me mandado não ligar para ele de forma alguma.

— Você não deve usar seu celular para entrar em contato comigo. Se seus irmãos puxarem seu histórico de mensagens ou chamadas podem suspeitar. Além disso, quando você não estiver em casa durante a noite, desligue as luzes. — Bunn me instruiu. — A primeira coisa que você vai fazer é ir para a sua aula da tarde como sempre. Aja como se não tivesse acontecido nada.

Eu estava para desligar todas as luzes quando ouvi o som da porta da frente se abrindo. Virei-me para ver quem era a visita... e era um homem.

Ele tinha estatura mediana e cabelo levemente ondulado, usava uma camisa azul escuro e calça cinza e sua postura era altiva e formidável. Ele olhou para mim através dos óculos de armação preta, sem vacilar por um segundo.

Seu rosto me parecia vagamente familiar...

— Você é o professor Tann? — perguntou com uma voz Barítona.

— Sim, sou eu. — Virei-me para o visitante desconhecido, cético e nervoso. — Você tem alguma pergunta sobre os cursos?

— Não — disse ele. Comecei a sentir uma espécie de medo.

— Então você veio me ver aqui por algum motivo? — Mantive-me o mais composto possível para poder lidar com essa situação sem precedentes.

— Na verdade, sim, eu tenho... — Ele ficou em silêncio por um tempo. — O pessoal do hospital me disse que você e o Dr. Bunnakit eram amigos, e que

vocês estavam andando juntos recentemente.

Senti como se meu coração tivesse parado de bater por um segundo. Quem é esse cara? Por que ele está me perguntando sobre Bunn?

— Tirei alguns dias de folga para vir procurar meu irmão mais novo. Assim que soube que Bunn tinha sumido, peguei o primeiro avião de Bangkok até aqui. — Ele continuou, calmo. — Meu nome é Boonlert. Sou irmão do Bunnakit.

# CAPÍTULO 19

**Professor assistente Boonlert Songsakdina, doutor em medicina, cirurgião cardiotorácico na Faculdade de Medicina, a melhor escola de medicina do país.**

Minhas mãos tremeram ao perceber o status social daquele homem. Pedi licença para ir ao banheiro para checar suas informações pessoais on-line e me acalmar antes de voltar para o meu escritório, onde ele estava me esperando. Deslizei meu celular no bolso da minha calça e bati suavemente minha testa na porta do banheiro. Recuperei minha compostura e abri a porta para enfrentar a verdade que me esperava.

*O que eu faço?* O que eu deveria fazer? Se eu achava que lidar com Bunn já era difícil, seu irmão mais velho parecia ainda pior. Eu não queria nem pensar em quanto Boonlert podia ser ardiloso.

Caminhei de volta ao o meu escritório. O Dr. Boonlert já estava esperando por mim no sofá. O homem parecia tranquilo e muito mais maduro que Bunn. Ele estava cercado por alguma vibração que fazia as pessoas respeitarem-no sem que ele precisasse falar uma palavra sequer.

— Me desculpe por te fazer esperar. — Caminhei em direção ao pequeno sofá para me sentar.

— Tudo bem. — Os olhos de Boonlert se fixaram em mim. — Há quanto tempo você conhece o Bunn?

— Bem... eu o conheço já faz um tempo. — Decidi mentir, pois se eu contasse a verdade, que Bunn e eu nos conhecíamos há apenas uma semana, ele poderia suspeitar. — Há cerca de seis meses.

— E antes de ele desaparecer, onde você o viu pela última vez? Quando?

Senti seu olhar perfurar a minha cabeça.

— No hospital. Fui buscá-lo depois do trabalho e nós jantamos na minha casa. Nós conversamos. Isso foi dois dias antes de ele desaparecer. — Olhei para Boonlert com preocupação. — Eu estou muito preocupado. Não sei se ele está morto ou vivo. Ouvi dizer que há sinais de luta na casa dele.

— Ele tinha problemas com alguém?

Balancei minha cabeça.

— Não acho que Bunn tenha problemas com ninguém em particular. De

qualquer forma, seu trabalho envolve muitos processos, não tenho certeza se ele acabou irritando alguém.

Dr. Boonlert acenou com a cabeça.

— Eu sempre falei para ele o risco de trabalhar nessa área, ainda assim ele escolheu isso e decidiu trabalhar longe de mim. — Ele tirou seus óculos e o colocou no bolso de sua camisa. Pude ver a semelhança que Boonlert e Bunn compartilhavam. O rosto de Boonlert carregava mais sinais de velhice. Pude ver seu olhar apreensivo. — Além de você, sabe se ele andava com outras pessoas?

— Sei que ele tinha o Pert, o cara que desapareceu poucos dias antes. — Tentei disfarçar, assim como fiz quando menti para Bunn, para fazê-lo acreditar em mim. — Você acha que tem alguma ligação?

— Pert, o promotor que era amigo de escola do Bunn? — disse Boonlert, enquanto acenava com a cabeça, confirmando. — Eu não sei se estão conectados, mas acho que pode ter alguma relação. Poderia ser um caso compartilhado? Ou questões pessoais? Descobri que, aparentemente, o relatório de autópsia mais recente que Bunn enviou para a polícia era sobre uma mulher que se enforcou. Um dia após a autópsia, o hospital me informou que Bunn foi internado com um ferimento na cabeça. O prontuário descrevia que ele tinha sido agredido, mas a polícia não tinha conhecimento disso porque ele não fez queixa.

Engoli em seco. Em poucas horas desde que chegou nessa província, o Dr. Boonlert foi capaz de localizar com precisão onde tudo começou e conseguiu me deixar muito assustado.

— Eu me perguntei se havia algum problema com os resultados da autópsia naquele dia, então falei com um investigador e ele me disse que a causa da morte foi determinada como suicídio. De qualquer forma, Bunn enviou o relatório apenas um dia antes de ser dado como desaparecido... acho isso estranho.

— Por que você veio até aqui sozinho? — perguntei, tentando manter minha voz firme. O irmão de Bunn era muito intimidante.

— Só quero achar uma pista sozinho. Talvez eu possa encontrar algo que seja útil para a polícia. — Dr. Boonlert juntou suas mãos no colo. — Vou acreditar que meu irmão está vivo até eu encontrar o corpo dele e vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para trazê-lo de volta. Farei o que for preciso.

Seu tom provocou um arrepio em minha coluna. Eu queria muito contar para ele que Bunn ainda estava vivo e que estava escondido em minha casa. De qualquer forma, eu não sabia se contar isso afetaria nossos planos. Eu precisava ir para casa conversar com Bunn sobre o que aconteceu e deixá-lo analisar a situação primeiro.

— Entendo você. Se um dos meus irmãos desaparecesse, eu provavelmente faria o mesmo.

— Acho que vou voltar aqui para falar com você de novo. Você está aqui todos os dias? Ou como posso entrar em contato com você?

— Vou te passar meu número. — E eu passei. Boonlert salvou meu número em seu celular.

Acompanhei-o até a porta. Ele me agradeceu antes de caminhar até seu carro alugado que estava estacionado na frente da escola. Quando o carro já estava fora de vista, senti minhas pernas ficarem fracas. Recuei, encostei-me na porta e respirei fundo.

Eu precisava ver Bunn o mais rápido possível. Eu não estava com medo de Dr. Boonlert descobrir minha parte em tudo isso, mas temia por sua segurança. Quanto mais ele soubesse, mais perigoso poderia ser.



— Boon! — Bunn exclamou depois de eu ter contado sobre o que aconteceu mais cedo. Nós estávamos sentados no chão ao lado da cama. Bunn colocou no chão a tigela de mingau que eu havia comprado em uma loja no caminho para casa. Ele parecia mais revigorado depois de ter descansado enquanto eu estava fora.

— O que você acha que eu devo fazer? Eu deveria contar a verdade para o Dr. Boonlert? — perguntei para Bunn. Honestamente, eu queria que Bunn contasse ao Dr. Boonlert que ele estava vivo. Eu estava muito cansado de mentiras.

— Dê-me um tempo para pensar sobre isso... — Bunn parecia muito inquieto. — Por que ele teve que vir até aqui? Ele vai tornar as coisas mais difíceis do que já estão.

— Sabendo o quão determinado ele é, eu não ficaria surpreso se ele aparecesse aqui em casa perguntando se você está aqui. — Estremeci com o pensamento. — Mas tive uma ideia. Quer ouvir?

— Diga. — Bunn fixou seus olhos atenciosos em mim.

— Nós deveríamos contar a ele a verdade. Deixe-o saber que você está a salvo aqui, comigo. Explique para ele o porquê de você estar se escondendo assim e convença-o a voltar para Bangkok. Quanto mais tempo ele passar aqui, mais perigoso pode ficar. Dr. Boonlert pode chamar a atenção de Paul. Se ele chegar perto de descobrir a verdade, pode acabar sendo a próxima vítima.

Bunn permaneceu em silêncio por um tempo.

— Boon definitivamente não vai embora. Ele vai ficar por aqui até tudo se resolver, até ter certeza de que eu estarei seguro. — Bunn estendeu a mão para agarrar minha manga e balançou a cabeça lentamente. — Não consigo pensar em mais nada.

Ele deve ter ficado tão exausto que seu cérebro ficou lento. Ele puxou-me para mais perto e descansou sua cabeça em meu peito. Estendi minha mão para acariciar sua cabeça lentamente.

— Vamos continuar com isso amanhã. Tome seus remédios e vá dormir.

— Não o deixe passar pelo que eu passei. Faça o que tiver que fazer para mantê-lo a salvo — ele murmurou, fechando seus olhos. Senti meu coração ficar estranhamente aquecido. — Por favor, você precisa mantê-lo seguro por mim.

— Anotado. Vou ficar de olho nele. — Beijei a testa de Bunn. — Às vezes eu queria que você ficasse doente assim para sempre.

Bunn abriu os olhos.

— Por quê?

— Isso me fez perceber o quão aconchegante você é. Bunn, você está ficando mais carinhoso que o normal, sabia? — pensei em voz alta.

— Eu sei... isso se chama arte da sedução, algo que se deve possuir para mexer com as pessoas. — A resposta poética e direta de Bunn quase fez meu coração parar de bater.

— Só isso me deixou tão atraído por você que quase não pude fazer nada. —Abracei-o. Por que ele fazia isso comigo?

— Estou indo para a cama — Bunn disse e desprendeu-se de mim. Ele levantou-se e jogou-se na cama. Peguei a tigela do chão. Ele comeu apenas a metade do que havia ali, mas foi o suficiente para me acalmar. Pelo menos comeu algo. Bunn era a minha felicidade em meio a esta adversidade estressante e perigosa. A parte mais feliz do meu dia era quando eu saia do trabalho e ia para casa e via Bunn sentado no meu quarto. Ele não tinha ido a lugar algum, afinal.

Corri para o meu quarto depois de ter lavado os pratos. Tomei banho, coloquei meu pijama e apaguei as luzes. Voltei para a cama, na qual alguém estava deitado completamente imóvel, respirando calmamente. Bunn devia estar dormindo. Deitei-me ao lado dele e observei suas costas com a pouca iluminação que havia ali.

— Tenha uma boa noite... querido. — A palavra que eu queria falar para ele escapou suavemente dos meus lábios. Eu não esperava que Bunn ouvisse. Na verdade, eu não tinha o direito de chamá-lo assim. Nós não tínhamos nenhum relacionamento. Só estamos ficando juntos agora porque era mais seguro. Nossas

vidas estavam em jogo. Não havia nada de amor ou qualquer outra coisa.

# CAPÍTULO 20

**Abri a porta da minha casa com um humor extremamente estimulante.** Finalmente *Bunnakit* conquistou algo de que papai e mamãe se orgulhariam. Eu conseguia até imaginar a expressão que eles fariam ao escutar que entrei na Faculdade de Medicina. Papai provavelmente continuaria com uma expressão séria, mas não conseguiria esconder o sorriso. Diferente de mamãe, que gritaria e choraria de felicidade.

Para as outras pessoas, nós éramos uma família amorosa. E, pessoalmente, acho que somos uma família decente, com nada fora do comum. Meus comportamentos indisciplinados não foram resultado de uma má educação, é apenas meu jeito de ser.

Enquanto eu tirava meus sapatos, vi papai e mamãe sentados no sofá da sala, parecendo felizes. Sorri. Eles provavelmente já estavam sabendo que entrei na Faculdade de Medicina. Quando pisei na sala, meus olhos pousaram em uma outra pessoa presente ali.

— Oh, Bunn! Você chegou bem na hora. — Minha mãe cumprimentou-me em voz alta com um grande sorriso. Virei-me para a pessoa que estava sentada no sofá com um sorriso irritante estampado no rosto e não era um dos meus pais. Ele estava com um jaleco curto que tinha seu nome bordado com uma linha vermelha. Era o uniforme dos estudantes de medicina do sexto ano. Um par de óculos redondos com aros de metal dourado estava pousado em seu nariz.

Esse homem estava ali para roubar a atenção de mim, por alguma razão.

— Bunn, você escutou? Boon vai fazer pós-graduação em cardiologia e cirurgia torácica! — Minha mãe olhou para Boon, com seus olhos cheios de orgulho. — Eles escolhem apenas uma pessoa de todo o ano letivo.

— Havia poucos candidatos, mãe. Você está exagerando. — Boon se virou e sorriu para mim. — Onde devíamos comemorar hoje, irmãozinho?

Fiquei imóvel por um momento, perplexo. Baixei minha cabeça, deixando escapar acidentalmente uma risada seca.

Minha família nunca teve problemas. O único problema era eu mesmo: o irmão mais novo que viveu sempre à sombra do irmão mais velho, aquele que os pais nunca colocaram muitas expectativas.

Boon é seis anos mais velho que eu, porque mamãe havia planejado ter apenas um filho, porém, seis anos depois, *Bunnakit* foi acidentalmente

concebido. A enorme diferença de idade entre Boon e eu me fez enxergar Boon como um dos adultos. Lembro-me de brincar com ele por um curto período antes de ele se devotar aos estudos. Boon era um estudante brilhante, o primeiro da escola. Ganhou vários prêmios, como o *Royal Award Student* e o *Outstanding Youth of the Year*, assim como a medalha das olimpíadas acadêmicas e mais uma infinidade de prêmios que não caberiam na estante de casa. Boon era como um tesouro que nossos pais ficavam mais do que felizes de se gabar. Já eu, nem tanto.

Nunca fomos comparados verbalmente, mas acredito que as pessoas que têm irmãos que são melhores em tudo irão entender. Eu costumava brigar para ser o melhor... Para ser como meu irmão. Eu queria pelo menos uma fração da atenção e admiração dos meus pais.

Pensei que estava indo bem, até *aquilo* acontecer: o incidente com minha orientação sexual que fez com que eu largasse uma escola de prestígio e entrasse em uma pequena escola privada. Foi nesse momento que desisti de tentar. Eu não precisava mais fazer isso. Não importa o quanto eu tentasse, eu nunca seria capaz de vencer Boon. Eu costumava pensar que passar na Faculdade de Medicina poderia me ajudar a deixar minha marca.

Mas minha marca não era nada demais perto do fato de que teríamos o primeiro cirurgião cardiotorácico na família.

— Escolha você. Não estou com fome. — Virei-me e fui em direção às escadas, ignorando papai e mamãe me chamando de volta. Corri para o meu quarto, mas Boon subiu as escadas, também correndo, e agarrou meu ombro, parando-me.

— Ei. Qual é o problema, Bunn? — Boon perguntou, ofegante. — O que houve?

— Nada. — Virei-me para olhar meu irmão. — Parabéns. — Virei-me de volta, mas ele segurou meu ombro, impedindo-me de ir embora.

— Espere. Os resultados da faculdade foram anunciados hoje. Como foi?

Fiquei em silêncio por um tempo, e então murmurei:

— Fale para o papai e a mamãe que... eu entrei na Faculdade de Medicina.



Verdade seja dita, eu não estava conseguindo dormir. O estresse colocou

meu corpo em alerta total e minha frequência cardíaca aumentou de forma que eu podia contar cada batida. Abri meus olhos depois que as luzes se apagaram. Então, logo depois disso, senti alguém se deitar na cama ao meu lado.

— Tenha um boa noite... querido. — A voz barítona de Tann soou suavemente, como se ele temesse que eu pudesse ouvir. Fechei meus olhos de novo. As palavras de Tann, que deveriam ter me feito sentir algo, apenas trouxeram dor. O que ele fez comigo é imperdoável. Meus sentimentos destruídos não podiam ser salvos.

Eu tomei minha decisão. Assim que tudo acabar, vou embora daqui. Vou deixar Tann. Aquela vil promessa era apenas para fazê-lo me obedecer, pois eu precisava de sua proteção para me manter vivo.

Desse dia em diante, *Bunnakit* não se permitiria confiar em ninguém nunca mais. Meu melhor amigo mandou um homem me dar uma surra. O homem que disse que me amava mentiu para mim. A única pessoa no mundo em que eu posso confiar é eu mesmo. Essa lição fez eu me fechar, criando uma barreira em minha volta. Talvez eu não seja capaz de amar alguém nunca mais. Minha vida de agora em diante provavelmente seria repleta de paranoia a cada momento.

Um braço pesado estava pousado em meu torso. Tann aproximou-se de mim, enterrando seu rosto no meu pescoço. Sua respiração quente e constante deixou-me desconfortável. Meus punhos cerraram-se com força em torno dos lençóis enquanto eu tentava não fazer nenhum som ou movimento. Eu precisava ficar assim para fazê-lo pensar que eu já tinha o perdoado até tudo isso acabar.



Minhas pernas me carregaram pela passarela que conectava o prédio do Departamento de Medicina do hospital ao prédio do Departamento de Cirurgia. Se eu seguisse em frente e virasse à esquerda, chegaria ao meu Departamento Forense. O ar começou a esfriar com o passar do tempo. Eu não sabia como fui parar ali, mas eu só tinha um objetivo em mente: havia um corpo esperando por mim na sala de autópsia.

A atmosfera misteriosa, escura e fria na sala de autópsia devia passar uma sensação de familiaridade, mas esse não era o caso. Um corpo nu deitado na mesa de metal no meio da sala. Era um cadáver de um homem alto e forte, seu rosto estava coberto por sombras. Lentamente caminhei até o corpo à minha frente.

O cadáver estava frio e pálido. Uma mão forte ergueu-se para agarrar o meu pulso. Pulei de susto. Meus olhos aterrorizados fixaram-se no rosto do cadáver. Ele lentamente levantou sua cabeça e abriu seus olhos, olhando para mim com um par de orbes familiares.

— *Eu nunca quis te matar.* — A voz ecoou por toda a sala. — *Me desculpe.*

Acordei num susto e abri meus olhos. Meu coração estava batendo tão rápido que estava quase pulando para fora do meu peito. A primeira coisa que vi foi a luz do sol da manhã envolvendo o guarda-roupa. Senti o calor vindo do corpo do homem que me abraçava por trás. Tirei o braço de Tann de cima de mim e joguei o edredom para o lado. Estava tão quente que acabei coberto de suor. Levantei minhas mãos para massagear minhas têmporas que estavam latejando. O estresse acabou me atacando de novo. *Deus, como eu odeio esses malditos pesadelos.*



— Você quer que eu me encontre com Pert e fale com ele hoje, certo? — Tann perguntou enquanto colocava um copo com café sobre a mesa.

— Sim, mas primeiro você precisa consertar o que fez de errado naquele dia. — Coloquei uma colher cheia de mingau quente em minha boca. Como eu já tinha me recuperado da febre, meu apetite já estava de volta.

Tann sentou-se na cadeira. Um olhar de culpa dominava seu rosto.

— Me desculpe, eu estava tão bravo que não conseguia pensar direito, por isso disse aquelas coisas.

Apontei minha colher para ele.

— Ligue para Pert e peça desculpas. Vocês precisam se aliar. Vá vê-lo e seja legal com ele, tenham uma conversa cara a cara sobre Paul e tente fazer Pert se virar contra o irmão. Vamos esperar para ver o que acontece.

Tann deixou um leve suspiro escapar.

— Mas eu não tenho certeza se ele vai ficar bem com isso. Eu sou o cara que *matou* você, afinal. Pert deve estar planejando sua vingança contra mim enquanto a gente conversa.

— Se você não conseguir trazê-lo para o nosso lado, tente incitá-lo a enfrentar Paul o máximo que você conseguir. — Coloquei a colher de volta na tigela. — Eu não sei como Pert poderia reagir ao fato de que o próprio irmão queria me ver morto. Acho que depende de quão fortes sejam os sentimentos dele por mim. — O semblante de Tann mudou. — Se Pert me vê apenas como

um conhecido, ele provavelmente não vai se importar muito. Mas se ele me vê como melhor amigo... ou algo mais... podemos tirar proveito disso.

Tann permaneceu em silêncio. Eu podia ver que ele estava tentando esconder algo... algum tipo de sentimento.

— Vamos apenas ligar para Pert, pedir desculpas e dizer que você quer falar com ele. Vamos apenas fazer isso por agora. — Eu deveria fazer algo para acalmar Tann antes que ele estragasse meu plano de novo. Levantei-me da cadeira, caminhei em direção a ele e me abaixei para beijá-lo suavemente nos lábios. Consegui sentir seu corpo relaxando. Tann parou o beijo e acariciou minha bochecha.

— Certo, vou ligar para ele agora. — Tann levantou-se e tirou seu celular do bolso. — Posso fazer a ligação lá fora? Quando eu te vejo enquanto falo com ele fico triste e acabo ficando nervoso.

Na verdade eu queria escutar a conversa deles. Eu deveria escutar ele.

— Tudo bem. Apenas vá com calma, tudo bem?

Tann acenou com a cabeça antes de sair da cozinha, deixando-me sozinho. Voltei para a cadeira em que eu estava sentado, respirei fundo e expirei lentamente, deixando a frustração sair. Comecei a pensar no nosso mais novo problema: Boon.

Posso ter visto Boon como meu rival esse tempo todo, mas nunca fiquei bravo ou odiei meu irmão. Ele era um homem bom, um excelente professor, um pai e marido amoroso e um filho carinhoso. Sua perfeição foi o que me afastou da minha família para trabalhar para o governo em uma província remota e viver minha própria vida. Boon deu tudo aos meus pais. Eles não precisavam de mim. Eu não era tão perfeito.

Agora, Boon queria cumprir um de seus incontáveis deveres: o de um bom irmão. Ele arriscou a vida procurando pelo seu irmão desaparecido.

E, por causa disso, eu tinha certeza de que Boon não iria embora até descobrir se eu estava vivo ou morto. Meu irmão estava me procurando sem saber o que o esperava. Isso era tão perigoso. Eu estava extremamente preocupado com o seu bem-estar e precisava encontrar um jeito de contatar Boon, como Tann havia sugerido, para convencê-lo a voltar para Bangkok antes que fosse tarde demais.

Tann voltou. Seu rosto tinha um olhar frustrado.

— Liguei cinco vezes, mas ele não atendeu.

— Sério? Apenas espere então... — Mesmo que não fosse algo incomum, tive um mau pressentimento sobre isso. — Você consegue rastrear a localização de Pert com o seu celular?

Tann pegou o celular branco.

— Não, eu não consigo. Já tentei. Ele deve ter desligado a localização do celular para impedir que outras pessoas o seguissem.

Minha ansiedade estava aumentando sem razão alguma.

— Você pode tentar de novo? Continue tentando ligar para o celular dele.

Tann olhou para mim e pude sentir que ele não estava muito feliz com a minha atitude, mas, mesmo assim, levou o celular até sua orelha, enquanto sua outra mão estava ocupada procurando a localização no outro celular.

— Alguém está tentando ligar para este celular. Talvez seja alguém do hospital. E agora tem uma chamada perdida do Capitão Aem, que recusei... Ei! — De repente Tann gritou e seus olhos se arregalaram em choque. Eu pulei.

— O quê? — perguntei.

— Consegui rastrear a localização do celular dele. — Tann colocou seu celular de volta no bolso.

— Sério? Onde ele está? — Gritei a pergunta antes que eu pudesse me conter.

Tann caminhou em minha direção e virou o celular para me mostrar.

— Ele... está de volta à província. — Quase pulei de alegria. Algum progresso, finalmente. — Mas a sua localização me parece estranha. Não sei por que ele iria lá.

— Onde? — Olhei para o ponto do mapa no aparelho, intrigado.

— É um armazém abandonado no terreno do meu pai. — Tann apontou o dedo para a sua testa. — É onde Paul me deu esse machucado. Usamos muitas vezes esse lugar para reuniões secretas do meu pai com seus homens, ou para conexões com a polícia. Algumas vezes o lugar foi usado para torturas ou até mesmo para matar pessoas. — Tann cruzou os braços, estremecendo com os pensamentos.

Falando na polícia, Tann mencionou antes que o Capitão Tu era um dos homens do Sr. Odd. Ele ajudou o Sr. Odd a ter acesso a conexões na polícia. Capitão Aem era subordinado do Capitão Tu. Mesmo que ele nunca tenha entrado em contato diretamente com o Sr. Odd, o Capitão Aem segue as ordens do Capitão Tu, e eu não o culpo por isso. Talvez ele precisasse fazer isso para sobreviver nesse círculo corrupto.

— Vá até lá... — Falei com firmeza. Tann concordou com a cabeça.

— Eu vou indo. Te falo assim que eu...

— Eu vou com você — falei, e minha voz, além de surpreender Tann, surpreendeu-me também. No entanto, algo me dizia para ir com ele, algum tipo de intuição que tomou conta das minhas ações.

— Não, você não pode! Você não vai a lugar algum! — Tann gritou. —

É muito perigoso. Não vou deixar você ir.

— Eu vou me esconder no carro. Se algo acontecer com você, poderei ajudar — insisti, com a voz firme. Tann parecia claramente desconfortável com isso. Respirei fundo. Eu precisava tentar persuadi-lo. — Tann, por favor, estou preocupado com você também.

Tann ficou parado com os braços na cintura, pressionando os lábios. Ele me encarou por um longo tempo antes de finalmente dizer:

— Você tem que usar chapéu e óculos escuro para se disfarçar. Vou pegá-los para você.



Mesmo que estivesse desconfortável ao me vestir como um assaltante de bancos, eu estava suportando isso por estar me aventurando com Tann.

Ele me fez usar um boné preto, um óculo escuro e um moletom também preto. E tive que vestir um capuz sobre o boné. Eu estava meio deitado no banco de trás do carro, tentando não colocar minha cabeça muito para cima, de uma forma que não ficasse visível para os outros.

— É o moletom que você usou quando você foi me ver naquela noite, certo? — perguntei ao homem cujos olhos estavam focados na estrada à frente.

Um pequeno sorriso surgiu nos lábios de Tann.

— Você se lembra do meu cheiro?

Fiz uma careta triste.

— Só fiquei curioso.

— Certo, me desculpe. — Tann me olhou pelo retrovisor. — Bem, sim. Essa era a roupa que eu estava usando naquele dia em que eu fui para a sua casa.

Eu não disse mais nada e encarei minhas mãos. Apenas pensar nisso ainda me deixava muito triste e bravo.

Minutos depois, Tann ligou a seta. Eu estiquei meu pescoço devagar para ver para onde o carro iria virar. Agora nós dois estávamos em frente a uma vasta área. Um armazém com telhado cor de bronze foi construído no meio do terreno, rodeado por um longo jardim e madeiras. O lugar estava isolado, como um típico lugar em que aconteciam atividades ilegais. Tann estacionou o carro na frente do portão do armazém e se virou para mim. Em um movimento rápido, deitei-me no banco.

— Uma van preta. Tem alguém lá dentro mesmo. — Tann tinha um

olhar pensativo em seu rosto. — Você quer que eu deixe o carro ligado?

Balancei a cabeça.

— Não, isso vai ser muito suspeito. Só deixe a janela um pouco aberta. Está frio. Eu vou ficar bem.

Tann assentiu, abaixando um pouco a janela lateral no banco da frente, o suficiente para deixar o ar fluir dentro do carro, antes de desligar o motor.

— O sinal do telefone do Pert continua aqui. Talvez eu consiga achá-lo. Vou procurar bem rápido e ir embora.

— Não se apresse, leve o tempo que precisar. Isso é importante.

— Certo. — Tann entregou-me o celular branco e eu peguei-o.

— Não se esqueça de me mandar uma mensagem se algo der errado. Vou para lá imediatamente. — Eu escrevi a palavra “Voe” na caixa de texto do celular de Tann. Tudo o que ele precisava fazer era pressionar “Enviar” para me chamar em caso de emergência.

Tann assentiu antes de sair do carro e travar as portas. A porta se fechou e eu estava sozinho no carro de Tann. Tentei esticar meu pescoço de vez em quando para olhar a figura alta indo em direção ao armazém. Consegui enxergar a van preta que ele havia mencionado mais cedo. Ela estava a uma curta distância. Minha ansiedade começou a se formar como uma tempestade dentro de mim.

Eu pensei que teria que ficar no carro por uma hora ou mais, então, quando vi Tann sair correndo do armazém com um olhar assustado em seu rosto apenas alguns minutos depois que entrou, foi muito inesperado. Seu rosto mostrava que ele estava mais que assustado. Sentei-me rapidamente e arrumei minha postura. Tann destrancou a porta e a puxou para abrir. Ele engasgou-se, seus olhos estavam arregalados e seu rosto parecia estranhamente pálido.

— Bunn... — A voz de Tann tremeu. — É o Pert...

Meu coração estava quase saindo pela boca.

— O que aconteceu?

— Por favor... entre lá... entre lá... — As mãos trêmulas de Tann cerraram-se em punhos. Havia suor escorrendo de seu rosto, apesar da temperatura fria no lado fora.

Tive uma boa ideia do que aconteceu lá dentro. *Por favor, que não seja o que pensei.*

Não pode ser...

Fiquei atordoado ao me deparar com a imagem que Tann queria que eu visse. Afastei-me e fechei meus olhos, tentando negar o que estava ali, rezando para que fosse algum tipo de ilusão, esperando que pudesse ser apenas outro pesadelo do qual eu acordaria em breve.

— O-o que deveríamos fazer? — Tann encostou-se em uma coluna de metal. Seu rosto ainda estava pálido.

A voz de Tann fez com que eu abrisse meus olhos e encarasse a realidade novamente. Vi um homem deitado de bruços no chão, com seus membros posicionados como se ele tivesse tentado lutar em seu último suspiro. Seu rosto estava inclinado em minha direção. Os olhos continuavam abertos. Um par familiar de olhos penetrantes estava olhando para algum lugar distante, sem se dar conta do que estava acontecendo neste mundo mortal. Havia uma sensação desconfortável de aperto no meu peito. Tirei os óculos escuros e deixei-os cair no chão. Tropecei para trás e sentei-me em uma caixa de madeira próxima. Senti como se toda a minha energia tivesse sido drenada de mim.

Senti como se fosse chorar, mas meus olhos permaneceram secos.

— Quanto... quanto tempo... — Tann estava no mesmo estado que eu. — Como ele morreu?

— Merda. — Soltei um palavrão. Minha concentração estava quase perdida. Deveria ser fácil responder as perguntas de Tann, já que essa era a minha especialidade: identificação do corpo, estimativa da hora de morte, circunstância e causa da morte. Porém, eu não conseguia pensar em nada agora. Minha cabeça estava lenta, e minha visão ficou turva.

— Bunn — Tann chamou meu nome com a voz trêmula. — Quando ele... morreu?

Sentei-me imóvel enquanto fechava os olhos, tentando reunir meus pensamentos bagunçados. Eu tinha que responder as perguntas de Tann... Sim, eu tinha que fazer um exame para ver o que exatamente aconteceu com Pert e como ele acabou morto neste lugar abandonado. Forcei-me a abrir meus olhos, levantei-me e levei minhas pernas trêmulas em direção ao corpo do homem morto.

Primeira pergunta: quem era o falecido?

Não precisei de sua identidade, registros dentários ou qualquer teste de DNA para identificar o corpo. Era evidente para Tann e para mim que o falecido era Pert, o promotor, que teria atingido a idade de trinta anos em alguns meses.

Segunda pergunta: onde ele morreu?

Eu estava procurando por algum traço de realocação, como rastros de sangue. Contudo, não havia manchas de sangue nem nas roupas e nem no cadáver. A posição do corpo indicava que sua morte ocorreu ali, mas também era possível que ele tivesse sido movido antes do início do *rigor mortis*. A realocação do corpo após o desenvolvimento do *rigor mortis* faria com que sua posição parecesse não relacionada ao local onde foi encontrado, pois ele teria ficado rígido na posição em que morreu. Como quando alguém encontra um

corpo em uma posição incomum, como deitado de costas com os membros dobrados, apesar de ter sido encontrado em um terreno plano. Olhei para as mãos do cadáver e em sua mão direita havia um celular com a tela voltada para cima.

Tann provavelmente notou que eu estava encarando a mão de Pert por bastante tempo e decidiu se aproximar.

— Isso é...

— Tann, você pode apertar o botão *home* do celular com a ponta da sua caneta? Quero saber o que estava em sua tela antes de ele morrer. — Eu não queria que Tann deixasse sua impressão digital na tela.

— O quê? Acho que sim? — Tann, que ainda estava em choque, pulou de susto quando falei o que ele deveria fazer. Ele passou as mãos pelos bolsos. — Eu não trouxe uma caneta, e Pert deve ter colocado senha no celular, de qualquer forma.

— Vamos testar isso primeiro... Você consegue encontrar alguma sacola plástica para pôr em volta da sua mão antes de tocar o celular?

— Vou sair para procurar no carro. Vo-você vai ficar bem aqui sozinho, Bunn? — Tann virou-se para mim e foi para longe do cadáver.

— Claro. Volte logo. Vou usar as sacolas plásticas como luvas também. — Respirei fundo para trazer de volta minha concentração.

— Certo. — Tann correu para fora daquele lugar. Observei-o sair e voltei à autópsia.

Terceira pergunta: quando ele morreu?

A estimativa da hora da morte tem base principalmente nos resultados do exame físico: descoloração da pele resultante do acúmulo de sangue sob a pele das partes inferiores do corpo, causando uma descoloração vermelho arroxeada devido à força da gravidade, que é avaliada por palpação, ou o desenvolvimento do *rigor mortis* nas articulações, que varia de acordo com o tamanho de cada articulação, ou os sinais de inchaço, que geralmente ocorrem após vinte e quatro horas. Ao que parece, Pert devia estar morto há menos de vinte e quatro horas. Eu faria a determinação da hora certa da morte depois que Tann trouxesse o saco plástico.

Quarta pergunta: qual é a circunstância da morte?

Sua morte não foi causada por perda excessiva de sangue, ferimentos à bala ou estrangulamento. Encarei a boca do falecido, que estava aberta. Havia uma grande quantidade de expectoração espumosa misturada com saliva escapando de sua boca. Ele teve insuficiência respiratória. A causa mais provável foi que Pert morreu devido a substâncias tóxicas. Mas como ele foi exposto a uma substância química prejudicial? Não deve haver nenhum

vazamento de gás venenoso em um armazém espaçoso como esse. Ele deve ter sido exposto a ela por meio de consumo, contato ou injeção intravenosa. Eu precisava procurar traços de exposição química ou marcas de agulha. Olhei em volta para explorar a área. De onde vieram as substâncias tóxicas?

Vi um pequeno copo de café em uma caixa grande de papelão. Era um copo de papel com uma tampa para café quente. Aproximei-me rapidamente da caixa, inclinando-me com cuidado, e tentei sentir o cheiro através da pequena abertura da tampa do copo. Alguns herbicidas e inseticidas tinham um odor específico, mas a única coisa que pude sentir foi o cheiro aparentemente inofensivo de café com amêndoas.

Arregalei meu olhos... Cheiro de amêndoas?

*Cianeto.*

Eu não podia determinar com certeza se Pert havia morrido de envenenamento por cianeto. Isso era apenas uma suposição. No entanto, pelas circunstâncias, parecia algo provável. O cianeto existe em várias formas, gasoso, líquido e sólido. A exposição a essas substâncias tóxicas por ingestão pode não levar à morte imediata, pode demorar minutos. O odor de cianeto poderia estar escondido no café. O cianeto de sódio é uma substância tóxica e fácil de se encontrar. Para confirmar se era realmente cianeto, tínhamos que coletar amostras para análise em um laboratório.

Quinta pergunta: qual foi a causa da morte?

Há apenas duas opções neste caso: suicídio ou assassinato.

Independentemente de qual seja, sua morte foi terrível. Se foi um suicídio, então pode ter ocorrido por causa do sentimento de culpa por me matar. Mas se foi um assassinato, é possível que isso seja obra do Paul?

— Isso é uma loucura — falei para mim mesmo para liberar a frustração. Tudo o que fizemos parecia ter sido em vão. Agora estávamos de volta à estaca zero. Eu estava me sentindo perdido, do mesmo jeito que me senti quando Tann invadiu minha casa na primeira noite.

Tann correu de volta para dentro do armazém com quatro sacolas plásticas.

— Estou aqui, Bunn. — Ele deu as sacolas para mim freneticamente.

Virei-me para pegar as sacolas e coloquei-as em minhas mãos para usá-las como luvas. Essa seria a primeira autópsia não oficial da minha vida, bem como o primeiro cadáver de alguém que eu conhecia, alguém de quem eu era próximo. Tann recuou para se sentar em uma velha caixa de madeira, olhando para mim com seu rosto tomado pelo pânico. Se ele tivesse tido essa reação quando o conheci no dia em que Janejira morreu eu não teria suspeitado que ele era o assassino.

— Oito horas — eu disse após termos voltado para o carro. — Pert morreu há mais de oito horas, doze horas no máximo, entre as onze da noite e as três da manhã da noite passada. Ele foi envenenado. A causa da morte pode ter sido tanto suicídio quanto assassinato, mas acho que foi assassinato. Parece estranho que alguém coloque cianeto na bebida para cometer suicídio.

Felizmente o celular de Pert tinha um scanner de impressão digital. Consegui desbloqueá-lo para ver o que tinha lá. Depois de desbloqueá-lo, encontrei o aplicativo de rastreamento de localização em tempo real. Com seu último suspiro, Pert ativou sua localização para que outros pudessem rastreá-lo. Foi uma decisão melhor do que ligar para alguém, porque, naquele momento, o veneno pode ter feito com que ele não conseguisse mais dizer em voz alta onde estava.

— Noite passada? — Os olhos de Tann vagaram para fora do carro. — Foi uma noite calma... dormi com você a noite toda. Eu não sabia que isso ia acontecer. Mas quem poderia ter matado ele?

Eu olhei para Tann, ponderando.

— Me desculpe.

Tann balançou a cabeça lentamente.

— É mais pelo choque, sério. — Tann girou a chave na ignição para ligar o motor e se virou para mim. — O que você vai fazer agora? Nós não podemos trazer Pert para o nosso lado. Eu deveria ligar para a polícia?

— Quero que você ligue para eles, mas não sei o que eles poderiam pensar sobre isso. Você foi o primeiro a encontrar dois corpos, e os dois eram próximos a você.

Tann levou suas mãos aos olhos para esfregá-los.

— Então vamos deixar ele lá, sem contar para ninguém?

Entrei em choque. Eu queria que Pert fosse encontrado em um bom estado. Apesar da cor de sua pele já ter começado a mudar por causa de mecanismos naturais, seu rosto continuava lindo como quando ainda estava vivo. Se nós deixássemos ele ali por mais de dois dias a sua aparência mudaria como a de outros cadáveres. O corpo ficaria inchado e verde-azulado.

Olhei para a estrada. O lugar estava realmente abandonado e isolado. Qual seria a maneira mais rápida de atrair a atenção das pessoas para essa região?

— Tann, você acha que a van preta tem alarme antirroubo? — Virei-me para Tann e perguntei.

— Não sei. — Tann se virou para a van estacionada ali perto. — Por quê?

— Se tiver um alarme... vamos quebrar o vidro da van ou arrombá-la —

eu disse enquanto abria a porta do carro — e dar o fora daqui.

Deixaríamos Pert descansar enquanto ele ainda era bonito. Esse provavelmente foi meu último ato de amor como amigo dele. *Descanse em paz, irmão. Eu te perdoo por tudo o que você fez. Se a próxima vida realmente existir, vamos nos encontrar novamente.*

# CAPÍTULO 21

**Eu olhei as notícias recentes na televisão.** O som estridente do alarme de roubo que acionamos, naquela zona rural tranquila, levou os curiosos moradores da área a ver o que era. Pela tarde, o corpo de Pert já havia sido encontrado. Bunn usou a curiosidade de estranhos para chamar indiretamente a polícia, uma estratégia inesperada. Ele merece os créditos disso, admito.

Bunn disse que teríamos que começar tudo de novo. Precisávamos abandonar nossos planos antigos e ele precisava meditar sobre isso. Nesse exato momento, Bunn estava ficando na minha casa e, por sua febre ter voltado, ele pediu que eu comprasse remédios na farmácia depois da minha aula acabar. Mesmo que eu estivesse muito preocupado com ele, tinha que fingir que nada estava acontecendo. Tive que ir à escola e agir como se não tivesse nada a ver com o que aconteceu.

— Estou indo para casa, professor Tann. — A mesma garota da outra vez, a última que saiu da minha escola, curvou-se, despediu-se de mim com um wai e saiu correndo da sala de aula. Aceitei o seu gesto e voltei-me para o noticiário, que continuava a falar sem parar sobre a morte de Pert, o promotor. Foi quando vi um homem aparecer na televisão, um homem que sempre me deixou apavorado cada vez que eu o via, Paul.

— Eu não acho que tenha sido suicídio..., mas temos que esperar o relatório da autópsia — Paul falou aos repórteres. Pude ver um olhar triste em seu rosto. — Você deve perguntar à polícia para mais detalhes, tudo o que eu sei é que meu irmão está morto. — Ele rapidamente se afastou dos repórteres.

Desde que Paul soube da morte de Pert, ele não tentou nenhuma vez entrar em contato comigo, e eu estava pensando o porquê de ele não ter feito isso ainda. Paul deveria ter me ligado para informar sobre as notícias, pelo menos, porque ele provavelmente foi o primeiro da lista de parentes que a polícia contatou para reportar a morte não natural de seu irmão em um armazém abandonado.

Eu não sabia se isso era algo que eu deveria considerar, mas fiquei pensando que poderia ter sido Paul quem fez aquilo.

*Por quê?* Você deve estar se perguntando. Paul amava muito Pert, assim como outros irmãos que compartilharam o útero de suas mães. Se Paul queria matar Pert, foi porque provavelmente Pert tentou fazer algo contra Paul, mas

acabou sendo morto.

O toque estridente do meu celular me tirou de meus pensamentos. Eu peguei meu telefone e vi um número desconhecido. Encarei o aparelho com medo por um momento antes de atender a ligação.

— Alô?

[Olá, é o professor Tann?] Uma voz grave perguntou do outro lado da linha. Eu estava me perguntando quem era, mas a voz rapidamente acabou com a minha dúvida. [Sou eu, Boonlert, irmão do Bunn.]

— Certo, sim. Dr. Boonlert. — Tentei falar cordialmente. Lembrei que havia dado meu número para ele. — Como posso te ajudar?

[Você já sabia que sou médico?] A observação de Boonlert me paralisou. Ele nunca me disse que era médico. Sem querer eu disse o que eu sabia sem pensar com cuidado.

— Oh... eu tomei a liberdade de procurar seu nome no Google. — Limpei minha garganta. — De qualquer forma, está tudo bem?

[Você viu o que aconteceu com o promotor, certo? O que desapareceu e foi encontrado morto.] Pude perceber o tremor emocional em sua voz. [Talvez a mesma coisa tenha acontecido com o Bunn, mas ninguém sabe ainda.]

— Talvez não. O Dr. Bunn pode estar vivo e se escondendo em algum lugar. — Pert não seria mais um problema, mas lembrei que Bunn mencionou que ele talvez contasse a verdade ao irmão, como eu havia proposto. Boonlert estava quase falando algo, mas eu o interrompi. — Doutor...

[Sim?]

— Onde você está agora?

A voz do outro lado da linha ficou em silêncio por alguns segundos, como se estivesse assustado com a minha pergunta.

[No hotel.]

— Você está fazendo algo agora? Quero te levar a um lugar.

[Aonde você vai me levar?]

Eu tinha um pressentimento de que se eu dissesse para ele que Bunn estava comigo, Dr. Boonlert, que ainda não confiava em mim, poderia levar a polícia junto.

— Onde eu te pego?

[Espere, eu não disse nada ainda!]

Falar com Dr. Boonlert fez eu me sentir como se estivesse falando com Bunn. Eu sabia como lidar com pessoas como ele. Eu só precisava fazer com que ele se sentisse no controle da situação.

— Então o que você acha de pegar seu carro e vir me encontrar? Posso te enviar o endereço. Quero te apresentar alguém que pode te ajudar a encontrar

o Dr. Bunn.

[De quem você está falando? E como essa pessoa poderia ser melhor que a polícia em me ajudar a achar Bunn?] Dr. Boonlert não iria morder a isca tão facilmente.

— A polícia daqui é péssima, você não pode esperar muito dela, sério. — Eu respirei fundo. — Venha, eu vou te esperar.

Enviei a localização da minha casa no centro da cidade para o Dr. Boonlert. A casa foi construída em uma das áreas mais movimentadas da província, embora fosse mais silenciosa à noite do que as cidades das grandes províncias. Havia um mercado por perto, as estradas brilhavam com luzes fortes e os veículos que passavam por perto eram o suficiente para aliviar o medo do Dr. Boonlert de vir até aqui. Quando cheguei, um carro estava estacionado na frente do portão. Pelo que eu me lembro, aquele era o carro alugado do Dr. Boonlert. Olhei ao redor cautelosamente. Nada parecia fora do comum. Dr. Boonlert parecia ser o único ali.

Saí do meu carro ao mesmo tempo em que o Dr. Boonlert abriu a porta do carro em que estava. Ele me encarou com um olhar suspeito.

— De quem é essa casa?

— Minha.

Dr. Boonlert ergueu as sobrancelhas.

— Por que tenho o pressentimento de que você está me atraindo para uma emboscada?

Balancei a cabeça. Eu teria rido dessa fala em circunstâncias normais.

— Vamos entrar.

— Por que eu deveria? E quem é a pessoa que você disse que poderia me ajudar a achar Bunn? — Dr. Boonlert ficou parado no mesmo lugar. Decidi me aproximar rapidamente e ele recuou. Agarrei seu braço antes que ele pudesse fugir.

— Dr. Bunn está seguro. Na verdade, ele está dentro da casa. — Abaixei a cabeça e sussurrei em seu ouvido. — Antes, preciso perguntar se você trouxe a polícia com você, porque ninguém, nem a polícia, pode saber que Bunn está aqui. Se a polícia souber, a pessoa que quer matar Bunn vai saber que ele continua vivo.

Dr. Boonlert arregalou os olhos e se virou para mim, com um olhar cheio de dúvidas.

— O quê?

— Você contou para a polícia que ia me encontrar aqui? Tem alguém te seguindo? Se esse for o caso, você pode pedir para a pessoa ir embora?

Dr. Boonlert parecia surpreendentemente calmo.

— Eu quero ver o Bunn primeiro.

— Eu sabia que você traria alguém junto... — suspirei. — Bunn vai te explicar tudo e você vai entender por que não quero a polícia envolvida.

Boonlert olhou para mim como se estivesse pensando muito antes de falar.

— Se eu não vir Bunn lá dentro, você estará com muitos problemas, professor Tann.

Fomos para dentro da casa, que estava completamente escura, com todas as luzes desligadas. Boonlert olhou em volta com cuidado. Ele não parecia acreditar que mais alguém vivia na casa com essas condições. Era a estratégia de Bunn, nenhuma luz deveria ficar acesa se eu não estivesse em casa.

Estendi a mão para acender a luz, revelando a espaçosa sala de estar diante de nós.

— Quem é a pessoa que você trouxe?

Dr. Boonlert me olhou calmamente.

— Não vou te dizer nada até eu ver Bunn. Se você estiver armando para mim, vou chamar meu homem imediatamente.

Suspirei, levando Boonlert para as escadas.

— Sabe... não é qualquer pessoa que entra em minha casa.

— É mesmo...? — Dr. Boonlert me olhou com cautela.

— Uma das razões é que às vezes eu trago homens aqui para transar. — Pensei que minha resposta poderia ter sido um pouco chocante para ele. — Então, para cobrir o fato de que eu te trouxe aqui para ver Bunn, você pode, por favor, usar essa desculpa para a pessoa que você trouxe hoje? Diga a ele que gostei de você, por isso te convidei para vir aqui e ofereci minha ajuda para encontrar Bunn, pois queria te impressionar.

— Espere... eu não... — Dr. Boonlert começou a gaguejar.

— Eu sei que você não é gay, mas preciso de uma desculpa plausível para ninguém suspeitar do porquê você ter vindo aqui comigo tão de repente, sendo que mal nos conhecemos. — Isso pareceu deixar Boonlert mais desconfiado. Acompanhei ele escada acima e o conduzi até a porta. Estendi a mão para bater na porta fechada. — Bunn, sou eu.

Girei a maçaneta para abrir a porta, que Bunn não havia trancado por saber que eu tinha a chave. A primeira coisa que vi após acender a luz foi Bunn ao lado da cama. Ele estava segurando firmemente uma arma em sua mão direita e se virou para nos olhar com nervosismo. Foi então que seus olhos encararam a visita. Os irmãos estavam tão surpresos que ambos ficaram sem palavras por um momento.

— Bunn... — Por fim, Dr. Boonlert quebrou o silêncio. Ele foi direto

até Bunn, levando as mãos aos ombros do irmão e puxando-o para um abraço apertado. — Achei que você estava morto.

— Boon... — Bunn murmurou com a voz rouca. Ele colocou a arma no bolso, levantando as mãos para retribuir o abraço. Eu podia ver o semblante emocional de Bunn. Parecia que ele queria chorar. — Eu escutei duas pessoas caminhando até aqui, e-então peguei a arma...

— Não era ninguém, apenas eu. Você está queimando, está com febre?

— Achei que fosse apenas uma gripe, mas minha febre está alta. Minha garganta dói muito, então dei uma olhada com a lanterna e vi que tem exsudato lá. Falei para Tann me trazer amoxicilina.

— Você é sempre assim quando o clima está frio. — Boonlert estendeu a mão para bagunçar o cabelo de Bunn, que enterrou o rosto no ombro do irmão. Os dois ficaram abraçados por um longo tempo. Eu fiquei lá, assistindo, e não pude deixar de me sentir angustiado pela cena. Então essa era a verdadeira forma de amor entre irmãos... algo que nunca recebi dos meus, nem sequer uma vez.

Boonlert separou o abraço.

— Você está bem? Está machucado? O que exatamente está acontecendo aqui? Por que você está com ele?

— Qual pergunta eu deveria responder primeiro? — Bunn deixou escapar um pequeno sorriso entre as várias perguntas de Boonlert.

— Responda tudo. Tudo. — Boonlert ergueu a mão para acariciar o cabelo de Bunn. — Vamos embora juntos, certo? Você não precisa mais trabalhar longe de casa. Vou pedir para o professor Yongyuth te aceitar como professor na faculdade...

— Não, ele não pode ir! Não agora. É muito perigoso — gritei. — Você continua sem entender o que está acontecendo.

Boonlert se virou para mim, que estava encostado no batente da porta. Ele parecia ter chegado a algum tipo de conclusão sozinho.

— Que tipo de relacionamento vocês têm?

— Eu não sei o que ele acha de mim, mas vou protegê-lo pelo resto da minha vida — respondi sem rodeios, sem vergonha. Vi Bunn beliscando a ponta do nariz, balançando levemente a cabeça. Boonlert silenciosamente me encarou sob os óculos de armação preta. Achei que ele já sabia sobre a sexualidade de seu irmão.

— Seu namorado?

— Sim, eu amo o Bunn.

— Boon! — Bunn chamou apressadamente o irmão, olhando para mim sem jeito. Eu não sabia se era só impressão minha, mas o rosto de Bunn parecia mais vermelho que o normal. Ele podia estar com raiva ou envergonhado, eu não

tinha certeza. Senti vontade de dizer a Bunn que ele parecia adorável agora, mas não achei que seria adequado. — Tann foi quem me manteve vivo.

Boonlert arqueou as sobrancelhas,

— Como?

— Antes de eu te explicar a situação toda, Dr. Boonlert — falei antes que ele esquecesse nosso acordo —, não esqueça de ligar para a pessoa que você trouxe, porque depois disso nós vamos ter uma longa conversa.

Bunn voltou a olhar Boonlert com seus olhos cheios de dúvidas. Boonlert pressionou seus lábios por um momento antes de pegar seu celular e ligar para alguém.

— Olá... nada aconteceu... — Boonlert sussurrou para o celular. — Você sabia que Tann é gay? Ele me chamou aqui para me impressionar oferecendo ajuda para achar Bunnakit.

Mentiras saíram da boca do Dr. Boonlert sem esforços. Ele fez isso melhor do que eu esperava. Bunn me encarou e eu vi suas sobrancelhas franzidas como em um nó apertado em seu rosto. Ele parecia infeliz com isso, mas depois de um tempo sua expressão rapidamente voltou ao normal.

— Eu não descobri nada, claro. Vou voltar depois... não, não, vocês podem ir na frente. Acho estranho porque a notícia menciona que Tann é namorado daquela mulher, mas na verdade ele é gay. Ele não parece tão perigoso assim. Ligarei caso eu precisar... Sim... Obrigado. — Dr. Boonlert encerrou a chamada. — Eu falei para os policiais voltarem.

Eu fiquei em choque quando descobri quem ele havia levado até ali.

— O que é isso, Boon? — Bunn parecia muito intrigado.

— Eu trouxe os policiais comigo porque eu não sabia o que poderia acontecer. — Boonlert foi até Bunn e o puxou para se sentar na cama ao lado dele. O olhar que o Dr. Boonlert deu a Bunn foi cheio de preocupação, mas então esse olhar caloroso de repente desapareceu quando ele se virou para mim. Boonlert se dirigiu a mim com uma voz decidida: — Explique.



Meia-noite chegou e a temperatura lá fora estava ficando cada vez mais baixa, o que fez Boonlert, o professor de medicina que havia nascido no clima quente de Bangkok, precisar vestir sua jaqueta. Caminhei com ele até seu carro, olhando cuidadosamente ao redor. A estrada no meio da noite estava terrivelmente quieta. O único som que ouvíamos era o dos gritos dos bêbados do

karaokê que havia ali perto.

— Esse carro é alugado, né? — Dei um tapinha no capô do carro suavemente.

— Sim. — Dr. Boonlert destrancou a porta do carro. — Vou devolvê-lo amanhã de manhã, então, por favor, venha e me deixe na rodoviária, como conversamos.

— Estou pensando em te deixar no aeroporto. São apenas algumas horas de viagem. — Fiquei parado olhando o Dr. Boonlert. Seus olhos pareciam aborrecidos. — Quero ver você ir embora, para ter certeza de que vai embarcar com segurança em um voo para Bangkok.

— Se você não se importar. — O Dr. Boonlert suspirou, abriu a porta e deslizou para o banco do motorista. Aproximei-me da porta. — Tann...

— Sim? —Curvei-me para escutá-lo.

Sem nenhum aviso, Dr. Boonlert agarrou meu colarinho e me puxou para baixo para sussurrar em meu ouvido.

— Olha, eu não sei se a polícia continua por aqui, ou se alguém está nos assistindo agora, mas o que eu quero dizer é... — Boonlert respirou fundo. — Eu vi o quanto Bunn confia em você. Então eu confio a vida dele a você. Você tem que trazê-lo para casa, entendeu?

— Entendi — confirmei a ordem. Isso é algo que sempre fui bom em fazer.

Dr. Boonlert acenou com a cabeça antes de soltar meu colarinho. Em seguida, ele fechou a porta e dirigiu para longe. Observei o carro dobrar a esquina e desaparecer da minha vista. Convencê-lo a voltar não foi uma tarefa fácil. Depois de saber tudo o que aconteceu, Boonlert insistiu em ficar para ajudar, até que Bunn falou com ele.

*“— Boon, escute-me... — Bunn disse. Sua voz tinha um tom plácido, como se ele soubesse exatamente como lidar com o irmão. Pessoas intelectuais como eles devem ter discussões racionais com o mínimo de emoção envolvida. — Sei que você está preocupado comigo, mas isto é muito perigoso para você. Eu não posso desperdiçar sua vida aqui. Não se esqueça de que você é o ganha-pão da família. Você tem o papai, a mamãe, a May e a Baitoei. E se você morresse por minha causa? O que sua família, sua esposa e sua filha fariam sem você?*

*Dr. Boonlert permaneceu em silêncio, perplexo. Bunn aproveitou a oportunidade para continuar.*

*— Tann irá me ajudar enquanto eu estiver aqui.*

*Boon pressionou os lábios, ficando em silêncio por um bom tempo antes*

*de dizer:*

*— Eu vou, mas apenas se você prometer que, quando tudo isso acabar, voltará para Bangkok e ficará por lá."*

Virei-me e caminhei para dentro de casa, pensando na promessa sobre voltar para Bangkok que Dr. Boonlert forçou Bunn a fazer. Bunn concordou com os termos, esperando que Boonlert fosse embora logo. Eu não queria que Bunn fosse também. Pensei em segui-lo até Bangkok, mas por que eu faria isso se a razão de eu ter me transferido para finalizar meus estudos no Norte foi cuidar da minha mãe doente? De fato, minha mãe estava com a saúde melhor no momento, porém, e se uma emergência surgisse? Eu conseguiria chegar a tempo? Honestamente, esse assunto estressante estava me consumindo. O que eu deveria fazer?

A única coisa que eu poderia fazer por enquanto era subir e abraçar Bunn com força, fazendo esse momento valer a pena. A segurança dele seria minha prioridade agora. As palavras do Dr. Boonlert eram algo para se pensar no futuro.



— Ele vai deixar você levá-lo? — Bunn se virou para mim enquanto lavava a frigideira. Hoje, ele desceu as escadas para fazer uma panela de arroz frito que estava com um cheiro delicioso. Eu tinha que admitir que Bunn era um cara doente que não agia como um. Eu queria aproveitar essa oportunidade para cuidar dele, limpá-lo e alimentá-lo, assim como eles faziam naqueles dramas de televisão. No entanto, Bunn fazia tudo sozinho e até cozinhava para mim.

— Sim, vou encontrar com ele às dez. Acho que estou de volta mais ou menos à uma da tarde. — Peguei meu celular para olhar as horas. — Bunn... eu estava pensando, quantos anos tem o seu irmão?

Bunn voltou e sentou-se à mesa de jantar.

— Ele vai fazer trinta e seis este ano.

Eu quase me engasguei com o arroz.

— Você tá brincando?

— Por quê? Ele parece mais novo ou mais velho que isso? — Bunn colocou uma colher de arroz na boca.

— Ele parece muito novo. Pensei que ele fosse, tipo, poucos anos mais velho que você.

— E ele também é um homem hétero, casado e com uma filha.

Olhei para Bunn, que estava brincando com a comida e me ignorando completamente.

— Você está me dizendo para ficar longe do Dr. Boonlert?

Bunn levantou a cabeça para me olhar.

— Você está imaginando coisas! Eu só falei por falar.

— Eu não vou chegar perto dele. Quando quero flertar com alguém, flerto com um de cada vez. — Estendi a mão para limpar um grão de arroz preso no canto de sua boca, fazendo-o parar.

— Posso fazer isso sozinho... — Bunn puxou rapidamente o guardanapo para limpar sua boca. Eu não sabia dizer se ele estava envergonhado, já que Bunn era bom em esconder seus verdadeiros sentimentos. Queria fazê-lo corar abertamente, mas acho que vou precisar continuar tentando. O que percebi, porém, foi que Bunn sempre mudava de assunto quando eu lançava esse tipo de provocação para ele. — Paul entrou em contato com você?

Não disse? Trocando de assunto de novo.

— Não, ele não entrou. Eu liguei, mas ele não atendeu. Estou com medo de que ele acabe virando outro corpo.

Bunn riu.

— Isso não seria ótimo?

— Ele não usa muito o celular. Acho que Paul está ocupado com o funeral. De qualquer forma, quem vai fazer a autópsia de Pert agora, já que você não está?

— Ele deve ser enviado para o hospital da província perto daqui. — Bunn tossiu levemente. Eu o encarei com preocupação. — Deve ter sido algum tipo de veneno. Acho que foi cianeto. Eu queria muito poder ligar para o meu colega de lá e perguntar.

— Você pode me passar o número dele e eu ligo.

— Não, seria muito estranho se alguém aleatório ligasse para ele e perguntasse o resultado da autópsia — Bunn suspirou. — Você teria feito isso com Pert, de qualquer maneira?

— Tem que ser Paul. Eu tenho certeza. — Bati meu punho levemente na mesa. — Pert deve ter ido se encontrar com Paul e provavelmente tentou expor a ordem dele para te matar, então Paul o matou para calá-lo.

Bunn franziu as sobrancelhas.

— Se for esse o caso, então por que ele precisou matar o Pert? Paul poderia tê-lo chantageado, ameaçando expor tudo sobre a morte de Janejira.

— Você está certo. — Comecei a sentir uma dor de cabeça. — Mas você não entende o nível absurdo da bipolaridade deles. Tudo é possível... O que

fazemos agora?

— Eu não consigo pensar em nada além de matar Paul. — Bunn encarou o lado de fora da janela.

— Eu nunca matei ninguém, mas dessa vez acho que consigo fazer isso — eu disse sem nenhuma hesitação. Uma expressão de choque apareceu no rosto de Bunn.

— Como você vai fazer isso? Se você for pego, significa uma passagem só de ida para a prisão.

— Não vou ser pego, então... — Segurei a mão dele. — Causa de morte desconhecida, causa indetectável, algo que você não pode provar, esse tipo de coisa. A pessoa que mais sabe sobre isso e que é perfeita para esse trabalho deve ser o melhor médico legista de todos, não acha?

# CAPÍTULO 22

**Fechei o livro depois de citar o conteúdo da última página.**

— Este é o último dia do nosso curso intensivo antes do *Teste Quota*. Se vocês tiverem alguma dúvida, esta é a oportunidade para vocês fazerem perguntas. Se ainda não sabem o que perguntar, ou se têm alguma dificuldade com os estudos, mandem-me uma mensagem. Meu e-mail está na capa. — Levantei o livro de biologia, apontando para o seu canto inferior direito.

Uma adolescente levantou a mão. Acenei com a cabeça para que ela prosseguisse e perguntasse.

— Quais assuntos de biologia vão cair no *Teste Quota*?

— Acho que vai cair de tudo, mas vocês deviam dar um foco maior em genética. Teve um ano que caiu muitas questões sobre a Lei de Mendel... Sim, Karn? — Apontei meu dedo para o adolescente que levantou a mão depois da menina.

— Posso pular a parte de taxonomia, professor Tann? Acho que não vou conseguir estudar a tempo, tem muitas questões.

— Memorize a tabela do último capítulo, Karn. A maioria das coisas que resumi para vocês devem cair no teste. Não vai demorar muito, é só memorizar. As questões que vocês devem estudar também... ei, Sorrawit, você tem alguma pergunta?

Chamei o garoto que estava sentado no fundo da sala. Ele geralmente agitava a turma, mas nesses últimos dias parecia estar mais apático. Isso fez eu me perguntar se havia acontecido alguma coisa. Sorrawit olhou para mim e então voltou a encarar seu livro, balançando a cabeça.

— Não, senhor.

Observei Sorrawit com meus olhos cheios de preocupação por um momento antes de voltar a me dirigir para o resto da turma.

— Muito bem, terminamos por hoje. Boa sorte no exame, espero que todos vocês passem nas universidades que desejam. Quero ouvir boas notícias de todos.

Depois da aula, caminhei até Sorrawit, que estava arrumando os livros em sua mochila. O garoto alto estava com sua mente em outro lugar.

— Sorrawit! — chamei seu nome antes que ele deixasse a sala.

O garoto virou para me olhar com os olhos caídos de sono, como se não dormisse há dias.

— Sim, professor Tann?

— Você está bem? — perguntei. Por que o garoto que estava sempre se esforçando nos estudos para entrar na Faculdade de Medicina parecia tão exausto de repente?

— Estou bem. — Ele ergueu as mãos, fazendo o wai. — Tchau, senhor.

Suspirei. Arrancar a verdade de Sorrawit não seria uma boa ideia naquele momento, pois poderia ser algum problema pessoal, algo que ele não podia contar a ninguém.

— Se você tiver alguma pergunta ou precisar da minha ajuda, pode me enviar um e-mail a qualquer hora, certo?

— Certo. — Sorrawit acenou com a cabeça antes de se virar e deixar a sala de aula. Eu voltei para apagar o que estava no quadro.

Essa aula de sábado à tarde era a nossa última antes dos meus alunos viajarem para fazer o *Teste Quota* na famosa Universidade no Norte. Eu teria um tempo livre até que eles terminassem a prova, o que seria uma ótima oportunidade. Durante esse tempo, eu poderia lidar com toda essa bagunça para que Bunn pudesse retornar para Bangkok com segurança.

*Retornar para Bangkok...*

Encostei-me no quadro, cansado. Um pensamento egoísta me veio à mente.

*Se isto nunca acabar, Bunn terá que ficar comigo, certo? Eu deveria fazer esta situação ficar mais difícil, para durar mais tempo?*

Meu pensamento terrível se dissipou abruptamente quando ouvi uma batida na porta, seguida pelo som dela se abrindo. Virei-me para o visitante, um jovem de aparência corpulenta com um corte de cabelo curto e que vestia uma camisa cinza de manga curta. Larguei o apagador e encarei-o com uma atitude diferente.

Não sou o professor Tann no momento, mas sim o filho de um mafioso cruel e brutal.

— Olá, senhor. — O garoto me deu uma breve saudação.

Fui em direção ao menino, estendendo a mão para trancar a porta. Ele me ligou no final da manhã, dizendo que queria me encontrar depois da minha aula.

— O que houve? Você disse que queria conversar.

O adolescente examinou a sala da esquerda para a direita, para se certificar de que não havia mais ninguém ali. Seu nome é Thad, um estudante da escola de comércio do Programa de Tecnologia Mecânica, o líder dos bandidos

adolescentes sob meu controle. Thad era o único na gangue que conhecia minha identidade fora da vida na máfia. Há cinco anos, a mãe de Thad devia algum dinheiro ao Sr. Odd, e eu recebi a ordem de cobrar o empréstimo na varanda da frente. Quando percebi a condição de vida deles, enxerguei ali o reflexo da minha própria vida. Então, tentei negociar com o Sr. Odd a redução da dívida da mãe de Thad, convencendo-o de que o menino trabalharia para ele sob minha supervisão. O garoto me amava e me respeitava imensamente, e me retribuiu criando minha identidade assustadora, chamando-me de Sr. Black.

A última tarefa de Thad e sua gangue atribuída por mim foi deter a médica, que era próxima de Bunn, até que seu irmão viesse pagar o empréstimo do Sr. Odd. Isso levou Bunn ao seu colapso nervoso que o forçou a forjar o relatório com sucesso.

— Eu estava conversando com o Tio Tat de manhã — Thad disse baixo, com uma voz rouca. — Ultimamente as coisas estão loucas, Sr. Black. Pert está morto, Sr. Odd ficou gravemente doente e agora Paul está extremamente furioso por alguém ter assassinado o irmão dele.

Tio Tat era um dos subordinados de Pert. Ele trabalhou na casa do Sr. Odd por mais de vinte anos. O homem era muito próximo de Thad. Eles eram quase como uma família, porque Tio Tat foi vizinho de Thad durante a vida toda, praticamente. Contraí minhas sobrancelhas com as notícias.

*Por que Paul estaria bravo com isso? Ele não deveria estar feliz por se livrar do irmão com sucesso?*

— E agora?

— Agora Paul suspeita que foi você quem fez isso, mas ele ainda não conseguiu provas — Thad falou mais baixo, com um sorriso no rosto que se transformou em satisfação. — Você matou aquele patologista e sumiu com Pert logo depois disso. Você arrasa, cara. Esse é o nosso Sr. Black!

Isso de forma alguma era algo para se gabar e, o mais importante, eu não tinha matado Pert!

— Eu não fiz isso! E não faço ideia de quem fez!

As feições do garoto mostraram uma leve decepção.

— Mas você matou o patologista, né?

O silêncio foi minha resposta.

Thad acenou com a cabeça, confirmando que entendeu.

— É como se Paul quisesse muito te derrubar, Sr. Black. Ele quer te incriminar usando o médico, mas não pode porque foi ele quem deu a ordem para você matá-lo. Depois isso poderia dar problema para o lado dele. Agora ele está procurando evidências do culpado pela morte de Pert.

Minhas mãos tremeram.

— P-Por que ninguém parece cogitar que Pert cometeu suicídio?

— Eu não sei. Isso foi tudo o que Tio Tat me contou. Eu estava preocupado com você, cara. Tenha cuidado, Sr. Black. Fuja agora, se puder. E me diga se você precisar de alguma coisa.

Eu não conseguia parar de tremer. Não era raiva o que eu sentia nesse momento, e sim medo. O medo estava consumindo minha mente. Eu não estava com medo de morrer ou de ficar em perigo. De modo nenhum. Apenas uma palavra surgiu em minha mente antes de qualquer outra coisa.

*Mãe.*

— Thad! — Enfiei a mão no meu bolso e tirei uma pilha de dinheiro de dentro dele. Era tudo o que eu tinha naquele momento. Coloquei o dinheiro na mão do garoto em minha frente. — Vou te dar mais depois. Preciso da sua ajuda. — Respirei profundamente. Eu sabia que o rapaz era leal a mim. — Vou te dar um endereço. Quero que tire a minha mãe de casa e leve-a para o endereço que vou te passar. Quando vocês chegarem lá, ligue para mim.

Em seguida liguei para a minha mãe. Senti como se uma montanha tivesse sido tirada do meu peito quando ouvi sua voz ao telefone. No momento, minha mãe estava hospedada na casa de sua prima, em outro bairro. Pedi para que ela se escondesse na casa do vizinho para esperar que Thad a pegasse. Não pude ir eu mesmo porque tinha certeza de que alguém devia estar me rastreando. Rezei para que um dos homens de Paul não pegasse minha mãe antes de Thad.

# CAPÍTULO 23

**Como eu tinha que ficar trancado no quarto dia e noite, a única coisa que eu podia fazer era esperar pelo retorno de Tann.**

Depois que chegou em casa, ele ficou andando de um lado para o outro no quarto com o celular na mão. Fiquei sentado, quieto, observando-o por um tempo. Eu nunca tinha visto Tann aparentar tanta ansiedade, mas depois de escutar o que havia acontecido, entendi o porquê de ele estar agindo assim. O olhar em seu rosto era vulnerável, tenso e angustiante, ele estava começando a suar. A mão em que ele segurava o celular tremia o tempo todo. virei-me para as duas caixas de comida que Tann havia comprado, intocadas, porque ele disse que tinha perdido o apetite.

Com o passar dos dias, a situação ficou mais tensa para Tann. Quanto tempo faz desde que ele sorriu pela última vez?

*Sinto falta daquele sorriso que ele me deu quando nos conhecemos pela primeira vez,* pensei.

Afastei esse pensamento da minha cabeça, tentando me convencer de que tudo o que Tann fez durante esse tempo todo foi uma mentira.

— Pare de caminhar e coma alguma coisa.

— Não estou com fome. — Tann sentou-se na cadeira em frente à mesa. — Descobri tarde demais, senão eu podia ter levado ela para um lugar seguro, colocado em um voo para outra província.

— E por que você não fez isso logo no início? Por que fazê-la ficar aqui como refém depois deste tempo todo? — perguntei o que eu estava pensando há um tempo, e Tann apenas balançou a cabeça.

— Mamãe está feliz aqui. Ela é apenas uma pessoa comum que quer viver em um ambiente familiar. Além disso, meu pai manda os homens dele visitarem minha mãe regularmente desde que eu era pequeno, então se ela desaparecesse do nada todos perceberiam que há algo errado. Eles saberiam que eu estaria tentando me rebelar e por isso tentei sumir com ela. Eu não quero arriscar a vida dela, nem fazer ela se esconder e se esgueirar por aí, sabe? É o melhor jeito de garantir que ela ficará segura. — A voz de Tann tremeu. — Mas agora tudo mudou. Paul vai me matar.

Eu não sabia como acalmá-lo.

— Ligue para a sua mãe e pergunte se ela conseguiu sair de lá.

— Faz cinco minutos que liguei. Ela está na casa do vizinho, Thad ainda não chegou lá. — Tann se levantou da cadeira e começou a caminhar de um lado para o outro de novo. — Bunn, você acha que Thad vai chegar lá a tempo? Ou os homens do Paul vão chegar antes dele?

— Você precisa se acalmar, espere aquela criança te ligar com informações. Quem sabe Paul não... — Eu não havia terminado de falar quando Tann veio em minha direção e me abraçou. Sua enorme figura tremia como um filhote de passarinho sem penas. Uma vez Tann me disse que chorava quando o medo de perder alguém que amava caía sobre si, e devia ser isso que ele estava sentindo agora. Eu lentamente levantei minha mão para acariciar suavemente suas costas largas. — O que você tinha perguntado mais cedo, sobre matar alguém sem deixar rastros... eu achei um jeito.

Tann afastou-se de mim, encarando-me com seus olhos cheios de esperança.

— Como? O que é preciso? Eu consigo encontrar.

— Administrar potássio por acesso intravenoso causa ataque cardíaco. É letal. Mesmo que façam a autópsia no corpo, não vão encontrar nada, porque o nível de potássio no sangue geralmente é alto depois da morte, mas... — Eu mesmo me interrompi antes que Tann pudesse falar algo — não suspeitariam se Paul for, de alguma forma, hospitalizado e devidamente tratado com algo por acesso intravenoso. Mas se o espetarmos de forma imprudente com uma agulha fora do hospital, provavelmente haverá marcas em seu corpo, e isso pode levantar suspeitas.

— Então a gente precisa hospitalizar ele, certo?

— Sim. A maneira mais fácil é machucando a cabeça dele, como você fez comigo. — Um sentimento de raiva surgiu em mim.

Tann fez uma pausa. Vi um olhar de culpa em seu rosto, um olhar que me acalmou. — Estou dentro. Vamos fazer isso assim que minha mãe estiver em segurança.

O celular de Tann começou a tocar. Ele pegou-o rapidamente e entregou-me com um olhar perplexo. — É o Dr. Boonlert.

Eu aceitei a ligação com rapidez. — Alô?

[Bunn?]

— Ei, você já está em casa?

[Eu estou em Bangkok agora, mas vim ver o Inspetor Anuchart primeiro. Eu contei para ele tudo o que aconteceu.]

— O quê? — exclamei, fazendo Tann se virar para mim, nervoso. — Como você pode confiar que ele não está do lado deles? Tann e eu estaremos condenados se houver um informante.

[Calma, escute-me. Anuchart é meu amigo, nós podemos confiar nele. Ele me disse para enviar qualquer evidência, assim ele pode encontrar um jeito de nos ajudar. E ele também vai pedir que seus superiores façam uma inspeção na polícia local daí.]

— Que evidência? — Fiz uma careta.

[Qualquer coisa. Qualquer coisa que possa ser usada contra Paul e o promotor, ou algum crime anterior que essa família cometeu. Tann deve conseguir achar.]

Encarei Tann. Meu cérebro estava se esforçando muito para processar o que aconteceu. Foi a decisão certa deixar Boon saber sobre isso? Meu irmão gostava de agir sozinho, sem contar a ninguém. Felizmente, Boon era inteligente, então suas ações raramente resultavam em um erro.

[Bunn...] Boon se dirigiu a mim depois de ficar um tempo em silêncio. [Tann não poderá fazer nada por causa da mãe dele, e você muito menos, já que todos pensam que está morto. No momento, sou um estranho. Posso fazer o que eu quiser. Buscar a ajuda da polícia sobre meu irmão desaparecido não é algo incomum. Deixe-me ajudá-lo com isso. E, além disso... escute-me com atenção.]

— O quê? — suspirei.

[Você pode... parar de pensar que está sozinho nessa! Não esqueça que você tem a mim. Se algo acontecer, não se esqueça de me pedir ajuda. Você sabia que a mamãe, quando viu as notícias sobre você na televisão, olhou para sua foto de formatura e chorou? Papai não consegue comer nada.] Travei ao ouvir isso. [Você pode querer se isolar da sua família e fazer tudo sozinho, mas não se esqueça de que você ainda tem a nós. Então, faça o que eu digo e isso terminará mais rápido.]

Eu cerrei meus punhos com força. Com um tom profundo e firme, um típico de voz de professor, a declaração do meu irmão me atingiu diretamente no peito, como se meu ser tivesse sido sacudido. — E-Eu vou passar sua mensagem para Tann.

[Certo. Envie todas as evidências que encontrarem para mim. Quanto mais, melhor. Destaque qualquer delito em que Tann esteja envolvido. Tentarei negociar com a polícia.]

— Certo... — respondi.

[Hum... se cuida. Eu vou te ligar de novo à noite.] Com isso, Boon desligou.

Tann olhou para mim com os olhos cheios de perguntas. Repeti as sugestões de Boon e ele ficou com uma expressão pensativa no rosto. — Acho que entrar na casa do meu pai para recuperar qualquer evidência está fora de

questão. Vai ser difícil fazer isso.

Então me lembrei de uma coisa. — A foto! A foto do meu falso assassinato! Você enviou para Paul, certo?

— Sim. — Tann arregalou os olhos.

— Como você recebeu a ordem dele? Por mensagem ou ligação?

— Paul me ligou quando mandou eu te matar, mas enviei a foto do seu corpo por mensagem. Paul só mandou uma mensagem escrito: “Fotos?”, antes de eu enviar a foto. — Tann me mostrou a tela do celular. Meu coração estava acelerado.

— Tire um *print* e envie para Boon.

— Mas Paul não enviou mais nada. Eu não sei se isso vai ser o suficiente para condená-lo pela sua morte.

— Pelo menos podemos dizer que ele sabia sobre isso. — Eu apontei para a palavra “visto” que havia ao lado da foto. — Ou seria ainda melhor se conseguíssemos roubar o celular de Paul.

Tann ficou em silêncio, como se estivesse pensando em algo. Eu estava prestes a perguntar sobre o plano de matar Paul quando ele me interrompeu.

— E o *print* que Paul enviou para Pert?

Ergui minhas sobrancelhas. — Bom, isso vai deixar bem óbvio que Paul está envolvido na minha morte, mas significa que teremos que roubar o telefone dele.

Tann balançou a cabeça, deixando-me surpreso com sua ação. — Bunn, por favor, não grite comigo...

— Por que eu faria isso? — Ele está escondendo algo de mim? Ele continua fazendo isso?

Tann colocou a mão no bolso e tirou algo de lá. Um celular. — Eu tentei ligar para Pert muitas vezes. Se a polícia olhar o celular dele, vai encontrar milhões de ligações minhas. — Tann me deu o aparelho. — Esse é o celular que encontrei perto do corpo dele. Eu o trouxe comigo.

Meu coração quase parou por não saber que Tann havia pegado algo do cadáver. — Por que você não me contou antes? E... e como a gente desbloqueia? Precisa de digital?

— Digitando a senha. Pert costumava me pedir para fazer ligações por ele, e ele usava a mesma senha em todos os seus celulares. — Tann apontou para o celular em minha mão. — É a mesma para esse. Além disso, aí tem a mensagem da foto que Paul enviou.

Naquele momento vi algo brilhar diante dos meus olhos, como um raio de luz atravessando as nuvens escuras e sombrias. Era algo que eu chamava de **“esperança”**.



Eu não sabia quanto tempo tinha passado desde a ligação do Dr. Boonlert. A ansiedade fazia parecer que o tempo passava devagar.

*Como será que minha mãe está? Thad conseguiu tirar ela de lá? Paul sabia onde ela estava?*

Essas perguntas continuavam a rondar minha mente. Decidi ligar para a minha mãe de novo, mesmo sabendo que havia ligado para ela há dez minutos.

Ela ainda estava na casa do Tio Berm. Thad ainda não havia chegado.

Encerrei a ligação e suspirei aliviado. Ergui os olhos para Bunn, que estava concentrado em fazer algo com o telefone que Pert lhe deu e com o que encontrei ao lado do corpo do meu irmão. — Eu enviei tudo para o Boon, a foto, o histórico de conversas do LINE e o áudio da conversa entre Pert e você. — Bunn levantou-se com uma expressão pensativa. — Estamos correndo um grande risco aqui. Mesmo que o inspetor seja amigo de Boon, não quero confiar totalmente nele.

— Às vezes precisamos assumir alguns riscos. Não vamos ficar pensando no pior sempre — disse na esperança de lhe oferecer algum consolo. No entanto, ele apenas me olhou em silêncio e não disse mais nada. Isso me fez perceber que Bunn arriscou confiar em mim uma vez e eu falhei miseravelmente com ele.

— Se algo acontecer, Boon vai nos dizer. E se acontecer mesmo, sua mãe, você e eu teremos que juntar nossas coisas e fugir — disse Bunn. Seu comportamento permaneceu o mesmo. Bunn não costumava desenterrar seu passado inútil. Ele sempre anda para frente. Fiquei apavorado com isso, porque às vezes eu não sabia o que se passava em sua mente.

Eu não sabia como as pessoas que tiveram relacionamentos românticos com ele lidavam com esse lado de sua personalidade. Eu realmente gostaria de saber mais sobre isso.

— Deus, espero que não chegue a esse ponto...

*Buzz...*

Meu celular tocou, interrompendo nossa conversa. Peguei-o rapidamente. Finalmente era a ligação que eu estava esperando há muito tempo. Atendi. — Thad, você já está aí?

— Sr. Black... — Thad sussurrou. — Eu já estou aqui, mas...

Meu coração começou a acelerar. — Mas o quê?

— Os homens do Zom também estão aqui. Mal tive tempo de desviar

para o beco. Ainda bem que eu não peguei minha moto.

— O quê? — exclamei. Zom era um dos homens de Paul. — Você disse que Zom chegou antes que você?

— Sim, e isso não parece nada bom, cara. Paul com certeza vai encontrar a sua mãe. Zom e seus homens entram e saem de todas as casas por aqui.

— Merda! — gritei em voz alta, em uma mistura de raiva e desolação. Bunn estremeceu com a minha reação, olhando para mim com uma expressão nervosa no rosto. — Você consegue ver algum acesso à casa com telhado azul da foto que enviei para você?

— Essa casa está muito pior, com uns três ou quatro caras bloqueando a porta, Sr. Black — Thad afirmou. — Não tenho ideia de como eles ficaram sabendo que sua mãe está aqui. Não consegui chegar rápido o suficiente, me desculpe.

Eu estava tremendo. Mal tinha forças para proferir qualquer resposta, minha visão começou a ficar turva.

— Você não está brincando comigo, né?

— Por que eu brincaria com isso? É algo sério — Thad me respondeu com a voz rígida, que era seu tom normal. — Estou me escondendo no meu carro agora. Se alguma coisa mudar, eu te ligo.

Bunn se aproximou de mim. Ele pareceu entender um pouco da situação com a minha reação, então estendeu sua mão e apertou meu braço, suprimindo temporariamente minha tremedeira. A mão com a qual eu segurava o celular caiu ao meu lado. A dormência se espalhou por todo o meu corpo como se alguém tivesse jogado um balde de gelo em mim. Nessa hora meu celular vibrou mais uma vez, com uma vibração curta, indicando que alguém havia enviado uma mensagem. Juntei todas as minhas forças para levantar o aparelho.

[Você está na aula agora? Me ligue quando acabar, irmão.]

*Irmão?*

Desde que nos conhecemos, Paul nunca me chamou assim. Eu podia sentir o sarcasmo emanando dessa palavra. Liguei para ele e lentamente pressionei o celular no meu ouvido.

Bunn olhou para mim como se quisesse saber o que estava acontecendo. — Deixe-me escutar, por favor.

Coloquei o telefone no viva-voz e a música tocou só uma vez antes de Paul atender. [Oh, você com certeza é rápido.]

— O que você quer? — Minha voz estava longe do normal.

[Você tem um minuto? Vamos nos encontrar.] A voz de Paul estava cheia de satisfação. [Vim fazer uma visita à sua mãe. Sabe como é, eu queria

contar para ela as novidades sobre Pert. Quase a perdi, porque ela não estava em casa, mas agora ela já sabe sobre ele. Assistiremos ao funeral juntos hoje.]

Explodi de raiva. — Pare de enrolar, o que você quer?

[Por que você está chateado? Deve ter um motivo...]

— Onde está minha mãe?! — gritei no celular, assustando Bunn com minha reação.

Uma risada fria atingiu meus ouvidos. [Qual é o problema?]

— Como vai ser, Paul? — Eu não estava mais conseguindo controlar minhas emoções.

[Vá até o armazém, eu estarei lá. Você vai pedir perdão para Pert e ele vai poder descansar em paz. Depois vou te levar para a polícia e você vai confessar que matou Pert e aquele doutor. Certo, irmão?]

— EU-NÃO-MATEI-ELE! — Dei ênfase em cada palavra. — Deixe minha mãe ir agora!

[Não me faça repetir. Esteja lá às sete horas da noite em ponto. Tudo bem se você se acovardar, eu gostaria de saber o que acontece se sua mãe não fizer diálise por uma semana.] — E então a chamada foi encerrada antes mesmo de eu poder responder. Encarei o horário na tela do celular que marcava cinco e meia da tarde.

Bunn agarrou meus braços nervosamente. — Acalme-se, pense sobre isso. Estamos em vantagem agora, se esperarmos mais um pouquinho...

Eu não conseguia mais prestar atenção na voz de Bunn. Tirei a mão dele dos meus braços, caminhando diretamente para a mesa e pegando a chave do meu carro. Virei-me e caminhei em direção à porta. Alguém agarrou meu braço esquerdo, parando-me mais uma vez. — Tann!

— Me solta — falei sem paciência. — Preciso ir encontrar minha mãe.

— Como você vai fazer isso? Você vai morrer.

— Se eu não for agora, quando? — Virei-me para gritar com Bunn. Ele estava atordoado. — Chega de pensar, chega de planejar. Isso é uma perda de tempo! Eu nem sei se ela está bem. O quanto você quer que eu espere? Vai se responsabilizar se ela morrer? — Puxei meu braço, soltando-me dele e apontando para a cama. — Você não vai comigo. Volte para a cama e fique lá. Se você não me escutar, vou te algemar de novo.

Bunn parecia chocado com a minha explosão. Havia horror em seu olhar, como se ele estivesse com medo de que eu fosse bater nele. Bunn recuou aos poucos, como eu havia mandado. — Eu não quero que você vá. Pode ser uma armadilha.

— Eu não me importo se for uma armadilha, mas tenho certeza de que minha mãe está com Paul agora. Tenho que ir, nada mais importa. — Encarei

Bunn. Eu não cairia no mesmo velho truque. Pude ver um ato familiar em seu comportamento, um ato para me fazer baixar a guarda. — Sei que quando eu sair daqui você vai achar um jeito de me seguir, certo?

— Recomponha-se primeiro! — Agora Bunn parecia estar com raiva. Balancei minha cabeça. A situação da minha mãe já era terrível o suficiente, e agora eu tinha o homem por quem eu estava profundamente apaixonado para me preocupar também. Eu não podia deixar nada acontecer com nenhum deles.

— Não saia daqui — falei, indo em direção à minha bolsa. Bunn me seguiu com o olhar.

— Você está falando sério? — Bunn choramingou, segurando o pulso. Quando tirei o estojo de couro contendo as algemas da bolsa, virei-me para Bunn e vi que ele tinha sacado a arma.

— Bunn, não vamos fazer isso... — eu disse em uma voz fria enquanto ele ainda segurava a arma na mão direita.

Bunn ergueu a mão em que segurava a arma e, a princípio, achei que ele iria apontá-la para mim, no entanto, a arma voou de sua mão em minha direção e eu a peguei. O fogo ardente queimando em meu peito deu lugar à perplexidade. Bunn ainda parecia chateado, mas ele conseguiu controlar sua raiva muito bem, melhor do que eu. Seu comportamento neste momento me ajudou a ficar calmo, um pouco.

— Leve com você. — Bunn encarou a arma na minha mão. — É melhor do que nada.

Meus olhos caíram sobre o revólver prateado em minha mão. Verifiquei se estava carregado antes de guardá-lo.

— Você promete que vai ficar aqui e não vai me seguir?

— Só se você prometer que vai voltar a salvo. — Bunn suspirou, e meu coração bateu mais rápido com suas palavras. Senti uma pontada de culpa por ter pensado em prendê-lo.

— Me desculpe. Eu não... eu estava com medo de que você me seguisse... e ficasse em perigo... — Levantei minha mão direita e acariciei o rosto dele. — Fique aqui. Não vá a lugar algum, tudo bem? — tentei falar de uma forma mais gentil. Bunn fechou os olhos e assentiu. — Eu volto logo.

Afastei-me dele, abri a porta e saí freneticamente do quarto. Ainda faltava muito para o encontro. Eu esperaria por Paul no armazém. Não havia um plano na minha cabeça no momento. Tudo que eu sabia era que eu faria o que fosse preciso para manter minha mãe segura.

E eu faria o necessário para garantir que o tiro fosse fatal e acabasse com o meu irmão mais velho de uma vez por todas.



Não era incomum o sol se pôr cedo no inverno. Assim que o calor do sol se foi, o ar frio interveio, deixando minhas mãos congeladas e pálidas, principalmente a que segurava o revólver, que acabou ficando dormente. Eu não conseguia mais senti-la. Sentei-me em uma caixa de madeira, observando a vizinhança. Era uma área espaçosa na qual a luz diminuía gradualmente a cada minuto.

Antes de vir para cá, fui até a casa da vizinha, onde eu disse para minha mãe se esconder. O dono da casa disse que alguém havia buscado minha mãe, dizendo que iriam a um funeral. As pessoas que vieram atrás dela eram todos homens altos e de aparência corpulenta, e um deles era o homem que todos conheciam, o filho mais velho do Sr. Odd, Paul.

Seis e cinquenta da tarde.

A cada minuto que passava, o horário do encontro ficava mais próximo, contudo, ninguém aparecia.

Olhei para o chão onde o corpo de Pert foi encontrado. Ele ainda estaria por ali? Ele deve ser o único que sabe quem fez isso com ele. Seria mais fácil se eu pudesse me comunicar com ele.

Meus pensamentos pararam quando uma luz laranja passou pelo portão, juntamente com o som de rodas rangendo no asfalto. Coloquei a arma no bolso, olhando intensamente para o portão. Em questão de segundos, um par de faróis de um veículo se apagou e um grupo de homens entrou pela porta do armazém, liderados por um homem alto de camisa de manga curta e calça preta. Eu podia ver seus olhos penetrantes me perfurando com ressentimento através do crepúsculo. O homem parou a dez metros de mim.

— Sabe, eu disse ao papai tantas vezes que manter você por perto era tão bom quanto cuidar de uma víbora... — Paul começou com essa frase. — Ela vai morder a mão que a alimentou. Cobra ingrata. Nem um pouco leal.

— Onde está minha mãe? — Fui direto ao assunto, ignorando o seu discurso.

Paul riu e se virou para dar a Zom um aceno com a cabeça. Zom saiu do armazém e voltou com uma mulher gordinha, com um vestido branco feito em casa. Levantei-me, olhando para a minha pobre mãe com os olhos cheios de preocupação. Havia uma arma na mão direita de Zom apontada para ela.

— Tann? — minha mãe me chamou com a voz trêmula.

— Sim, mãe... — respondi com a voz também trêmula. Virei-me para

Paul com raiva. — O que você quer?

— Como eu disse, vá para lá — Paul apontou para o chão onde o corpo sem vida de Pert foi encontrado —, implore pelo perdão dele e diga que você enfrentará a punição pelo crime que cometeu. Diga ao meu irmão que o espírito dele pode descansar agora. E então você vem para a delegacia comigo. Diga a todos que você matou Pert, aquela mulher e o médico. E nunca cite o meu nome. Se eu descobrir que você... bem, você sabe o que vai acontecer.

— Certo — respondi sem hesitar. Paul parecia surpreso com isso. — Se você deixar minha mãe ir.

Paul deu de ombros.

— Bem, eu não pensei que seria tão fácil, mas isso não é ruim. Vamos poder terminar isso rápido. Vá em frente, o que você está esperando?

Caminhei para onde Pert morreu e encarei o local que estava limpo como se nada tivesse acontecido ali. Fiquei parado encarando o chão por um tempo.

— Vá logo com isso! Vamos, CURVE-SE! Você TEM que se CURVAR e implorar pelo perdão do meu irmão! — Paul gritou com raiva. Sua voz ecoou por todo o estabelecimento.

— Você sabe... — falei em um tom impassível. — O que Pert disse antes de morrer? — Eu conseguia ouvir minha mãe chorar. Paul cerrou os punhos, encarando-me. — Ele disse que eu havia tirado dele o homem que ele amava. — Eu ri. — Pert estava com muita raiva por eu ter matado o médico, seu melhor amigo, ou talvez fosse algo mais...

— O que você disse?

— Foi um choque para mim também, sabe? Eu não sabia que Pert gostava de transar com homens assim como eu. — Virei-me para Paul. — Tive que matá-lo antes que ele contasse para alguém que eu matei o Dr. Bunn. Ele era um promotor, pelo amor de Deus. Mas também era burro o suficiente para beber o café que eu dei a ele. Cara, ele estava sofrendo, sufocando, e então morreu, bem aqui.

A paciência de Paul se esgotou e ele socou meu rosto. O impacto fez minha visão ficar turva e meu corpo cambalear para o lado. Eu caí deitado no chão, em posição fetal. Levei uma mão aos meus olhos e a outra à minha coxa. Encarei cada movimento de Paul.

*Esse é o momento que eu tanto esperava.*

Ao mesmo tempo em que Paul enfiou a mão no bolso, eu saquei a arma que estava no bolso de trás da minha calça, prestes a puxar o gatilho.

Então o primeiro tiro rugiu, destruindo o silêncio da noite.

# CAPÍTULO 24

**Assim que Tann saiu, eu liguei para Boon.**

— E aí? — Boon atendeu rapidamente a minha ligação.

— Recebeu o que te enviei?

— Sim, já vi. Estou com o Anuchart agora. — Escutei Boon contar para alguém que estava em ligação comigo. — Como você está? Alguma coisa aconteceu?

— Paul ligou para Tann dizendo que ele pegou a mãe dele e forçou Tann a se entregar e confessar que é o assassino.

— O quê? — Boon exclamou. — Isso está saindo do controle. O que ele está fazendo agora?

— Ele foi para o armazém, o mesmo lugar onde encontramos o corpo de Pert. Paul quer vê-lo às sete da noite — falei apressadamente. — Você pode ver com seu amigo se ele pode mandar alguém por segurança? Considere como uma queixa de sequestro ou algo assim.

Boon ficou em silêncio. Escutei barulhos do outro lado da ligação. Uma voz estranha começou a falar.

— Olá, aqui é o Anuchart. Estou a par de toda a situação. Vou informar meus superiores para eles investigarem a polícia daí.

— Vai levar muito tempo? — perguntei em um tom ansioso. — Alguma coisa vai acontecer no armazém. Você pode enviar alguém para ajudar?

— Não tem muito o que eu possa fazer além de falar com meus superiores. Eles provavelmente vão forçar a polícia local a não ignorar o que está acontecendo.

— Por favor, seja rápido. É uma emergência — insisti. — Sua ajuda vai salvar a vida de muitos cidadãos decentes. Obrigado. — E encerrei a ligação. Encarei as duas caixas de comida que ainda permaneciam intocadas. Meu coração estava quase saindo pela boca. Tann ficaria bem? E se algo acontecesse e ele não voltasse para compartilhar refeições comigo novamente?

Meu corpo estava tremendo, então me abracei. Um vento frio entrou pela janela e atingiu minha pele.

Se algo acontecesse com ele... eu ficaria muito arrasado. Meu coração se partiria em um milhão de pedaços.

Apesar de suas mentiras, por que eu me importava tanto com essa

pessoa?



*Pá!*

O barulho do tiro soou como o grito da Morte no silêncio. O líquido vermelho vazou lentamente da ferida no meio de seu peito, pingando no chão. Não sei se ele estava com dor ou não, provavelmente estava mais chocado do que sentindo dor. Quando ocorresse a isquemia cerebral, ele perderia a consciência e morreria em segundos.

Paul cambaleou alguns passos para trás antes de desabar no chão. O líquido vermelho estava se espalhando por toda parte. Ele ainda segurava a arma em sua mão.

Fui mais rápido que ele. Baixei lentamente minha mão que segurava a arma.

Agora acabou. O homem perigoso que eu temia agora estava morto, simples assim. Eu tinha acabado de matá-lo, e deveria tê-lo feito há muito tempo. Agora minha mãe e Bunn estavam seguros. E o que seria de mim depois disso, eu deixaria o sistema judiciário decidir.

— Ninguém se mexa, larguem suas armas! É a polícia!

Ouvi os homens do Pert causando confusão, então me levantei para procurar a minha mãe. Antes que eu pudesse ver qualquer coisa claramente, ouvi um segundo tiro, e então o terceiro. Vi o corpo de Zom cair no chão e a minha mãe agachada, rastejando a uma curta distância.

— Mãe! — chamei. Eu estava prestes a correr em sua direção, mas parei por causa das pessoas que estavam ali. Apertei meus olhos na escuridão, vendo um grupo de homens armados entrando. Coloquei minha arma no chão e levantei meus braços no ar.

— Esse canalha atirou de volta, capitão. Eu não tive escolha — o policial se defendeu. Ele devia estar se referindo a Zom, o homem que agora estava deitado no chão, imóvel. O segundo tiro parecia ter vindo de Zom, que mirava o policial, e o terceiro do policial, porque felizmente minha mãe caiu no chão e isso deu a ele coragem para disparar com a sua arma.

Fiz menção de correr para minha mãe novamente, mas um dos policiais me impediu de seguir em frente.

— Pare aí mesmo! — O policial se aproximou de mim. Ele era alto e forte, quase tão alto quanto eu. Ele parou na minha frente antes de seu olhar

desviar para a figura ensanguentada de Paul. Outro oficial entrou para inspecionar seu corpo.

— Foi legítima defesa, senhor — afirmei, erguendo as duas mãos para provar minha sinceridade. Embora eu não tenha dito a ele que eu tinha provocado Paul intencionalmente, primeiro. Na verdade, eu nem sabia como Pert morreu ou quais foram suas palavras finais. Minha intenção era apenas ganhar tempo o suficiente para puxar a arma. Isso é tudo. E eu conhecia Paul há muito tempo, então sabia como irritá-lo. — Esse homem ia atirar em mim.

— Vamos discutir isso na delegacia, Sr. Tann. — O policial se virou para mim, e tive a sensação de que já tinha o visto antes. Ele era provavelmente o capitão ou algo assim. — Dr. Bunnakit está realmente na sua casa? — perguntou-me num tom baixo.

Arregalei os olhos, mas me dei conta de que não havia mais motivos para ter medo.

— V-você sabia?

O policial suspirou.

— Que alívio. Eu sempre soube que havia algo errado. Desde o início, com o relatório da autópsia e outras coisas.

— Eu vou ser preso, senhor?

— Você será acusado de homicídio culposo. Vamos ver se foi intencional ou legítima defesa. — O oficial se virou para ver a cena atrás dele. Os homens de Paul foram instruídos a deitar no chão com o rosto para baixo. Um dos policiais estava tentando consolar minha mãe. — O inspetor recebeu uma grande quantia e um terreno do seu irmão. Ele também é parceiro de negócios do seu pai. Recebemos a ordem de fechar os olhos para essa situação e não questionar a morte da Senhorita Janejira. Fui designado para cuidar do caso do promotor, mas as informações que consegui foram simplesmente inúteis. Só viemos para cá depois de sermos forçados por superiores, que disseram que seria feita uma fiscalização em relação ao nosso trabalho.

Parecia que essa pessoa sabia de tudo o que aconteceu. — Se eles não tivessem colocado pressão, vocês não teriam vindo?

— Eu não tinha escolha, professor Tann. Eu não tinha poder suficiente contra ele. Tudo que eu podia fazer era manter minha cabeça baixa e trabalhar com todas essas queixas enterradas bem no fundo do meu peito. — O policial pegou no meu braço. — Vamos continuar isso na delegacia.

— E quanto ao Dr. Bunn? — perguntei rapidamente.

— Vou enviar alguém para buscá-lo na sua casa. — O oficial olhou direto para o portão, franzindo suas sobrancelhas enquanto pensava. — Estou feliz que esse círculo vicioso finalmente chegou ao fim. Sinto muito por ter

falhado com vocês. Se fosse diferente, vocês não teriam que lutar sozinhos.

Eu não sabia como responder àquela confissão dele. Fui escoltado para fora do armazém até uma viatura. Peguei meu celular e liguei para Bunn.

[Tann!] Bunn atendeu a ligação com uma voz assustada. [Você está machucado? O que aconteceu?]

— E aí, Bunn. — Respirei fundo. — Vejo você na delegacia.

# CAPÍTULO 25

**Saí da sala da Organização da Equipe Médica com uma sensação ruim no peito.** Meu olhar vagou para fora da janela. Edifícios brancos aglomerados uns com os outros tornaram-se uma visão familiar marcada em minha memória, junto com a rajada de vento frio batendo em meu rosto, o cheiro do Norte e o sotaque do dialeto local, que parecia estranho num primeiro momento, mas com o qual acabei me acostumando. Eu me lembraria de tudo o que aconteceu aqui e guardaria como a melhor experiência da minha vida.

Tudo, exceto o incidente recente. Por causa dele, mesmo que eu amasse muito este lugar, eu não poderia mais ficar.

Entrei no elevador, olhando meu reflexo nas paredes espelhadas. Toquei minha testa, bem no lugar em que havia uma ferida que já tivera seus pontos removidos e estava curada. Como sobrevivi até aqui?

Talvez eu tenha que agradecer a uma pessoa por me salvar.

O elevador parou e abriu no terceiro andar. Fui para o outro lado do elevador para dar espaço caso alguém precisasse entrar.

— Bunn! — A pessoa que estava para entrar no elevador me chamou. Levantei a cabeça e percebi que era a Fai.

— Ei, Fai! — Dei um largo sorriso para a interna.

Fai me olhou em silêncio por um tempo. Nesse instante, notei lágrimas brotando em seus belos olhos redondos. — Bunn... você está bem?

— Sim, estou bem — tentei falar com um tom normal. — Você sentiu minha falta?

Fai franziu as sobrancelhas. — Para quem passou por uma experiência traumática, você ainda tem senso de humor.

Eu ri, pegando o lenço que estava no bolso da minha camisa e entregando-o para Fai.

— Está tudo bem. — Ela enxugou as lágrimas com as costas da mão, e então a porta do elevador se abriu no primeiro andar, o meu destino. Fai e eu saímos do elevador. — Você vai voltar a trabalhar, né?

Sorri por um momento antes de começar a falar. — Eu acabei de enviar minha carta de demissão.

Fai arregalou os olhos, em choque, e encarou o chão com tristeza. — Acho que você não quer mais ficar aqui.

— Eu não me demiti porque não quero mais ficar aqui. Minha família pediu para que eu voltasse. Eles não querem que eu viva longe deles depois de todas as coisas horríveis que aconteceram, e não quero que eles se preocupem comigo de novo.

— Entendo. — Fai assentiu.

Estendi minha mão e acariciei gentilmente sua cabeça. — Por favor, não

fique triste.

— Não, eu... — Fai respirou fundo. — Eu só queria continuar te vendo. Apenas isso.

— Você gosta de mim, né? — Eu sorri.

Fai pareceu assustada e seu rosto pálido enrubesceu. — N-Não, eu não gosto.

Segurei sua mão gentilmente. — Eu vou continuar trabalhando aqui por mais um mês. A gente pode sair com mais frequência durante esse tempo se você quiser. E... eu queria te contar uma coisa.

— O quê? — Fai me encarou.

— Tem alguém aqui que se importa muito com você, e te ama muito também. Ele só não tem coragem o suficiente para te contar. — Soltei a mão dela. — Mas quando você estava desaparecida, ele te procurou por toda parte e te esperou na SE até você aparecer, mesmo que não fosse o turno dele. — Fai parecia surpresa, como se ela não soubesse disso. — Você pode perguntar para as enfermeiras quem é. Agora, se me der licença, tenho que trabalhar.

Virei-me e saí do prédio, deixando Fai com seus pensamentos. Eu esperava que ela finalmente percebesse que Boem, o interno novo, tinha uma queda por ela, e então deixasse o cupido fazer o resto. Desejei que eles fossem felizes juntos.

Minha primeira missão antes de sair daqui foi um sucesso. A próxima missão era descobrir a verdade sobre a morte de Pert, caso contrário, a dúvida me incomodaria pelo resto da minha vida e o espírito do meu melhor amigo talvez nunca encontrasse paz em sua vida pós-morte.

*Qual foi a causa da morte de Pert?*

*Se foi assassinato, quem é o responsável??*

Essa investigação, deste dia em diante, não era mais algo escondido nos bastidores. Todas as evidências que a polícia tinha, o registro da autópsia do hospital para onde Pert fora enviado, tudo isso estava acessível para mim. Eu definitivamente poderia fazer isso. Eu precisava saber quem fez isso.



— No início, Tann e eu pensamos que podia ter sido Paul. Pensamos que ele havia matado Pert e iria jogar toda a culpa em Tann — expliquei para o Capitão Aem enquanto ele encarava os documentos que estavam em sua mesa. — Mas Tann afirmou que Paul parecia bravo com a morte de Pert. Na verdade,

ele pensava que Tann realmente era o assassino, ou seja, ele não queria só jogar a culpa em Tann.

— Tann me falou isso também. — Capitão Aem franziu a testa. — Mas a gente não pode afirmar com certeza. As pessoas podem fingir, sabe. Eu acho que Paul é o assassino, e agora ele teve o que merecia.

Balancei a cabeça. — Não vamos tomar conclusões precipitadas, Aem. Algum progresso com o falecido promotor?

— Acabamos de receber uma nova evidência de você, o celular que o promotor usou durante seu desaparecimento. — Capitão Aem juntou as mãos. — É um número novo, registrado no nome de outra pessoa. O registro de ligações do celular mostra o número de Paul, o de um serviço de aluguel de carros e o seu.

Concordei, balançando a cabeça.

— E quanto a outros aplicativos de comunicação? Como LINE, e-mail ou mensagens?

— Ah, sim. — Parecia que o Capitão Aem tinha acabado de lembrar de algo. — Temos o histórico do LINE. — O Capitão ligou o notebook e o virou para mim. Havia uma captura da tela do celular de Pert, mostrando uma conversa entre duas pessoas, ambas usando avatares no perfil.

“Olá.”

“Oi.”

“Posso te ligar?”

A ligação durou cerca de meia hora. Isso não era algo incomum vindo de Pert, já que eu tinha visto uma longa lista de mulheres bonitas que o bombardeavam com mensagens em seu celular. Mas havia algo a mais nessa conversa em específico, porque essa pessoa foi a única a mandar mensagem enquanto ele estava desaparecido.

— O nome de exibição está como “Wonabee”. Eu realmente não sei como achar essa pessoa, Dr. Bunn. Não tem nenhuma informação a mais para que eu possa rastreá-la. — Capitão Aem deixou escapar um suspiro. — O que você acha?

— Uma mulher? — murmurei para mim mesmo. Não sabia se essa pessoa tinha ou não alguma coisa a ver com a morte de Pert, mas acho que encontrei a peça-chave para iniciar esse quebra-cabeça.

— Confie em mim, foi o Paul, Dr. Bunn — Capitão Aem insistiu mais uma vez. — Não é a primeira vez que vejo irmãos se matando.

— E não é a primeira vez que cometemos um erro, Aem. — Levantei-me. — Preciso ir.

— Você sempre teve jeito com as palavras, Dr. Bunn. Vou sentir sua

falta quando você for embora. — Capitão Aem levantou-se e me acompanhou até a entrada.

— Na verdade, acho que vamos nos encontrar com frequência. Tenho que testemunhar a favor de Tann no tribunal.

Capitão Aem me encarou.

— Sério, o que vocês dois são um para o outro? — Após dizer isso, ele pareceu ter percebido que havia feito uma pergunta inapropriada. — Eu não queria ser intrometido nem nada do tipo, mas é que quando eu o interroguei ele ficou falando de você o tempo todo. Ele disse que a razão pela qual te protegeu foi... porque ele te ama.

Minhas sobrancelhas tremeram ao ponto de eu ter que massageá-las. — Ele disse isso?

— Pensei que eu tinha escutado errado. Enquanto você estava com ele, nada aconteceu, certo? Quero dizer... se você quiser processá-lo por assédio sexual ou algo do tipo, não fique com vergonha. Você pode me contar, doutor.

— Não aconteceu nada. — Eu não queria olhar diretamente para o rosto do capitão porque minha expressão poderia revelar algo.

— Ah, tudo bem... — Sua voz soou cética, mas ele não me pressionou mais. — Como você irá para casa?

Um carro preto parou na frente da entrada e o capitão ergueu as sobrancelhas. Felizmente o carro tinha vidros escuros, impedindo que o motorista fosse visto. Porém, infelizmente o referido motorista decidiu abaixar o vidro da janela do carro e acenar para o capitão. — Olá, capitão.

— Ah, professor Tann. — Capitão Aem levantou sua mão para aceitar o cumprimento de Tann e voltou a olhar para mim friamente. — Não foi assédio sexual porque foi consensual, eu presumo.

Minha reação no momento deve ter sido muito estranha, pois fez Aem, um homem que raramente sorri, abrir um largo sorriso. Eu não pude fazer muito, apenas corri para o carro de Tann e escondi o rosto com as mãos.

— Você está bem? — Tann perguntou.

— Não é nada. Vamos. — Deixei escapar um longo suspiro pelo nariz, ventilando o calor do meu rosto.

— O que o capitão disse para te deixar assim? — Os olhos de Tann se voltaram para a estrada antes de ele dar partida no carro.

— Eu já disse que não foi nada — insisti, fingindo um tom irritado. Virei-me para encarar Tann, que estava concentrado na estrada. A angústia era evidente em seu rosto, e as habituais olheiras sob seus olhos pareciam ainda mais proeminentes. Seu rosto normalmente barbeado e limpo agora estava coberto de pelos ao longo da linha da mandíbula. Essa aparência provavelmente era por

causa da corrente de coisas horríveis que aconteceram em sua vida recentemente.

Recentemente ele havia saído da prisão após pagar fiança, mas ainda estava sendo acusado de vários crimes, incluindo o assassinato de Paul por legítima defesa e os atos criminosos a serviço da família Sawangkul. Ele também teve que lidar com a imprensa, que tentava invadir seu espaço pessoal para uma entrevista exclusiva. Sua fama era evidente. Agora, Tann estava em uma condição bastante difícil, pois ele, aparentemente, precisava de muito dinheiro para o julgamento e não poderia voltar a lecionar antes do veredicto.

— O que seu advogado disse? — perguntei.

— Que ainda há esperança, pelo menos. Tenho que provar que eu estava trabalhando para eles para salvar a vida da minha mãe — Tann falou calmamente. — O que você quer para o jantar?

Senti como se ele ainda estivesse tentando cuidar de mim, mesmo ele estando muito exausto e abatido. — Tann...

— Sim?

— Entreguei minha carta de demissão para o hospital.

Tann desviou para o acostamento e pisou fundo no freio, fazendo-me ir para frente bruscamente. — Tann! — gritei e virei-me para ele. Tann estava com uma expressão sombria no rosto.

— Você vai mesmo embora? — falou com uma voz triste, abaixando o olhar para o seu colo.

— Eu preciso ir. Uma promessa é uma promessa. — Fiz uma careta enquanto olhava para ele. — Pensei que já tínhamos conversado sobre isso.

— Eu quero ter algo sério com você, sabe... — Ele colocou a mão na minha coxa. — Nesse tempo todo, nunca pensei em construir uma vida com alguém. Todos entraram e saíram da minha vida, mas você foi diferente. Eu consigo imaginar uma vida toda ao seu lado.

— Antes de irmos tão longe... — O interrompi. — O que nós somos, afinal?

— Eu não sei... não sei como você se sente em relação a mim, mas quero ser seu amor, alguém com quem você poderá sempre contar. Quero ser aquele que vai te proteger. Vou fazer o que você quiser e ir aonde você quiser. Vou te compensar pelo que fiz. — Tann pegou minha mão e a pousou em sua bochecha. — Eu apenas quero ter você ao meu lado.

Olhei para ele e uma sensação repentina de tontura sobreveio em mim. Suas palavras me deixaram mudo por alguns segundos. Tirei minha mão de sua bochecha e a coloquei atrás de sua cabeça, tocando o cabelo que normalmente estava arrumado, mas hoje estava despenteado. — Eu quero um companheiro, não um escravo.

Tann parecia querer chorar. Ele se abaixou e apoiou sua cabeça no meu ombro. — O que preciso fazer para me tornar seu companheiro, Bunn? Diga-me, por favor.

Tentei suprimir a intensa sensação que estava crescendo em meu peito.

— As coisas não estão funcionando agora. Você tem o seu caso e a sua mãe para cuidar e eu tenho que me mudar para Bangkok. Se eu aceitasse o seu pedido de namoro agora, você conseguiria fazer o que quisesse ao meu lado? A distância entre nós e esses problemas não resolvidos não nos colocariam sob estresse? Não nos fariam brigar ou trariam mais mal-entendidos? Poderíamos terminar, e aí a palavra "companheiro" seria apenas um sonho sem esperança. — Tann ficou em silêncio, sem deixar palavra alguma sair de sua boca, então continuei: — Se você quer um relacionamento duradouro, este não é o momento certo para eu te dar a minha resposta.

— Então quando será o momento certo? — A voz de Tann estava tremendo, parecendo um sussurro.

— Quando você estiver pronto para ser meu companheiro. Quando se recompor e virar um homem de honra e dignidade. Quando não precisar mais se curvar para mim ou qualquer outra pessoa... Quando esse dia chegar, pergunte-me novamente.

— Até que esse dia chegue, você vai esperar por mim?

Fechei meus olhos, admitindo para mim mesmo que eu queria tudo o que ele havia dito. Eu estava com raiva dele no início, tanta raiva que pensei que o deixaria assim que isso acabasse. No entanto, descobri que eu gostava dele. Eu seria capaz de esquecer tudo o que ele tinha feito comigo e imaginar minha vida com ele. Por isso, preciso esperar até que tudo esteja resolvido, até que ele se recomponha, pois se eu concordasse em ficar com ele agora, o fim provavelmente viria mais cedo do que gostaríamos. O futuro com o qual ambos sonhávamos poderia entrar em colapso quando nem sequer tinha começado.

— Sim — respondi curtamente, e uma onda de esperança emanou de Tann.

— Eu não vou te deixar esperando por muito tempo — ele prometeu.



— Uma mulher? — Boon murmurou para si mesmo. — Pode ser alguém que ele havia acabado de conhecer, que podia não saber quem Pert era.

Entreguei a tigela quente de mingau para o meu irmão. Boon e eu

estávamos jantando em uma loja de mingaus no centro da cidade. Ele pegou um voo até aqui para me visitar e perguntar sobre o caso.

— Você não acha estranho? Se quer desaparecer e fazer com que os outros pensem que foi sequestrado, você não deveria falar com estranhos.

Boon balançou a cabeça.

— Ele era um mulherengo, então talvez não tenha conseguido evitar. Pare de interferir e pensar sobre isso. Comece a arrumar suas malas e deixe a polícia fazer o trabalho dela.

— A polícia acha que Paul fez isso, e pronto.

— Talvez seja isso. — Boon me olhou através dos seus óculos. — Ei, você está tentando achar uma desculpa para ficar aqui ou...?

Suspirei.

— Vou ficar aqui até saber quem matou Pert. Isso é tudo. E você não precisa vir até aqui para ser minha babá enquanto faço minhas malas. Você não tem aula ou alguma dissecação para fazer? Caso não, volte para cuidar da sua filha.

— Não é meu turno hoje. Além disso, Baitoei me disse para levar seu tio Bunn de volta para casa logo. Então, sabe como é, tenho que seguir as ordens da minha filha. — Boon fingiu uma expressão de ignorância. — Você está livre nos finais de semana? Vamos visitar papai e mamãe, assim eles vão saber que você ainda está vivo e inteiro.

— Eu irei se não aparecer algum caso de autópsia. — E então retornei ao assunto. — De qualquer forma, não acho que Pert tenha se matado. Por que alguém que quer se matar colocaria cianeto no próprio café? Disfarce? Não faz sentido.

Boon parecia estar cansado desse assunto, mas um pensador como ele não conseguiria se conter, ele sentiria necessidade de analisar junto, tenho certeza.

— A autópsia mostrou que ele realmente morreu por cianeto?

— Sim, falei com um amigo meu que é patologista no hospital da província. Amanhã vou até lá para ver as notas e as fotos da autópsia.

— Quem iria querer matar Pert em um momento como esse? — Boon franziu a testa, pensativo. Eu estava muito feliz por ter alguém inteligente como ele ao meu lado para me ajudar a descobrir isto. — Pode ser uma mulher que o conhecia. Provavelmente alguém que sabia de tudo. Ela conhecia Pert, e talvez até mesmo soubesse que ele era um assassino. Aquele armazém era onde a família Sawangkul fazia reuniões secretas, certo? Apenas algumas pessoas devem saber desse lugar. A propósito, essa conversa que você viu é de quando?

— De um dia antes da morte do Pert.

— Supondo que foi essa mulher quem matou Pert... eles podem ter se encontrado em segredo e ela pode ter comprado alguma bebida para ele e colocado cianeto no copo... — Boon balançou a cabeça mais uma vez. — Eu estou apenas supondo, não leve muito a sério.

— Mas é uma suposição muito boa, de fato. — Uma onda de excitação percorreu meu corpo.

Boon colocou um pedaço de ipomeia tailandesa frita no meu prato. — Pare de pensar nessas coisas agora e coma. Por que você não convidou Tann para jantar com a gente?

Deixei uma longa expiração escapar pelo meu nariz. — Falei para ele ir para casa.

— O que vocês dois têm? Estão juntos ou não? — Boon apontou a ponta dos hashis para mim. — Sério, me responda.

— Não é da sua conta. — Foi minha única resposta para todas as suas perguntas.

— Oh? Por que eu não posso saber? Quer dizer, eu não me importo. Se você está feliz, então vá em frente. Mas se não está, deixe isso para trás. O que tem de tão difícil...

— Não é que eu não esteja feliz. — Encarei a estrada. — É que... não é o momento certo. Nós dois ainda temos coisas a resolver. Vou apenas esperar as coisas voltarem ao seu devido lugar, e então quem sabe a gente possa retomar isto.

Boon apenas me observou, mastigando o arroz em silêncio, e então falou: — Parece que ele realmente te ama, sabia?

— Pare de me distrair, pode ser? Não estávamos falando de Pert agora há pouco? — Tentei mudar de assunto mais uma vez porque o clima estava constrangedor. O canto da boca de Boon se ergueu, sorrindo. Ah, como eu odiava esse quatro-olhos.

# CAPÍTULO 26

**Passei muitas horas sentado em frente ao computador olhando as fotos do corpo de Pert tiradas durante a autópsia.** Examinei minuciosamente cada uma delas, alternando o olhar entre elas e as anotações escritas pelo patologista responsável. Eu estava tentando encontrar qualquer coisa que meu amigo pudesse ter deixado passar, qualquer coisa que pudesse determinar a causa da morte de Pert: descoloração, intrusão craniana, exames de tórax, pulmões, coração, abdômen, braços e pernas.

Recostei-me na cadeira, fechando os olhos para fazer uma pausa. Eu estava no mesmo hotel de sempre. A sala era silenciosa, um ótimo lugar para trabalhar em algo que exigia muita concentração.

Se o que Boon disse for verdade, o registro de chamadas que encontramos no LINE de Pert poderia significar um encontro secreto, e aquela mulher poderia tê-lo envenenado.

Quem iria querer matar Pert nesse momento? Sem dúvida, toda mulher do planeta Terra faria isso de bom grado se soubesse que ele era um mulherengo. No entanto, não é algo que levaria alguém tão longe assim, a menos que Pert estivesse sem sorte e acabou encontrando uma mulher psicótica, que queria tê-lo só para ela.

Falando em mulher psicótica, minha mente vagou para Janejira, uma mulher triste e lamentável, que foi brutalmente assassinada e enforcada em seu próprio banheiro. Nesse momento lembrei-me do dia em que conduzi a autópsia na cena do crime. Foi o dia em que conheci Tann. Sua figura alta se destacou entre a multidão, e seu semblante e olhar que demonstravam poucas emoções me levaram a suspeitar de seu envolvimento com a morte de Jane, ao contrário da irmã da mulher, que chorou genuinamente e quase desmaiou no local.

Foi como se eu tivesse ouvido algo estalar dentro da minha cabeça quando pensei sobre isso. Endireitei-me na cadeira e arregalei meus olhos. Olhei para as fotos *post mortem* de Pert na tela à minha frente. Se alguma mulher queria Pert morto por causa do que ele fez, essa mulher seria ela. Peguei meu celular imediatamente após esse pensamento surgir em minha mente. Para quem eu deveria ligar? Boon, Capitão Aem ou Tann?

*A pessoa que provavelmente conhece melhor a irmã de Jane é Tann.*

Eu tinha que ligar para Tann. Não havia outra escolha.

Não era como se eu sentisse sua falta e quisesse ouvir sua voz ou coisas do tipo.

[Sim, Bunn?] Tann atendeu a ligação.

— Tann, você tem o número da irmã da Janejira?

[Eu acho que... tenho. Para que você precisa?]

— É o seguinte. — Aproximei minha boca do celular. — É possível que aquela mulher seja a irmã da Janejira?

[O quê?] A voz de Tann parecia surpresa. [Que mulher?]

— Durante o tempo em que Pert ficou desaparecido, uma mulher entrou em contato com ele, um dia antes de ele morrer. Infelizmente foi uma ligação entre os dois, então não sei os detalhes da conversa, mas é estranho o fato de ele falar com uma estranha enquanto tentava fazer os outros pensarem que ele foi sequestrado.

[Ah...] Eu tinha acabado de perceber que a voz de Tann estava sonolenta, como se ele tivesse recém acordado, então olhei o relógio em meu computador... eram duas e dezoito da madrugada.

— Merda — exclamei baixinho. — Me desculpe por ter te acordado.

[Tudo bem.] Escutei Tann rolar na cama. [Eu estou tendo problemas para dormir ultimamente..., mas então, você estava dizendo que... Pert falou com uma mulher durante seu desaparecimento?]

— Sim, e essa mulher pode ser a irmã da Jane. Talvez ela tenha descoberto que Pert matou a irmã dela e estava tentando fugir, então se aproximou dele e o matou.

[Isso é impossível. Pert e a irmã de Jane já se conheciam.] A informação interrompeu todos os meus pensamentos. [Se eles realmente se encontraram, então ela devia saber sobre o plano de fuga do Pert, a menos que ele não soubesse que a mulher com quem ele estava falando era a irmã de Jane. Ambos usavam avatares como fotos de perfil, certo?]

— Hum, isso é estranho. — Esfreguei meu queixo, pensativo. — Bem, primeiro eu preciso encontrar um jeito de contatar a irmã da Janejira. Se eu puder falar com ela, talvez eu descubra algo.

[Vou te mandar o número, mas...] Ele fez uma pausa. [Você está se colocando em perigo de novo, Bunn?]

— Dessa vez é diferente. — Fiz uma careta.

[Eu sei que é, mas muita coisa pode acontecer. Se você acertar o alvo, pode acabar ficando em perigo de novo] falou Tann, com uma voz preocupada.

— Você não quer saber quem matou Pert? — Fiquei um pouco chateado. Por que todo mundo era contra a ideia de eu investigar o caso de Pert? Até mesmo Tann, a pessoa que deveria estar do meu lado?

[Não é que eu não queira saber, mas saber não muda nada... É como esses médicos gostam de dizer... saber disso não vai mudar nada. Uma morte vai continuar sendo uma morte, e você vai estar se pondo em perigo. Eu não quero que você se envolva com outros assassinos.]

— Você quer que eu deixe isso passar? — suspirei.

[Se eu te pedir isso, você deixará?] Tann perguntou.

— Não — respondi sem hesitar.

Tann forçou uma risada. [Eu sei que não posso te impedir de fazer o que quiser. Acho que só posso me sentar aqui e ficar preocupado com você.]

Passei minha mão no rosto e cortei a conversa. — Apenas me envie o número e farei o que bem entender com isso. E... vá dormir. Me desculpe por incomodá-lo.

[Vou te enviar, mas posso escutar um “boa noite” como recompensa?]

*O que deu nele? Tomei a decisão certa ao ligar para ele?*

Respirei fundo e soltei lentamente o ar para acalmar minha mente. — Boa noite.

[Boa noite para você também.] E então ele encerrou a ligação. Coloquei o celular com a tela virada para baixo na mesa. Minha mão voltou para o meu rosto pela segunda vez. Repreendi-me mentalmente por ter a audácia de ligar para alguém às duas da madrugada por culpa da empolgação que não consegui controlar. Eu devia ter ligado para Boon e escutado suas reclamações. Seria melhor do que ter que aguentar os flertes de Tann antes de dormir.

Contudo, um sorriso sempre escapava dos meus lábios quando ele falava desse jeito comigo. Toda maldita vez.



A primeira coisa que vi ao entrar na Sala de Exames Forenses foi um saco de Khao Tom Mud, o maior que eu já havia visto, para ser exato, junto com lanches e comida tailandesa local enfileirados em minha mesa. Fiquei lá, perplexo, enquanto os enfermeiros e enfermeiras da Emergência se apressaram para entrar, liderados por Tik, a enfermeira sênior que era como uma querida tia para mim. Ela me segurou com força assim que me viu entrar na sala.

— Oh, graças a Deus. Graças a Deus você voltou seguro, doutor. — Ela deu um passo para trás, levantando as mãos para ajustar a gola da minha camisa. — Como você está? Não está machucado, está?

— Estou bem. — Levantei minha cabeça para olhar para outras enfermeiras e acidentalmente encontrei o olhar de Kai, a enfermeira que é minha

ex-namorada. Estávamos tentando o nosso melhor para evitar um ao outro desde que terminamos, ano passado. No entanto, ali estava ela, diante de mim, e o alívio era evidente em seu rosto quando viu que eu estava bem e seguro. Dei a ela um sorriso fraco. Pelo menos tínhamos boas lembranças juntos.

— Dr. Bunn, venha comer. Nós preparamos essa refeição para recebê-lo. Depois você pode voltar ao trabalho. — Tik me puxou pelo braço até a cadeira. Olhei para a sacola com o Khao Tom Mud, desconfiado.

— Esse monte de doce parece muito familiar, não acha?

— São do Sorrawit, doutor. Ele deixou para você de manhã. — Tik entregou-me os talheres. — Você não tem ideia de como estávamos assustados quando você desapareceu. Eu não conseguia trabalhar de jeito nenhum, só conseguia rezar para que você voltasse bem.

Olhei para a sacola de Khao Tom Mud e pensei no garoto que a trouxe aqui. Um menino alto e esguio com uma personalidade encantadora. Se ele pôde me trazer isso, deve estar bem e feliz.

— Pessoal, eu não consigo comer tudo sozinho. Vocês são bem-vindos para se juntarem a mim.

Suthat, um enfermeiro, estendeu a mão para pegar um pouco do Khao Tom Mud da sacola. — Sim, falando naquele rapaz, ele não veio aqui sozinho esta manhã. Ele estava com um aluno de uma escola técnica em sua moto.

— Bem, você não sabe? Nosso médico foi trocado — outra enfermeira falou para provocar.

— Foi por isso que ele trouxe essa sacola enorme de doces, para confortar meu coração partido — respondi, entrando na brincadeira. A pequena Sala de Exames Forenses estava cheia de conversas enérgicas e alegres. Fiquei muito feliz por estar com meus adoráveis colegas. Eu não sabia se encontraria uma atmosfera tão amigável em meu novo local de trabalho. Boon queria que eu trabalhasse como professor de medicina na universidade, e imagino que a atmosfera de lá seja completamente diferente daqui.

Antes que cada um seguisse seus caminhos para suas respectivas funções, tirei uma selfie com todos, mantendo a foto como uma das muitas boas lembranças da minha vida.



Não é uma surpresa que as pessoas frequentem um dos poucos shoppings da província. Sentado em um dos restaurantes no subsolo do

shopping, fiquei observando as figuras que passavam. As pessoas daqui eram diferentes das de Bangkok. Aqui, ninguém se importava se você se vestia inadequadamente para ir ao shopping. Alguns estavam com roupas casuais, outros vestiam Phasin, e outros usavam roupas para ficar em casa. Havia até pessoas usando os trajes da tribo das montanhas do norte da Tailândia. Eu nem queria pensar em voltar a viver entre homens e mulheres que se vestiam extravagantemente e usavam maquiagem pesada.

O som de passos de salto alto tirou minha atenção da multidão. Uma jovem mulher de vestido branco simples na altura dos joelhos e maquiagem leve no rosto caminhava em minha direção. Levantei-me como sinal de respeito.

— Você é a Srta. Rungthiwa? — perguntei. A mulher concordou com a cabeça. Percebi que ela estava evitando o meu olhar. — Vamos pedir comida.

— Eu não estou com fome, na verdade. — Ela sentou-se na cadeira à minha frente. — Você queria conversar comigo, doutor? Tenho aula à tarde, então não tenho muito tempo. — Ela ergueu o pulso para olhar o relógio como se estivesse tentando me apressar.

Olhei para a mulher à minha frente. O nome dela é Rungthiwa, irmã biológica de Janejira. Eu tinha ligado para ela dizendo que era o patologista responsável pela autópsia de Janejira e que precisava discutir algo com ela. A mulher recusou a princípio, dizendo que se eu quisesse conversar, teria que ser por telefone. Mas insisti em encontrá-la pessoalmente, alegando que eu queria mantê-la atualizada sobre o progresso que fiz.

O estranho é que parecia que Rungthiwa realmente não queria ouvir o que eu tinha a dizer sobre a morte de sua irmã.

— Vou direto ao ponto, então. — Juntei minhas mãos sobre a mesa. — Janejira, sua irmã, foi assassinada. Você sabia disso?

Srta. Rungthiwa arregalou os olhos.

— O quê?

— Eu soube que era um falso suicídio assim que pus os pés na casa de Janejira, mas fui ameaçado pelos homens do promotor para relatar a causa da morte como suicídio. Foi por isso que fui sequestrado um tempo atrás. — Encarei Rungthiwa com um olhar penetrante. — Durante o desaparecimento de Pert, você entrou em contato com ele?

— Contato... Como, exatamente? — Ela franziu as sobrancelhas. — Pert estava morto.

— Mas ele estava vivo durante o seu desaparecimento.

— Por que você suspeita que eu tenha falado com ele durante esse tempo? — Rungthiwa olhou para o relógio de novo e se levantou. — Preciso ir agora.

Por uma fração de segundo desejei que eu tivesse me tornado um psiquiatra. Eu seria melhor em pegar as pessoas mentindo se não tivesse dormido durante minhas aulas na ala psiquiátrica. Mas havia uma coisa que não tinha escapado da minha atenção: ela não parecia tão chocada depois de ouvir que sua irmã havia sido assassinada. — Espere, srta. Rungthiwa.

Ela parou e se virou para me olhar. — Sim?

— Acho que seu celular está tocando. — Apontei para a sua bolsa.

— Oh, obrigada. — Ela abriu a bolsa, procurando pelo aparelho. — Bom, se me der licença... vamos retomar isso mais tarde, se você tiver tempo. E-E sobre Jane, eu mesma entrarei em contato com a polícia.

Rungthiwa virou-se e foi embora, olhando para a tela do celular. De repente, ela parou no meio do caminho e lentamente voltou-se para mim com uma expressão de pânico. Levantei-me da cadeira e observei sua reação. O canto da minha boca se ergueu vitoriosamente, quase sorrindo. Com passos rápidos, Rungthiwa tentou se afastar do restaurante, mas um homem alto sentado ao lado da minha mesa se levantou e bloqueou o caminho dela. O homem tirou seus óculos escuros com lentes castanhas claras. Em sua mão estava o celular branco de Pert.

— Eu sou um policial — Capitão Aem apresentou-se para Rungthiwa com uma voz grave. — Por favor, entregue seu telefone.

Em um mundo onde a tecnologia está tremendamente avançada, é difícil acompanhar seu ritmo. É preciso ser extremamente cuidadoso ao se comunicar com alguém, pois qualquer passo em falso pode resultar em um erro terrível. Para ser honesto, eu não fazia ideia se Rungthiwa ainda tinha a conta do LINE que usou para se comunicar com Pert em seu celular, ou se já havia bloqueado a conta dele, mas valia a pena tentar. Então, pedi para o capitão Aem ligar para aquele misterioso número no celular de Pert. Se tivéssemos sorte, o telefone de Rungthiwa tocaria. Caso o plano falhasse, eu tentaria outros meios.

Eu não sabia de que maneira a Srta. Rungthiwa estava envolvida com Pert, ou se ela estava envolvida na morte de Jane, mas, pelo menos, eu sabia que ela havia mentido sobre ter falado com ele. Imaginei que eu teria que deixar a investigação completa para a polícia, então amanhã eu ligaria para Aem novamente para falar sobre isso.

Moral da história: se você quiser entrar em contato com um homem morto sem que ninguém saiba, não se esqueça de deletar e bloquear a conta da pessoa com quem você conversou.



[Rungthiwa confessou. Ela colocou cianeto no café do Pert.]

— Belo trabalho, Aem — falei com uma mão segurando o telefone, enquanto a outra continuava a escrever o relatório da autópsia que eu tinha acabado de fazer. Era uma senhora de oitenta e cinco anos que morreu de maneira desconhecida em casa, no quarto dela. Assim que abri seu crânio, encontrei um grande volume de sangue que jorrou das artérias cerebrais. Nenhum sinal indicava que ela fora atingida na cabeça, então, considerando sua idade e condições médicas preexistentes, a causa da morte foi listada como "causa natural". — Por que ela o envenenou? Ela sabia que Pert não havia sido sequestrado como diziam as notícias?

[Acontece que os dois trabalharam juntos para ocultar a verdadeira causa da morte de Janejira.]

Minha mão parou após as palavras do Capitão Aem. — O que você disse?

[Rungthiwa me disse que na noite de dez de dezembro, às sete da noite, ela foi até o quarto de Janejira para se encontrar com a irmã. Ela bateu na porta por um bom tempo, mas ninguém atendeu, então ela usou uma chave reserva para abrir a porta. Quando ela entrou, viu Pert tentando pendurar o corpo de Jane. Ela tentou pedir ajuda, mas Pert a ameaçou, dizendo que se ela contasse para alguém, ele iria matar ela e a família. Por isso a srta. Rungthiwa manteve isso em segredo e se recusou a nos contar o que aconteceu e...]

O Capitão parou de falar no meio de uma frase porque deixei escapar uma risada. — Desculpe, Aem. Por favor, continue. Estou escutando.

[Ela não sabia o que fazer, então voltou para casa e esperou até que Tann encontrasse o corpo. Depois disso, informamos a Srta. Rungthiwa sobre sua irmã, então ela foi até a cena do crime e chorou quando viu o corpo da Janejira. Ela teve medo de nos contar sobre Pert porque estava apavorada com a ideia de perder a vida. Quando soube que Pert estava desaparecido, ela descobriu para onde ele havia fugido e fez outra mulher entrar em contato com ele. Ela ligou para Pert, disse que queria vê-lo e o ameaçou dizendo que se ele não fosse, ela iria contar o que aconteceu com Jane. Pert disse que se encontraria com ela no armazém, e a Srta. Rungthiwa envenenou o café que ofereceu para ele. Tudo porque ela estava com medo de que ele fosse matá-la.]

— Essa é uma história e tanto. — Balancei minha cabeça.

[O que você acha, doutor?]

— Imagine um encontro onde sua vida está em jogo. Quero dizer, acho que eu não estaria com vontade de comprar café para ele. E se eu fosse Pert também não ousaria beber o que quer que ela trouxesse. Além disso, Aem... — Coloquei a caneta na mesa e virei-me para olhar Anun, que estava costurando o crânio da falecida.

[Sim?]

— A Srta. Rungthiwa afirmou ter ido se encontrar com Janejira às sete da noite, quando viu que a irmã estava morta. — Parei por alguns segundos. — Mas a hora estimada da morte foi entre oito a doze horas, o que significa que Jane deve ter morrido por volta da meia-noite.

O Capitão riu.

[Talvez ela não saiba que o patologista pode estimar a hora da morte. Qualquer que seja a verdade, não vai ser fácil de descobrir. Aparentemente alguém está mentindo. Ah, e eu achei fotos de Pert e Rungthiwa juntos no celular. Deve ter algo a mais que nós não sabemos.]

Senti-me muito mal por aqueles que tinham zero controle sobre seu desejo sexual como Pert. Eles acabavam mortos às custas de seus desejos lascivos. — Mantenha-me informado, Aem.

[Claro. Aliás, quando você vai embora?]

— Mais ou menos no meio de janeiro. Estou esperando o hospital achar um substituto. Nós temos uma candidata, sabia? Uma patologista — provoquei o capitão, sabendo que ele gostava de cobiçar secretamente garotas bonitas. Era só o que ele podia fazer, observar, pois já tinha uma esposa.

[Ah.] Foi a resposta do Capitão. [Mas ela irá trabalhar tão bem quanto você?]

— Está preocupado com o meu trabalho? Aposto que você está sorrindo igual a um idiota agora sabendo que minha substituta será uma mulher. — Tive que me vingar, visto que o capitão sempre me provocava sobre Tann.

Aem limpou a garganta.

[Sim, tenho uma fonte interna que diz que o inspetor pode ser transferido para outro lugar. Presumo que haverá uma grande reestruturação na força policial local. Na verdade, estou apavorado, embora não tenha me envolvido muito nesta situação.]

— Apenas faça o seu melhor por agora, Aem. — O capitão e eu conversamos por mais alguns minutos antes de desligarmos. Deslizei a pilha de papéis da minha mesa para os arquivos, sentindo como se uma pedra enorme tivesse sido tirada do meu peito. Eu finalmente sabia quem matou meu amigo. Queria que ele soubesse que não havia mais nada com o que se preocupar. *Você pode descansar em paz agora, Pert. Espero que você nasça bonito de novo na*

*próxima vida, seja mais fiel à sua namorada e não tire a vida de ninguém de novo. Ou você vai acabar morrendo cedo.*



Minha respiração ficou presa na garganta quando pensei no rosto dele. Inspirei profundamente e expirei lentamente antes de me virar para dizer adeus a Anun e sair da sala de autópsia. Assim que saí do prédio, dei de cara com Tann encostado em um poste ali perto, esperando por mim. Parei, olhando para o homem que apareceu sem aviso prévio. Tann se virou para me ver e veio em minha direção. — Acabou seu turno?

— Sim. — Eu o encarei. — Por que você está aqui? Por que não me ligou para avisar que vinha?

— Eu tentei, mas sua linha estava ocupada. Perguntei para o pessoal daqui e disseram que você ainda estava lá dentro, então esperei.

— Oh. — Ele deve ter me ligado enquanto eu estava na chamada com o Capitão Aem. — O que você está fazendo aqui?

— Quero te levar àquela rua que está fechada para pedestres. É noite de sexta. — Tann pegou minha mão. — Por favor, venha comigo. Nós nunca fomos lá.

Fiquei em silêncio por alguns segundos. Parando para pensar, Tann e eu nunca tivemos um encontro assim. Desde que me mudei para cá, fui poucas vezes a essa rua, e em uma delas levei minha ex-namorada, Kai.

— Bem, claro. Parece legal. Faz um tempo que não vou lá.

Tann sorriu fracamente.

— Entre no meu carro, vou te levar para casa na volta.



A ideia de proibir o tráfego de carros à noite em uma rua para torná-la uma área livre para barracas de comida e varejo acabou ficando muito famosa em muitas províncias do país. Eu gosto desse tipo de atmosfera, de ver um grupo diversificado de pessoas vindo aqui para gastar dinheiro e os comerciantes tendo uma área decente para ganhar a vida. Pude ver produtos caseiros da comunidade e bandas de rua locais que criaram um burburinho musical para fazer essa rua

parecer ainda mais atraente. Tann e eu estávamos em uma das bancas de comida que vendiam um prato de omelete de ostra que dava água na boca.

— Dois omeletes de ostra, por favor — Tann pediu sem perder o ritmo. Seus dois braços estavam com tantas sacolas de comida que não havia espaço para mais.

— Dê algumas para mim, vou te ajudar. — Tentei pegar algumas sacolas de Tann pela terceira vez, mas ele continuou, teimosamente, a carregar todas sozinho.

— Seu único trabalho é comer. — Tann virou-se, evitando que eu pegasse as sacolas. Suspirei, aborrecido. Com os braços cruzados sobre o peito, olhei para a frigideira na qual a omelete de ostra começava a ficar crocante e amarelada, exalando um cheiro delicioso pelo ar.

— Minha barriga vai explodir se eu comer tudo isso. — Dei uma olhada na comida que compramos sem pensar.

— Bem, estou bem com isso — disse o cara de um metro e oitenta. Torci para que seu estômago fosse tão grande quanto sua altura. — Se você comer tanto ao ponto de não conseguir andar, eu te carrego até a sua casa.

— Ei, eu sou uma pessoa, não uma píton. Eu consigo me mover depois de comer. — Paguei pelas omeletes de ostra antes que Tann conseguisse fazê-lo, e peguei a sacola. — Isso é o suficiente para mim. Vamos encontrar um lugar para nos sentarmos e comer.

Tann me levou para o parque perto do canal, não muito longe de onde estávamos. Nos sentamos na grama perto da borda, iluminada pela luz. Ele entregou-me uma sacola de almôndegas fritas. Abri a sacola e de dentro dela peguei uma almôndega com os hashis, colocando-a na boca. O gosto não era diferente das almôndegas vendidas nas lojas de beira de estrada, mas, por algum motivo desconhecido, essa era mais gostosa. Encarei a superfície da água que refletia a lua cheia. Uma brisa suave e fresca me deixou com frio, mas era tolerável.

— Bunn — a voz de Tann ecoou, quebrando o silêncio —, você vai embora amanhã... Posso te levar ao aeroporto?

— Sim. — Virei minha cabeça para Tann, que estava sentado com as pernas juntas, e percebi seu olhar vagando longe dali. — Você está estressado?

Tann se virou e me olhou com curiosidade. — Como assim?

— O caso e as coisas pelas quais você tem passado ultimamente... você consegue lidar com isso?

Tann ponderou. — Claro que estou estressado. Nesse tipo de situação, qualquer um estaria.

Peguei mais uma almôndega com os hashis e levei-a para a boca de

Tann. — Então coma.

Tann deixou escapar uma risada. — Que humor é esse, agora?

Nem eu sabia a resposta para isso. Eu só queria deixar esse homem mais feliz do que ele estava agora. — Ei, você quer ou não?

— Quero. — Tann se abaixou e pegou a almôndega dos hashis. O ar sombrio que estava ao redor dele parecia ter melhorado. Ficamos comendo e conversando sobre trivialidades. Percebi que Tann tentou não falar sobre o caso. Ele provavelmente estava farto de todas essas coisas. Eu o olhei enquanto ele me contava a história do templo localizado não muito longe do parque.

*O que eu poderia fazer para deixá-lo mais feliz?*

Eu faria qualquer coisa — exceto dar a ele o relacionamento estável que ele queria —, mesmo que fosse apenas um consolo temporário, o que provavelmente seria melhor do que nada.

— Posso ficar na sua casa esta noite? — perguntei de repente, interrompendo a palestra acadêmica de Tann sobre a história dos templos antigos. Ele parou de falar e se virou para mim, surpreso. — Você está agindo estranho hoje, acho que está doente.

— O aquecedor de água da minha casa está quebrado.

— Mas você pode tomar um banho frio.

— Bem, está muito frio. — Peguei a sacola com a omelete de ostras para evitar mais conversa. Ouvi Tann suspirar.

— O que eu faço com você? — Ele parecia emocionalmente cansado e chateado. — Quando começo a aceitar que você não será meu namorado por um longo tempo, você faz isso comigo. Por quê? O que você quer? — Tann se levantou e eu o segui com os olhos. Foi um choque para mim.

— Es-Espera. — Eu o alcancei e agarrei sua mão. Por que ele estava assim? Ele não deveria estar feliz com isso? — Me desculpe.

Tann me olhou e, embora eu não conseguisse ver as coisas com clareza, pude sentir que ele estava machucado. Levantei-me e caminhei lentamente até ele, passando meus braços em volta de sua cintura e apoiando minha testa em seu peito largo, que se movia em sincronia com a sua respiração.

— Quero que saiba que... nunca amei ninguém antes na minha vida, mas agora só consigo pensar em você. Imagine como eu ficaria magoado se nosso relacionamento não durasse. Minha vida amorosa acabou tantas vezes, e eu não quero mais sofrer. Eu quero que você seja “o único”...

Senti Tann prender sua respiração na garganta. Ele segurou a parte de trás da minha cabeça com uma mão e com a outra puxou minha cintura para junto de si. — Se não houvesse o processo e algum problema com a minha mãe, você seria meu namorado, certo?

— Sim.

— Você me ama? — Tann me perguntou num sussurro quase inaudível. Um calor desagradável subiu pelo meu peito como se alguém tivesse acendido um fogo ali, alcançando meu rosto. Agarrei sua camisa com força.

— Sim.

A noite passou com muitos sentimentos que se agitaram dentro de nós. O que fiz foi alimentar a confiança de Tann de que nossos sentimentos eram mútuos e reais, e que valia a pena esperar a longo prazo. Cada palavra, cada emoção e cada toque físico que eu tinha dado a ele nesta noite vão encorajá-lo a ter paciência para esperar até que chegue a hora, o momento em que nossos caminhos se fundirão em um novamente... para não se desviarem mais.



Coloquei a grande bagagem na balança para que ela fosse pesada antes de ser levada ao avião. Assim que vi que o peso não ultrapassava o limite da companhia aérea, um suspiro de alívio escapou da minha boca. Virei-me para oferecer um sorriso à funcionária do balcão que me entregou o cartão de embarque. Ofereci a ela um agradecimento silencioso e arrastei a pequena mala para longe da área de check-in. Observei as pessoas que passavam pelo aeroporto, todas de jaqueta. Eu, por outro lado, tinha tirado a minha e a colocado na mala, sabendo que, provavelmente, quando eu chegasse ao meu destino o tempo estaria tão quente que eu não precisaria mais dela.

Senti como se meu coração estivesse saindo pela boca. Eu estava mesmo indo embora?

Arrastei minha bolsa para o banco perto do portão. Meia hora antes do horário de embarque programado, abaixei-me para me sentar, esperando pelo homem que estava tentando encontrar uma vaga para estacionar. Ele provavelmente chegaria em breve.

— Bunn. — Uma voz familiar chamou pelo meu nome. Olhei para trás e vi Tann vindo até mim com dois copos de sorvete em mãos.

— Está congelando e você ainda quer tomar sorvete?

— Você não sabia que a melhor época para se tomar sorvete é quando o clima está frio? — Tann abaixou-se e sentou-se perto de mim.

Eu ri e balancei minha cabeça, pegando o copo do famoso sorvete da mão dele. — De onde você tirou essa teoria estranha?

— Vou reformular, então: é melhor tomar sorvete com o homem que

você ama — Tann brincou.

Suspirei, aborrecido. — Você não se sente envergonhado ao dizer uma coisa dessas?

— Se eu me sentisse, eu não estaria dizendo. — Tann colocou o sorvete na boca, observando distraidamente quem passava. — Já que você ainda não é meu namorado, tenho que usar esse método de flerte como se tivéssemos acabado de nos conhecer.

— Não somos mais adolescentes. Sou uma pessoa razoável e não me deixo levar pela emoção. Vamos ficar bem. — Provei a textura suave do sorvete, que tinha uma doçura refrescante.

Tann sorriu fracamente. — Bunn.

— Hum.

— Não se esqueça da nossa promessa.

Virei-me para olhar Tann, que estava claramente triste. Enfiei meu cotovelo em sua costela de brincadeira. — Não faça esse olhar de cachorrinho triste. Se você quer que eu mantenha a promessa, então faça o que digo: se recomponha, seja você mesmo, faça o que você ama e seja bom. Apenas seja feliz. — Parei por um momento. — Eu pareço um vovô dando bênção aos netos?

Tann riu. — Parece meus pais dando as bênçãos de ano novo.

Deixei um sorriso escapar. — Então agradeça ao seu vovô.

Tann juntou levianamente as palmas das mãos em forma de gratidão. — Por que...? Obrigado.

— Você é um bom garoto, não é? — Balancei minha cabeça. — Vou para o portão de embarque agora. — Levantei-me e encarei Tann, que estava me olhando tristemente. Ele não falou nada. Nos encaramos sem falar nada por um tempo. Tudo ao nosso redor estava em constante movimento, mas parecia que o tempo entre nós dois estava diminuindo até parar. Algo começou a crescer dentro de mim, uma sensação desconfortável de aperto no peito. A pessoa sentada à minha frente era alguém que acabara de entrar na minha vida, como eu poderia estar sentindo essa falta de ar?

— Tenha um voo seguro — respondeu, finalmente. Ele estendeu sua mão para agarrar meus dedos, como se soubesse que essa mão não era dele ainda. — Ligue para mim quando você chegar em Bangkok, certo?

— Certo. — Não consegui resistir e me aproximei para despentear o cabelo dele com minha mão. — Nós vamos nos ver no tribunal, de qualquer forma.

— Posso te ver fora do tribunal também?

— Certo, certo. Onde quiser. Você é tão exigente... — Tirei a minha

mão do cabelo dele. — Agora, tchau. — Decidi me virar e sair de lá o mais rápido possível. Eu não sabia o porquê de eu ter saído tão rápido se ainda não era hora do embarque.

Talvez fosse porque eu não queria ver seu rosto por mais tempo, pois eu poderia ceder sem pensar. Eu poderia ter me jogado em seus braços e dito “dane-se tudo”, “vamos ficar juntos apesar de todos esses problemas, apesar de estarmos a centenas de quilômetros de distância”, “desculpe, sou exigente demais”, “desculpe por me fazer de difícil”, “desculpe, eu sempre coloco minha cabeça antes do meu coração”.

Parei, olhando para a luz do teto. Foi necessária uma imensa força de vontade para eu não me virar. *Essa é a coisa certa a se fazer*, eu disse a mim mesmo. Considerei isso um teste, um castigo para a vez que ele me enganou. Se Tann passasse no teste, não haveria mais nada a temer. Mas se nos separássemos, por qualquer motivo, não seria tão doloroso quanto o início de nosso relacionamento.

*Mantenha-se firme, Bunnakit... você precisa ser forte.*

# CAPÍTULO 27

**Seis meses depois.**

O corpo em minha frente era o cadáver de um adolescente de dezenove anos de idade, de acordo com o seu RG. Ele foi encontrado perto de um rio, próximo ao cais de transporte público. Encarei o corpo acinzentado e sem vida diante de mim enquanto três das minhas alunas do quinto ano de medicina estavam mais afastadas, com expressões de medo e incerteza gravadas em suas feições. Ajustei minhas luvas brancas de borracha e virei-me para as alunas, todas mulheres.

— Meninas, como vocês vão conseguir vê-lo se estão tão longe? Cheguem mais perto — eu disse ao trio. Boze, um residente de patologia do segundo ano que estava ao meu lado, soltou uma risada.

— É a primeira vez delas, professor?

— Sim, é o primeiro dia do rodízio e elas já tiveram um cadáver de manhã. Este grupo tem sorte! A última turma ficou apenas com cadáveres dissecados. — Fiz um gesto para o corpo. — O que você acha, Boze? Diga, por favor.

— Claro... — O residente se agachou ao lado do cadáver com uma expressão pensativa. — A pele está encharcada, cinzenta, fria e enrugada. Há vestígios de espuma branca nos cantos da boca, possível resultado de asfixia. No geral, sua morte deve ser consequência de um afogamento.

— Mas como sabemos se esta pessoa morreu antes ou depois de ser jogada no rio? Ou ele apenas se afogou?

— Hum... não podemos dizer com exatidão no momento. Ajudaria se encontrássemos pedras ou destroços de onde ele se afogou em suas mãos, pois isso indicaria que ele ainda estava vivo quando se afogou... porém, nesse caso, não encontramos nada com ele.

— É difícil conseguir, mas ajudaria se encontrássemos esse tipo de evidência. O que mais? — Será que eu estava sendo muito duro com minhas alunas? No entanto, tenho que cumprir meu dever de professor. E eu me considerava um dos professores menos rigorosos.

— Precisamos abri-lo. Se ele ainda estava vivo quando se afogou, será possível encontrar sujeira e lama em seu trato respiratório inferior, resultado de

quando se inala água, ou também podemos encontrar água em seu estômago. — Boze me olhou e ficou tenso, como se estivesse com medo de ter dito algo errado.

— Concordo com você. Vamos abri-lo esta tarde. Há muitas coisas para aprender e nós aprenderemos juntos durante a dissecação. — Tirei as luvas e afastei-me para dar a Boze um espaço para ele tirar fotos do cadáver. Quando tive certeza de que tínhamos todas as fotos necessárias, virei-me e sorri para o trio. As meninas vestiam uniforme universitário e calças, o único traje que eu permitia, já que haviam atividades que exigiam flexibilidade, e usar saias não permitiria tal eficiência. — Se precisarem de fotos para a conferência de caso, podem consegui-las com Boze. Não há necessidade de vocês tirarem.

— Obrigada, professor — respondeu uma jovem de óculos. Ela parecia animada.

— Vamos discutir o estudo deste caso quando voltarmos para a faculdade. Vocês terão aula com o professor Vutt à tarde, certo? Por que não pegam as fotos à noite, então? Ei, Boze, venha aqui e ensine às meninas o que sabe sobre afogamento. — Com isso, escapei da minha palestra para falar com a polícia, deixando Boze continuar a aula.

Meu papel como médico forense mudou muito depois que me mudei para cá. De um médico forense que trabalha dia após dia dando palestras ocasionais para estagiários, passei a ser um professor de medicina em tempo integral. Voltei como professor na universidade em que me formei e, apesar do luxo de estar em um ambiente familiar, tive que trabalhar duro para me ajustar a essa nova função. Minhas responsabilidades agora eram maiores, os casos mais difíceis de lidar e também havia pressão de professores veteranos. Eu não era mais o único patologista da província, mas sim apenas um jovem professor com pouca experiência que estava lecionando há apenas alguns meses.

Passei a tarde inteira ensinando aos residentes sobre a dissecação anatômica do homem que morreu afogado e de um paciente falecido no hospital. Quando saí da sala de autópsia fria e escura, estava cansado. Olhei para o sol escaldante do lado de fora e soltei um suspiro. *Por que é tão quente aqui em Bangkok?* A temperatura entre o interior e o exterior era totalmente diferente.

— Bunn... — Ao ouvir alguém me chamar, transformei meu rosto irritado em um sorriso falso. Era o Dr. Vutt, um patologista veterano. O homem caminhou em minha direção. Ele pareceu surpreso, como se me encontrar ali tivesse sido pura coincidência. — Você terminou agora?

— Sim. — Olhei para o homem à minha frente. Vutt era alto e magro. Seu rosto, como outros membros do departamento e eu o apelidamos, parecia "um cachorrinho fofo". Ele parecia ser bom e maduro, o que era condizente com

um homem que estava fazendo trinta e cinco anos. Além disso, era também colega de faculdade do meu irmão, e isso lhe deu o privilégio de saber o que estava acontecendo na minha vida. — E você ? Por que a sua palestra demorou tanto?

— Fiquei preso no tribunal e me atrasei quase uma hora para a minha palestra.

— Certo. — Balancei a cabeça em reconhecimento. — Bem... se você me der licença...

— Hum, Bunn, espere — Vutt me chamou antes que eu pudesse me virar e ir embora. — Você está livre esta noite?

*Aqui vamos nós novamente*... O sorriso falso permaneceu no meu rosto. — Eu estaria mentindo se dissesse que estarei ocupado.

Vutt permaneceu em silêncio por um momento enquanto tentava entender o significado por trás das minhas palavras antes de um sorriso escapar de seus lábios. — Isso significa que você está livre, então? Bem, há um novo restaurante japonês perto da minha casa. A decoração do interior é linda e eles oferecem um desconto especial no cardápio para clientes que vão em dupla. Sushi de enguia ou algo parecido. Se você estiver livre, gostaria de se juntar a mim?

Esta era a segunda vez que Vutt se esforçava para demonstrar seu interesse em mim. A primeira havia sido no mês anterior. Eu nunca falei diretamente sobre isso com ele, mas Boon me disse que Vutt tinha uma queda por mim. Sempre tentei evitá-lo, pensando que, se não lhe desse atenção, ele provavelmente pararia de me incomodar. No entanto, embora já fizesse certo tempo agora, Vutt ainda me perseguia incansavelmente. Acho que era hora de conversarmos. — Sim, claro.

Parecia que Vutt iria explodir de felicidade.

Nós entramos em um lindo restaurante com decoração em estilo japonês. A luz laranja, as pinturas, as divisórias de bambu e a melodia japonesa misturada com algum tipo de perfume abriram nosso apetite. Vutt me convidou para sentar em um canto do lugar. Peguei o menu da garçonete e fiz uma careta quando olhei para ele.

*Vai custar uma fortuna*. Procurei o prato mais barato que encheria meu estômago. Na verdade, eu não era uma pessoa exigente com comida e não me importava em comer nas barracas de comida de beira de estrada. Eu não me impressionaria facilmente só porque alguém me levou a um restaurante chique. Vutt provavelmente não sabia desse fato.

Apenas algumas pessoas sabiam disso. Uma delas era *ele*.

Arroz glutinoso, torresmo, macarrão com chilli, salsichas tailandesas

picantes. Os pratos comuns que “ele” comprava no mercado rústico foram as refeições mais deliciosas que eu comi naquele lugar.

*Meu Deus, como eu sinto sua falta.*

— Vamos querer um combo de sushi especial. — A voz de Vutt me tirou do meu devaneio. Olhei para o menu mais uma vez. O prato que ele havia pedido, embora com desconto, ainda era muito caro. — Algo mais? Peça o que quiser. O jantar é por minha conta.

— Ei, espera, você vai pagar para mim? — Protestei rapidamente — Nós podemos dividir.

— Não, não. Eu estou tomando o seu tempo valioso. Eu pago. — Vutt deu um grande sorriso. — Se você não vai pedir mais nada, pedirei por você. Nós vamos querer outro deste. — Ele se virou para a garçonete e apontou para algo no menu. Soltei um suspiro. *Faça o que você quiser fazer.*

Eu esperei que a garçonete fosse embora com o menu antes de ir direto ao ponto. — Vutt, o que você sente por mim?

Uma expressão de choque surgiu em seu rosto — O que você quer dizer?

— Você gosta de mim, não é? — perguntei de forma franca. — Boon me contou.

— Hum... — Vutt coçou a cabeça. — Bem... sim, como eu disse, gosto de você desde que começou a trabalhar aqui. E você também é irmão do meu amigo. No início, eu não tinha certeza se você era gay, então decidi perguntar ao Boonlert.

— O que ele disse?

— Ele disse que você costumava namorar homens e mulheres, mas que parece gostar mais de homens — disse Vutt, mexendo com o copo d'água como se estivesse tentando ficar menos nervoso. — E ele disse que você não tem namorado, então, se eu estivesse interessado, poderia tentar te convidar para um encontro.

Parecia que Boon estava tentando juntar nós dois. Eu diria umas verdades para o “quatro-olhos” mais tarde. — Hum — foi tudo o que eu disse.

— Agora que você tocou no assunto, posso perguntar diretamente a você. — Vutt respirou fundo. — Provavelmente é muito cedo para isso, mas... você gosta de alguém? Se não houver ninguém, posso te chamar para sair?

Olhei para ele friamente antes de observar a luz do sol poente que passava pela parede de vidro. — Estou esperando alguém.

Vutt ficou visivelmente triste. — É mesmo?

— Sim. — Assisti às pessoas passando do lado de fora. — Desde a última vez que nos encontramos, conversamos cada vez menos. Faz um mês que

não falo com ele por telefone. — Agora que ele tocou no assunto, senti vontade de desabafar. — Sua vida agora está complicada demais para ele ainda ter que dedicar um tempo para mim.

Depois da última vez em que fui convocado a comparecer perante o tribunal como testemunha, Tann e eu conversamos cada vez menos. A última notícia que tive foi que sua mãe estava piorando. O hospital precisou entubá-la e transferi-la para a UTI. Eu tinha ligado para Tann uma vez e conversamos apenas brevemente antes que ele precisasse desligar para cuidar dela. Portanto, eu não ousaria ligar para ele novamente se não fosse uma emergência.

Eu sabia que isso poderia acontecer. Enquanto estava sob julgamento, Tann ficou desempregado, foi tachado de filho de uma máfia cruel e sua mãe ficou gravemente doente. Se estivéssemos juntos agora, iriamos brigar muito, com certeza.

— Mas você ainda quer esperar por ele? — Vutt arriscou. — Esperar para sempre... você não se cansa disso?

— Eu não preciso, mas me dê tempo para deixá-lo ir. Quando e se eu estiver pronto para deixá-lo, eu te avisarei. — Virei-me para Vutt e sorri discretamente. — Nossa... Mas talvez você tenha que esperar por muito tempo.

Vutt respirou entre os dentes como se tivesse sido queimado. — Boonlert me avisou sobre você. Ele disse que você é um homem complicado. Pude ver pelo seu temperamento e por seus trabalhos recentes, mas nunca pensei que sentiria isso em primeira mão.

— Provavelmente é por isso que estou sempre sendo chutado. — O primeiro combo de sushi havia chegado. Estendi os hashis para pegar um sushi e colocá-lo no meu prato. — Mas eu realmente sinto muito. Você é tão legal, me trazendo neste restaurante chique...

— Não, está tudo bem. Fico feliz que você tenha deixado isso claro. — O professor de medicina suspirou. — Se Boonlert me dissesse que você já gostava de outra pessoa, eu não teria me aproximado, mas ele não disse nada.

— Vamos chutar a bunda dele depois que terminarmos de comer isto. — Vutt e eu explodimos em uma gargalhada ao mesmo tempo. Fiquei feliz por ele parecer me entender bem, pois assim eu não me sentiria incomodado ao trabalhar com ele.



O portão foi aberto logo depois que toquei a campainha. De repente, uma pequena figura avançou para abraçar minhas pernas assim que a porta se abriu. Era uma garotinha. Ela estava usando um vestido rosa com seus cabelos ondulados em tranças. Sua pequena voz soou alto com entusiasmo: — Tio!!!

— Você cumprimentou seu tio adequadamente, querida? — May, minha cunhada, falou com sua filha com uma voz doce. Olhei para ela e sorri. May, ou Dra. May, era uma médica linda de cabelos longos e lisos. Meu irmão teve que travar uma guerra contra dezenas de homens para conseguir pedir sua mão em casamento. Atualmente ela era professora de medicina no Departamento de Psiquiatria de uma das prestigiadas escolas de medicina.

Baitoei pareceu se lembrar do que deveria fazer. Ela recuou e juntou as palmas de suas mãos antes de se curvar ligeiramente e dizer: — Olá, tio.

— Da próxima vez cumprimente seu tio antes de abraçá-lo. Entendido?

— Sim, mamãe — Baitoei respondeu em um tom cantante e correu de volta para abraçar minhas pernas com força. Eu ri de forma relaxada. Meu cansaço havia evaporado por causa dessa garotinha. Passei a mão em sua cabeça acariciando. Ela com certeza puxou o cabelo ondulado de seu pai.

— Fez muito bem, Baitoei. Eu tenho um doce para você.

Baitoei levantou a cabeça para olhar para mim. Seus olhos brilhavam com expectativa. — “Macalons”.

— É macarons, linda. — Levantei uma sacola contendo uma caixa com macarons coloridos. — Se você quer eles, vá lavar as mãos.

— Sim! — Baitoei gritou e correu para dentro da casa. May olhou para mim com um sorriso e chacoalhou a cabeça.

— Ela já escovou os dentes.

— Não vejo por que ela não pode escová-los de novo. — Olhei para dentro da casa, que estava fortemente iluminada pelas luzes. — O que Boon está fazendo?

— Acho que ele está desmaiado lá em cima. Venha, vamos entrar. — May se virou e me levou para dentro do sobrado moderno. Boon comprou esta casa em um conjunto habitacional para a sua família. Não era longe da casa de nossos pais, assim Boon poderia cuidar deles facilmente. Eu ficava em uma residência reservada para professores do corpo docente e ocasionalmente dormia na casa dos meus pais.

Assim que entrei na sala, vi papéis de revistas de pesquisa, impressos da internet, espalhados sobre o sofá e uma mesa de centro. Um livro didático de psiquiatria estava aberto. — Você está trabalhando em uma nova pesquisa?

— Me desculpe, está uma bagunça. — May se abaixou para tirar os papéis do sofá para que eu pudesse sentar. Coloquei a sacola com os macarons

na mesa e corri para ajudá-la. — Não é uma pesquisa. Estou investigando o caso de um dos meus alunos de medicina que parece ter experimentado algum tipo de alucinação repentinamente. Ele está no hospital agora. É um caso fascinante, difícil de tratar. Estou tentando encontrar abordagens novas e eficazes de psicoterapia.

— Oh, certo. Continue, May. — Olhei para a pilha de papéis cheios de conhecimento, que não estavam relacionados à minha especialidade. — Eu realmente admiro as pessoas que trabalham na área da psiquiatria. Não conseguiria manter uma conversa por tanto tempo.

— Então você optou por se livrar totalmente da conversa? — May me provocou com um sorriso e eu ri, sugerindo uma aceitação. De repente, os olhos dela desviaram-se para a escada. Segui seu olhar. — Oh, lá está ele! Nosso zumbi de estimação. Seu irmão veio ver você.

— Aham... ele me contou por telefone. — Boon, meu irmão, bocejou. Ele usava uma camiseta e uma cueca samba-canção. O ar de Professor Assistente desapareceu. Ele provavelmente sabia que o convidado era o seu próprio irmão, por isso se permitiu aparecer vestido como um vagabundo. Aproximei-me dele, agarrando seu braço e puxando-o para a cozinha, passando direto pela pequena Baitoei, que pulou em direção à sacola de macarons. Boon olhou para mim nervosamente.

— Que diabos, Bunn?

— Por que você disse ao Vutt que estou solteiro? — sussurrei com minha voz firme.

— Porque meu amigo me perguntou. Eu basicamente falei para ele a verdade. O que há de errado com isso? — Boon sorriu, olhando-me com interesse. — O que aconteceu?

— Ele me convidou para jantar, isso que aconteceu. Tipo, umas mil vezes, e continuou convidando. Então sai com ele hoje para conversarmos sobre esta situação. E você — apontei o dedo para Boon —, fique longe dos meus assuntos pessoais de agora em diante.

— Tá, tá, me desculpe. Vi que estava sozinho, então tentei encontrar um amigo para você. — Boon parou por um momento. — Você não está bem.

— Não estou bem? Eu estou perfeitamente bem. — Suspirei profundamente. — Isso era tudo o que eu queria dizer. Fique fora disto. Posso lidar com a minha própria vida.

Eu estava prestes a voltar a brincar com minha sobrinha, mas Boon me interrompeu. — Tann não te ligou?

Parei e olhei para o chão. — Não... Não conversamos há algum tempo.

— Bem, e agora? Você não vai se dar uma chance de conhecer alguém?

Virei-me e olhei para Boon, que estava com os braços cruzados olhando para mim. — Se você não parar, não vou mais falar com você.

— Você me ameaça assim desde sempre. — Boon levantou os ombros. — Tudo bem, tudo bem, sem mais perguntas. Mas se precisar de alguma coisa, é só me perguntar.

— Humm. — Então me lembrei de algo. — E minha passagem de avião? Você já encontrou alguma com um preço bom?

— Na verdade, há muitas. Mas acho que você deveria considerar a qualidade das companhias aéreas. O preço não precisa ser muito barato. Um voo para os Estados Unidos leva, tipo, mais de vinte horas. Você não ficará bem se voar com uma companhia aérea ruim. — Boon ficou em silêncio por um momento e suspirou. — Você voltou há menos de um ano e já está me deixando de novo?

— Isto é diferente. Desta vez vou fazer uma pós-graduação e depois volto para pagar minha bolsa de estudos aqui. A propósito, não esqueça de me enviar o link de uma passagem não muito cara. — Com isso, fui até Baitoei, que estava sentada no sofá, feliz, mastigando um macaron rosa. Sentei-me ao lado da minha sobrinha e levantei minhas mãos para brincar com seus cabelos. A felicidade da paternidade deve ser algo muito bonito. Lembrei-me do dia em que Boon me enviou a foto de sua filha recém-nascida e, mais tarde, ligou para mim para se gabar incessantemente da fofura dela. Imaginei que não teria esse tipo de oportunidade a menos que encontrasse uma esposa para conceber um bebê.

No entanto, não seria justo com a mulher no relacionamento. Prae, minha ex-namorada, disse que queria ser a última garota enganada por mim. Depois desse incidente, tomei a decisão de parar de fazer isso. Eu nunca mais namoraria uma mulher para me esconder. Aceitei minha orientação e continuei minha vida.

— Tio, obrigada. — A voz alegre de Baitoei me trouxe de volta à realidade. Minha sobrinha se virou e me abraçou com força. — Por favor, venha me visitar mais vezes.

— É claro. Não se esqueça de escovar os dentes depois dos doces também. — Abaixei-me para dar um grande beijo em sua bochecha e levantei-me. Já que não podia ter filhos sozinho, eu amaria Baitoei como se fosse minha filha. Nós compartilhamos o mesmo sangue, afinal. — É melhor eu ir para casa. Vejo você mais tarde, docinho.

Depois de me despedir de Boon e May, voltei para a minha pequena residência. Demorei mais de quarenta e cinco minutos e, quando cheguei em casa, joguei-me na cama e peguei meu celular. Havia notificações de conversas no grupo do LINE dos Professores Patologistas Forenses alertando sobre uma

reunião que aconteceria no dia seguinte, uma mensagem do Vutt me atualizando do que estava acontecendo, uma mensagem do meu irmão, enviando o link de uma passagem de avião, e uma mensagem de um aluno que queria me mostrar uma apresentação. No entanto, não recebi nem sequer uma mensagem do homem com quem eu mais queria conversar. Abri a última conversa de Tann comigo, que aconteceu na semana passada. Digitei uma mensagem, "Como você está?", e cliquei em enviar. *Quando não estiver ocupado, ele me responde.* Desliguei a tela, colocando o telefone ao meu lado, e fechei meus olhos.

Eu nunca havia me sentido assim com alguém antes. O vazio dentro do meu peito devia ser algo chamado de "solidão".

Entreguei a pilha de papéis para o homem de meia-idade à minha frente. Ele as pegou com atenção. — Certo, eles aceitaram a sua inscrição e enviaram o programa do curso. Você já reservou a passagem?

— Comprei minha passagem ontem à noite, Professor. — Olhei para os documentos nas mãos do Professor Yongyuth. — Marquei minha entrevista para o visto na segunda-feira e escrevi uma carta de licença. Você poderia assiná-la para mim?

— Muito bem. — Professor Yongyuth, o Chefe do Departamento de Jurisprudência Médica, devolveu-me os documentos. — Fico feliz que finalmente teremos um professor especializado em toxicologia.

— E eu fico feliz por você ter me dado a bolsa, professor. — Dei um leve sorriso. — Também é uma boa oportunidade para praticar uma língua estrangeira.

— Isso! É disso que nosso departamento precisava. Formulei um plano para que os alunos e residentes fizessem suas apresentações em inglês em um período. Quando voltar, você será o responsável, certo?

Não pude fazer muita coisa, exceto sorrir e responder ao seu pedido. — É claro, professor.

— Muito bem. Ah, tenho algo para você. — Yongyuth se virou em sua cadeira. Ele estava agora de frente para a estante atrás de sua mesa, tirando um livro de capa dura aparentemente pesado da prateleira. — Leia para se entreter antes de ir para Nova Iorque. Eles esperam que você tenha um conhecimento básico antes de se juntar a eles.

Olhei para o livro de "entretenimento" que Yongyuth colocou em sua mesa. O título em inglês dizia "*Toxicology*" e sua espessura poderia facilmente causar hemorragia intracerebral se atingisse a cabeça de alguém. — Obrigado, senhor.

Tive que carregar meus documentos e este livro pesado em meus braços para fora da sala do Professor Yonguth. Um pequeno suspiro escapou da minha

boca. Sentia que eu não era eu mesmo desde que cheguei. Eu tinha que ser a pessoa que todos esperavam que eu fosse. Os alunos e residentes esperavam que eu fosse legal e gentil, enquanto os professores veteranos esperavam que eu fosse um modelo, o professor ideal.

Andei pelo corredor ao lado do prédio. Eu precisava levar o livro medonho para a minha sala antes que minha palestra da tarde começasse.

— Ei, precisa de ajuda com isso? — Uma voz familiar me chamou. Achei que meus ouvidos estivessem me pregando uma peça até que me virei e vi a pessoa que me chamou parada com um largo sorriso no rosto, não muito longe de mim. Eu a encarei, atordoado.

— Sorrawit? — Observei o cara alto que caminhava em minha direção. — Como... como você chegou aqui?

O uniforme que Sorrawit estava usando colocou um fim à minha pergunta. Ele vestia um traje universitário com uma gravata da cor da universidade, indicando que ele era um aluno do primeiro ano. O rosto do garoto ainda parecia inocente como sempre, e seu sorriso largo era o mais sincero que já vi. Ele parecia bem, muito melhor que da última vez em que o vi, o que pode ser por causa do seu uniforme escolar e seu cabelo comprido.

— Estou na Faculdade de Medicina. — Sorrawit estendeu a mão para puxar o livro pesado de meus braços. — Falhei no Teste Quota, mas passei no COTMES. Porém não sabia como te contar, porque, quando peguei minha moto e dirigi até o hospital, disseram-me que você tinha se demitido. Fiquei muito triste.

— Você entrou na Faculdade de Medicina? — Olhei para o menino e senti-meemocionado. Um jovem do interior que entrou na Faculdade de Medicina em Bangkok era algo que merecia ser comemorado. Não sabia que Sorrawit era brilhante na escola. — Meus parabéns!

— Fico feliz em saber que você é professor aqui. — Sorrawit olhou para mim com entusiasmo. — Vi você no site da faculdade, então vim lhe encontrar. Não esperava realmente ver você. Estou tão feliz.

Sorri discretamente para Sorrawit, que ainda falava no dialeto do norte, o que me fez sentir como se eu tivesse voltado para aquele lugar mais uma vez. Estendi a mão para dar um tapinha em seu ombro. — Ei, você está em Bangkok, é melhor falar o idioma comum. Entendo o que você está dizendo, mas os outros talvez não.

— Eu sei, eu sei, estou trabalhando nisso, sério. Apenas algumas palavras escaparam e meus amigos ficaram sem entender. — Sorrawit sorriu. — Mal posso esperar para ser um aluno do quinto ano. Quero ter aulas com você, doutor. Oh, quero dizer... ter aulas com o Professor Bunnakit.

— Isso será nos próximos quatro anos. Vou te ver por aqui. Não irei a lugar algum. — Eu estava levando o menino à minha sala. — O que você acha daqui? Encontrou alguma garota que goste? — Provoquei-o casualmente. Estudar durante o primeiro ano da faculdade de medicina não era tão estressante, pois a universidade se concentrava principalmente nas atividades do aluno, então era uma época próspera no amor.

— Não... Não, senhor. — A cor rosa corava as bochechas de porcelana de Sorrawit. — Não posso chegar muito perto de nenhuma garota. Estou saindo com alguém. —

Quase engasguei. — Você está saindo com alguém?!

— Estamos namorando há um tempo. Desde antes de me mudar para Bangkok, na verdade. A pessoa com quem estou saindo se formou recentemente e está vindo procurar emprego aqui. — Sorrawit cobriu o rosto com as palmas das mãos. — É realmente assustador, sério.

Tentei digerir as informações de Sorrawit. Ele devia ter uma namorada mais velha, já que essa pessoa tinha acabado de se formar, o que provavelmente significa que ela era quatro ou cinco anos mais velha que ele. Sim, isso não parecia tão ruim. — Se você tem namorada, não pode mais flertar com outras garotas. É melhor você se comportar, então.

— Eu preciso, senhor, ou terei um olho roxo. Não quero levar um soco ou ter ossos quebrados. — Havia uma expressão de terror em seu semblante. Fiz uma careta para isso. Ela era boxeadora ou algo do tipo? Então lembrei-me de que Sorrawit costumava agir como se gostasse de mim. Um namorado, talvez? Eu queria entrar em detalhes, mas isso pareceria fora de cogitação, pois eu estaria invadindo a vida pessoal do garoto, então eu não disse mais nada. Quando chegamos à sala, conduzi Sorrawit até minha mesa, que ficava perto da janela. Era uma velha mesa de madeira com pilhas de papéis e livros desorganizados.

Se Tann estivesse ali e visse o estado do meu ambiente de trabalho, teria arrancado seus olhos fora.

Tentei tirar Tann de minha mente. — Você pode colocar os livros na mesa. Muito obrigado por me ajudar.

— Sim, senhor. — Sorrawit ficou parado, como se estivesse esperando meu próximo comando.

— Vá fazer uma pausa para o almoço, ou você vai se atrasar para a aula da tarde. — Estendi a mão para dar um leve aperto em seu braço. — Se precisar de alguma coisa, ligue para mim. Anote o meu número.

Sorrawit puxou uma caneta para escrever meu número freneticamente na palma da mão. — Obrigado, senhor. Bom, vou comer arroz... hum, quero

dizer, almoçar.

— Muito bem, te vejo por aí. — Aceitei a despedida formal de Sorrawit em estilo tailandês antes que ele saísse da sala com um sorriso brilhante no rosto. Eu fiquei tão feliz em vê-lo novamente.

Fiquei lá, o observando até que ele desaparecesse da minha vista. Peguei meu telefone para verificar a hora e vi que Tann havia me respondido.

[Minha mãe faleceu.]

Essa foi a primeira mensagem que ele mandou para mim depois de semanas de silêncio.

# CAPÍTULO 28

**Levei quatro horas de viagem para chegar até Tann.**

Assim que eu soube que sua mãe havia falecido, comprei uma passagem de avião que partia à noite. Gastei tempo indo ao aeroporto, pegando um táxi até a rodoviária e esperando que Anun me pegasse e me trouxesse para a casa da mãe de Tann. Quando cheguei ao destino final, eram nove horas da noite.

— Parece que você perdeu o velório, doutor. — Anun olhou para o relógio. Felizmente, ele se ofereceu para me levar, já que não tinha nenhum outro assunto urgente para cuidar hoje. Além disso, ele queria prestar respeito à mãe de Tann no funeral, já que eles se conheciam.

A casa da mãe de Tann era um grande sobrado de enxaimel. Na frente da residência havia uma barraca. Um caixão e uma foto dela estavam na varanda. Olhei para o funeral silencioso e solitário, com apenas poucos convidados ainda sentados e conversando na sala de jantar.

— Poucas pessoas compareceram ao funeral. Todos têm medo do Tann. Mesmo que o caso contra ele tenha sido arquivado, as opiniões das pessoas são difíceis de mudar. — Anun balançou a cabeça e suspirou. — O Sr. Odd é um criminoso e seus dois filhos morreram. Tann tinha apenas sua mãe, e agora ela também está morta. Pobre rapaz, ele não tem mais ninguém.

De repente um tremor sacudiu minha mente violentamente e senti uma sensação desconfortável de aperto no peito. Anun deu um tapinha nas minhas costas e me conduziu até o caixão que estava decorado com flores brancas. Ajoelhei-me e entreguei uma caixa de incenso a ele. Acendi um incenso e o levantei para homenagear a falecida. Desejei que sua alma fosse para um lugar melhor em sua vida após a morte.

— Bunn! — Ouvi a voz de Tann soar atrás de mim. Virei-me, levantei lentamente e caminhei em sua direção. Tann vestia uma camisa e calças pretas. Seu cabelo estava comprido e despenteado. Seu rosto parecia mais envelhecido do que eu jamais havia visto, e ele estava olhando para mim nervosamente.

— Sinto muito pela sua perda — eu disse.

— Você não precisava ter vindo até aqui, de verdade. — Tann respirou fundo.

— Não foi nada.

— Quer mingau? Vou trazer um pouco para você.

Balancei a cabeça e levantei minha mão para tocar seu braço. — Podemos conversar?

Tann me olhou em silêncio por um momento antes de se virar e sair andando. Eu o segui até que ele parou na área escura atrás de sua casa. — Qual é o problema?

Eu não sabia como colocar meus pensamentos em palavras. A culpa estava me sufocando. — Por que... mal temos nos falado? — Eu sabia o que ele tinha passado durante a minha ausência, mas essa frase estúpida ainda conseguiu escapar da minha boca.

Tann franziu a testa. — Minha mãe estava muito doente antes. E estive ocupado. Desculpe se liguei poucas vezes para você.

Senti uma pontada no peito com a sua frieza. Tann não parecia nem um pouco feliz em me ver. — Mas... você não deveria ter desaparecido assim. Eu estava preocupado, porque não sabia o que tinha acontecido com você.

Tann suspirou e desviou o olhar. — Na verdade, há outro motivo que talvez você não saiba. Dói, sabe, cada vez que conversamos, saber que não somos nada além de conhecidos. — Tann se virou para mim. — E, além disso, o homem que você quer não sou eu. Olhe para mim agora. Você ficará melhor se eu simplesmente me afastar.

Olhei para os meus pés, totalmente confuso. Eu só não queria que nosso relacionamento fosse exposto a esses riscos, porque eu o amava e queria estar com ele para sempre. Era o que eu pretendia fazer, mas acabei machucando-o da maneira mais torturante. Só me importei com o que eu queria, nunca pensando sobre o que ele queria. Ele provavelmente queria que eu estivesse lá para lhe dar apoio moral e lutasse contra todas essas provações. Eu fui... muito egoísta.

Aproximei-me lentamente dele. Do que eu tinha medo? Uma voz do outro lado começou a impor seu poder sobre minha mente. Por que eu simplesmente não fazia o que eu queria fazer agora? Foda-se tudo. Nós dois íamos superar isso juntos. *Do que você tem medo, Bunnakit? Do que você tem medo?*

— Não quero que você chore sozinho, não mais. — Minha voz ressoou no meio do silêncio.

Tann ergueu suas sobrancelhas e olhou para mim, pasmo. — O que você quer dizer?

— **Posso ficar aqui? Bem aqui, ao seu lado?** — Levantei minha mão para encostar em seu rosto. — **Nós vamos superar isso juntos. Me desculpe por meus medos terem me impedido antes. Me desculpe, fui egoísta. Me desculpe. Eu te amo, Tann.**

Então, a cena diante de mim me abalou profundamente. Foi uma

imagem que me marcaria para o resto da vida. Tann parecia um ser feito de vidro frágil e que se estilhaçou diante dos meus próprios olhos. Suas lágrimas correram pelo seu rosto incontrolavelmente, cada gota contendo suas emoções reprimidas por seis meses misturadas com a tristeza pela morte da sua mãe. Tann não tinha ninguém em quem confiar, já que todos ao seu redor o odiavam e o temiam. Eu o segurei em meus braços enquanto ele descansava sua testa em meu ombro, soluçando como um garotinho.

— Mãe... — Tann disse em lágrimas. — Por que você teve que morrer? Eu não tenho mais ninguém. Como posso viver sem você?

Acariciei suas costas tentando consolá-lo, apesar da sensação de aperto em meu próprio peito. — Você ainda tem a mim, está ouvindo?

— Se você me deixar, não terei ninguém. Não quero viver mais se esse for o caso.

Olhei para o céu noturno, acariciando suas costas o tempo todo. — Chore. Apenas ponha tudo para fora. Você não precisa mais guardar isso para si. Eu sou seu.

Ficamos ali por um longo tempo. Demorou um tempo até ele começar a se acalmar e se recompor. Finalmente, Tann se afastou de mim. Eu podia sentir que meu ombro estava molhado, coberto de lágrimas. Estendi a mão para acariciar seu cabelo despenteado. — Seus olhos estão inchados.

— Me desculpe. — Tann fungou, respirando fundo para acalmar sua mente. — Não pude evitar.

— Devemos voltar para o funeral? — Apontei na direção da casa. — Caso mais convidados cheguem. — Segurei sua mão na minha e o puxei comigo. Ainda havia convidados conversando, e alguns deles começaram a sair da cerimônia. Soltei a mão de Tann e fui direto para uma mesa vazia, sobre a qual coloquei pratos usados e copos d'água. Empilhei os pratos e virei-me para Tann, que estava parado ali, observando-me. — Onde devo colocar isso?

— Na-naquela bacia ali. — Tann apontou para a bacia de plástico preta no chão, fora da tenda. Coloquei ali a pilha de pratos, conforme as instruções, e virei-me para procurar por algo em que pudesse ajudar. Anun se aproximou de mim.

— Você vai voltar para dormir no centro da cidade? Eu te deixo lá.

— Não. Vou passar a noite aqui. — Virei-me e dei um leve sorriso para Anun, que tinha uma expressão de perplexidade no rosto.

— Você quer dizer ficar aqui, com Tann?

— Na verdade não pedi a ele ainda, mas tenho certeza de que ele vai deixar. Obrigado pela carona.

Anun coçou a cabeça. — Certo. Ligue para mim se precisar de alguma

coisa, então.

— Claro. — Despedi-me dele. Depois que Anun saiu, fiquei ocupado empilhando cadeiras de plástico, limpando a mesa, juntando sacos de lixo e varrendo restos de cinzas de incenso que haviam caído na varanda da frente. Tann se aproximou de mim enquanto eu varria o chão.

— Eu faço isso.

Balancei minha cabeça. — Não. Por favor, deixe-me fazer isso. Perdi as orações fúnebres e vou perder as de amanhã também, pois tenho que voltar depressa para casa. Deixe-me ajudar com isso, por favor. Vai me deixar mais tranquilo.

— Você vai passar a noite aqui?

Parei de varrer o chão e virei-me para Tann com um olhar questionador. — Posso?

— São dez horas da noite. Onde você dormiria se não aqui? — Tann passou por mim e foi até o caixão. Ele ergueu a mão para tocá-lo e disse, com uma voz suave: — Ei, mãe, Dr. Bunn, o homem de quem lhe falei, vai passar a noite aqui, se você não se importar.

Ele falou sobre mim para a mãe? Sorri meio triste, segurando a vassoura e andando para perto dele.

— Senhora Yodsungnern — comecei, e Tann se virou para mim —, vou cuidar do seu filho, não se preocupe.

Eu o vi chorando novamente, mas desta vez suas lágrimas eram de felicidade.

Depois de limparmos tudo, Tann me levou para o segundo andar da casa, que consistia em dois quartos. Mesmo sendo uma casa de madeira, ela parecia muito habitável, por ter sido bem limpa. Tann abriu a porta do quarto à direita. Havia uma cama, um guarda-roupa de madeira, uma pequena cortina branca na janela e alguns itens, o que tornava o quarto espaçoso e confortável. Coloquei minha mochila no pé da cama.

— Você deveria tomar um banho primeiro, o banheiro é lá embaixo. Você trouxe sabonete e pasta de dente?

— Sim, eu trouxe. — Abri minha mochila, tirando minhas roupas e um kit de higiene com itens que eu gostava de pegar em hotéis aleatórios. Felizmente, não estava frio nesse momento, então não foi torturante tomar um banho frio usando um grande jarro de barro. Voltei para o meu quarto, vesti uma camiseta branca e cinza e uma bermuda confortável. Vi Tann sentado na cama, com seus olhos direcionados a uma fotografia em suas mãos. Sentei-me ao seu lado e inclinei-me para olhar a fotografia. Era a foto de uma bela jovem segurando um bebê. Seu sorriso iluminava o mundo inteiro.

— Criar alguém não é uma tarefa fácil — Tann disse. — É por isso que eu a amo muito. Faria qualquer coisa para fazê-la feliz, para mantê-la segura. Tive que trabalhar para o meu pai, largar minha faculdade e me transferir para outra perto da minha cidade natal. Mas o que fiz por minha mãe não foi nem uma fração do que ela fez por mim quando eu era jovem. — O vento começou a soprar pela janela, oferecendo-nos um frio confortável. Eu o escutei em silêncio. — Mesmo sendo chamado de "filho bastardo", minha mãe nunca fez eu me sentir inferior a ninguém. Não sei como ela fez isso. Era a mulher mais gentil, a melhor e a mais linda que já vi. Por que ela teve que enfrentar esse destino cruel? Por que teve que me deixar? — Tann colocou a fotografia no bolso da camisa e a manteve lá.

Apertei sua mão, que estava apoiada na cama. — O destino não foi cruel, ela teve sorte, na verdade, por ter um filho tão zeloso como você.

Tann sorriu levemente e olhou para mim. — Você faz eu me sentir muito melhor dizendo isso, sabia?

— Isso é bom. Esvazie sua cabeça e vamos descansar um pouco. Suponho que não dorme há dias?

— Bunn. — Eu podia sentir um dilúvio de emoções em seu olhar, uma mistura de tristeza e felicidade ao mesmo tempo. — Posso te perguntar uma coisa? Estou com medo de que seja apenas algum tipo de mal-entendido, mas... nós estamos... juntos?

Fiquei parado por um tempo. — Você quer que estejamos juntos?

— Você não tem mais medo daqueles obstáculos?

— Foda-se tudo isso. Eu te disse antes que sentia muito por estar com medo. — Joguei-me na cama. — Mas, no fim, nós dois acabamos miseráveis. Sabe, você constantemente surge na minha cabeça e isso faz eu me sentir perdido. É como se algo estivesse faltando na minha vida, há um vazio que ninguém mais poderia preencher. É terrível...

De repente, Tann abaixou-se, silenciando-me automaticamente. Seus braços envolveram cada um dos meus ombros e seu rosto lentamente se aproximou até que seus lábios quentes pousassem nos meus. Fechei os olhos, aceitando seu presente... um beijo suave e significativo, provavelmente o beijo mais terno que já tive. Abri meus olhos depois que Tann recuou, sentindo como se estivesse flutuando para longe.

— Não posso fazer mais do que isso. — Tann ajeitou uma mecha de cabelo na minha testa. — Afinal, é o funeral da minha mãe.

— Compreendo. — Dei um leve sorriso. — Não vim aqui para isso.

— Obrigado. — Tann olhou para o meu rosto em silêncio por um momento, afastando-se de mim. — Vou tomar um banho.

Foi uma noite tranquila, porém significativa. Tann voltou do banheiro, apagou a luz e deitou-se ao meu lado. Nós nos aproximamos um do outro e nos abraçamos firmemente. Meu rosto estava perto de seu peito, então eu sentia seu cheiro exalando para mim.

Dez de junho. Tive que gravar esse dia em minha memória, pois daqui a um ano seria nosso primeiro aniversário.



— Eu não quero mais ir. — Direcionei minha boca ao telefone e falei em um tom mal-humorado e teimoso. — Posso cancelar tudo?

[Você não pode. Você já chegou até aqui. Sua passagem está comprada e seu visto foi aprovado.] Tann respondeu por mim.

Olhei para uma pilha de relatórios de autópsia escritos por meus alunos e soltei um suspiro. — Eu não quero ficar longe de você.

Ouvi Tann rindo. [Não. Eu não vou deixar você voltar atrás. Muitas pessoas morreriam para estudar no exterior e você tem uma bolsa integral e quer jogá-la fora? O que os outros professores pensariam de você?]

— Se eu for, não vou poder te ver por um ano.

[Poderemos nos ver por chamadas de vídeo.]

— Não é a mesma coisa. — Bati a caneta na minha mesa. — Eu ainda posso voar para vê-lo com frequência estando em Bangkok, mas em Nova Iorque? Isso é impossível.

[Bunn... posso te dizer uma coisa?]

— O quê?

[Você ficou mais fofo, sabe? O seu tom de voz e até mesmo o seu modo de falar.]

Parei. — Qual é a diferença?

Notei que uma professora, uma veterana que também estava sentada nesta sala, olhou para mim com um sorriso sugestivo. Eu não sabia como eu era quando falava com Tann ao telefone, mas as outras pessoas provavelmente percebiam que eu estava falando com o meu namorado. Evitei os olhares dela e falei mais baixo.

— Então você vai estar aqui no sábado às dez e meia, certo?

[Sim, vou levar um monte de coisas.]

— Sem problemas, meu carro não é tão pequeno. Vai dar certo. —

Olhei para o meu relógio. — Tenho uma dissecação para fazer. Te ligo de novo depois do trabalho.

[Tudo bem. Estou com saudade, Bunn.] Tann encerrou a ligação. Fazia três semanas que estávamos oficialmente namorando. Eu precisei retornar ao meu dever como professor em Bangkok, enquanto Tann ainda tinha negócios inacabados para tratar. Ele pretendia vender sua casa e a de sua mãe para pagar uma dívida e usar o dinheiro para começar sua nova vida, que estava em mau estado. Nesse sábado ele estava vindo para ficar um tempo comigo em Bangkok. Tudo estava melhorando. Havia um problema, no entanto: em dois meses eu iria fazer uma pós-graduação nos Estados Unidos.

Portanto, estávamos tentando encontrar uma maneira de preservar e nutrir nosso relacionamento. Tann sugeriu que não deveríamos nos afastar um do outro e eu tinha certeza de que nem poderia fazer isso. Eu tinha vontade de falar com ele o tempo todo. Eu não tinha ideia do porquê de eu querer contar tudo a ele, qualquer detalhe da minha vida. A voz dele era como heroína, eu precisava ouvi-la todos os dias. Fiquei bêbado de euforia só de pensar em seu rosto. Eu o levaria ao restaurante do shopping, à famosa loja de doces que ele nunca tinha ido. Compraria os ingredientes para cozinhar para ele em minha casa à noite, rezando para que Tann ficasse impressionado com a minha hospitalidade e me recompensaria depois.

Balancei minha cabeça para afastar minhas ideias libertinas antes de arrumar minhas coisas e ir para a sala de autópsia.



— Há três pessoas interessadas na minha casa e apenas uma na da minha mãe. — Tann olhou para seu telefone enquanto mastigava. — Um cara me ofereceu dois milhões de bahts. Ele disse que se eu disser sim, ele comprará. Estou pensando muito sobre isso.

— Essa oferta não é um pouco baixa? — Servi mais arroz frito de caranguejo caseiro da panela em nossos pratos. Combinava muito bem com canja de galinha apimentada, como Tann gosta. Estávamos sentados na cozinha da pequena residência reservada aos professores de medicina do hospital. — A casa fica no centro, a poucos passos do mercado. Três milhões já é muito baixo para uma casa nessa área, se você me perguntar.

— Você tem razão, mas já pensei nisso, só quero vender e acabar logo com isso. Quero pagar minha dívida e aplicar o dinheiro no meu novo cursinho.

Ah, ei, Bunn, tenho algo para te mostrar. O que você acha disto?

— O que é isso? — Tann estendeu seu telefone para mim. Peguei seu celular e vi um anúncio de aulas particulares em Bangkok, com fontes enormes dizendo "Cursinho do professor Tann" e a foto de Tann colada ao lado. Fiz uma careta para o formato de texto. Pareceu meio desleixado para mim.

— Passei a noite fazendo isso. O que acha? Você quer se inscrever em meus cursos depois de ver isso?

— Esse tipo de design não atrairia alunos em Bangkok. — Devolvi o telefone a ele. Tann pareceu envergonhado. Eu não sabia como consertar isso. — Bem, que tal fazermos assim... vou enviar seu anúncio para Boon e ele fará um novo para você. Ele é o Deus do photoshop, acredite.

— Tem certeza? Não quero incomodá-lo... — Tann protestou, meio nervoso.

— Ele fará tudo o que eu pedir, não se preocupe.

— Hum... obrigado. — Tann sorriu. — Pode me servir outra porção de arroz?

Tann entregou-me um prato vazio, o qual peguei com um sorriso. Só vê-lo comendo bem já fez o meu dia. — O que você quer para o café da manhã?

Tann ponderou. — Ovos mexidos. Exatamente como os que você fez naquele dia.

Tentei lembrar por um tempo quando isso aconteceu e então me ocorreu. Meu rosto esquentou de repente quando me dei conta. Foi na manhã seguinte à noite em que dormimos juntos pela primeira vez. — Ah...

— Mas, desta vez, farei isso para você. Não precisa acordar cedo. Apenas espere eu terminar. — Tann anunciou com confiança e eu fiz uma careta de aborrecimento.

— Vai ser comestível?

— É claro. Eu andei praticando. Apenas espere.

— Sim, sim, só não desperdice os ovos. — Devolvi o prato com comida para Tann. — Isso é muito?

— De jeito nenhum. Preciso de energia. Essa vai ser uma noite longa. — Tann piscou para mim. Eu o encarei, atordoado, e rapidamente desviei o olhar. Tentei esconder o fato de que também queria algo dele. — Mas se você estiver cansado, tudo bem. Eu entendo, você está ficando velho.

Fiz uma careta. — Como ter trinta e um anos de idade é ser considerado velho? Veremos quem é o velho miserável.

Tann fingiu uma expressão de dor. — Receio que você tenha ferido meu orgulho e precise ser punido.

Dei um leve peteleco na cabeça do tagarela. — Segure esse

pensamento. Termine sua comida.

Tann esfregou sua cabeça e riu. — Pensando bem, fazer isso na cozinha não é uma ideia tão ruim. Quer tentar?

— Você... — Oh, ele é bom. Ele sempre me deixava sem palavras.

Depois de lavar a louça do jantar, levei Tann até o segundo andar da casa, que consistia em dois quartos. Um dos quartos atualmente servia como meu depósito, então só havia um quarto com cama. Tann colocou sua mala enorme no chão e a abriu. Quando vi que suas roupas estavam totalmente embaladas dentro dela, fui até o guarda-roupa e coloquei minhas coisas para o lado, dando a Tann um espaço para guardar as coisas dele ali. Enquanto colocava minhas roupas no lugar, senti uma mão na minha cintura, seguida por uma respiração quente na minha nuca.

— Tann... — Movi minha cabeça para longe dele. — Deixe-me tomar um banho primeiro.

— Eu vou junto. — Ele ergueu as mãos e desabotoou minha camisa. — Deixe-me esfregar suas costas.

— Com o quê? Suas mãos ou outra coisa? — Deixei suas mãos desabotoarem minha camisa livremente.

— Vou usar tudo. — Tann puxou meu colarinho para baixo com um dedo, expondo minha pele, e se inclinou para beijar meu ombro.

E então ele me concedeu algo que eu ansiava. Minha consciência e meu desejo por ele depois de todo esse tempo evaporaram nessa noite, permanecendo apenas um vínculo entre nós. Nunca pensei que amaria tanto alguém nesta vida. O que tínhamos era diferente dos relacionamentos anteriores que tive. Eu não tinha dificuldades em deixar as mulheres com quem namorava, mas não seria fácil com Tann, disso eu tinha certeza. Eu nunca o deixaria ir. Ficaria louco se um dia nos separássemos.

Lembrei-me de algo quando pensei sobre isso. Meus olhos se abriram em meio à escuridão, enquanto os braços de Tann me abraçavam por trás. Sua pele me mantinha quente. Ele inspirou e expirou com instabilidade, revelando seu profundo estado de sono.

Quem disse à Prae, minha ex-namorada, que eu era gay? Quem fez ela terminar comigo? Essa pergunta permanecia sem resposta até hoje.

Virei-me para Tann, que estava dormindo, e coloquei meu rosto em seu peito. Quem quer que tenha sido, não importava mais. A coisa mais importante agora era que eu amaria e cuidaria do homem ao meu lado. Eu o guiaria através de qualquer obstáculo em sua vida e lutaria pelo que queríamos: viver nossa vida juntos até envelhecermos.

# CAPÍTULO 29

**O Dr. Boonlert disse a Bunn que estaria disposto a fazer um banner de propaganda para o meu cursinho se eu participasse de um jantar em família em sua casa.** Recusei a oferta assim que Bunn me contou. Eu pediria para o meu amigo, que era designer gráfico, fazer o banner. Acontece que Bunn ficou sem falar comigo por um dia inteiro e fui incapaz de me concentrar na preparação do conteúdo dos meus cursos.

Quando acordei de manhã, Bunn já tinha saído para trabalhar, então enviei uma mensagem para ele e esperei sua resposta habitual.

— Tudo bem. E agora? — Apoiei minha testa na mão, olhando para o celular na mesa de jantar. Bunn não me respondeu. Ele nem mesmo leu a minha mensagem. Mas ele sempre lia e respondia. Olhei para o relógio no topo da tela. Meu namorado saía do trabalho às quatro horas da tarde, então ligaria para ele assim que ele terminasse o expediente.

Para ser sincero, eu não queria confrontar o Dr. Boonlert pela segunda vez. Ele fez eu me sentir desconfortável. Fiz muitas coisas terríveis para seu irmão e eu não ficaria surpreso se ele me odiasse. Esse jantar provavelmente não seria apenas uma conversa casual. Dr. Boonlert me forçaria a terminar com Bunn, disso eu tinha certeza. Então Bunn obedeceria ao irmão, assim como daquela vez em que ele seguiu a ordem de Boonlert e voltou para Bangkok, deixando-me.

Por que ele não conseguia me entender? Por que ele tinha que ficar chateado com isso?

Liguei para Bunn quando tive certeza de que era a sua hora de sair do trabalho. A música tocou por um longo tempo até que a chamada foi encerrada porque ninguém a atendeu. Foi assim na hora do almoço também. Liguei para ele novamente, sentindo-me desanimado. Bunn nunca agiu assim antes. Como eu deveria ir atrás dele? Deveria comprar algo para ele comer, ou algumas flores? Talvez eu devesse ir jantar com o Dr. Boonlert, como ele queria?

Nossa, isso era mais difícil do que fazer o teste de admissão na escola de medicina. O que poderia animá-lo? O que faria Bunn sorrir? Eu não fazia a menor ideia.

*Dane-se. Eu vou ver o Dr. Boonlert.*

Pulei quando meu celular vibrou. Movi-me freneticamente para ver o

identificador de chamadas e rapidamente peguei o telefone. Meu corpo estava pronto para explodir de felicidade. — Bunn! — Bunn tentou dizer algo, mas o cortei, pois o que eu estava prestes a dizer poderia melhorar o seu humor. — Olha, desculpe, vou ver o Dr. Boonlert com você. Por favor, não fique bravo. Eu estava errado. O que você quer jantar? Eu vou preparar...

[Acalme-se] Bunn tentou interromper a onda de palavras que saía da minha boca. [Tann! Relaxa!]

— Por favor, não fique bravo comigo, Bunn.

As palavras morreram na minha garganta com a risada de Bunn. [Quem está bravo?]

Minhas sobrancelhas se juntaram. — Bem, você não atendeu as minhas ligações.

[Sabia que isso aconteceria. Estou saindo da escola e estarei em casa logo. Falo com você depois.]

— Certo... — respondi em um tom triste, e Bunn encerrou a ligação. Não entendi o que ele quis dizer. Reorganizei a pilha de papéis sobre a mesa antes de ir até a frente da residência de Bunn. Olhei a vizinhança, tornando-me um pouco mais familiarizado com o lugar após o terceiro dia morando aqui. Os prédios residenciais para professores de medicina e para funcionários foram construídos na parte de trás do hospital. O estado de cada edifício era bastante antigo, mas eles tentaram renovar o local para torná-lo mais habitável, rodeado por cercas baixas de madeira. Comecei a ver os professores de medicina e o pessoal da enfermagem caminhando de volta para suas respectivas residências.

Dez minutos depois, Bunn apareceu em minha frente. A primeira coisa que fiz foi andar em sua direção e lhe dar um abraço apertado. Bunn retribuiu meu gesto, um pouco confuso.

— O que você tem? — Bunn perguntou. Eu podia sentir a diversão cintilando em seu rosto.

— Então você não está bravo comigo? — perguntei, com o meu rosto enterrado em seu ombro.

— Quem disse que eu estava bravo? Você estava imaginando coisas. — Bunn me afastou dele. — Meu celular caiu dentro do carro que usei para uma investigação de campo e o carro foi usado por várias pessoas durante todo o dia. Acabei de recuperar meu celular há um minuto. — Bunn olhou para mim. — Você achou que eu estava bravo com você por causa do jantar com Boon?

— Sim. — Concordei. Bunn sempre conseguia me ler como um livro aberto.

— Eu não fico com raiva por bobagens. Se não quiser ir, não vá. Não vou forçar você. — Bunn me puxou pela mão para dentro de casa. — Boon só

queria conversar com você para conhecê-lo melhor. É por isso que ele te convidou para ir até lá.

— Ele não iria querer que eu terminasse com você, certo? — perguntei a ele abertamente o que eu tanto temia.

Bunn balançou sua cabeça. — Vou esmagar aqueles óculos se ele se atrever a me pedir isso. Ninguém vai nos separar.

Simples assim, sua promessa apagou completamente o meu medo.

A casa do Dr. Boonlert ficava em um condomínio caro e luxuoso. Muito nervoso, eu estava em frente ao portão de uma casa moderna de dois andares, lindamente decorada. Meu coração estava batendo freneticamente quando Bunn, sossegado, entrou para tocar a campainha. Durante toda a viagem até ali, Bunn teve que me acalmar, evitando que eu ficasse nervoso. Era como se eu fosse um homem que foi conhecer os pais de sua noiva pela primeira vez, eu acho.

— Tio! — A voz de uma garotinha exclamou. Virei minha cabeça e olhei para a fonte da voz, que estava correndo pelo portão aberto e pulando para confinar a perna de Bunn em um abraço apertado.

— Baitoei, o que eu disse? Cumprimentar antes de abraçar. — Uma mulher de vestido azul seguiu a garota para fora. Ela era uma mulher atraente e devia ser a mãe da menina. A criança que abraçava a perna de Bunn recuou e fez uma reverência graciosa, depois correu de volta e abraçou meu namorado mais uma vez. Bunn riu e se abaixou para pegá-la.

— Festa! — a garota disse com uma voz aguda. — Papai fritou os frangos sozinho. Os frangos do papai são deliciosos.

— Sério? Você me deixou com fome agora. — Bunn deu um beijão na bochecha dela. Encarei a cena diante de mim como se estivesse em transe. Eu nunca tinha visto Bunn com crianças antes. Foi uma visão adorável. A menina nos braços de Bunn se virou para mim com um olhar intrigado.

— Você deve ser... Tann, eu presumo? — A mulher se virou para mim com um sorriso gentil. Eu automaticamente levantei minha mão para cumprimentá-la com um wai e ela retribuiu com um gesto gentil.

— Sim, sou eu.

— Sou May, esposa de Boon. — Não sei por que, mas a atitude e o tom de voz de May me deixaram estranhamente à vontade. — Sinto muito por essa garotinha estar causando problemas. Ela ama o tio. Sempre que fica sabendo que ele está vindo, ela corre para ele em um piscar de olhos.

— Está tudo bem. — virei-me para olhar Bunn. — Ela é adorável.

May me encarou e se virou para Bunn com um sorriso. — Entrem. O jantar já está pronto. Meu marido fez tudo sozinho.

*Então os dois sabiam cozinhar, hein?*

Fechei e abri meus punhos para acalmar meus nervos antes de seguir May e Bunn para dentro de casa. Nós passamos por uma sala de estar moderna muito bem decorada. Logo ao lado ficava a área da cozinha e uma mesa de jantar, sobre a qual havia uma variedade de pratos. Meus olhos então caíram sobre o Dr. Boonlert, que estava usando um avental por cima de uma camisa e calças. O homem estava com as mãos apoiadas nas costas da cadeira, olhando para mim. Seu olhar me deixou nervoso. Senti que eu iria explodir. Cumprimentei o irmão de Bunn respeitosamente. — Olá, Dr. Boonlert, senhor.

— Sem formalidades. Venham, sentem-se. O jantar está pronto. Sirvam-se de uma tigela de arroz. — Boonlert tirou o avental e pendurou-o na parede.

Eu respirei fundo. Bunn uma vez me disse que o Dr. Boonlert era, na verdade, um cara engraçado. No entanto, não havia indício algum de brincalhão vindo dele no momento, ao menos que eu pudesse ver. Bunn colocou a sobrinha na cadeira e me puxou pelo braço até a mesa de jantar. Sentei-me ao lado dele, mas agora tinha uma visão completa do Dr. Boonlert que estava sentado à minha frente. Momentos depois, Bunn estendeu a mão para colocar um pouco de arroz no meu prato.

— Ah, terminei o seu anúncio. Te mostrarei depois do jantar — disse Dr. Boonlert, pegando uma garrafa de vinho tinto e despejando o conteúdo em seu copo. — Não sei se é algo que você vai gostar, mas May deu uma olhada e disse que estava bom.

— Boon gosta de design gráfico, já vi um esboço de anatomia cardíaca que ele desenhou no computador para o material de aula, é fantástico. — May enxugou a boca da filha, que mastigava uma coxa de frango frito.

— Obri-obrigado, senhor. — Ainda me sentia tenso, no entanto. Bunn colocou um pouco de brócolis no meu prato.

— Olha só, acho que nunca vi Bunn cuidar de alguém assim antes. Quero dizer, ele nunca serviu nem o próprio irmão. — Para meu alívio, Boonlert redirecionou seu ataque para Bunn.

— Por quê? Está com ciúmes? — Bunn olhou para Dr. Boonlert, com seus olhos incitando seu irmão a desafiá-lo. — Por que eu faria isto por você? Tenho namorado agora, é dele que eu tenho que cuidar.

Meu rosto corou. May deu uma gargalhada e Boonlert ficou com uma expressão irritada em seu rosto. — Idiota, você tem namorado agora, então acho que não precisa mais de mim.

De repente, Bunn engasgou com a comida e eu tive que esfregar suas costas.

— Amor, olha a boca — May repreendeu o Dr. Boonlert suavemente.

A atmosfera durante o jantar esteve repleta de conversas alegres. O Dr.

Boonlert era quem mais falava, e Bunn interrompia esporadicamente o irmão. Pela conversa deles, pude ver que, embora parecesse intimidador por fora, o Dr. Boonlert era um cara engraçado realmente, depois que o conhecemos. Após enchermos o estômago, May foi levar sua filha para a cama. Bunn a seguiu para ler uma história de ninar para sua sobrinha, deixando Boonlert e eu com taças de vinho nas mãos.

— Todas as meninas se foram, somos só nós agora. — Boonlert me serviu mais vinho. — Quer saber alguma coisa sobre o meu irmão?

Achei que algum tipo de teste estava a caminho. Boonlert estava me perguntando o quanto eu conhecia o seu irmão. — Eu... eu não pensei em nada, ainda.

Dr. Boonlert riu. — Não brinca. Qual é, aposto que você está morrendo de vontade de perguntar algo. Bunn se fechou para todos, mas eu o conheço melhor que ninguém.

Fiquei imóvel por um tempo, olhando para o líquido bordô dentro do meu copo. — Admito que ainda não consigo ler Bunn muito bem. Quando ele está bravo, eu não sei o que fazer. — Suspirei. — Mas vou continuar tentando. O tempo ajudará a resolver as coisas.

— Se Bunn se abre com alguém, não é difícil entendê-lo. — Boonlert tomou um gole de vinho e seu rosto iluminou-se. — Algum gesto insignificante que passa despercebido pode ser capaz de mostrar seus sentimentos. Você já o viu tímido?

— Acho que sim, mas não sei. — Coloquei uma mão no meu rosto. — Não é óbvio, mas sim, provavelmente. Ele muda de assunto e se recusa a fazer contato visual.

— Ei, nada mal. — Dr. Boonlert gargalhou. — Você já o viu bravo?

— Sim. Se estiver realmente chateado, ele vai me dizer o que pensa. Mas se não for tão sério, não sei dizer.

— Essa não é tão difícil. Se ele parecer calmo, como se estivesse tentando manter algo para si mesmo, significa que ele está com raiva, mas se ele se soltar, gritando com você, significa que ele está no fim de seu limite. — Dr. Boonlert apontou para mim. — Se ele grita muito com você, eu diria que é uma coisa boa, porque isso significa que ele se abriu com você, deixando até você vê-lo perder o controle de si mesmo.

— Então eu deveria ficar feliz. — Porque ele gritou comigo, tipo, muito. — Se Bunn está com raiva, o que devo fazer para deixá-lo feliz?

— Eu pensei que você não tinha nada para perguntar. — O Dr. Boonlert me encurralou com sucesso. — Bunn é um desses adoradores de razões e princípios. Você apenas tem que fazê-lo entender. Entre no jogo dele e deixe-o

sentir à vontade, como se ele estivesse no controle.

Eu tenho uma boa ideia quanto a isso. — Ele tem alguma comida, lanche ou presente favorito?

— Bunn poderia literalmente devorar tudo neste planeta. Ele ficará feliz com qualquer coisa que você comprar. Mas quando era criança, Bunn, tinha uma coisa com essa sobremesa em particular. — Dr.Boonlert fez uma pausa como se estivesse esperando minha reação. Endireitei-me na cadeira com atenção. — Ele adorava o "sagu com leite de coco" que costumava comer no Chinatown de Bangkok. Vou lhe enviar a localização. Você vai me agradecer mais tarde.

Olhei para o Dr. Boonlert com meus olhos se arregalando de entusiasmo. — Mais alguma coisa?

— Bunn gosta de comprar roupas de marcas famosas, mas... ele realmente gasta muito dinheiro com elas. O mesmo vale para sapatos. Se você for comprar algo assim de presente para ele, vá atrás de coisas boas. Ele não vai desperdiçar porque aquele cara é mesquinho, ele tem os pés no chão. A casa dele é um tanto bagunçada, então seria ótimo se você pudesse ajudá-lo a limpá-la regularmente. Bunn não gosta de perfume. Ele pega um resfriado facilmente quando está frio. Ele raramente assiste TV, mas, quando assiste, prefere dramas médicos ou programas policiais. Ele adora assistir filmes nos cinemas. Ele ficaria feliz se você o convidasse para ir ao cinema. Ele gosta do mar. Ele também gosta de cantar, mas sua voz é tão desafinada que dá vontade de sair correndo. Há algo que eu esqueci...?

Tive vontade de gravar tudo que o Dr. Boonlert falou para ouvir novamente antes de ir para a cama.

Boonlert pareceu, então, lembrar-se de algo. — Ah, e quero que saiba que Bunn tem um trauma em seu passado. Ele teve que abandonar a escola porque foi intimidado por ser gay e depois disso ele se tornou o homem que você vê hoje. Não fale sobre isso se puder evitar. Não pergunte a ele sobre seu passado até que ele mesmo conte.

Meus olhos se arregalaram. Nunca soube de nada sobre isso. Eu não sabia de nada, não é? — Sério?

— Quanto às atividades sexuais dele, infelizmente não posso te ajudar com isso. Pergunte a ele você mesmo. Tudo que eu disse a você hoje pode ser considerado uma traição, sabia? Agora que você tem essas informações, faça um bom uso. Faz muito tempo que não vejo meu irmão tão feliz. Você o mudou. Por favor, continue a fazê-lo sorrir. — O Dr. Boonlert ergueu sua taça de vinho. Eu rapidamente agarrei a minha e brindei com ele meio sem jeito.

— Claro... Boon. — Tomei a liberdade de me dirigir a ele informalmente e Boonlert não pareceu se ofender com as minhas palavras.

— Ah, quase esqueci. Fiz duas versões do seu anúncio. Aqui está. Veja de qual você gosta. — Dr. Boonlert desbloqueou o iPad na mesa de jantar e entregou-o para mim. Olhei para os banners que ele havia feito profissionalmente e senti-mecompletamente envergonhado por minha habilidade gráfica amadora.

Bunn desceu e May veio logo atrás dele. Ele se virou para o Dr. Boonlert e para mim e caminhou em nossa direção. — Baitoei me perguntou se "meu amigo" é modelo. Ela está ficando míope. Sua filha precisa dos óculos, Boon.

— Seu patife. — Boonlert olhou para mim. — Se ele é modelo, então sou uma estrela de cinema de Hollywood.

A possibilidade de que o Dr. Boonlert pudesse querer que eu terminasse com Bunn desapareceu da minha mente depois do jantar. A sensação de tensão e nervosismo foi aos poucos evaporando. Agora eu me sentia como se essa fosse uma de minhas casas. Eu, o homem que havia perdido todos em sua vida, estava prestes a ter uma nova família, ter uma nova vida com Bunn. A luz brilhou sobre um futuro que antes era sombrio.

Bunn e eu voltamos para o carro às onze da noite. Depois de nos despedir do nosso anfitrião, Bunn abriu a porta e sentou-se no banco do motorista. Eu queria dirigir, mas ainda precisava me acostumar com o trânsito em Bangkok. Quando eu estava na escola de enfermagem daqui, sempre pegava ônibus quando precisava. Quando a porta foi fechada, virei-me para Bunn e o puxei para um abraço apertado. Ele segurou meu ombro.

— O que você está fazendo? — Bunn perguntou, totalmente confuso. — Ainda estamos do lado de fora da casa do Boon.

— Eu te amo — declarei com um sentimento profundo em meu coração.

— ...Eu sei. — Bunn empurrou meu ombro, libertando-se.

— Você poderia me levar para o Chinatown de Bangkok amanhã depois do trabalho? Quero procurar algo para comer.

Bunn afastou-se de mim, olhando meu rosto com um leve sorriso nos lábios. — Tudo bem, vamos lá amanhã.

# CAPÍTULO 30

**Acho que tive sucesso em fazer Bunn feliz o tempo todo, graças à tática do Dr. Boonlert.** Não importava o que eu fizesse por Bunn, ele sempre sorria e falava comigo em tom de brincadeira. Cada vez que eu olhava para ele, meu coração aquecia. Se ele está feliz, eu estou feliz. Naquele momento, nós dois estávamos sentados em uma cafeteria não muito longe da residência dele. Eu olhava para Bunn, que estava com o nariz enfiado em um livro grosso escrito em inglês que trouxe consigo. Eu gostava de vê-lo à toa. Fiquei observando o meu amado até que ele me olhou com desconfiança.

— O que você está olhando? — Bunn perguntou.

— Não posso olhar? — provoquei, e eu sabia que ele não ficaria chateado.

— Você está me distraindo — Bunn murmurou e enfiou o nariz no livro mais uma vez. — Quero um pouco de bolo. Pegue para mim.

— Certo. — Obedeci humildemente. Levantei-me da cadeira e caminhei em direção à vitrine de comida, onde havia pedaços de pão e bolos maravilhosamente arranjados. Eu sabia que Bunn poderia comer de tudo, mas, se pudesse escolher, ele preferia qualquer coisa com chocolate, então escolhi um pedaço de cheesecake de brownie. Paguei pelo bolo e voltei para o meu lugar.

— Quanto é? — Bunn estava prestes a pegar sua carteira.

— Você não precisa pagar — rapidamente respondi. — É por minha conta.

Bunn me encarou em silêncio antes de tirar sua mão do bolso da calça. — Economize seu dinheiro. Não precisa pagar para mim sempre.

Balancei minha cabeça. — Vou cuidar disso, confie em mim. Ganharei um pouco de dinheiro amanhã.

— Você vai começar sua aula amanhã? Terminou de preparar os materiais do curso? — Bunn perguntou com uma expressão de preocupação no rosto.

— Usarei os mesmos materiais de ensino de quando comecei meu negócio. Eu trouxe dez deles comigo. Para ser sincero, estou pronto para lecionar novamente há muito tempo, eu estava apenas esperando os alunos se inscreverem nos meus cursos.

— E onde serão suas aulas?

— Bem, vou ensinar um grupo pequeno de quatro meninas do décimo ano no prédio da Faculdade de Medicina. — Fiquei feliz por Bunn parecer interessado no que eu estava fazendo e também em cuidar de mim. — Ei, Bunn... quer saber qual é o meu sonho?

Bunn ergueu suas sobrancelhas. — Qual?

— Quando conseguir vender minhas duas casas e ganhar muito dinheiro com o meu negócio de tutoria, vou começar minha própria escola de cursos, diversificando e oferecendo cursos on-line. Quero fazer fortuna, ter dinheiro suficiente para comprar uma casa em um condomínio luxuoso para nós. Apenas nós dois. Vou te levar para a praia e vamos fazer muitas viagens ao exterior. — Bunn estava olhando para mim, imóvel, e então riu como se tivesse acabado de ouvir algo totalmente ridículo.

— Isso não é necessário.

— É por isso que eu disse que é meu sonho. — Estendi a mão para tocar a mão de Bunn. — Mas isso não significa que não vou tentar tornar isso realidade.

Uma jovem garçonete veio nos servir o brownie e olhou para nós com um sorriso antes de se afastar. Bunn olhou para o brownie que pedi para ele. — Faça o que você quiser fazer. É normal seguir o seu sonho, mas não seja tão duro consigo mesmo. E não me torne seu objetivo. Não quero nada de você, estarmos juntos assim é o bastante para mim.

— Deixe-me definir meus objetivos como eu quiser. Pensar nisso me dá uma super motivação para acordar de manhã e me preparar para a aula.

Bunn sorriu para mim. — É mesmo? Veremos.

Bunn sorriu e eu automaticamente sorri de volta. As energias positivas dentro de mim aumentaram até o tanque ficar cheio. Desde que minha mãe faleceu, Bunn se tornou a única pessoa que eu tinha. Ele era a pessoa que sempre me apoiava. Eu não poderia imaginar o que teria acontecido comigo se ele não tivesse vindo até mim naquele dia. Talvez eu já tivesse deixado de fazer parte do seu mundo. Esse homem se tornou minha vida e minha alma.

Eu passaria o resto dos meus dias compensando-o pelos meus pecados do passado e retribuindo-o por salvar a minha vida. Eu daria toda a minha riqueza a ele.



— Tudo bem, alguma pergunta a mais? Se vocês entenderem as lições,

fazer o exame não deve ser difícil. Vocês precisam se concentrar na estequiometria, mas não é uma tarefa impossível. Isso só exigirá muito esforço. — Juntei as folhas de papel espalhadas pela mesa e as organizei, preparando-me para colocá-las na minha pasta. Ping e Urne, duas de minhas alunas, encaravam com os olhos brilhando os livros que dei a elas. Fiquei feliz porque as meninas pareciam gostar de estudar química comigo e, como eu tinha alguma experiência de ensino na área, tinha certeza de que elas poderiam acompanhar as lições.

— Não entendo porque tive tanta dificuldade com essa matéria na escola. Agora finalmente entendi química — Ping disse. — Talvez eu deva trazer meu professor para estudar com você.

— Não acho que isso seja necessário. — Ri e olhei para o relógio. — Muito bem. Se vocês, meninas, não têm mais perguntas, então podem ir. São quase oito horas da noite. Como vocês vão para casa, por falar nisso?

— O pai de Urne vai nos levar para casa. Moramos perto uma da outra. — Ping cutucou Urne, que estava concentrada em seu celular no momento. Olhei ao redor e encontrei muitos alunos que ainda estavam lendo seus textos e pessoas que ainda passavam pela área. Devia ser seguro deixá-las aqui até que o pai de Urne fosse buscá-las.

— Tudo bem. Não se esqueçam do nosso combinado. Escrevam uma avaliação na minha página do Facebook e eu trarei alguns lanches. — Pisquei para as meninas.

— Você pode contar comigo, professor Tann. Vou te dar uma avaliação cinco estrelas. — Ping fez sinal de positivo.

— Vejo vocês na sexta-feira então. Tchau. — Acenei antes de reunir meus pertences e sair da área sob o edifício. Fiquei feliz por meu primeiro trabalho em Bangkok dar certo. Os alunos de Bangkok eram bem diferentes dos da região norte da Tailândia. Eles eram mais agressivos, mas eu também gostava de ensiná-los, embora de uma maneira diferente.

Voltei para a residência de Bunn, atrás do hospital. A luz em nossa casa estava acesa e fiquei aliviado por ele já estar em casa. Girei a chave, abri a porta e, de repente, o delicioso cheiro de comida chegou às minhas narinas, fazendo minha boca se encher de saliva. Vi Bunn com uma panela na mão, servindo legumes fritos em um prato.

— Estou faminto. — Coloquei a pasta na poltrona, seguindo o cheiro atraente até a cozinha. O que poderia ser melhor do que ter o jantar pronto em casa após um longo dia de trabalho? Sentei-me à mesa de jantar. Um prato de arroz e outras comidas estavam prontas para serem servidas. Peguei meu telefone e verifiquei a página do Facebook que eu havia criado para promover meus cursos de tutoria. — A página ainda está sem movimento. Bunn, você pode

me ajudar a compartilhá-la?

Bunn voltou para a mesa depois de colocar a panela na pia. — Já compartilhei no grupo Forense do Facebook, caso os membros quisessem um tutor para seus filhos. Engraçado, algumas pessoas até me perguntaram quanto de comissão eu recebi de você.

Eu ri. — O que você falou para eles?

— Bem, disse a eles que o tutor era meu conhecido e que eu o estava ajudando a ganhar a vida. — Bunn provou os vegetais fritos que fez.

— Por que você não disse a eles que sou seu namorado?

Bunn deu uma risadinha. — E se você perder sua popularidade?

— É só isso que te interessa? Minha popularidade? — perguntei, mas Bunn continuou sua refeição e manteve seu rosto indiferente. Eu sabia que ele estava apenas me provocando, mas, no fundo, eu queria que nosso relacionamento fosse publicamente reconhecido. Eu queria que todos neste mundo soubessem que ele era meu, só meu. Foi um ataque de ciúme infantil, para o qual ele provavelmente não ligaria. Bufei para acalmar minha inquietação e foquei na comida que Bunn fez para mim. Felizmente ele não percebeu que algo estava errado comigo. Em alguns dias Bunn estaria fora do país e provavelmente era melhor não usar isso contra ele e começar uma briga.



Dizem que a segunda despedida costuma ser mais fácil que a primeira. No entanto, para mim, isso não era verdade. Por duas vezes tive que levar Bunn ao aeroporto, e agora ele estava prestes a me deixar e ir para o outro lado do mundo. Nós iríamos morar em dois fusos horários diferentes, com doze horas de diferença. Fiquei ali, no aeroporto internacional mais importante, com meus braços ao redor dele por um longo tempo em frente à entrada que conduz as pessoas a cada portão de embarque.

— Ei, você pode soltá-lo agora. Quero dar um abraço no meu irmão também. — Dr. Boonlert interveio e tirou meus braços de perto de Bunn. Percebi que o estava segurando por muito tempo. Afastei-me relutantemente do meu namorado, com um sentimento de aperto crescendo em meu peito.

Bunn se virou e deu um abraço apertado em seu irmão. — Pare de provocá-lo.

Dr. Boonlert olhou para mim. — Eu nunca vou deixar o homem que roubou meu irmão de mim escapar tão facilmente.

— Seu otário. — Bunn deu um tapa nas costas do irmão antes de empurrá-lo. — Cuide-se e, por favor, cuide do papai e da mamãe por mim.

— Sim, vou vê-los hoje à noite, na verdade. — Dr. Boonlert reajustou a colarinho de Bunn. — Tente reunir o máximo de conhecimento que puder. Estude muito. Os ocidentais não têm a tendência de dar conhecimento de bandeja a você como os professores aqui costumam fazer. Você tem que fazer isso sozinho. Você pode ir em frente e fazer muitas perguntas, eles não vão pensar que você é burro. Tente fazer algumas amizades para sair e não se esqueça de trazer um tópico de pesquisa. E fique longe de coisas perigosas, entendeu?

— Do que diabos você está tagarelando? — Bunn levantou a alça extensível de sua mala. — Entendi.

Dr. Boonlert acenou com a cabeça. — Me ligue quando chegar.

— Tudo bem, mas vou ligar primeiro para o Tann — Bunn provocou seu irmão mais uma vez antes de arrastar sua mala em minha direção, deixando o Dr. Boonlert com um olhar irritado no rosto. — Tenho que ir agora.

— Certo. Faça uma boa viagem. — Minha voz começou a tremer.

— Cuide da nossa casa e desse velho rabugento por mim. — Bunn apontou para o irmão. — Se ele estiver te incomodando, ligue para mim. Vou chutar a bunda dele.

— Bunn. — Uma voz masculina gritou o nome dele. Uma figura alta correu precipitadamente em direção a nós três. Ele e o Dr. Boonlert pareciam ter a mesma idade e ele parecia um homem gentil e de bom coração. — Esta foi por pouco.

— Vutt. — Bunn se virou para olhar para o homem com uma expressão de surpresa no rosto.

— Por que você não me disse que partia hoje? Eu teria ido te ver antes de você ir. Sabe, eu tive que sorrateiramente mandar uma mensagem para Boon e perguntar quando você iria embora.

Eu não sei por que, mas senti como se algo estivesse me incomodando.

*Quem é esse cara?*

— Eu não queria te incomodar. Você, provavelmente, deveria estar trabalhando na hora que meu voo decolasse, e eu já me despedi dos outros professores. Você não precisava vir até aqui. — Fiquei aliviado ao ver que Bunn não parecia feliz em vê-lo.

— Vutt — Dr. Boonlert gritou e acenou para ele. O homem chamado Vutt olhou para Bunn com uma expressão desamparada.

— Tenha uma boa viagem, Bunn.

— Vutt — Dr. Boonlert chamou novamente e apontou o dedo para mim,

como se quisesse dizer algo. Vutt seguiu o dedo de Boonlert e encontrou o meu olhar.

— Obrigado, Vutt. Você não precisava fazer isso, sério. Eu tenho que ir. — Bunn voltou-se para todos pela última vez. Ele acenou para nós e arrastou a mala pelo portão. Observei suas costas com tristeza. O tempo voou tão rápido enquanto vivemos juntos sob o mesmo teto. Eu poderia acelerar o tempo para que ele voltasse da terra estrangeira direto para mim amanhã?

— Tchau. — Vutt esticou o pescoço, olhando para o portão. Uma leve suspeita logo se transformou em frustração.

*Quem diabos ele pensa que é?*

*Que direito ele tem de estar excessivamente preocupado com Bunn?*

Vendo que as coisas estavam prestes a piorar, Dr. Boonlert arrastou Vutt para longe do portão e disse:

— Bem. Acho que devo intervir antes que Tann arranque um de seus dentes. Vutt, você deve se lembrar do rosto dele, porque ele é o namorado de Bunn.

Vutt parecia ter visto um fantasma quando finalmente olhou para mim. Fiquei em pé, com toda a minha altura, imponente, sem perceber. — Prazer em conhecê-lo — cumprimentei-o friamente.

— O-oi — Vutt respondeu, horrorizado.

— Este é o Dr. Vutt. Ele é professor de patologia forense, assim como Bunn. É meu ex-colega de classe. — Dr. Boonlert colocou a mão em volta do ombro do Dr. Vutt e gesticulou em minha direção com a outra. — E este é Tann. Ele conhece Bunn desde que meu irmão era membro da equipe médica do hospital provincial. Ele é dez anos mais novo que nós, e agora é o namorado do meu irmão.

Sorri levemente, levantando minhas mãos para cumprimentar o Dr. Vutt com o wai, por uma questão de cortesia. Ele retribuiu meu gesto na mesma moeda. — Então você é aquele que Bunn mencionou. — Ele sorriu tristemente. — Ele parece muito feliz ultimamente. Acho que agora sei o porquê.

*Bunn contou a ele sobre mim?*

Senti meu coração se aquecer ao ouvir isso. Isso significa que Bunn não manteve nosso relacionamento em segredo para seus colegas. Ele simplesmente não é do tipo que se gaba.

Depois de ver Bunn no portão, dirigi seu carro de volta para casa. O tempo que gastei no caminho de volta me deixou muito frustrado, pois o trânsito em Bangkok era completamente diferente do trânsito da minha cidade natal. A atmosfera em nossa casa estava estranhamente quieta sem a presença dele. Sentei-me à mesa de jantar, sentindo falta do sabor da deliciosa comida caseira

de Bunn. Eu teria que sobreviver com comida pronta, como costumava fazer quando morava sozinho. Respirei profundamente, focado, tentando banir a solidão do meu coração. Enquanto Bunn estivesse fora, eu tentaria recompor minha vida. O professor Tann retornará à glória mais uma vez.

Meu celular vibrou na mesa. Virei-o e vi a notificação de uma mensagem. Alguém tinha algumas perguntas sobre os cursos de tutoria na minha página do Facebook. Sorri, com meus olhos parecendo esperançosos.

*Espere, Bunn, vou tornar meu sonho uma realidade.*

# CAPÍTULO 31

**Havia uma coisa que eu não tinha contado a Tann.**

Pousei no aeroporto John F. Kennedy no início da manhã, após vinte horas de voo. Depois de passar pela imigração e pegar minha enorme bagagem da esteira, fiz meu caminho em direção à saída. O ambiente ao meu redor parecia totalmente diferente. Eu, um homem de estatura mediana na Tailândia, simplesmente me tornei um anão neste país. A multidão ao meu redor era de pessoas estrangeiras, e cada uma delas personificava a diversidade étnica, o que me deixou ainda mais animado. Fiquei emocionado com a visão de tirar o fôlego diante de mim.

Prometi fazer uma chamada de vídeo com Tann no momento em que meu avião pousasse e, felizmente, o aeroporto tinha fornecimento temporário de Wi-Fi gratuito. Arrastei minha bagagem e me escondi atrás de uma coluna. Liguei para Tann pelo FaceTime. Agora eram sete da manhã, horário local, então deveria ser sete da noite na Tailândia.

De repente, o rosto de Tann apareceu na tela. Suas feições se encheram de entusiasmo. [Bunn!]

— Cheguei. — Afastei meu telefone do rosto a uma distância razoável, sorrindo para o homem no telefone.

[Que bom. Estava ficando preocupado aqui. Monitorei seu voo no aplicativo o tempo todo.] Tann sorriu. Percebi que ele não estava em casa. [Então, como você está? Está se sentindo dolorido por ficar sentado muito tempo no avião?]

— Fiquei com contraturas, mas dormi durante toda a viagem. Não sofri tanto quanto pensei que sofreria. O que você está fazendo agora?

[Eu estava dando aula.]

Fiz uma careta. — Você está realmente atendendo a minha ligação no meio da aula?

Tann riu. [Não pude ignorar sua ligação, infelizmente. Eu disse aos meus alunos que minha paixão tinha me ligado.]

Soltei um suspiro. — Cuidado... eles não ficariam impressionados. Que idiota, esqueci de mandar uma mensagem primeiro e ver se você estava disponível.

[Está tudo bem. Você ainda está no aeroporto?]

— Sim.

[Como você vai para casa?]

Parei por um momento. — Táxi... Uh, Tann, estou usando o Wi-Fi grátis do aeroporto agora. Não tenho muito tempo. Quando eu conseguir um cartão SIM, ligo de volta para você.

[tudo bem, beleza.] Tann aproximou o telefone do seu rosto, dando-me uma visão clara de sua boca na tela. [Eu sinto sua falta.]

— Sinto sua falta também. Te ligo mais tarde. — Encerrei a ligação e olhei para o telefone em minha mão em silêncio por um momento. Abri o Facebook Messenger e apertei um botão de chamada.

[Alô?]

— Estou aqui — falei com alguém no celular.

Fiquei olhando para os prédios pela janela do carro. O aquecedor estava quente o suficiente para que eu tivesse que tirar o casaco. Pensando bem, os veículos em Nova Iorque não eram tão diferentes daqueles que usamos na Tailândia. Havia toneladas de carros japoneses familiares em todos os lugares. Fiquei emocionado e animado com a cena diante de mim. Eu até encontrei um ponto de ônibus de aparência estranha e olhei para ele até que ficasse tão longe quanto meus olhos conseguiram ver. O homem no banco do motorista olhou para mim e riu.

— É como Bangkok?

— Sim, o trânsito também é horrível lá. — Olhei as ferrovias que foram construídas na estrada em que estávamos.

— É tudo assim nas grandes cidades, especialmente na hora do *rush*. — Ficamos quietos por um tempo antes que ele quebrasse o silêncio com a voz baixa. — Como você está, Bunn?

Virei-me para o homem no banco do motorista, que também olhou para mim, com o carro parado. — Estou bem, e você?

Decidi enviar um pedido de amizade para Tarr no Facebook no dia em que ganhei uma bolsa para estudar em um hospital universitário em Nova Iorque. Só fiz isso porque queria informações sobre apartamentos para estudantes internacionais e meios de subsistência nos Estados Unidos, já que Tarr era a única pessoa que eu conhecia que morava aqui. Recebi dele toneladas de informações sobre detalhes de moradia e transporte em Nova Iorque, o que foi muito útil, devo admitir. Nós entramos em contato antes de Tann e eu começarmos a namorar. Decidi que seria melhor se Tann não soubesse disso por conta de seu ciúme infantil. Provavelmente acabaríamos sabotando nosso relacionamento no processo.

— Nada demais. Meu restaurante tailandês está indo bem. Vou levá-lo para jantar lá hoje à noite.

Encarei o homem que eu não via há mais de doze anos. Tarr ainda era bonito. Ele usava óculos de armação preta e jaqueta de couro marrom, com um cachecol cinza em volta do pescoço. — Tarr, eu queria te perguntar uma coisa.

— Hum? — Tarr ergueu as sobrancelhas, seus olhos se voltaram para a estrada quando os veículos ao nosso redor começaram a se mover mais uma vez.

— Você conhece uma mulher chamada Prae?

Havia uma expressão perplexa no rosto de Tarr. — Conheço, tipo, três ou quatro garotas com esse nome. Você tem que ser mais específico.

— Prae, minha ex-namorada do ano passado.

Tarr parou por alguns segundos. — Como posso conhecer sua ex? Não nos falamos desde que terminamos.

— Oh. Deixa para lá, então. — Francamente, o que Prae havia me contado ainda estava me consumindo. O suspeito número um era Tarr, mas ele simplesmente negou. — Onde está seu namorado, por falar nisso?

— Steve deve estar no hospital ainda. Ele teve um plantão na noite passada, então provavelmente vai para casa dormir o dia todo — disse Tarr com um sorriso. — A carreira de enfermagem cansa, vou te dizer. Ele sempre reclama das infinitas demandas de seus pacientes. — Steve, ou Steven Ying, era um sino-americano que vivia em Nova Iorque desde que nasceu. Não era minha intenção dar uma olhada no perfil desse homem, mas não pude deixar de olhá-lo só por curiosidade quando a foto de perfil dele apareceu ao lado da de Tarr.

— Por isso escolhi trabalhar com gente morta. Sabe como é, eles não são exigentes.

Tarr riu. — Ah, sim, eles não podem reclamar, de qualquer maneira. Vou acordar Steve e aí vamos jantar juntos, sabe, para nos conhecer.

— Só não conte ao Steve sobre o nosso passado. Você pode dizer a ele que éramos amigos na Tailândia. Não queremos te causar problemas, né?

— Não se preocupe, ainda quero continuar tendo um namorado, muito obrigado. — Caímos na gargalhada ao mesmo tempo. — E você, como vai sua vida amorosa? Ainda namorando mulheres?

— Namorar mulheres não funcionou muito bem. Eu tenho namorado agora.

— Você finalmente aceitou quem você realmente é, hein? — Tarr afirmou antes de recuar, como se soubesse que havia dito algo que não deveria. — Desculpe, eu não quis dizer isso.

Eu parei, chocado com a sua declaração. — Tudo bem. Sei que você estava com raiva de mim, mas isso foi há muito tempo. Eu gostaria que você pudesse me perdoar. — Virei-me para Tarr. — Ainda podemos ser amigos?

— Claro que podemos. O que está feito, está feito, nunca é tarde para

recomeçar. É bom te ver de novo, Bunn. — Tarr sorriu para mim, e foi o mesmo sorriso de quando eu “disse sim” para seu pedido de namoro.

Não vi nada de suspeito nas reações de Tarr, mas pude detectar um toque de ressentimento em sua voz quando eu lhe disse que tinha um namorado. Uma vez eu disse a Tann que um ato de vingança e amor era algo totalmente absurdo. Bem, talvez fosse preciso reconsiderar a situação.

Apesar da primeira fase de *jet lag* devido à diferença de fuso horário de doze horas, forcei-me a aceitar o convite de Tarr para visitar seu estabelecimento. Era um restaurante tailandês do qual Tarr era sócio, que ficava na esquina de um cruzamento no Queens, no andar térreo. Apesar do seu tamanho pequeno, o lugar me pareceu um sucesso, com pessoas de diversas origens étnicas vindo pela famosa comida tailandesa. A decoração era simples, com apenas algumas pinturas de obras de arte tailandesas antigas penduradas na área de jantar. O ar ali dentro se encheu com um delicioso aroma de comida. Tarr acenou para uma jovem garçonete tailandesa enquanto eu examinava o menu, que foi muito bem projetado. Era inacreditável que o prato de arroz coberto com carne de porco frito e manjericão e ovo frito custasse quatrocentos bahts.

— Você não precisa pedir a comida, eu já preparei tudo. — Tarr serviu água no meu copo. — Mas se quiser mais alguma coisa, por favor, me avise.

— Não, não, estou bem com qualquer coisa que você pedir para mim. — Eu não era uma pessoa exigente para comer, mas não pude deixar de pensar que isso era muito típico do Tarr. Ele era um homem de liderança, que fazia tudo o que achasse adequado sem pedir a opinião dos outros. Uma das razões pelas quais as coisas não deram certo entre nós provavelmente foi porque eu não era um seguidor obediente. Virei o menu para a parte das sobremesas, com interesse. — Nossa, você tem até bolinhos de taro com leite de coco.

— E vou te dizer que são bons. Vou trazê-los assim que terminarmos o prato principal. — Tarr olhou para o relógio. — Steve disse que estava quase chegando há cinco minutos, por que ele está demorando tanto?

Tarr pegou seu celular para ligar para o namorado, mas o meu tocou no mesmo momento. Era Tann me chamando no FaceTime, e eu imediatamente apertei o botão de aceitar, revelando o sorriso de Tann na tela.

— Você está acordado? — cumprimentei-o. — Desculpe, não te liguei quando peguei o cartão SIM. Eram duas da madrugada na Tailândia na hora.

[Isso nunca te impediu antes. Você costumava me ligar no meio da noite, lembra? Eu fiquei bravo, porque você não me ligou dessa vez.]

Levantei minhas sobrancelhas. — Você não me parece zangado.

Tann riu. [Estou brincando. Você estava certo, eu estava dormindo. Onde você está agora?]

Uma conversa fiada entre as duas pessoas que estavam naquele relacionamento à distância se passou. Eu disse a Tann que estava jantando com um dos meus conhecidos de Nova Iorque, e meu namorado não parecia duvidar disso. Para ser honesto, uma parte de mim temia que Tann descobrisse que essa pessoa era, na verdade, Tarr, meu ex-namorado. No entanto, a outra parte queria contar tudo a ele. Se ele descobrisse mais tarde, seria uma grande decepção, com certeza. Tarr me olhou de perto enquanto eu conversava, como se quisesse saber quem era a pessoa no telefone.

— Boa sorte com sua aula hoje. Eu te ligo à noite. — Nunca pensei que me pegaria ligando para alguém dia e noite, mas Tann era uma pessoa especial para mim, então faria isto por ele.

[Certo, eu preciso ir também, tenho uma aula às nove. Tchau.]

— Certo. — E então encerrei a chamada.

O jantar foi trazido da cozinha pronto para ser servido. O primeiro prato era uma omelete com carne de porco picada, seguido por uma tigela de sopa de camarão com uma bela decoração. Tarr se virou para apressar a garçonete, para que ela me servisse um prato de arroz, antes de se virar novamente e sorrir para mim. — Era o seu namorado?

— Sim — respondi e virei-me para agradecer à garçonete.

— Há quanto tempo está namorando?

Pude sentir uma mudança em sua voz. — Eu o conheço há quase um ano, mas estamos juntos há alguns meses.

A maneira como ele olhou para mim agora foi a mesma como ele costumava olhar há doze anos. Era tão intimidante que alguém poderia pensar que ele considerava destruir meu relacionamento com Tann, assim como ele fez comigo e Prae.

No entanto, antes de ir tão longe com minhas especulações eu tinha que ter certeza de que foi realmente ele.

— Desculpe, estou atrasado, Tarr. O metrô não vinha nunca. — Uma voz com sotaque inglês americano desviou a atenção de Tarr de mim. Olhei para o recém-chegado, Steve Ying. O homem parecia ainda mais bonito na vida real. Ele usava uma jaqueta de couro preta sobre uma blusa de gola alta vermelha escura, sua pele era de um tom claro pálido, seus olhos de um tom cinza ardósia e afiados e seu cabelo preto bem penteado para trás.

— Tudo bem, a comida acabou de chegar — Tarr falou com fluência, quase tão bem quanto os falantes nativos. Ele puxou Steve para baixo, pelo braço, para se sentar na cadeira ao lado da dele. Tarr gesticulou com a mão em minha direção. — Este é meu amigo, Bunn. Ele é um médico forense da Tailândia e vai fazer pós-graduação para se tornar um especialista.

Steve estendeu a mão para mim e eu estendi a minha. Apertamos nossas mãos de forma agradável. — Prazer em conhecê-lo. Sou Steve Ying.

— Meu nome é Bunn. Prazer em conhecê-lo também. — Torci para que meu sotaque tailandês não soasse muito forte.

Steve abriu um grande sorriso. Ele era muito charmoso. Bem, não me admira que Tarr gostasse dele. — Isso é muito legal, cara. Aposto que seu trabalho deve ser fascinante.

A conversa correu bem, e percebi que minhas habilidades de comunicação em inglês eram relativamente boas. Contei a eles sobre meu trabalho enquanto saboreamos nossa comida, já que, claro, o assunto era algo que os leigos achavam empolgante. Steve pareceu gostar de conversar comigo. Ele insistiu que precisávamos ter uma noite como essa novamente, e tanto Tarr quanto eu concordamos com isso.

Tarr se ofereceu para me levar até a casa onde eu moraria durante meu estudo em Nova Iorque. A senhora dona do lugar era uma tailandesa bem-humorada que se casou com um americano. Ela ficou feliz em alugar um de seus quartos para mim, com a condição de que eu não deveria trazer partes de cadáveres da escola. Tive que garantir a ela que eu não faria tal coisa. Abri a porta do carro depois que Tarr estacionou em frente à casa.

— Steve, acompanharei meu amigo até a porta. Volto logo — Tarr informou o namorado, que estava sentado no banco do passageiro, antes de abrir a porta e me acompanhar até a porta da frente da casa.

— Ei, obrigado por hoje — eu disse a Tarr enquanto procurava a chave no bolso do meu casaco. — As coisas seriam um saco sem você.

— Não, está tudo bem. Qualquer coisa que precisar, me avise, Bunn. Sou eu quem deveria estar feliz por você não ter me esquecido.

Continuei olhando para Tarr friamente por um tempo. — Tarr, tenho um favor para te pedir.

Ele levantou suas sobrancelhas, curioso. — O que é?

— Você poderia manter isso em segredo? O fato de concordarmos em nos encontrar aqui, quero dizer. Não quero que meu namorado descubra. — Olhei para os meus pés. — Ele é muito sensível. Se soubesse que falei com o meu ex e não contei para ele, ficaria muito zangado comigo. Nós brigaríamos, sabe? Já passamos por muita coisa juntos e não quero estragar isso.

— É claro. Eu nem sei quem ele é, então não se preocupe com isso. — Tarr deu um tapa no meu ombro. — Vá para dentro, Bunn. Está frio aqui fora. Você vai pegar um resfriado, já que ainda não está acostumado.

— Dirija com cuidado.

— Tudo bem. Boa noite, Bunn. — Com isso, Tarr deu meia-volta e

retornou para o carro.

Depois de girar a chave e entrar na casa, encostei-me na parede, tentando me acalmar. Peguei meu celular. Tann devia estar lecionando agora, já que era sábado na Tailândia. Digitei uma mensagem e cliquei em enviar.

“Ligue para mim quando estiver livre. Nós precisamos conversar.”



Embora eu tenha vindo aqui para estudar toxicologia, a ciência relacionada à medicina e a várias substâncias tóxicas, o professor Maxim, chefe do Departamento de Jurisprudência Médica, confiou-me a tarefa de um exame *post mortem* fora do departamento com uma professora e dois outros residentes. Segui-os até uma van, que se encaminhou para a cena na parte sul de Manhattan. Um desconhecido foi encontrado flutuando no rio Hudson. O corpo estava inchado e um ferimento à bala foi encontrado incrustado em sua cabeça.

Passei por baixo da fita amarela, que havia sido enrolada em torno da cena, e olhei ao redor com entusiasmo. Já fazia muito tempo que eu não era observador de uma cena de crime. A professora Dena me apresentou à polícia, dizendo que eu era um professor de patologia forense da Tailândia, e isso me permitiu observar a cena mais de perto. Assisti ao seu trabalho com interesse. A dupla de residentes entrou para examinar o desconhecido habilmente.

— A polícia recebeu a denúncia de que um corpo que foi encontrado na marina. — Professora Dena andou até o meu lado. Ela era uma bela americana e, apesar de sua forma pequena, sua personalidade ousada e corpo ágil combinavam com o fato de que ela era uma patologista. — Pena que não encontramos o RG dele. Outros meios devem ser levados em consideração na identificação.

— Claro. — Dei a volta para o outro lado para ver melhor a cabeça do desconhecido. Os cadáveres inchados geralmente são muito parecidos, sendo difícil determinar sua identificação apenas com base em sua aparência física. Então percebi algo incomum. — Hã?

— O que há de errado, professor? — Dena me chamou.

— A bala atingiu sua têmpora e saiu do outro lado de sua cabeça. O caminho da bala é horizontal. Ele pode ter levado um tiro de lado ou cometido suicídio e caído no rio. Também precisamos considerar o local de tiro. É improvável que ele tenha levado um tiro enquanto estava na água, portanto, precisamos abri-lo para ver se esse foi o caso. — Tentei transmitir o que pensava

sem saber se minhas frases estavam gramaticalmente corretas ou não. Um dos residentes também percebeu a mesma coisa que eu e se virou para a professora Dena, como se quisesse que ela o ajudasse a olhar para o corpo. Ela se virou para sorrir para mim.

— Parece que temos mais a discutir sobre este caso. Venha com a gente, acho que você seria de grande ajuda para nós.



— Como foi? Algum progresso? — Assim que saí do metrô, liguei para Tann. Eu estava no telefone enquanto caminhava até minha casa, que ficava a cerca de três quarteirões de distância. Eu tinha acabado de terminar a autópsia da cena, então cheguei na estação de metrô perto de minha casa às sete e meia da noite.

[Tirando as fotos que ele postou no mural dele, nada] Tann respondeu. [Ninguém falou sobre você ainda.]

— É mesmo? — Suspirei. — Talvez eu esteja perseguindo o cara errado.

[Não, eu acho que algo não bate. Você pediu para ele não me contar sobre vocês terem se encontrado, mas ele mesmo assim postou aquelas fotos de vocês três no restaurante. Ele fez isso de propósito.] Tann parecia zangado.

Aqui está o que eu estava tentando fazer o tempo todo. Eu estava tentando formular um plano para expor seu esquema malévolo de destruir a vida amorosa de outras pessoas. Se meu namorado soubesse o que contei a Tarr naquela noite, provavelmente ficaria muito zangado comigo. Isso pôde dar a Tarr uma ideia do que ele deveria fazer a seguir. Se ele ainda queria destruir minha vida amorosa, eu tinha certeza que ele não perderia essa oportunidade de ouro.

A próxima coisa que fiz foi confessar a Tann que entrei em contato com Tarr sem que ele soubesse. Tann ficou zangado no início, dando-me um longo sermão sobre o segredo que eu havia guardado, mas no final entendeu que eu precisava de orientação sobre como viver em um país estrangeiro. Seria mais fácil pedir ajuda a alguém que conheço. Tann disse que se ele fosse eu, teria feito o mesmo, exceto esconder a verdade de mim.

No dia seguinte, Tarr postou em seu mural do Facebook as fotos de nós três em seu restaurante, mas não me marcou no processo. Enviei uma mensagem para perguntar a ele sobre isso, e ele apenas alegou que Steve o forçou a fazer

isso, portanto, realmente não teve escolha. Ele disse que não me marcou para impedir que meus amigos do Facebook vissem. Tann viu isso como algo intencional.

Agora eu estava esperando que alguém revelasse o boato sobre Tarr e eu para Tann.

[Bunn, que tal isso] Tann sugeriu. [Talvez Tarr ainda não saiba que sou seu namorado, porque nunca postamos nada sobre nós nas redes sociais.]

Parei no meio do meu caminho, franzindo a testa. — O que você sugere que façamos?

[Temos que revelar nosso amor épico no Facebook, é claro. Atualizar nosso *status* de relacionamento no Facebook, postar nossas fotos de casal, assim vou me tornar um alvo fácil. Se esse Tarr quiser te prejudicar, encontrará uma maneira de chegar até mim.]

Embora não tenha sido uma ideia tão ruim para começar, não pude deixar de me sentir um pouco envergonhado. — Você realmente quer fazer isso?

[Você está bem com isso, certo? Vou fazer isso agora. Um segundo.] E então Tann desligou na minha cara.

— Es-espere! — Olhei nervosamente para o telefone. — Droga, Tann.

Cheguei ao meu quarto ao mesmo tempo em que fui notificado de que alguém me marcou em algo no Facebook. Sentei na cama. Demorei muito a mexer os dedos e abrir a imagem em que fui marcado. A foto não era uma comigo e Tann juntos, mas sim uma só minha, lendo um livro grosso em uma cafeteria. Tann provavelmente havia tirado essa foto sem que eu percebesse.

Uma mensagem acima da imagem dizia: "Você nunca está muito longe porque sei que estamos próximos em nossos corações, meu médico.” Três emojis de coração foram adicionados após essa frase cafona.

Senti que meu almoço estava prestes a sair pela minha garganta. Liguei imediatamente para Tann.

— O que diabos você está fazendo? Está brincando comigo? — eu disse com a voz fria, ouvindo a risada feliz de Tann no outro lado da linha.

[Por quê? Eu acho que é fofo. Minha postagem teve muitas curtidas em questão de segundos. Oh espere, há comentários.] Ele leu em voz alta para mim. [Olha só: “É o seu namorado, professor Tann? Fiquei com inveja!” e ainda usou aquele emoji de surpresa!]

Massageei minhas têmporas latejantes. — Exclua agora.

[Não, deixe assim. É uma isca perfeita.] Tann parecia tão alegre que comecei a ficar irritado. [Ele não vai fugir dessa vez. Com certeza vai cair na minha armadilha. Se ele ainda guarda rancor de você e quer destruir sua vida amorosa, não será capaz de suportar a visão do nosso épico momento

romântico.]

— Mas geralmente não fazemos essa merda sentimental.

[Você acha? Pois bem, apenas espere. Algo vai acontecer. Ainda hoje. Talvez até o próprio Tarr entre em contato comigo, o que é altamente improvável, e então fingimos que estamos brigados. Você precisa observar a reação dele.]

— Eu te dou três dias. Se esse plano de "isca" não funcionar, ele vai para a lixeira.

[Ah...] Tann ficou em silêncio por alguns segundos. [Tudo bem. Certo. Mas, se funcionar, vou manter essa foto no meu mural do Facebook para sempre e vou continuar postando nossas fotos no futuro.]

Eu fiquei imóvel, sentindo algo começando a florescer dentro do meu peito. Esse sentimento me deixou um pouco confortável. No começo, pensei que era raiva, mas não quis repreender Tann por sua ação. Meu rosto esquentou como se eu estivesse com febre. Uma combinação de vergonha e alegria pelo fato de que Tann provavelmente queria tornar público o nosso relacionamento. Agora comecei a entender por que as mulheres costumavam me pedir para postar algumas fotos com elas.

[Bunn?] Tann pronunciou meu nome quando fiquei quieto por um longo tempo.

— Tá, tanto faz. — Eu não tinha ideia de por que eu fingi estar chateado.

[É...? Ótimo. Você vai tomar banho agora?]

Tirei o cachecol do meu pescoço. A temperatura no quarto estava confortavelmente quente em comparação com a temperatura externa naquele momento. — Sim, vou tomar um banho depois disso. A temperatura se manteve em um dígito o dia todo. Está frio pra caralho. Ah, e eu fiz uma autópsia fora da escola hoje. É como estar em um filme. No começo eu só estava ali parado, com medo de expressar minha opinião, e, quando falei, a professora me deixou participar da autópsia também.

[Porque você é bom nisso. O orgulho do nosso país!]

— Você está exagerando, mas foi muito emocionante lá, na hora. Estou feliz por eles terem notado o que eu podia fazer.

Eu pretendia tomar banho antes das oito da noite para estudar antes de dormir, mas, em vez disso, fiquei ao telefone com Tann por mais de uma hora. Tornou-se minha rotina diária. Contávamos um ao outro o que acontecia durante o dia em nossas vidas separadas. Para Tann, seu negócio de tutoria estava indo bem. Vários alunos tinham se matriculado em seus cursos e a sua agenda estava ocupada.

Além disso, ele estava vendendo suas casas. Tann me disse que estava procurando um lugar para alugar para começar seu novo cursinho, e Boon estava ajudando-o. Tann era bom no que fazia. Eu tinha certeza de que ele se tornaria um homem de sucesso em pouco tempo.

Todo mundo diz que relacionamentos a longa distância são difíceis, no entanto, desde que possamos estar em constante comunicação, acredito que não temos nada com que nos preocuparmos.

Depois que terminei a ligação, abri o LINE e rolei as conversas para entrar em contato com alguém que eu conhecia. Minha última mensagem para ela tinha sido enviada no ano passado. Encarei a conversa por um longo tempo antes de digitar uma mensagem. Eu não sabia se ela ainda queria falar comigo, pois tínhamos saído da vida um do outro como se nunca tivesse existido nada entre nós.

“Está ocupada?

Preciso te perguntar uma coisa.”

# CAPÍTULO 32

**“Tutor gato, passe adiante!”**

Eu ri quando a garota do meu curso de biologia me mostrou seu telefone. Na tela, vi uma foto em que eu estava de boca bem aberta tentando explicar algo aos meus alunos que vieram estudar comigo embaixo do prédio da Faculdade de Medicina. Quem quer que tenha tirado essa foto deveria ter me avisado antes de postá-la, porque eu parecia horrível com a minha boca fazendo um formato de "O" como aquele.

— É isso aí, alguém tirou fotos suas e as compartilhou on-line com essa hashtag. Muitas pessoas estão compartilhando isso. — Koi sorriu. — Você é famoso agora, professor Tann. Cheque os comentários.

— Céus, quem fez isso comigo?

Na verdade, apesar da minha reclamação verbal, fiquei feliz por minhas fotos receberem comentários positivos. Ontem à noite o número de visitas na minha página comercial aumentou, o que provavelmente deve ser resultado dessas fotos com a hashtag #Tutorgatopasseadiante.

Tive sorte de possuir os belos genes do meu pai, mas nunca pensei em fazer um bom uso deles antes. Nunca me considerei bonito em comparação com o meu irmão falecido, Pert. Ele podia fazer os joelhos de uma mulher cederem sem uma única palavra, e até Bunn costumava ter uma queda por ele, aliás.

Mas como aparência era outro método que poderia me levar ao sucesso, eu tentaria promover mais fotos minhas na página comercial.

Depois de recarregar nossos cérebros cansados durante o intervalo, Koi e eu continuamos nossa lição sobre os componentes celulares até às oito da noite. Koi queria fazer o Teste Olímpico da Academia, então o conteúdo do curso que preparei para ela era mais intensivo que o currículo geral das pessoas da sua idade. Era biologia a nível universitário. Embora a matéria fosse difícil, Koi estava determinada, então fui encorajado a continuar a ensiná-la. Koi colocou as apostilas em sua bolsa e juntou as palmas das mãos, despedindo-se de mim com o wai.

— Tenho que ir, minha mãe está aqui.

— Claro, te vejo na quarta.

Peguei meu celular no caminho de volta para a minha casa. Eram oito e quinze da noite, então provavelmente eram oito da manhã na América. Bunn já

devia ter ido trabalhar. Se eu ligasse para ele agora, acabaria atrapalhando. Poderíamos conversar na manhã seguinte, quando ele saísse do trabalho. Eu estava prestes a colocar o aparelho de volta no bolso quando um som de notificação tocou. Puxei-o mais uma vez.

Havia uma notificação do Messenger. Uma mensagem. O remetente era Kittiphong Chaingam, um nome do qual eu nunca tinha ouvido falar antes. Cliquei para abrir e ler a mensagem inteira.

"Oi, sou um velho amigo do Dr. Bunn.

Vi que vocês dois são bem próximos.

Quero falar com o Tarr, o cara com quem ele está neste momento.

Mandei uma mensagem para Bunn, mas ele não me respondeu. Você poderia dizer a ele para falar com Tarr para mim?

Isso seria de grande ajuda. Muito obrigado mesmo."

*Lá vamos nós...* Agora ele está me sacaneando. Eu estava esperando por isso. O canto da minha boca se levantou. Esse usuário anônimo do Facebook tentou deixar escapar que Bunn estava com Tarr, seu ex-namorado. Tudo bem, eu faria o papel de um namorado ignorante que ficou chocado ao saber que seu amor foi ver seu ex-namorado pelas suas costas.

"Como você sabe que Bunn está com Tarr?" Digitei de volta.

"Estou em Nova Iorque."

— Eu não caí nessa, idiota — amaldiçoei antes de tirar uma captura de tela e enviá-la para Bunn via LINE. Quando pudesse, ele me ligaria. Passei para a próxima etapa do meu plano. Cliquei no ícone do Facebook e digitei no mural:

"Nada pode ser feito para que você tenha minha confiança novamente, pois uma única mentira é o suficiente para perdê-la para sempre."

*Isso será o suficiente para causar um drama, Bunn?*

Desliguei a tela e continuei andando. Depois que cheguei em casa, joguei pela janela o plano de preparar meus materiais de ensino e olhei tudo no perfil de "Kittipong Chaingam". Eu não sabia como essa pessoa estava relacionada com Bunn ou Tarr. Até onde eu sabia, ele podia ser apenas um estranho ou o próprio Tarr por trás de uma conta falsa. No entanto, eu tinha quase certeza — tipo, cem milhões por cento de certeza — de que essa pessoa era Tarr disfarçado.

[Eu deveria fingir um choro, certo?] Bunn disse, brincando. [Fui pego em flagrante. Término garantido.]

— Sim, algo do tipo. — Ri e afastei meu olhar da tela do computador para encarar Bunn. Eu estava no FaceTime com ele usando o iPad à minha direita. Bunn estava se vestindo para ir ao hospital pela manhã e, naquele momento, abotoava a camisa. Eu faria qualquer coisa para me teletransportar

pela tela para vê-lo pessoalmente. Eu queria ajudá-lo a se preparar para o dia, ou provavelmente o contrário.

[Então quem foi falar de mim para você? Você tem mais informações?] Bunn perguntou, interrompendo meus pensamentos eróticos.

Limpei minha garganta. — O Facebook dele está em modo privado, Bunn. Há apenas algumas fotos que não ajudaram muito, então enviei um pedido de amizade, que ele ainda não aceitou, mas aqui está o que eu sei: sua intenção é má. Ele intencionalmente me contou sobre Tarr. Quantos tailandeses saberiam sobre vocês dois se encontrando em Nova Iorque se não fosse Tarr?

[Humm.] Bunn ponderou. [Então deve ser ele.]

Eu sorri. — Ele é o suspeito número um. Com certeza ele fez isso.

[Estamos levando essa merda muito mais a sério do que levamos uma investigação de assassinato.] Bunn virou-se para o cachecol e o enrolou em seu pescoço. Devia estar congelando lá. [Acho que posso encontrar mais informações com a minha ex-namorada, quando eu tiver um tempo livre.]

— Legal. — Comecei a gostar desse jogo de “pegar o vilão”. Eu poderia me envolver nessa “investigação” sem ter que arriscar minha vida ou entrar em quaisquer atividades ilegais. Não havia necessidade de formular um plano genial para vencer isso, era apenas algo para eliminar nossa suspeita incômoda. E a julgar pelo seu sucesso anterior, Bunn logo encontraria a resposta.



Com uma expressão melancólica no rosto, encarei o hambúrguer enorme que a garçonete havia colocado sobre a mesa. Tarr me olhou como a familiar simpatia de sempre. Eu o chamei ali, dizendo que queria alguém comigo neste momento, e ele concordou sem hesitar.

— Desculpe incomodá-lo assim depois do trabalho, mas não tenho ninguém a quem recorrer. — Olhei para o homem à minha frente.

— Está tudo bem. Estou sempre aqui para ajudá-lo, Bunn. Você pode me dizer qualquer coisa. — Tarr pegou uma grande porção de batata frita e colocou na boca. — Qual é o problema?

— Eu... briguei com o meu namorado. — Fui direto ao assunto, observando de perto a reação de Tarr. — Nunca tivemos uma briga tão feia antes. Como Tann descobriu que nós nos encontramos em Nova Iorque? — Meus olhos se voltaram para uma multidão de pessoas caminhando do lado de

fora do restaurante.

— Isso é terrível! — Tarr gritou, e uma expressão de choque apareceu em seu rosto. — Como ele soube?

— Tann falou que alguém que diz ser meu amigo entrou em contato com ele, falando que você e eu estávamos juntos e que precisava do teu contato, mas não conseguiu falar comigo para pegar — Fiz uma careta. — Mas depois de todo esse tempo ninguém me perguntou sobre você, e Tann não quer me dizer quem é esse cara. Ele disse que não importa quem é, o que importa é que eu menti para ele. Agora ele provavelmente não vai mais confiar em mim. — Eu estava me perguntando se deveria deixar escapar um soluço para fazer a atuação parecer mais convincente, mas decidi que não. Tarr colocou sua mão em cima da minha que estava sobre a mesa.

— Apenas algumas pessoas aqui conhecem você e eu. Vou ajudá-lo a descobrir quem ele é. Você poderia pedir ao seu namorado para me enviar o nome dele?

— Vou tentar perguntar a ele, mas vai ser difícil. Tann não quer falar comigo. — Olhei para a mão de Tarr, ainda apoiada sobre a minha, e lentamente puxei a minha mão. — Você não contou a ele sobre nós, né?

Tarr balançou sua cabeça. — Por que eu faria isso?

— Porque você ainda está bravo comigo. Você não quer que eu seja feliz em minha vida amorosa. Você estava me perseguindo, tentando descobrir se eu estava namorando alguém, e encontrou uma maneira de destruir meu relacionamento contando meus segredos para outras pessoas. — O rosto de Tarr permaneceu sereno, o que era incomum para quem foi acusado de mentir. O rosto dele era mais fácil de ler que o de Tann, que tinha um talento natural para mentir.

— Sinto muito que você me veja assim. — Uma centelha de raiva armazenada em seu olhar sob os óculos pôde ser vista depois de algum tempo. — Não vejo por que eu teria que fazer uma coisa dessas com você. O que aconteceu entre nós acabou há muito tempo.

Balancei minha cabeça. — Você conhece um amigo da Prae, minha ex-namorada.

Tarr franziu a testa. — Não estou entendendo o que você quer dizer.

— Você disse a um amigo da minha ex que eu sou gay. Esse amigo foi avisá-la sobre isso. Já perguntei e ele confirmou que te conhecia e que foi você quem contou a ele sobre mim. — Mostrei meu telefone para ele, revelando a verdade sobre suas mentiras na conversa entre eu e o amigo de Prae. Tarr parecia relutante em olhar para ele. — E logo depois de implorar para você não contar ao meu namorado sobre o nosso encontro secreto, alguém tentou entrar em

contato com ele e dar uma dica de que você e eu estávamos juntos.

Tarr permaneceu em silêncio, então decidi desferir o golpe final.

— E aparentemente esta não é a primeira vez. Você se lembra da Chompoo? A garota da farmácia com quem namorei? Ontem tentei entrar em contato com ela e, adivinha, nós conversamos. Ela me disse que, depois de fingir que estava perguntando sobre as direções no hospital, você tentou entrar em contato com ela para afastá-la de mim. E ela realmente me deixou depois disso. — Olhei para Tarr com um olhar penetrante.

Tarr tirou os óculos e colocou-os no bolso da camisa. Seus olhos estavam brilhantes. Ele parecia aquela mesma pessoa que eu conhecia quando era jovem. Eu podia sentir que sua energia começou a morrer. — Sei que eu não deveria ter feito isso, mas sou uma pessoa má, Bunn. Não pude evitar ficar com raiva e ciúme.

Soltei um sorriso vitorioso. Foi exatamente como aquele momento em que consegui enganar Rungthiwa, a irmã de Jane.

Tarr juntou as mãos, recusando-se a me olhar nos olhos. — Admito que o que aconteceu com Chompoo foi minha culpa, mas o que aconteceu entre você e Prae foi um acidente. Voltei para a Tailândia para visitar meus pais e encontrei meu antigo colega de faculdade, com quem saí para beber. Ele é gay, como nós, na verdade, então contei coisas a ele quando fiquei bêbado. — Tarr passou a mão no nariz. — Ele me perguntou quantos namorados eu já tive, disse que você foi o meu primeiro, falei sobre como você me tratou e mostrei a ele o seu Facebook. Juro que eu não sabia naquela época que ele conhecia a sua ex. Só mais tarde descobri que eu fui o motivo do rompimento de vocês.

Eu bufei com um longo suspiro. — Embora você não quisesse fazer isso, suponho que seja verdade que você usou intencionalmente um perfil falso do Facebook para contar ao meu namorado sobre nosso encontro secreto, né? Não pense que eu não sei sobre isso, Tarr.

Tarr ficou em silêncio por um longo tempo enquanto olhava para a tigela de batata frita, que já havia esfriado. — Eu sinto muito.

Recostei-me na cadeira, sentindo como se uma aflição tivesse sido tirada do meu peito. Encarei Tarr com um olhar frio. Na verdade, Tann e eu ainda não tínhamos conseguido encontrar nenhuma evidência para forçá-lo a admitir a verdade, então escolhi usar as informações que reuni e usá-las contra ele, e, felizmente, Tarr confessou. — Eu não quero acabar com a nossa amizade, mas se você fez isso para me ferir, não tenho mais nada a dizer.

Outro prato foi servido em nossa mesa, o que nos fez ficar em silêncio por um tempo. Quando a garçonete foi embora, continuei: — Lamento ter ferido seus sentimentos, Tarr. Mas, por favor, deixe-me em paz de agora em diante.

Um sorriso triste gradualmente apareceu em suas feições. — Vou tentar.

— Você não pode simplesmente “tentar”, isso precisa parar. Se você não parar... — Eu não queria fazer isso, mas pessoas como o Tarr sempre passavam o tempo morando no passado. Se eu fosse tolerante com isso, certamente haveria mais caos à frente. — Steve pode querer saber sobre a nossa história, não acha? E aí não posso garantir o que vai acontecer depois disso.

Seus olhos se arregalaram com a minha ameaça, e vi o terror aparecendo em seu olhar. *Eu peguei ele agora*, percebi. — Você não mudou nem um pouco. Você é cruel pra caramba, sabia disso? — Tarr deu uma risada forçada.

— Não, na verdade eu sou dez vezes mais cruel do que costumava ser. — Sorri levemente para amenizar a atmosfera tensa que pairava sobre nós. Estendi a mão para pegar o hambúrguer no prato e me preparei para comê-lo. — Mas isso não significa que você não pode ser meu amigo.

— Hum. — Tarr pegou o garfo, parecendo abatido como nunca. — Fui pego em flagrante. Como posso ser seu amigo agora?

— Está tudo bem, eu te perdoo. Vou falar com o meu namorado e fazer com que ele te perdoe também. — Surpreendi Tarr mais uma vez ao lhe dizer que Tann também sabia disso. — Talvez o que você fez tenha sido uma coisa boa. Conheci Tann, e ele acabou por ser o homem certo, parei de mentir para mim mesmo e voltei ao caminho correto.

Tarr massageou as têmporas. — Você é um chato. Certo, você realmente faz jus à sua reputação, Bunn. Eu desisto. Vou deixá-lo em paz.

— Boa. Steve não ficaria feliz em saber que você ainda está apegado ao seu ex. — Minhas sobrancelhas ergueram-se desafiadoramente.

Agora esse caso foi oficialmente encerrado. O caso de um homem que andava por aí se intrometendo na vida amorosa de outras pessoas. Eu não sabia se conseguiríamos continuar do jeito que estávamos ou se, na pior das hipóteses, não seríamos capazes de nos falar nunca mais.

Seguimos caminhos separados, voltando às nossas casas logo após o jantar. Tarr foi embora sem uma despedida prolongada. Eu só pude olhar para as suas costas se afastando, sem sentir nada, antes que ele se misturasse à multidão. No passado, Tarr sempre me dizia que eu era a primeira pessoa da qual ele queria se aproximar, apesar dos meus comportamentos notoriamente indisciplinados. Ele concordou em manter nosso relacionamento em segredo se isso significasse que ele poderia permanecer ao meu lado, segurando minha mão e sussurrando palavras doces em meus ouvidos, algo com que eu não me importava nem um pouco.

Ainda assim, quando a represa das emoções rachou-se e transbordou,

Tarr explodiu, fazendo com que eu largasse ele naquele dia.

*Sinto muito por ter magoado você, Tarr. Mas nós dois nos tornamos apenas linhas paralelas.*

# CAPÍTULO 33

Depois de meses sob cuidados paliativos, meu pai faleceu pacificamente aos setenta anos. Encarei a linha reta no monitor de ECG com uma infinidade de sentimentos se misturando dentro de mim. O corpo do meu pai, que costumava ser alto e encorpado, tornou-se esquelético devido ao câncer em estágio avançado. Ao vê-lo ali, daquele jeito, parecia que ele estava apenas adormecido.

Nem uma única lágrima foi derramada. Ele se foi... era o último inimigo da minha vida anterior.

— Sinto muito por sua perda, Tann. — Capitão Aem ofereceu suas condolências. Eu estava sentado em um banco em frente à delegacia. Virei-me e respeitosamente cumprimentei o capitão, que acenou com a cabeça antes de se abaixar ao meu lado. Ele me chamou para conversar quando soube que eu tinha vindo até aqui para ficar ao lado da cama do meu pai moribundo, então parei na delegacia para vê-lo antes de ir ajudar com o funeral no templo.

— Obrigado. Mas, para ser honesto, não me sinto muito triste com isso. — Virei-me para sorrir para o capitão. — Você certamente deve entender o porquê.

— Bem, nunca pensei que veria a queda da família Sawangful com meus próprios olhos. — O homem corpulento se virou para olhar para mim. — Oh, e por falar nisso, eu não sou mais o capitão. De agora em diante, você me tratará como Inspetor Aem.

Meus olhos se arregalaram com o seu novo título e levantei minha mão em saudação, de brincadeira. — Sim, parabéns, senhor.

O inspetor recém-promovido deu uma risadinha. — Na verdade, eu o chamei aqui para contar sobre o progresso que fizemos no caso da Srta. Rungthiwa. Minha equipe acabou de reunir uma nova evidência coletada da filmagem da câmera de vigilância que recuperamos do ex-segurança que costumava trabalhar no condomínio de Janejira. Acontece que não havia nada de errado com a câmera, o guarda recebeu dinheiro de Pert para destruir as evidências que poderiam provar que ele foi ver Janejira quando o assassinato aconteceu. O guarda deixou o emprego depois disso, então levei algum tempo para localizá-lo.

Endireitei-me na cadeira, ouvindo atentamente as atualizações do inspetor. Eu podia sentir meu coração batendo muito rápido.

— Runghtiwa mentiu sobre ir ver a irmã sozinha. Pela filmagem da câmera, ela foi lá com Pert às sete da noite de dez de dezembro. Os dois entraram juntos no quarto de Jane, o que conflitou com sua declaração anterior, alegando que ela foi ver sua irmã às sete da noite e descobriu que Pert estava tentando simular o enforcamento de Jane. Com essa evidência em nossas mãos, Runghtiwa finalmente confessou que ela e Pert mataram Jane porque ela iria expor sua fraude nos fundos de desenvolvimento habitacional.

— Isso é verdade? — exclamei em choque. — Ela matou a própria irmã só por isso?

— As irmãs sempre tiveram conflitos sobre suas propriedades. Pert e Janejira, que pareciam estar em um relacionamento, vinham brigando muito por causa dos problemas entre elas. Além disso, Pert parecia estar muito próximo de Runghthiwa, fazendo com que Jane quisesse se vingar dele, expondo o delito da irmã para destruir sua reputação. Na noite do assassinato, Pert e Runghthiwa pretendiam ver Jane e negociar com ela, mas isso provavelmente não deu certo. Jane foi estrangulada até a morte e tentaram simular suicídio. A causa da morte por suicídio foi forjada. Você agindo como namorado de Jane possibilitou que Pert pudesse ser descartado como suspeito e fugisse de cena.

— Eu não queria fazer isso de jeito nenhum. — Suspirei.

— Rungthiwa não havia entrado em contato com Pert enquanto ele estava desaparecido, até que ele saiu de seu esconderijo e voltou, provavelmente por culpa ou por algum motivo desconhecido. Rungthiwa estava com medo de que ele contasse à polícia o que aconteceu, então ela o envenenou. — O inspetor Aem balançou a cabeça. — Isso é tudo o que eu consegui reunir por agora. Darei mais detalhes a você quando tiver. Tenho uma longa lista de entrevistas com testemunhas, incluindo você, Tann.

— Terei o maior prazer em vir aqui para lhe dar informações sempre que precisar de mim. Meu negócio de aulas particulares em Bangkok é flexível, pois não é uma escola de tempo integral como a que eu tinha aqui. — Levantei-me. — Obrigado pela atualização, inspetor.

— E como está o Dr. Bunn? — perguntou Aem. — Soube que foi para os Estados Unidos. Você acha que ele poderá voltar como uma testemunha?

— Vou passar sua mensagem a ele. Agora estamos morando juntos, então direi a ele quando receber a intimação.

O inspetor olhou para mim com calma. — Inacreditável. Vocês dois estão namorando. Sempre pensei que o Dr. Bunn fosse hétero. Quero dizer, ele costumava ter uma namorada, pelo amor de Deus. Eu nunca poderia dizer que ele é gay, já que nunca agiu como tal.

— Isso não é um choque, sabe. Afinal, é preciso ser um para conhecer

outro. — Eu ri. — Agora, se me dá licença, tenho um funeral para ir.

— Claro, vamos conversar outra hora. Mas, se eu fosse você, eu não iria lá. Você é a razão pela qual a família Sawangkul está em ruínas agora. Seus parentes não ficarão felizes em te ver.

— Vou ser rápido. Meu pai me criou, então eu deveria ir prestar meu respeito uma última vez. — Despedi-me do inspetor. — Tenho que ir.

Voltei para o meu carro com a sensação de ter tirado um peso do meu peito. Pert nunca mencionou nada sobre Rungthiwa para mim, nem mesmo o nome dela. Quando ele me contou sobre o que aconteceu, foi como se ele tivesse feito tudo sozinho. Talvez ele quisesse evitar problemas ao máximo que pudesse, e isso poderia proteger Rungthiwa de suspeitas também. Mesmo que seu relacionamento com ela permanecesse obscuro, eu tinha certeza de que eles estavam tendo um caso escondido na época, o que não era incomum para um namorador como Pert, já que eu não conhecia a maioria das garotas com quem ele saía. Nunca pensei que a atitude dele levaria a uma infinidade de mortes trágicas. Graças a Deus eu não sou como ele. Se eu amo alguém, cuido dele e só dele. Só tenho olhos para ele.

*Em breve, quando estiver pronto, você será meu para sempre, Bunn.*



Eu não queria ficar aborrecido com cada pequena coisa que acontecia, mas quando eu realmente me importava com alguém, minha mente ficava cheia de pensamentos sobre essa pessoa a cada chance que eu tinha em meu tempo livre. E agora eu estava frustrado com o fato de que o homem que eu tanto gostava havia desaparecido. Um dia inteiro se passou e ele não retornou minhas mensagens ou telefonemas. Esse tipo de circunstância aconteceu uma vez antes, quando esqueci meu telefone na van do departamento, mas liguei para Tann assim que peguei o celular de volta.

No segundo dia do desaparecimento de Tann, minha raiva logo se transformou em preocupação. Havia acontecido alguma coisa com ele? A primeira coisa que fiz depois de voltar do hospital foi ligar para Boon, meu irmão.

[Ah, Tann?] Boon falou indiferente. [Vi ele há dois dias, debaixo do prédio com os alunos dele.]

— E depois? Olha, eu não consegui entrar em contato com ele de jeito nenhum. Preciso da sua ajuda. Onde ele está? — Dirigi minha boca para mais

perto do telefone. — Tann voltou para casa, talvez tenha acontecido algo com ele lá? Por favor, ajude-me a entrar em contato com ele.

[Calma, fica tranquilo. Seu telefone pode estar quebrado ou ter perdido o sinal de internet de alguma forma.] Boon respondeu como se a minha preocupação não fosse grande coisa.

— Já faz dois dias que ele desapareceu, pelo amor de Deus! — Fiquei muito irritado por ele não parecer tão chocado quanto eu.

[Está bem, vou tentar entrar em contato com ele. Provavelmente não é nada, então não se preocupe com isso. Você acabou de sair do trabalho, né?]

Dei um suspiro alto. — Sim, acabei de chegar em casa.

[Você tem algum plano para essa noite? Interessado na vista de um terraço?]

Franzi minhas sobrancelhas. — Que terraço? Quer dizer, em Nova Iorque?

[Sim, você disse que foi ao Empire State Building, mas esse é ainda mais alto que o último que você foi. Comprei um ingresso para você, está no seu e-mail. Vá lá e tire algumas fotos para mim, talvez eu leve minha família para lá algum dia.]

— O quê?! — Fiquei totalmente confuso com sua oferta generosa, embora inesperada, pelo ingresso para vista do terraço. O que tinha dado nele? Olhei para o meu relógio: cinco e meia da tarde. — Mas já estou em casa.

[Apenas vá, eu já comprei o ingresso para você, e ele foi caro.]

— Não vou a lugar nenhum até saber onde diabos está o meu namorado. — Retruquei, indignado.

[Ele não está desaparecido, confie em mim. Vá apreciar a vista do terraço, isso é uma ordem. Vou ficar bravo se você não for.]

Eu poderia dizer que esta não era uma circunstância normal. Boon deveria ter ficado mais preocupado com o possível desaparecimento de Tann. Além disso, ele comprou um ingresso para eu visitar um terraço, como se esperasse que eu encontrasse algo ou alguém lá. — Boon, sério, o que vocês estão tentando fazer? — perguntei com minha voz gélida.

[Apenas vá, tudo bem? Não se preocupe muito. Tenho que ir, um paciente está me esperando na sala de cirurgia, tchau!] Antes que eu pudesse ter um ataque, Boon desligou na minha cara. Olhei irritado para o telefone. Embora estivesse confuso sobre o que havia acontecido segundos atrás, tive a sensação de que estava prestes a encontrar algo no terraço, pois Boon parecia tranquilo com fato de Tann ter desaparecido e, em vez de mostrar preocupação com isso, incentivou-me a fazer uma visita ao terraço. Talvez meu irmão realmente soubesse onde Tann estava.

*E seria possível que o motivo pelo qual eu não tenha conseguido entrar em contato seja porque ele estava a caminho de algum lugar?*

Meu coração acelerou. Todos os tipos de possibilidades invadiram meu cérebro ao mesmo tempo. Será? Bem, só havia uma maneira de descobrir, eu teria que ir lá. Entrei no meu e-mail pessoal e localizei um e-mail do meu irmão com o assunto "Você-Deve-Ir-Lá!". Podia detectar o quão anormal era esse convite. Meu palpite era que Tann e Boon estavam tramando algo malicioso e Tann poderia aparecer no terraço.

É melhor ele rezar para que eu não o encontre, porque vou torcer sua orelha e garantir que todos os americanos ouçam seus gritos agonizantes.



Momentos de felicidade sempre pareciam passar rapidamente. Quando comecei a me ajustar ao meu estudo de pós-graduação, percebi que eu estava me divertindo cada vez que ia para as aulas. Comecei a fazer amizade com quatro ou cinco de meus colegas de classe, que me convidavam para sair com eles. Alguns dos residentes pediam meus conselhos, e uma mulher americana mais velha, uma professora de medicina, me convidou para sair uma vez, mas recusei seu convite, é claro. Antes que eu percebesse, cinco meses tinham se passado e eu já estava acostumado com o ambiente tumultuado e o mar de pessoas ao meu redor enquanto eu saía do metrô. Olhei para o mapa em meu celular mais uma vez e fui direto para o meu destino. Eu estava agendado para subir com o grupo das sete da noite.

A primeira coisa que senti foi o vento gelado contra o meu rosto, uma espécie de frio implacável. Puxei meu casaco com mais força em torno de mim, observando os arredores entusiasmadamente. Manhattan estava brilhantemente iluminada por arranha-céus. Já que ainda tinha espaço suficiente para eu me aproximar, caminhei até a varanda de vidro. Meus olhos se fixaram no espetáculo de belas luzes do Empire State Building. Peguei meu telefone e abri a câmera para capturar várias fotos do que estava diante de mim. Boon estava certo, a vista realmente era mais bonita aqui. Abri minha conversa com o meu irmão e enviei cinco fotos para ele.

Enquanto esperava que as fotos fossem enviadas, alguém cutucou o meu ombro. Achei que a pessoa queria que eu me afastasse para que ela pudesse apreciar a vista, então pedi desculpas e me preparei para sair, no entanto, quando me virei, parei de repente. O homem atrás de mim era, provavelmente, um

americano, com cabelo castanho escuro e terno preto, e ele estendeu algo em minha direção com a sua mão, um pequeno buquê com rosas brancas. Apontei para mim mesmo perguntando se eram para mim.

— Um cavalheiro queria que eu desse isso a você agora a pouco. — O buquê de flores foi empurrado para mais perto de mim. — Ele é um asiático bonito. Vocês se conhecem? Ele está bem ali. — O americano apontou na direção atrás dele. Tentei seguir seu dedo, mas minha altura me impedia de ver qualquer coisa àquela distância. Confuso, aceitei as flores. Meu coração martelou por dentro como se fosse pular do meu peito a qualquer segundo. O estranho sorriu levemente para mim antes de se virar e ir embora. Ao analisar o buquê, localizei um cartão azul inserido entre as rosas.

Puxei o cartão e li a mensagem escrita em um rabisco familiar:

"Um desconhecido morreu de desgosto. Por favor, venha checar esse pobre rapaz, doutor."

Cobri minha boca com a mão depois que uma risada escapou. Embora tivesse uma boa ideia do que estava acontecendo, eu não conseguia parar este sentimento avassalador que corria dentro de mim. Afastei-me da varanda e andei pela multidão de turistas tentando me equilibrar na ponta dos pés enquanto procurava pelo homem que me deu a flor. *Não me deixe pegar você, Tann, ou vou bater nesse seu rosto bonito.* Por que ele não me disse que estava vindo? Eu não gostei nada disso. Que surpresa estúpida, ele realmente achou que eu ficaria facilmente impressionado?

Então avistei a figura de um homem com uma jaqueta marrom e calça cinza admirando a vista do Central Park. Eu não tinha certeza se realmente era ele, mas, considerando a altura e o estilo de cabelo, devia ser Tann. Inconfundível. Fui direto até ele e levantei minha mão para tocar suas costas.

— Bunn. — De repente ouvi a voz de Tann, mas ela não vinha do homem à minha frente. O homem com jaqueta marrom se virou para mim, confuso. Meus olhos se arregalaram em choque antes que eu virasse minha cabeça para a fonte da voz que se aproximava pela minha direita. Eu freneticamente me desculpei com o cara errado. — Como você pôde fazer isso comigo? Dizer olá para outro homem assim?

— Isto... foi um engano. — Virei-me para Tann. Pela primeira vez, eu não soube como agir na frente dele. Eu deveria ficar feliz, tímido, ou puxá-lo para os meus braços? Esse nó de sentimentos mistos estranhos me fez ficar paralisado em meu lugar, estupefato, olhando para Tann, que estava sorrindo gentilmente para mim. Com uma camiseta preta de gola alta e um casaco de veludo cinza, ele parecia completamente diferente. Para ser honesto, ele estava muito atraente com essa roupa.

— Tudo bem, eu te perdoo. — Tann parou na minha frente. — Você gostou das flores?

Olhei para o pequeno buquê em minha mão. — Como você chegou aqui? Por que você não me disse nada?

— É uma surpresa. — Suas mãos se estenderam para segurar as minhas.

— Para quê? — reclamei. — Então você estava no avião esse tempo todo, hein? Você deveria ter me contado, pelo menos. Achei que você estava morto ou algo assim! Liguei para Boon perguntando sobre você, mas descobri que ele é seu cúmplice! Por que você me preocupou assim? Por que teve que fazer isso?

Tann fingiu estar magoado. — Parou de reclamar?

— Você está negando, então? — Puxei minha mão da dele e levantei as rosas. — E por que você deu isso para um cara qualquer me entregar?

— Eu queria que você procurasse por mim. Não foi emocionante? — Tann começou a parecer inquieto. — Ei, agora não tenho certeza se estou aqui para deixá-lo com raiva ou feliz.

Meu rosto permaneceu impassível por alguns segundos para alimentar a inquietação de Tann antes que um largo sorriso surgisse em meu rosto. — Sabe, é justo. Agora você recebeu o que merecia. Ha!

— Aaaaah! — Tann exclamou antes de se inclinar para frente e me puxar para um abraço apertado. Gargalhei, retribuindo seu abraço. — Quantas vezes você já fez isso, Bunn?! Você sempre me pega! Me assustou demais. Achei que meu plano tinha ido por água abaixo.

— Seu plano foi bom, você realmente me surpreendeu. — Enterrei meu rosto em seu peito, agarrando-me firmemente ao tecido em seu corpo e absorvendo o toque do homem que eu não via há muito tempo.

— Sério? Isso é um alívio. — Tann acariciava meus cabelos e sempre era maravilhoso quando ele fazia isso.

Afastei-me de Tann e observei seu rosto. Meu namorado estava de volta ao normal, o homem bonito que era. Seu belo rosto parecia brilhante e vivo. — Onde está este "desconhecido" que morreu de desgosto?

— Aqui — Tann apontou para si mesmo. — Você poderia descobrir como eu morri, professor?

Levantei meu dedo direito, guiando-o para baixo, na área entre a clavícula de Tann, antes de traçar meu bisturi imaginário até seu esterno. Tann agarrou meu pulso rapidamente e o manteve à distância. Ele lentamente separou cada um dos meus dedos, e então meus olhos caíram sobre um anel cor de bronze, brilhando com a luz da noite, em sua mão. Senti minha respiração parar quando o anel deslizou no meu dedo.

Já deu... chega. Eu estava prestes a morrer sufocado. Minhas mãos tremiam ligeira e incontrolavelmente.

— Isso pode parecer um pouco engraçado, mas a pessoa que primeiro usou o anel para saber se ia servir foi o Dr. Boonlert. Quero dizer, vocês dois são quase do mesmo tamanho, então imaginei que o mesmo poderia servir nas mãos de vocês. — Tann deu uma risadinha. — Você devia ter visto seu irmão quando testei o anel nele. Ele cobriu a boca e soltou um falso soluço. Não consegui parar de rir por um bom tempo.

Olhei para o anel de prata elegante em meu dedo que indicava que eu já estava "noivo" ou "casado". Esperava que um dia eu tivesse a oportunidade de usar um anel como este com uma jovem, com quem eu sentiria que pudesse ficar pelo resto da minha vida, casaria e teria filhos para que meus pais ficassem orgulhosos de ter um filho heterossexual, como o meu irmão. Talvez a sociedade me visse como um homem. Depois que decidi revelar meu verdadeiro eu, nunca mais me permiti pensar em casamento.

— Você vai ficar comigo para sempre?

Fiquei sem palavras, piscando rapidamente, sem saber o que fazer por vários segundos. Não esperava que Tann fizesse algo assim por mim. — O que é isso? — Minha resposta se transformou em uma pergunta ridícula.

— Um anel. Para você. Quero que todos saibam que você está comprometido. Não tenho o dia todo para ficar espantando as moscas. — Tann ergueu a mão esquerda, mostrando um anel idêntico. — E você não precisa se preocupar com os meus alunos tentando me roubar de você.

Naquele momento eu sabia exatamente o que eu queria fazer. Segurando sua nuca com minha mão, puxei-o para um beijo. Tann agarrou minha cintura com as mãos e assumiu o controle da situação rapidamente. Estávamos em Nova Iorque, e beijar em público não era algo incomum no país ocidental, ao contrário da Tailândia, onde essa exibição era considerada um tabu. Em Nova Iorque vi muitos casais abraçados no metrô, alguns até no parque. Nós nos beijamos por um longo tempo. Não me importei com quantos olhares foram direcionados para nós. A única coisa com que eu me importava era o sabor do beijo de Tann.

— Vão para um quarto! — Ouvi de uma mulher que estava bem ao nosso lado, provavelmente tentando admirar a vista. Afastei-me freneticamente de Tann e limpei a minha boca com as costas da minha mão.

— Você precisa ir a algum lugar depois daqui? — Tann perguntou. Eu neguei balançando minha cabeça. — Estava aqui pensando que a cama king size do hotel é muito grande para eu dormir sozinho.

— Você não é mais uma criança, não consegue dormir sozinho? —

revidei, escondendo minha ansiedade antes de mudar de assunto. — E onde você conseguiu dinheiro para a passagem de avião? Seu negócio de tutoria está indo bem ou alguém te emprestou o dinheiro?

Os cantos de sua boca se curvaram para cima intencionalmente. — Vamos continuar essa conversa na minha cama king size.

— O que há com essa maldita cama? — murmurei.

O quarto do hotel parecia tão magnífico quanto Tann havia se gabado.

Ele ficava no andar mais alto do hotel localizado a poucas quadras da Times Square. Não era enorme, mas tinha belas decorações em estilo moderno. Fui até uma grande janela de vidro e olhei para as luzes coloridas da noite. Tann me proibiu de perguntar sobre o preço do quarto, mas consegui tirar minhas dúvidas interrogando o pessoal do hotel no balcão. Quando estou curioso, ninguém consegue me impedir de obter a resposta que preciso, e Tann deveria saber disso.

O fato de eu estar ali, admirando a vista, não significava que eu não tinha notado a decoração suntuosa do quarto ou que eu havia escolhido ignorar o homem que o reservou. Eu só estava esperando que ele atacasse.

Em pouco tempo Tann estendeu a mão e me girou pela cintura para encará-lo. Eu encarei seu rosto e vi um desejo ardente em seus olhos enquanto ele me empurrava contra a janela atrás de mim. Minhas costas bateram no vidro e eu sabia que ele não podia esperar mais um minuto sequer. Tann ergueu meu queixo e eu abri meus lábios, esperando que ele trouxesse seus lábios para os meus. O beijo foi áspero e intenso, como se ele estivesse se contendo há tempos. Isso enviou uma sensação incrível pela minha espinha e por todo o meu corpo. Depois de um tempo, afastei-me, ofegante e sem ar.

— Estou com muita saudade de você, Bunn. — Tann acariciou suavemente a minha bochecha com o seu polegar.

— Você já ouviu falar de um casal que fez sexo apoiado em uma janela de vidro, mas o vidro não suportou o peso deles e quebrou, mandando os dois para a morte janela afora? — questionei. Uma explosão de risos rasgou seus lábios em resposta.

— Você está tentando cortar o clima?

— Estou apenas dizendo — eu falei enquanto envolvia meus braços em volta de seu pescoço — que preciso de um minuto para tomar banho, e então poderemos continuar de onde paramos em sua cama king size, o que acha?

Eu podia sentir algo crescer sob o tecido de sua calça e atingir minha coxa. Tann pôs uma mão em sua testa.

— Não tenho certeza se posso esperar.

Soltei um pequeno suspiro, liberando o aperto da minha mão em seu

pescoço e deslizando-a para baixo de sua cintura. Tirei seu cinto e abri o zíper de suas calças. Sua respiração estava mais rápida, cheia de excitação, enquanto eu me ajoelhava em sua frente. A última vez que fiz isso em alguém havia sido há muito tempo, quando eu era apenas um adolescente, para ser mais exato. Eu não sabia se ele iria gostar, pois eu certamente não era especialista nisto.

Mesmo assim, eu queria fazer isso por ele, que se dane. Éramos apenas nós dois nesse lugar, com uma torrente de desejos lascivos ardendo em nosso peito. Passaram-se horas e horas, e cada beijo, cada respiração quente em minha nuca e cada ritmo constante que ele repetia dentro de mim não davam brecha para eu me concentrar em nada além dessa euforia luxuriosa.



Abri meus olhos com exaustão, como se eu não tivesse dormido o suficiente na noite anterior. Sentei-me e os fechei novamente por mais alguns segundos antes de empurrar o cobertor macio e quente para o lado. Saí da cama, vesti o roupão branco do hotel, que antes estava no chão, e andei em direção à janela de vidro coberta por cortinas opacas, as empurrei para o lado para permitir que a luz do sol da manhã entrasse no quarto de hotel perto da Times Square. Manhattan sob a luz da manhã observada do alto era uma ótima vista antes de se começar um novo dia. Além disso, era sábado, então eu não tive que pular da cama logo ao amanhecer.

O homem que ainda estava na cama choramingou suavemente com a invasão do sol, jogou o cobertor sobre sua cabeça e ficou imóvel. Voltei-me para a vista mais uma vez e deixei um sorriso acidentalmente escapar por causa da minha felicidade.

Tann me disse que abriria um cursinho em breve. Ele estava determinado a economizar dinheiro suficiente para me visitar algumas vezes aqui nos Estados Unidos antes de eu retornar à Tailândia. Para a sua sorte, um olheiro de modelos nas redes sociais notou a boa aparência do meu namorado e o convidou para modelar para lojas de roupas on-line e ocasionalmente fazer sessões de fotos. Tann não recusou por conta do belo pagamento. Ele ainda não era famoso, mas esse não era o seu objetivo. Ele fez isso apenas pela sua nova escola, ele queria ser lembrado como tutor.

Tann prometeu que, quando eu voltasse, me levaria para morar em um lugar mais agradável que a residência que tínhamos atualmente. Eu o lembrei de apenas manter os pés no chão.

Enquanto eu estava refletindo sobre como seria o meu futuro com Tann, um vislumbre de algo caindo rapidamente passou diante dos meus olhos. Corri e destranquei a porta da varanda para olhar. Ouvi os gritos vindo lá de baixo. Inclinei-me e vi o corpo de um homem com um tom claro de pele deitado de bruços no chão. Ele estava nu, com seus tornozelos anormalmente dobrados com ossos projetando-se através da pele. O sangue escorria livremente de seu nariz e orelhas, acumulando-se no chão em uma auréola.

A morte resultou de uma queda.

Acredito que esse homem tenha vindo do andar de cima e caído com os pés para baixo, resultando em ferimentos graves em ambos os tornozelos. A força poderosa do impacto fraturou a base de seu crânio, resultando em sangramento nas orelhas e no nariz. Esse homem havia morrido na hora, sem dúvida. O local onde ele pousou não era muito longe da borda da sacada, o que significava que ele não pulou para fora do prédio, já que isso teria feito o local de sua morte ser um pouco mais afastado da sacada, se fosse o caso.

Olhei para cima. Agora, a pergunta principal era: essa pessoa pulou do prédio para se suicidar ou alguém a empurrou?

Acho que teremos que deixar para a equipe forense encontrar as respostas no cadáver, ouvindo o que ele tenta dizer, e fazer um relatório com as informações que achar sobre o caso.

Mas sabe o que eu acho? Se você me perguntasse, eu diria que a causa da morte foi assassinato.

**FIM**

# CAPÍTULO ESPECIAL

## SORRAWIT

**Minha mãe uma vez me disse que as ruas ao redor da cidade eram assustadoras à noite, pois ficavam cheias de bandidos que assaltavam pessoas pelo caminho.**

Eu nunca tinha acreditado nela... até hoje.

Minha aula com o professor Tann acabou às oito e quarenta e cinco da noite. Resolvi pegar a linha de cintura porque queria comprar algo para a minha mãe no supermercado antes de ir para casa. O ar estava frio, congelando até os meus ossos, especialmente quando a rajada de vento frio atingia meu rosto enquanto eu estava em minha motocicleta. Diminuí a velocidade do veículo na tentativa de aliviar a força do vento, e desejei que todos os uniformes escolares do Norte fossem calças compridas.

Em seguida, vi a silhueta de um grupo de pessoas paradas na beira da estrada com suas motocicletas. Olhei para o meu espelho retrovisor, preparando-me para virar para a direita. Quando olhei novamente para a estrada à frente, um dos caras do grupo avançou com um grande bastão de madeira.

— Aaah! — Soltei um grito de surpresa e levantei os braços para bloquear o bastão. Depois, tudo aconteceu rápido demais para que eu pudesse acompanhar os detalhes. Quando percebi, eu estava deitado na beira da estrada e a minha motocicleta caída a alguma distância. Sentei-me rapidamente, com uma dor aguda queimando por todo o meu corpo. Olhei da esquerda para a direita em pânico.

— Aham, nós temos um estudante. — Ouvi alguém dizer atrás de mim. Girei minha cabeça e encontrei um homem vestido com uma camiseta preta e calças jeans. Ele passou por cima de mim e eu tentei ficar de pé, mas parei ao ver outro cara impondo-se sobre mim, o mesmo que me atingiu com o bastão.

— Por que você fez uma careta, pirralho?

Fiquei boquiaberto, sentindo meu corpo começar a tremer de medo. — Eu não fiz nada!

— Aff. Vi você tirando sarro de mim lá atrás. — Seus lábios se curvaram em diversão. Ele parecia familiar, como se eu o conhecesse de algum lugar.

— O-o que você quer? — perguntei hesitante enquanto pensava em

meus pais. Eu voltaria para eles vivo?

— Bela moto. — O homem segurando o bastão apontou para a minha motocicleta, que estava deitada de lado. — Que tal cuidarmos disso para você?

Eu o encarei. A motocicleta foi um presente da minha mãe, conquistado com seu dinheiro soado do negócio de Khao Tom Mud. Por que diabos iria entregá-la a algum estranho? — Não.

Os delinquentes riram juntos. Olhei em volta, semicerrando os olhos, na tentativa de contar o número de homens na escuridão. Pelo que pude ver, havia três cretinos agora. — Ei, olha só isso. Você tem coragem, não é? Outros teriam enfiado o rabo entre as pernas e fugido.

— Bem, eu vou ficar com ela, de qualquer maneira. — O homem com o bastão pegou meu colarinho e me puxou para cima. Ele levantou o bastão em sua mão, pronto para me golpear novamente. Eu rapidamente levantei meus braços para bloquear o ataque e fechei meus olhos para me proteger da dor iminente.

— Ei, Kang! — Uma voz rouca pôde ser ouvida, fazendo com que o louco com o bastão parasse no meio do ataque. Eu hesitantemente abri meus olhos. — Que porra você está fazendo!?

Kang se virou em direção à voz, obviamente frustrado. — Esse filho da puta que começou!

— De que merda você está falando? Ele não disse uma palavra. — Um homem encorpado, de camiseta escura, apareceu no meu campo de visão. Algumas partes de suas feições lembravam o Manto Negro, já que não havia luz suficiente na rua para ver seu rosto com clareza. — Deixe ele ir!

Kang soltou um som de desagrado antes de largar meu uniforme com relutância. E então percebi porque tinha achado o seu rosto tão familiar. Eu o vi na escola. Presumi que fosse um colega mais novo de lá. — Por que está aqui, Thad?

— O Sr. Black quer nos ver, agora! — gritou o novato com voz decidida.

— Sim, ouvi você. — Kang se virou para olhar para mim e apontou o bastão para o meu rosto. — Conte à polícia e você estará metido em uma encrenca.

Tentei me levantar do chão enquanto os gângsteres subiam em suas motocicletas e partiam um após o outro. No espaço de um milissegundo, tive um vislumbre do cara que acabou de entrar, o líder da gangue, cujo rosto e personalidade pareciam formidáveis. Seu cabelo estava com um corte social. Ele parecia mais bonito que os outros três, mas eu tinha certeza que este cara devia ser mais durão que os três juntos.

Manquei em direção à motocicleta caída na beira da estrada. Para a

minha sorte, minha confiável motocicleta saiu ilesa, mas uma coisa era certa: eu nunca mais me aproximaria dessa rota.



— Ai, ai, ai, senhorita, por favor, você está me machucando! — gritei, praticamente me debatendo de dor enquanto a enfermeira da Emergência esfregava minhas feridas com um cotonete. O cotonete devia estar encharcado de ácido, por isso doeu tanto.

— Você deveria ter vindo aqui antes, rapazinho. O acidente aconteceu ontem à noite, não foi? — Como se quisesse me ensinar uma lição, ela esfregou minha ferida com mais força ainda.

— Aaai, sinto muito! Eu... não sabia que doeria tanto, então fui para a cama. — Eu podia sentir lágrimas no canto dos meus olhos.

— Olhe para você. Agora não sei qual parte é sujeira e qual é sangue seco. Que tal esfregarmos tudo? — Parecia que ela estava gostando disso. Eu só podia torcer para que a enfermeira estivesse apenas brincando. Tentei olhar ao redor da sala para me distrair. Vi uma pequena médica falando com um paciente, uma enfermeira colhendo uma amostra de sangue de uma senhora idosa e um homem correndo para a Sala de Emergência. Levantei minha cabeça na cama do hospital e olhei para um homem que estava sendo perseguido por uma enfermeira. — Dr. Bunn, Dr. Bunn!

*Oh, então ele é um médico,* pensei. É por isso que ele era tão atraente. Ele parecia ser de uma categoria diferente da médica que veio me examinar.

— O quê? Ele ainda veio trabalhar? — A enfermeira que cuidava das minhas feridas também parecia interessada no médico que tinha acabado de entrar na Emergência.

— Ele é um médico assistente? — Virei-me para questionar a enfermeira. Por algum motivo desconhecido, meu coração estava disparado.

— Um médico forense. Pensei que ele estava doente, então por que ele está batendo o ponto? — A enfermeira começou a cobrir minhas feridas com gaze. Soltei um suspiro de alívio por essa tortura desumana ter acabado. — Você vai conhecê-lo em um momento, é ele quem vai te dar um atestado médico.

— Conhecê-lo? — Por que fiquei tão animado com isso? Eu também não me entendia. — Sério?

A enfermeira riu. — Fique quieto, certo? Vou te passar na frente quando eu terminar com seus ferimentos, já que o outro paciente agendado para consulta com ele não estará aqui tão cedo.

Nunca pensei que hoje seria o dia em que eu conheceria o homem que se tornou minha inspiração, um modelo do que eu queria ser quando crescesse. Eu não tinha autoconfiança, mas tinha um grande sonho de ajudar os necessitados. Ele era a personificação de tudo o que eu queria ser: grande personalidade, maturidade, prudência, reverência e excelência. Como alguém poderia conseguir tudo isso?

— Qual é o seu nome, doutor? Você é muito bonito, doutor, sabia disso? — Obviamente eu não deveria ter dito o que disse.

Agradeci às minhas estrelas da sorte, pois o Dr. Bunn disse-me o seu nome.



Carreguei minha bolsa para fora da sala de aula depois de me despedir do professor Tann. Era o último dia de aula do curso intensivo de tutoria antes de fazermos o Teste de Quota. Francamente, eu não conseguia me concentrar nos estudos, e o que estava me incomodando não era o estresse com o exame iminente, mas sim a notícia que estava circulando nos últimos dois dias de que meu médico favorito tinha desaparecido. Ninguém sabia se ele estava vivo ou morto.

*O que exatamente está acontecendo aqui?*

A única pista que consegui foi que havia um grupo de gângsteres que o Dr. Bunnakit tentou investigar antes. Eu secretamente me perguntei por que ele queria saber sobre os gângsteres que me emboscaram naquela noite, mas como era um pedido seu, investiguei com prazer.

Isso deve estar relacionado de alguma forma com o seu desaparecimento, disso eu tenho certeza. O Dr. Bunn deve ter tentado fazer algo para eliminar os gângsteres porque não queria ver pessoas inocentes apanhando no meio da noite.

Foi culpa minha. Eu não deveria ter dito nada a ele, deveria ter ficado quieto, mas, se eu ficasse, ele não ficaria impressionado comigo.

Massageei minhas têmporas.

*Por que isso tinha que acontecer agora?*

*Como posso me concentrar nos estudos em momentos como este?*

Andei de cabeça baixa até chegar às escadas. Ouvi o som de passos pesados subindo as escadas, mas não prestei muita atenção, não até sentir alguém bater no meu ombro direito e passar por mim. Olhei para trás com

aborrecimento, mas a pessoa que esbarrou no meu ombro apenas deu uma breve olhada para mim antes de continuar seu caminho.

*Mas que merda...?*

Nem uma palavra de desculpas saiu de seus lábios.

Parei meus passos repentinamente quando me lembrei de algo. Virei-me e encarei as costas da pessoa que tinha passado por mim. Ele usava uma camisa cinza de manga curta, não era alto, mas era robusto e forte. O homem bateu na porta da sala da qual eu havia acabado de sair e entrou. Caminhei em direção à porta, com meu coração batendo irregularmente quando a memória da noite passada voltou a mim. Fui encurralado por um grupo de adolescentes, e esse cara era o líder, o homem que impediu Kang de bater na minha cabeça.

Pouco depois de eu ir na ponta dos pés até a porta, pude ouvir o clique da fechadura do lado de dentro. Coloquei minhas palmas úmidas e suadas contra a porta de madeira pintada de branco antes de lentamente pressionar minha orelha contra a superfície da porta.

O professor Tann conhecia o líder da gangue? Esse cara era um de seus alunos, ou um de seus primos, ou...?

— Sorrawit. — Dei um pulo quando meu nome foi chamado por alguém atrás de mim. Virei minha cabeça e vi Kor, meu amigo, olhando para mim, confuso. — O que você está fazendo, cara? Vamos, eu estava te esperando.

Foi aí que lembrei que Kor havia me pedido para levá-lo para casa. — Kor, você pode ir andando para casa sozinho? Algo aconteceu e eu tenho que ficar aqui por um tempo.

Kor fez uma careta como se tivesse provado algo horrível. — Tudo bem, vou para casa sozinho. Diga-me na próxima vez se não puder me dar uma carona, tudo bem?

— Tudo bem, me desculpe — eu disse. Na verdade, sua casa não ficava longe do cursinho, mas como ficava no caminho da minha, ele sempre me pedia para lhe dar uma carona. Meu amigo ergueu a mão como se dissesse “tanto faz” antes de virar e descer as escadas.

Voltei minha atenção para a sala mais uma vez. Hoje eu iria descobrir qual exatamente era a relação entre o professor Tann e o líder da gangue.

Fingi sair do cursinho, tentando parecer casual. Eu esporadicamente olhava para o líder da gangue, que estava caminhando em direção a uma motocicleta estacionada em frente à escola. Vendo isso, eu imediatamente corri para a minha moto, pulei no assento e liguei o motor sem perder tempo. Saí ao mesmo tempo que minha presa acelerou o seu veículo. Tentei manter uma distância adequada para não o alertar.

Achei que seu destino seria uma espécie de bar cheio de gângsteres e

valentões, mas descobri que era para uma pequena casa no meio da cidade. Estacionei a moto na soleira do beco e me inclinei para ver o homem descendo da sua moto e abrindo o portão. Ele entrou no terreno e depois entrou em um carro velho, pequeno e vermelho estacionado lá. Esperei até vê-lo pegar a estrada.

— Aonde você vai? — murmurei comigo mesmo antes de subir na minha moto e segui-lo sem hesitar.

Felizmente, o carro que eu estava seguindo era de um tom vibrante de vermelho, além de ser um veículo tão antigo que tornava impossível ultrapassar a velocidade da minha moto. Eu poderia dirigir a uma certa distância sem perdê-lo de vista. O volume dos edifícios diminuía a cada segundo em ambos os lados da estrada. Eu me perguntava para onde ele estava indo. Estávamos quase chegando a outro distrito e a luz do sol da tarde estava prestes a desaparecer da Terra.

O carro vermelho parou na beira da estrada depois de chegar a um bairro. Eu rapidamente entrei em uma viela e deixei a moto lá antes de me esgueirar para fora do beco. De longe, vi o líder da gangue caminhando em direção a um carro estacionado na frente do seu e olhando para uma casa com um telhado azul com uma expressão chocada em seu rosto. Ele correu de volta para o seu carro, abriu a porta e dirigiu para a próxima viela. Saí do esconderijo totalmente perplexo com a ação da minha presa, mas então olhei para a mesma casa que o gângster tinha observado antes e entendi por que ele estava com aquela expressão apavorada no rosto.

Um grupo de quatro homens estava bloqueando o portão que dava acesso para a casa, todos vestidos de preto e conversando com olhares sérios e aterrorizantes. Um deles estava segurando algo na mão. Não consegui dar uma boa olhada no começo, mas quando o homem se levantou eu fiquei petrificado: era uma arma.

De repente, um deles me viu do outro lado da rua e me encarou. Meu coração quase saiu pela boca e voltei para a minha moto tentando evitar o seu olhar.

*Merda, eu não deveria estar aqui, em primeiro lugar.*

Enquanto eu tentava encontrar um caminho de volta para o meu veículo, alguém agarrou meu colarinho por trás e me puxou para um arbusto. Soltei um grito de surpresa, mas uma mão misteriosa cobriu minha boca neste momento. Eu estava prestes a gritar novamente quando a pessoa atrás de mim disse algo que me deixou sem palavras:

— Fique quieto se você quiser viver.

Eu automaticamente fechei minha boca. Virei minha cabeça para trás e

me deparei com o rosto impassível e feroz da pessoa que me puxou para baixo. Ele estava tentando olhar através do arbusto. Era o líder da gangue!

— Quem... quem são aquelas pessoas? — sussurrei nervoso quando o líder da gangue tirou a mão da minha boca.

Ele me olhou com frieza. Percebi que ele era bonito e que sua pele estava com um tom bronzeado por passar tempo sob o sol. — Deveria ser eu a perguntar. Quem é você e por que me seguiu?

Eu estava prestes a abrir minha boca para responder, mas o gângster levou seu dedo à boca como um sinal para que eu ficasse em silêncio. Tentei espiar pelo meio do mato, mas não adiantou. Eu não tinha ideia de como ele sabia o que estava acontecendo lá fora.

— Vem comigo. — De repente, ele agarrou meu braço e me puxou. Atravessamos o jardim perto da casa e saímos correndo do beco onde o carro do líder da gangue estava estacionado atrás de uma árvore. — Entra no carro.

— Hã? — Mesmo ainda espantado com toda a situação, deslizei para o assento ao lado do motorista. O gângster abaixou o vidro da janela e olhou direto para a casa de telhado azul na esquina do beco. Ele pegou seu telefone celular e ligou para alguém.

— Sr. Black, já cheguei, mas... os homens de Zom também estão aqui. Mal tive tempo de desviar para o beco. Ainda bem que eu não peguei minha moto. Sim, e isso não parece nada bom, cara. Paul com certeza vai encontrar a sua mãe. Zom e seus homens entram e saem de todas as casas por aqui. Essa casa está muito pior, com três ou quatro caras bloqueando a porta, Sr. Black. — O gângster suspirou. — Não tenho ideia de como eles ficaram sabendo que sua mãe está aqui. Não consegui chegar rápido o suficiente, me desculpe.

Meus olhos se arregalaram em choque. O gângster estava conversando com o seu chefe, o Sr. Black.

— Por que eu brincaria com isso? É algo sério. Estou me escondendo no meu carro agora. Se alguma coisa mudar eu te ligo. — O gângster encerrou a ligação e se virou para mim. Sem qualquer aviso, ele pegou a gola do meu uniforme e me puxou para ele. — Vi você na escola do professor Tann. Se eu não estivesse com pressa, já teria te derrubado na estrada há muito tempo. Por que você está me seguindo?

— Quem... quem é o Sr. Black? — Tremi levemente ao ver o olhar frio do bandido de perto.

Ele franziu a testa. — Você não faz as perguntas aqui. Agora me responda, por que você me seguiu? Se não falar, farei com que você sofra por isso.

Não sei muito bem como colocar isso. Sim, eu tinha medo da morte,

mas minha curiosidade superou o meu medo. Eu não sabia o porquê, mas meu medo do cara à minha frente havia estranhamente diminuído. — Quero saber para quem você trabalha, quem é o Sr. Black e se ele tem alguma coisa a ver com o desaparecimento do Dr. Bunnakit.

O gângster me olhou friamente por um momento antes de soltar meu colarinho. Ele me empurrou de volta para o assento. — Devia ter deixado você ser morto pelas balas ali mesmo. Te salvei porque você rodopiou igual a uma barata tonta e se tornou um alvo. Se eles seguiram você até aqui e nos viram, estamos ferrados.

Eu olhei para ele nervosamente. — Por que temos que nos esconder?

O líder da gangue me lançou um olhar irritado. Ele estava prestes a dizer algo quando alguém entrou em nosso campo de visão. Um par de homens apareceu na entrada do beco caminhando direto em nossa direção, um deles com uma arma na mão. Exclamei e tentei me afundar ainda mais no assento para me esconder deles.

— Merda. — O líder da gangue ligou o motor, pisou fundo no pedal e deu meia-volta com o carro. Como a viela era super estreita, o para-choque do carro raspou na mangueira na frente da casa de algum infeliz. Eu não pude fazer nada além de me pendurar na alça de segurança para salvar minha vida e gritar. Fechei meus olhos com força. Achei que ouviria o som de tiros seguido pelo som de balas penetrando o para-brisa, como nos filmes, mas não ouvi nada além do motor e da caixa de câmbio. Lentamente me endireitei no assento. Nesse momento o gângster estava dirigindo pela viela. Vi a estrada principal à frente, a uns dez metros de distância, apenas. A noite havia chegado e as luzes da rua começavam a iluminar os caminhos à nossa frente.

— Minha moto! — gritei e virei-me para olhar para trás. — Como vou voltar para pegá-la?

— Esqueça — ele disse com a voz firme.

— Como vou para a escola amanhã? — Esfreguei minha têmpora. — Que merda!

— Você causou isso para si mesmo, seu idiota. Volte agora e você está morto. — O gângster fez uma cara mau humorada. — Agora não posso fazer o meu trabalho. Meu chefe vai ficar puto, com certeza.

Virei-me para olhar o gângster. — Seu chefe é o homem com quem você acabou de ir se encontrar, não é? Ele é o professor Tann?

Ele fez uma curva repentina à direita na estrada principal, como se quisesse me fazer girar. — Não é ele. Continue falando e cortarei sua cabeça fora.

Comecei a sentir que ele não estava blefando, então deixei minhas

palavras morrerem na minha garganta. De vez em quando, eu disfarçadamente dava uma olhada no homem no banco do motorista. As coisas que o faziam parecer assustador eram a maneira como ele se portava e o seu tom de voz, ao invés de sua aparência real. Ele era encorpado, é verdade, mas não muito alto. E era muito bonito. Se ele sorrisse um pouco, poderia parecer ainda mais bonito.

Seus olhos assustadores encontraram os meus, então olhei rapidamente para fora do carro. Como pude me distrair? Meu objetivo era descobrir onde estava o Dr. Bunn.

— Para onde você está me levando? — Virei-me para perguntar a ele.

— Parece que você sabe demais. Vou levá-lo ao meu chefe e perguntar a ele o que fazer com você — disse o líder da gangue, causando-me arrepios.

— Estou ferrado! — Virei-me indeciso, tentando descobrir um jeito de sair do carro. Eu deveria apenas abrir a porta e pular?

O gângster não disse mais nada. Ele pegou o telefone e ligou para alguém. — Ei, como você... O que você disse?! — Estava com uma voz de preocupação. — Diga-me onde você está e eu vou aí. Não, como você faria isso sozinho?! — O líder da gangue olhou para o telefone frustrado e tentou discar novamente. — Droga, agora ele não está me atendendo.

Ele se autodenominou "Thad", então esse provavelmente era o seu nome. Talvez eu não precisasse encontrar seu chefe hoje, afinal. Thad parecia muito mais agitado do que de costume, parecia bem preocupado com o Sr. Black. Ele apertou o botão de ligar pela terceira vez antes de jogar o telefone no porta-copos com força.

— Acalme-se, por favor. — Eu não sabia o que fazer exceto tentar confortá-lo.

— Onde você mora? — Thad exigiu, do nada.

— Eu... eu moro em Nai Viang — respondi hesitantemente.

— Mostre-me o caminho, ou vou deixá-lo aqui e você vai ter que ir para casa a pé.

*O líder da gangue ia me dar uma carona para casa!*

*Acabei de ouvi-lo direito?*

Thad já não prestava atenção em mim, já que agora parecia distraído. Não era um pouco exagerado? De qualquer forma, se o Sr. Black realmente fosse o professor Tann, isso explicaria como Thad teria o privilégio de entrar e sair livremente da escola. Ou eles tinham algum tipo de relacionamento?

Quando entramos na área do distrito da capital, contei a ele onde eu morava. Minha casa ficava na estrada principal, era simples, com dois andares e uma grande placa de vinil na cerca dizendo "Receita Clássica — Khao Tom Mud". Um número de telefone foi escrito abaixo do sinal para clientes que

estivessem interessados em comprar ou vender o doce. Mesmo chegando na minha casa, eu ainda estava hesitante em entrar e ver minha mãe, sem saber como explicar por que minha motocicleta sumiu e por que cheguei tarde em casa.

— O que você está esperando? Cai fora, pare de desperdiçar o meu tempo. — A voz agressiva de Thad me fez abrir a porta depressa. Fiquei na frente da cerca, observando o carro vermelho sair acelerando. Senti-me perdido. Minha mochila, meus livros, minha carteira, tudo estava guardado na minha motocicleta.

— Sorrawit! Você já voltou? — A voz de minha mãe atingiu meus ouvidos. Fechei os olhos com força, incapaz de pensar em qualquer desculpa plausível. Eu lentamente me virei para ela, que estava parada no portão. Meu sorriso não era muito convincente.

— Estou de volta, mãe.



Eu sabia que era uma questão de tempo antes que minha mãe descobrisse que Kor não tinha realmente pegado minha moto emprestada, então eu precisava pegá-la de volta hoje. Depois que minha mãe me deixou na escola esta manhã, fui até Pea, meu amigo, e implorei para que ele me levasse onde eu havia deixado minha moto.

— Bem. Se não for longe, eu te levo lá. — Para meu alívio, meu querido amigo concordou em me ajudar.



Após a cerimônia matinal, fui para o décimo segundo ano, Classe Um, a minha classe no terceiro andar, também conhecida como Classe dos Superdotados. Eu era um dos melhores alunos da minha classe porque estava decidido a me tornar um médico. Esforcei-me muito em todas as disciplinas acadêmicas para me preparar para o exame de medicina. Meu assento era nos fundos devido à minha altura. Depois de me acomodar em minha cadeira, olhei fixamente para fora da janela, pensando no que aconteceria com o Dr. Bunnakit e se Thad já tinha se reconciliado com o Sr. Black, seu amado chefe.

Na vida monótona do meu colégio, raramente me deparo com surpresas, mas o que aconteceu hoje, de fato, surpreendeu-me imensamente. Enquanto eu caminhava em direção ao estacionamento com Pea, vi minha motocicleta estacionada em frente às escadas do prédio.

— Ei! — gritei a plenos pulmões. Pea virou a cabeça para mim, confuso. — É minha moto!

— Você não precisa mais de uma carona, então?

— Mas como? — Corri até lá para ver a placa e o adesivo com impressão de tigre no lado direito da motocicleta para me certificar de que era realmente a minha. — Quem a trouxe aqui?

Havia apenas uma pessoa que sabia onde ela estava e a quem pertencia.

Para ser amado por todos, minha mãe me ensinou a sempre mostrar gratidão e bondade para com a pessoa que nos ajudou dando um presente em troca. Voltei para casa para enfiar um pouco do Khao Tom Mud da minha mãe em um saco plástico e, com o saco na mão, fui para a casa de Thad. Eu olhei para uma casa pequena e velha de dois andares. A motocicleta de Thad havia sumido, apenas o pequeno carro vermelho com marcas de arranhões no para-choque dianteiro estava ali. Nunca pensei que o líder da gangue seria um cara tão legal. Sob as camadas da crueldade que ele irradiava, seu lado doce e amoroso permanecia escondido. Ele deve ter feito todas essas coisas terríveis para esconder esse seu lado.

Era final de tarde e eu pretendia esperar Thad até às seis. Se ele ainda não voltasse, eu penduraria a sacola de presentes na cerca e o veria outro dia. Fiquei sentado no assento da motocicleta, puxei meu celular e abri uma rede social popular. Continuei rolando os *feeds* para passar o tempo. Estava prestes a passar por um *feed* de notícias quando meus olhos caíram em uma manchete.

“Tutor famoso é preso por sequestro de patologista, suspeito de envolvimento em assassinato”.

A foto abaixo da manchete era o rosto bonito do professor Tann. Era inacreditável que meu tutor fizesse tal coisa, o que significava que seu envolvimento com os gângsteres provavelmente era real. E o "patologista" do noticiário deve ser o Dr. Bunnakit, certo? Meu coração batia loucamente enquanto eu esperava a página de notícias carregar, de todas as vezes que meu sinal de internet optou por não funcionar, essa era a pior. O que me manteve ansioso e não pude me concentrar no que estava escrito na notícia, mas uma coisa era certa: o Dr. Bunn estava vivo e seguro. Levantei meus braços acima da minha cabeça, em êxtase. — Dr. Bunn está de volta!

— O que você está fazendo aqui? — Uma voz barítona fez com que eu abaixasse minhas mãos. Virei-me em direção ao som e encontrei o valentão

parado ali com uma sacola de mantimentos em uma mão.

— Eu... — gaguejei sem jeito antes de entregar a sacola de Khao Tom Mud para o homem à minha frente. — Vim agradecer por trazer minha moto de volta.

Thad olhou friamente para a minha sacola de presentes e dirigiu-se para a sua casa como se nada tivesse acontecido. Eu fiquei ofendido pelo comportamento dele. Quando alguém lhe traz um presente, você deve aceitá-lo. Aproximei-me e agarrei seu braço, impedindo-o de entrar na casa. — Por favor, pegue.

Thad puxou o braço e girou. Ele ergueu a mão como se estivesse se preparando para acertar um golpe. Só pude gritar “merda” em meus pensamentos e rapidamente levantar meus braços para proteger meu precioso rosto. Isto ia doer.

Mas o soco nunca veio. Em vez disso, uma mão foi colocada suavemente na minha cabeça. Eu lentamente baixei minha guarda, olhando para a pessoa à minha frente, confuso.

— Obrigado. — A voz de Thad estava em um tom conciso de sempre, mas pude detectar um toque de gentileza em sua atitude. Thad arrancou a sacola da minha mão antes de entrar na casa. Fiquei plantado no local pelo que pareceu uma eternidade. Abri e fechei minha boca várias vezes, pois senti algo quente crescendo em meu peito. Cobri minha boca com uma mão e senti meu rosto esquentando como se eu estivesse com febre.

Nunca pensei que alguém pudesse ser ainda mais charmoso que o Dr. Bunnakit. Como um líder de gangue podia ser tão fofo? Como isso era possível?



Thad era dois anos mais velho que eu e estava fazendo o curso de Mecânica na escola técnica. Isso era tudo o que eu sabia por enquanto. Eu não sabia como Thad se envolveu com a gangue ou se ele realmente era subordinado do professor Tann, mas queria saber mais sobre ele. Era verdade que eu estava bastante encantado por ele ser fofo, mas também o achei muito charmoso. Um líder de gangue, implacável nunca deveria possuir esse lado de gentileza. Parecia simplesmente errado.

Pensei em ir ver o Dr. Bunnakit no hospital para saber se ele já tinha voltado ao trabalho, mas, em vez disso, decidi esperar Thad em frente ao edifício de Tecnologia Mecânica Industrial para apanhá-lo na saída. O ambiente na

escola técnica era visivelmente diferente do ensino médio. Os alunos aqui pareciam mais maduros que eu. Quando terminassem uma formação aqui, eles teriam habilidades específicas para o trabalho de verdade na área escolhida, ganhando a vida, enquanto eu teria que estudar em uma universidade por pelo menos quatro anos, sem oferta de emprego garantida após a minha formatura.

Arrumei meu uniforme escolar e olhei para dentro do prédio, sentindo-me esperançoso. Na última vez em que conversamos, não pedi a ele seu telefone ou contato do LINE. Desta vez eu não deixaria isso passar.

— Ei, rapazinho, esperando por alguém? — A voz de uma mulher me chamou. Virei-me para ela, nervoso. Ela vestia uniforme: camisa de mangas compridas, gravata cinza e saia um pouco acima do joelho. Ela parecia bem bonita, na verdade.

— Um amigo, senhora — respondi timidamente.

— Sério? Estou esperando meu namorado. A aula atrasou hoje. — Ela olhou para o relógio. — Vamos esperar por eles naquele banco?

— Ah... claro. — Segui ela até uma mesa de mármore. Ela puxou o celular e não disse mais nada. Peguei meu próprio telefone para acompanhar as notícias do professor Tann. Menos de cinco minutos depois, o som de conversas animadas ecoou do prédio. Eu levantei-me, mas a jovem ao meu lado foi mais rápida e correu para o homem que ela estava esperando, agarrando seu braço com força e falando palavras doces para ele com um rosto em êxtase.

*E a pessoa para quem ela correu foi Thad.*

*Bom, Sorrawit, você está fora do jogo.*

Cerrei meus punhos e engoli minha dor. Às vezes, eu me esquecia que nem todas as pessoas bonitas neste mundo eram solteiras, especialmente aquelas que pareciam tão incríveis e bonitas como Thad. Ele merecia uma namorada como aquela garota bonita. Ele merecia mais que um nerd magrelo como eu. Enquanto eu estava lá, imobilizado, Thad encontrou meus olhos por um breve momento. Rapidamente baixei a minha cabeça e saí dali.



Desviei os olhos do livro e olhei para o teto do meu quarto. Eu havia perdido minha concentração para estudar uma vez, quando o Dr. Bunn desapareceu, e novamente quando descobri que Thad já tinha uma namorada. Se eu desabafasse minha amargura com meus amigos, eles me chamariam de louco.

Então, por que Thad me trouxe a motocicleta? Por que ele teve que

acariciar meu cabelo daquela forma, deixando-me confuso? Cobri meu rosto com as palmas das mãos. Eu simplesmente não entendia.

*Eu não posso mais continuar com isso. Eu precisava falar com Thad.*

Levantei-me e olhei para o relógio na parede: oito e quarenta e cinco da noite. Minha mãe provavelmente estava nos fundos de casa, preparando os ingredientes para cozinhar, e o meu pai devia estar deitado no sofá, assistindo ao noticiário. Saí do meu quarto lentamente e desci as escadas, tentando passar por trás do sofá no qual meu pai estava sentado sem alertá-lo. Abri a porta silenciosamente e, quando saí, corri para a minha motocicleta, ligando o motor e saindo rapidamente. Pilotei até a casa de Thad, que estava totalmente às escuras e sem a sua motocicleta à vista. Decidi ir até um determinado lugar e, se eu tivesse sorte, ele poderia estar lá com um grupo da gangue que uma vez me emboscou.

A linha de cintura em torno da cidade à noite sempre emanava uma atmosfera misteriosa. Eu estava determinado a não revisitar essa parte da estrada, mas o chamado do meu coração gritou mais alto que o meu medo. Fui para o mesmo lugar onde eu esperava encontrar a gangue. Minha mente se entristeceu quando não houve sinal algum deles por ali. Eu teria que esperar até amanhã? Idiota. Eu tinha visto ele tantas vezes, mas nunca pedi o seu contato.

Meu telefone tocou no meu bolso. Minha mãe devia estar ligando. Puxei-o e, como eu esperava, era ela. Atendi a ligação com uma voz apática. — Oi, mãe?

[Onde você está, Wit?] ela parecia zangada.

— Eu saí. Volto em um minuto.

[Apresse-se. Seu amigo, Thad, está aqui. Está esperando por você.]

Fiquei sem palavras por um momento. — O que você disse?

[Ah, meu filho agora é surdo. Venha para casa neste instante!] Minha mãe gritou no telefone e depois desligou. Eu pisquei tentando descobrir o que estava acontecendo.

*Thad foi me ver em casa?*

Não consegui encontrá-lo, mas agora ele estava na minha casa. *Casa, aí vou eu!*

Demorei apenas dez minutos para pilotar de volta à minha casa. Devo dizer que foi a viagem mais emocionante de toda a minha vida. Abri a porta com um grande estrondo e encontrei Thad sentado e conversando com o meu pai. Thad fez uma pausa e olhou para mim com uma expressão de firmeza. Ele estava vestido com uma camiseta preta e uma calça de futebol azul marinho. Respirei fundo e soltei o ar lentamente.

— Aqui está ele. Seu amigo está crescendo raízes aqui, filho. — Meu

pai sorriu. Peguei-me olhando para ele, nervoso, perdido sobre o que fazer. Eu não conseguia dizer nada. — Não fique aí parado, leve seu amigo para cima.

Balancei a cabeça lentamente. Thad levantou-se e foi até a escada, como se esperasse que eu mostrasse o caminho. Aproximei-me dele e olhei-o da cabeça aos pés antes de pegar seu pulso e levá-lo para cima. Guiei Thad para o meu quarto, tranquei a porta e virei-me para encará-lo.

— O que você está fazendo aqui?

Antes que eu pudesse terminar, senti um soco firme pousar em meu rosto. Cambaleei até a cama, cobrindo minha bochecha com uma mão, genuinamente confuso.

— Por que você está me evitando? — Thad exigiu, com um olhar intimidador.

— Quando eu fiz isso? — perguntei.

— Mais cedo. Depois que me viu, você correu. Não pense que eu não te vi.

Ele estava com raiva por causa disso? Pelo amor de Deus... — E por que me bateu?

Thad franziu sua testa. — Não é óbvio?

Houve um momento de silêncio entre nós. Abri e fechei minha boca várias vezes. O que deveria ser óbvio?

Um longo suspiro escapou dos lábios de Thad. — Esquece.

Esforcei-me para ficar em pé. Eu estava confuso e atordoado. — Corri porque te vi com a sua namorada. — Observei atentamente sua reação e me afastei, com medo de levar outro soco. — Percebi que você estava com a sua namorada. — Thad me olhou em silêncio. Senti como se alguém tivesse aberto uma torneira de palavras dentro de mim, então continuei. — Sim, eu fui te ver, nem sei por que fui, e vi você com ela. Por que diabos eu ficaria ao redor?

— Você gosta de mim? — O impacto dessa pergunta me deixou sem fôlego de maneira ainda mais eficaz que seu punho.

— Eu... acho que sim? — Cocei a nuca. Meu rosto esquentou como se eu estivesse com febre mais uma vez. Então, vi o que nunca esperava ver: o sorriso de Thad. Um leve sorriso surgiu em seus lábios, como se ele estivesse satisfeito. Thad invadiu meu espaço pessoal e eu, que estava de costas para a porta, só consegui me encolher ainda mais.

— Bem, você gosta de mim ou não?

Fechei meus olhos com força e tremi. — Talvez?! Talvez?!

— Deixar você corado é divertido. — Thad olhou para mim e beliscou minha bochecha. Pisquei rapidamente. — Lembro-me de você da noite em que alguns dos meus homens te emboscaram. Disseram que você estava tentando

descobrir quem é o meu chefe, então estive de olho em você por um tempo. Bem, caso soubesse mais sobre nós, poderíamos te matar antes que você pudesse fazer qualquer coisa.

— Você está falando sério? — gritei.

— Mas, de alguma forma, mesmo sendo um pirralho intrometido, você é meio fofo. — Thad se afastou de mim, mas me recusei a deixá-lo ir mais longe. Eu agarrei sua cintura e o puxei para perto. Ele ergueu as sobrancelhas, assustado.

— E quem é aquela mulher?

— Minha prima. Ela é a namorada do meu amigo.

A revelação fez minhas pernas ficarem moles como gelatinas. — Então você não tem namorada?

— Não.

— Isso significa que você pode ser meu namorado.

Thad soltou uma risada. — Você ao menos sabe o meu nome?

— Thad! É Thad! — respondi, confiante. — Não sei seu nome de batismo, sua idade, seu aniversário, seu número de telefone ou para quem você está trabalhando, mas tenho certeza de que posso encontrar todas essas respostas.

— Se você soubesse as respostas, contaria à polícia o que eu fiz? — ele perguntou.

— É... É claro que não! Se você for pego, não terei mais namorado, não é? — A maneira como ele me olhou fez eu me sentir como um idiota apaixonado.

Thad agarrou a parte de trás do meu colarinho e afastou-se dos braços que estavam em volta da sua cintura. — Lembre-se de suas palavras. Se você souber de alguma coisa sobre mim e for à polícia, sendo meu namorado ou não, eu mato você.

*Eu não tinha certeza do motivo, mas a ferocidade de Thad despertou em mim mais emoção do que medo.*



Saí da Emergência e voltei feliz para a minha motocicleta. Embora eu não tenha conseguido ver o Dr. Bunn, a confirmação de que ele havia retornado foi acompanhada por um coro de enfermeiras. Fiquei feliz porque meu ídolo estava são e salvo.

Thad estava esperando por mim na minha motocicleta. Ele estava

vestido com uma camisa cinza de manga curta, pronto para ir para a escola técnica. Eu ia deixá-lo lá e depois o levaria para casa à noite. Tenho feito isso todos os dias há quase uma semana. No entanto, hoje eu queria visitar o Dr. Bunn e dar a ele um saco de Khao Tom Mud no hospital antes de ir para a escola, mas Thad não pareceu se importar.

— Você o encontrou? — perguntou Thad. Eu apenas balancei a cabeça.

— A enfermeira disse que ele ainda não chegou. Eu não quero que você se atrase para a escola, então não esperei. — Subi na motocicleta. — Vamos.

Thad subiu na traseira depois que coloquei o capacete e liguei o motor. Eu estava prestes a decolar quando ele aproximou o rosto para dizer algo no meu ouvido:

— Liguei para o professor Tann. Ele transou com o Dr. Bunn quando eles desapareceram.

Quase engasguei com meu próprio ar. — Muita informação! — Thad arruinou completamente a imagem perfeita que eu tinha do Dr. Bunn. Não pude deixar de imaginar o que ele fazia quando estava sozinho com outros homens, nem parar meu cérebro cheio de hormônios. Mas então minha imaginação foi interrompida abruptamente quando Thad bateu em meu capacete com a palma da mão, como se estivesse bem ciente do que se passava em minha mente. Dois dias atrás, eu havia confessado meus sentimentos sobre o Dr. Bunn para Thad e que a razão pela qual eu queria descobrir a verdade sobre os gângsteres era que eu queria impressionar o doutor.

— Fique longe dele, ele é comprometido. Você não precisa mais vir tanto aqui.

— Mas... — Eu ia protestar, mas outro tapa acertou meu capacete. — Certo, chega de vir aqui.

Faltavam apenas quinze minutos para bater o sinal das oito da manhã. Acelerei o veículo com a intenção de deixar Thad em seu destino e chegar à minha escola antes da cerimônia de hasteamento da bandeira. Nunca pensei que teria outra pessoa na minha vida para compartilhar momentos de felicidade e tristeza. Não prestei atenção nos olhos desdenhosos dos outros quando souberam que eu estava namorando um homem, pois eu não me importava se a pessoa de quem eu gostava fosse um homem ou uma mulher. Contanto que ela me deixasse feliz e com o meu coração brilhando, eu ficaria com ESSA pessoa.

O ar gélido da manhã soprou em meu rosto, que estava cheio de felicidade e esperança. A situação voltou ao normal novamente. Decidi estudar para chegar à Faculdade de Medicina. Meu objetivo não era apenas ajudar os pacientes, mas também ajudar minha família e as pessoas que eu amava.

*Sinto muito, Dr. Bunnakit, mas vou ter que desistir de você e namorar o*

*gângster que roubou meu coração.*